

*Solange Bezerra Cevaldarelli*

Arqueologia do Vale



do Paraíba Paulista.



**SP-170**



**RODOVIA CARVALHO PINTO**

# *AGRADECIMENTOS*

*A todos os valeparaibanos que colaboraram com as pesquisas de campo, nos idos da primeira metade da década de 1990, e, com entusiasmo e boa vontade, viabilizaram nosso trabalho, deixando as melhores lembranças, em especial:*

*Adelmir Morato de Lima,  
José Ernani Pereira e  
Lia Carolina Prado Mariotto*

# ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO</b>	003
<b>1ª. PARTE: OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E AS PESQUISAS</b>	007
HISTÓRICO E PROBLEMÁTICA DAS PESQUISAS	008
SÍTIO CAÇAPAVA 1	012
SÍTIO CAÇAPAVA 2	019
SÍTIO CAÇAPAVA 3	022
SÍTIO JACAREÍ 1	036
SÍTIO JACAREÍ 2	040
SÍTIO TAUBATÉ 1	044
<b>2ª. PARTE: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E RESULTADOS</b>	049
MATERIAL OSTEOLÓGICO	051
MATERIAL LÍTICO	054
MATERIAL DE CERÂMICA	056
MATERIAL DE LOUÇA	115
MATERIAL DE VIDRO	172
MATERIAL DE METAL	191
MATERIAL DE OLARIA	197
<b>3ª. PARTE: INTEGRAÇÃO DOS DADOS</b>	205
CONDICIONANTES AMBIENTAIS DA OCUPAÇÃO RURAL HISTÓRICA DO VALE DO PARAÍBA	207
A OCUPAÇÃO INDÍGENA DO VALE DO PARAÍBA, DO PERÍODO PRÉ-COLONIAL AO CONTATO COM O BRANCO	210
A CERÂMICA INDÍGENA DO SÍTIO CAÇAPAVA 1	214
A TRADIÇÃO ARATU NO BRASIL	221
O VALE DO PARAÍBA HISTÓRICO	224
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	231
<b>EQUIPE TÉCNICA</b>	243

# *APRESENTAÇÃO*



A legislação brasileira desde 1981 passou a contar com a Política Nacional do Meio Ambiente (lei Federal n.º 6.938/81). A partir de então uma série de normas relativas à elaboração e aprovação de estudos de impacto ambiental (EIAS) e relatórios de impacto ambientais (RIMAS) foram emitidos regulando o licenciamento de empreendimentos como estradas de rodagem.

A Resolução do CONAMA n.º 001, de 23 de janeiro de 1986, esclareceu e definiu “impacto ambiental” e considerou a necessidade de diagnóstico ambiental, antes da implantação de um projeto, considerando, entre outros, o meio sócio-econômico “destacando os sítios e monumentos arqueológicos, históricos e culturais da comunidade...”

A Constituição Federal de 1988 reafirmou e consolidou todos os princípios relativos à matéria, até então adotados.

Assim, na implantação da Rodovia Governador Carvalho Pinto, em 1991, já inserida dentro dessas diretrizes ambientais, encontramos a necessidade de cuidar do resgate arqueológico, com a devida identificação e preservação de seus sítios e bens.

Localizada no Vale do Paraíba, a construção da Rodovia recebeu imediatamente a atenção de profissionais especializados que passaram a orientar o levantamento arqueológico.

A região, primeiramente berço e abrigo de antigas populações indígenas, e depois da colonização, assentamento de pequenas e diversas culturas européias, em núcleos urbanos e rurais, ofereceu inúmeras possibilidades de achados e bens arqueológicos, ricos do ponto de vista histórico e cultural, que precisaram ser resgatados, recompostos em laboratórios e identificados, através de um trabalho técnico/científico.



LOCALIZAÇÃO DA RODOVIA CARVALHO PINTO

Antes, de responsabilidade da Dersa, em razão de suas obrigações e compromissos perante a legislação ambiental, executado pelo Iparq-Instituto de Pesquisas em Arqueologia /Unisantos-Universidade Católica de Santos e Scientia Consultoria Científica, este projeto de salvamento, agora publicado, deixa de ser nosso, passando a pertencer ao patrimônio cultural e histórico de nosso Estado e nosso País e a todos quantos se interessarem por ele.T

Eng.º Sergio Luiz Gonçalves Pereira  
Presidente DERSA



*1ª PARTE:*

*OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS  
E AS PESQUISAS*

*Solange Bezerra Caldarelli*



HISTÓRICO E PROBLEMÁTICA DAS PESQUISAS

Entre 1991 e 1993, foram realizadas pesquisas arqueológicas na faixa de domínio da Rodovia Carvalho Pinto, entre Guararema e Taubaté (Caldarelli, 1994), em duas etapas distintas<sup>1</sup>:

1<sup>a</sup>) a primeira etapa consistiu no levantamento arqueológico da faixa de domínio dos 70km da rodovia, que foram inteiramente percorridos a pé, para verificar a ocorrência de vestígios arqueológicos em superfície. A cada 250m, a faixa de domínio era cortada por uma linha, na qual entre 4 e 6 pontos paralelos de cerca de 1m de diâmetro, demarcados equidistantemente, eram limpos para verificação de ocorrências arqueológicas superficiais. Em seu centro, eram feitas tradagens de 1m de profundidade, para verificar a ocorrência de vestígios arqueológicos enterrados.

Seis<sup>2</sup> sítios arqueológicos foram assim localizados durante a etapa de levantamento (ver mapa), a saber:



Rodovia Carvalho Pinto, Lote 1 - Área limpa para controle de ocorrências arqueológicas superficiais.



Rodovia Carvalho Pinto, Lote 1 - Tradagem no centro de área previamente limpa, para controle de ocorrências arqueológicas enterradas.

2<sup>a</sup>) a segunda etapa consistiu nas escavações dos sítios localizados, tendo o grau de intensidade das intervenções e os procedimentos empregados variado de acordo com as características e o estado de preservação de cada sítio, conforme descrito nos capítulos a seguir.

A área de pesquisa apresentava uma problemática arqueológica complexa, relacionada ao menos a dois grandes cenários, a saber:

Sítios arqueológicos localizados na Rodovia Carvalho Pinto			
Sítio	Tipo	Descrição	Cultura material
Caçapava 1	Multicomponencial (pré-colonial e histórico)	Um conjunto de residências históricas, justaposto e parcialmente sobreposto a um assentamento indígena ceramista	Material ósseo; cerâmica (pré-colonial e histórica); louça; vidro e material cons-trutivo
Caçapava 2	Unicomponencial (histórico)	Um conjunto histórico, composto pelos remanescentes de duas antigas residências	Cerâmica; louça; vidro; metal e material construtivo
Caçapava 3	Unicomponencial (histórico)	Um conjunto histórico, composto pelos remanescentes de uma residência, de uma capela e de uma olaria	Cerâmica; louça; vidro; metal e material construtivo
Jacareí 1	Unicomponencial (histórico)	Um conjunto histórico, composto pelos remanescentes de antigas residências e de uma capela	Cerâmica; louça; vidro e material construtivo
Jacareí 2	Unicomponencial (histórico)	Um conjunto histórico, composto pelos remanescentes de antigas residências	Cerâmica; louça; vidro; metal e material cons-trutivo
Taubaté 1	Unicomponencial (histórico)	Um conjunto histórico, composto pelos remanescentes de antigas residências	Cerâmica; louça; vidro e material construtivo

<sup>1</sup> Em ambas as etapas, a Scientia atuou como sub-contratada da Protan Engenharia, empresa contratada pela Dersa para gerenciamento dos programas ambientais da Rodovia Carvalho Pinto;

<sup>2</sup> Um sétimo sítio (Caçapava 4), completamente destruído, foi desconsiderado nesta publicação.

### 1. O Vale do Paraíba pré-colonial

Quando as pesquisas na Rodovia Carvalho Pinto se iniciaram, as únicas referências bibliográficas existentes sobre a arqueologia indígena valeparaibana mencionavam, para o norte do vale, a ocorrência de uma cerâmica simples, não decorada, para a qual os autores não indicavam uma filiação cultural, paralelamente ao registro de sítios indubitavelmente tupiguarani, mais ao sul, conforme se apresenta a seguir:

- 1.1. Tibiriçá (1936) citava o encontro de cerâmica indígena nas proximidades do Rio Paraíba, no município de São José dos Campos.
- 1.2. Cropani (1949) mencionava a descoberta de igaçabas corrugadas, tigelas pintadas e machados de pedra polida em vários pontos do município de São José dos Campos.
- 1.3. Maranca (1969) informava haver localizado, durante as pesquisas realizadas no contexto do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, sítios arqueológicos nos municípios de Aparecida do Norte, Roseira e Guaratinguetá. Segundo a autora, toda a cerâmica coletada era simples, de cor em vários tons de cinza, produzida por acordelamento e com antiplástico de areia. As vasilhas apresentavam boca com diâmetro variando entre 12 e 48 cm e a maioria das bordas eram inclinadas internas, ocorrendo algumas bordas verticais. Chamou a atenção da autora a ausência de cerâmica decorada. Embora esta cerâmica não fosse tupiguarani, no Museu Paulista constavam doações de peças tupiguarani, provenientes da região.
- 1.4. Camargo e Camargo (1990), pesquisadores amadores de Aparecida do Norte, por sua vez, relataram achados que, apesar de confusamente descritos, correspondiam a culturas diversificadas: vasilhas cerâmicas simples, de formato globular e ovóide e paredes espessas, que, pelas fotos, pareciam-se extraordinariamente com as vasilhas da tradição Aratu (1990: 18 e 19); vasilhas cerâmicas pintadas que, pela descrição, pertencem à tradição tupiguarani, e vasilhas cerâmicas simples, com “asas” laterais (1990: 18), provavelmente históricas.
- 1.5. Blasi e Gaissler (1991), em relatório sobre suas pesquisas no Sítio Arqueológico Santa Marina, em Jacaré, descreveram uma aldeia tupiguarani, com vasilhas utilitárias e funerárias típicas da tradição.
- 1.6. Notícias veiculadas no Jornal ValeParaibano relatavam a descoberta de duas urnas funerárias, tipicamente tupiguarani, na área urbana de São José dos Campos, uma delas em 1988 e a outra em 1991 (ValeParaibano, 30/06/1991: 40). Ambas as urnas apresentavam decoração corrugada e eram tampadas com vasilhas pintadas.

Portanto, a bibliografia inicialmente consultada mostrava a ocupação do vale do Paraíba por populações indígenas culturalmente diversificadas, nada havendo que indicasse se chegam ou não a coexistir.

A bibliografia etnohistórica, por sua vez, relatava que, no início do século XVI, o Vale do Rio Paraíba do Sul, em território paulista, era ocupado certamente por índios pertencentes às famílias

linguísticas Tupi-guarani e Puri, sendo freqüentes as menções a grupos guaranomomis, maramomis, muiramomis ou geromomis e guarus, guarulhos ou guarumirins, de família linguística incerta.

O encontro de sítios arqueológicos indígenas era portanto previsível, e esperava-se poder contribuir com um esclarecimento de uma situação nitidamente confusa, qual seja: quais as tradições arqueológicas indígenas presentes no vale do Paraíba; a que sociedades/etnias se relacionavam e que relações mantiveram entre si e, posteriormente, com o colonizador.

### 2. O Vale do Paraíba histórico

A penetração européia no vale do Paraíba iniciou-se já no século XVI, com as bandeiras de apresamento de índios, para abastecimento de mão-de-obra da capitania paulista, inclusive gerando um amplo conflito, que ficou conhecido historicamente como Confederação dos Tamoios, no qual populações tupi do Vale do Paraíba assediaram a Vila de São Paulo, entre 1560 e 1567.

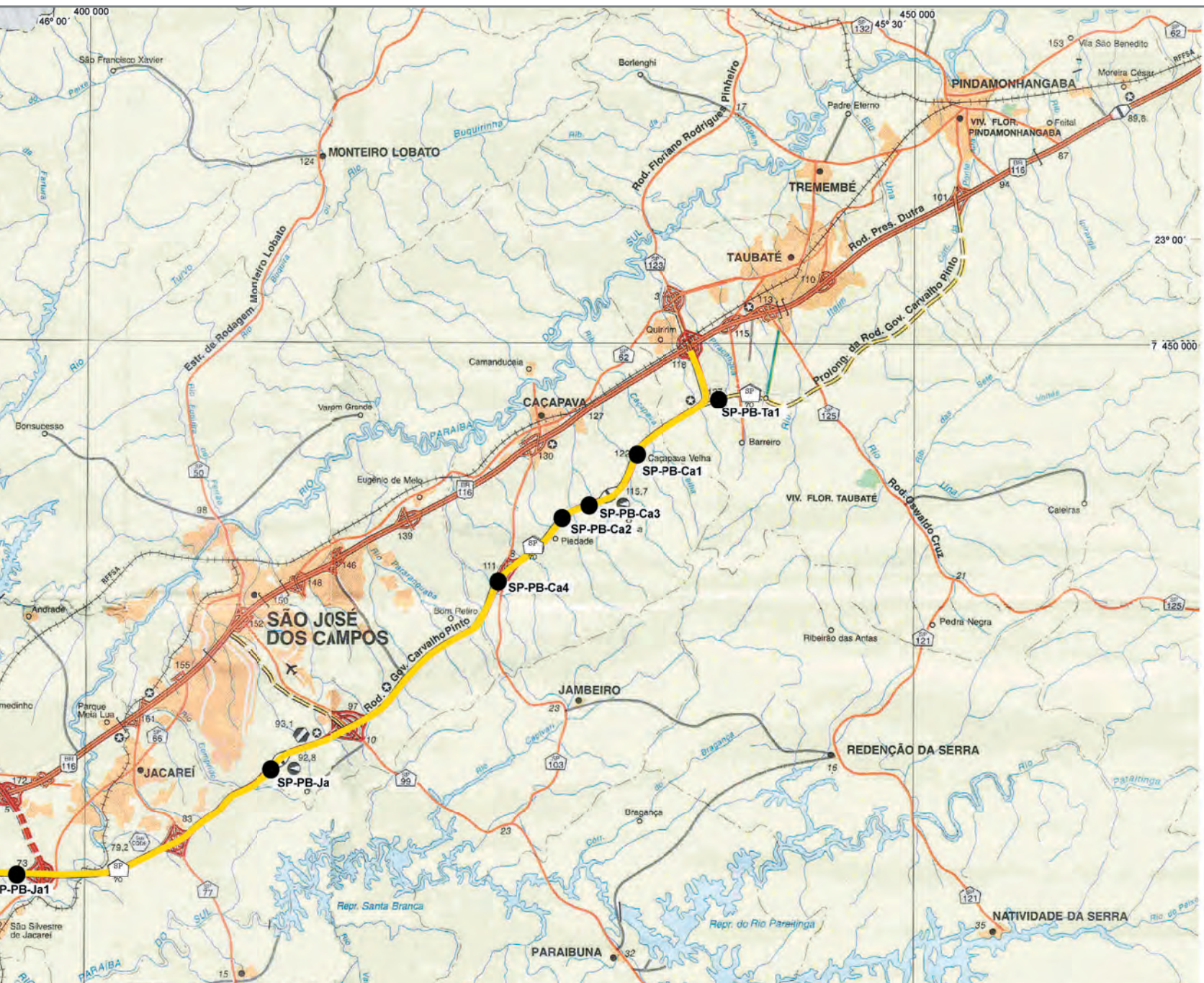
No entanto, o bandeirismo preador intensificou-se efetivamente no vale a partir de 1640, conforme Monteiro (1994), como reação a uma crise no abastecimento de cativos guarani, daí resultando o surgimento das vilas de Taubaté (1643), Guaratinguetá (1651) e Jacaré (1653). Segundo o autor, “*com uma pequena produção agrícola, baseada no trabalho indígena, estas novas vilas abasteciam as expedições que por ali passavam, servindo também de ponto de partida para novas viagens em busca de índios no sertão*” (Monteiro, 1994: 109).

Posteriormente, o vale passou a ser percorrido por bandeiras que se dirigiam a Goiás e a Minas Gerais em busca de ouro. Mais tarde, com o desenvolvimento das fazendas na região, estradas foram abertas para o tráfego de muare, bois e cavalos. Era também o vale do Paraíba o caminho natural, pelo interior, entre as vilas de São Paulo e Rio de Janeiro, tanto na época colonial quanto durante o Império.

Portanto, esperava-se encontrar na área sítios históricos, remanescentes de todos ou de alguns dos diversos períodos econômicos representados no vale: bandeirantismo de apresamento e de mineração; cultura canavieira; cultura cafeeira e industrialização. Como os bens ligados às classes dominantes encontravam-se historicamente registrados, as expectativas eram de encontrar-se os remanescentes de assentamentos das classes mais desfavorecidas, marginalizadas pela historiografia oficial, para as quais a arqueologia seria um veículo de resgate e produção de conhecimento.

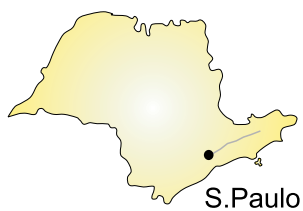
A grande indagação da pesquisa que se iniciava era: que soluções econômicas e culturais encontradas pelas populações historicamente marginalizadas do vale do Paraíba para sua sobrevivência social seria possível resgatar nos sítios históricos? O traçado artificial da rodovia possibilitaria uma amostra razoavelmente confiável dos assentamentos históricos? Teriam os moradores dos assentamentos históricos trabalhado como subordinados (escravos ou empregados) dos grandes proprietários, ou desenvolvido uma pequena economia paralela? Ou ambas as possibilidades teriam ocorrido simultaneamente?





- Sítios Arqueológicos
- Rodovia Carvalho Pinto SP 70

Mapa de Situação



S. Paulo

## RODOVIA CARVALHO PINTO (SP-070)

### MAPA DE OCORRÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

IPARQ/SCIENTIA

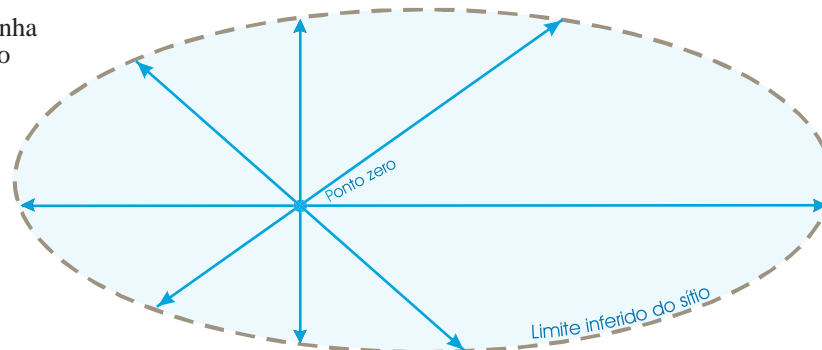
ESCALA APROXIMADA: 1: 320.000

Fonte: PROTRAN / Proj. de Levantamento e Salvamento do Patrimônio Arqueológico da Faixa de Domínio da Rodovia Carvalho Pinto (SP-070)  
Base Cartográfica: DERSA Desenvolvimento Rodoviário S. A. 1997

## SÍTIO CAÇAPAVA 1

Ao ser localizado, o sítio Caçapava 1 já se encontrava superficialmente perturbado por atividades agrícolas continuadas, as quais haviam comprometido parcialmente suas estruturas originais.

Embora apenas material cerâmico tenha sido encontrado no sítio durante o levantamento arqueológico, as etapas sucessivas da pesquisa revelaram tratar-se de um sítio multicomponencial, com presença também de material lítico (lascado e polido); de louça; de objetos de metal; de restos vegetais (carvão); animais (conchas e placas de carapaça de tatu) e antropológicos (restos esqueléticos humanos).



**ESQUEMA DE DELIMITAÇÃO DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO, POR CAMINHAMENTO EM LINHAS RADIAIS, A PARTIR DE UM ARTEFATO LOCALIZADO (PONTO ZERO)**

Para a delimitação do sítio, empregaram-se os métodos propostos por Chartkoff (1978), os quais consistem no uso de transects (radiais ou paralelos), traçados a partir do(s) artefato(s) encontrado(s), conforme croquis abaixo.

Para a escavação do sítio, foram delimitados e limpos 30 setores, com dimensões variáveis, quinze deles ao sul e quinze ao norte do eixo da rodovia. Para verificação da orientação espacial dos vestígios arqueológicos e controle estratigráfico da(s) camada(s) de ocupação humana nos setores de escavação, foram abertas dez trincheiras, com extensões variadas.

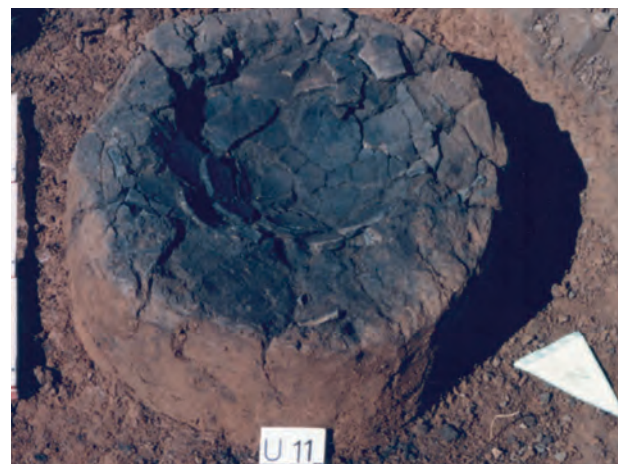
Na escavação dos setores, dependendo da densidade e profundidade dos vestígios arqueológicos, utilizou-se enxada ou máquina motoniveladora (patrol). Todas as áreas de concentração de vestígios e todas as estruturas arqueológicas foram escavadas com colher de pedreiro, pincel e espátula de dentista.

Nenhuma trincheira se fez nos setores localizados ao norte do eixo da rodovia porque nesta área encontraram-se estruturas frágeis ainda in loco, de um antigo assentamento indígena, em especial estruturas funerárias e estruturas de cocção, motivo pelo qual privilegiou-se, nestes setores, uma escavação em superfície ampla.

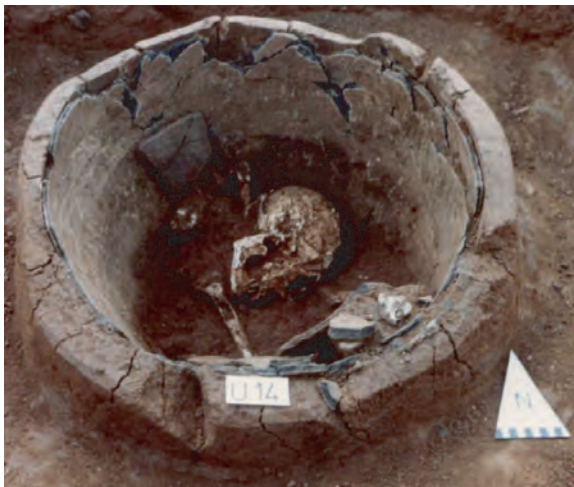
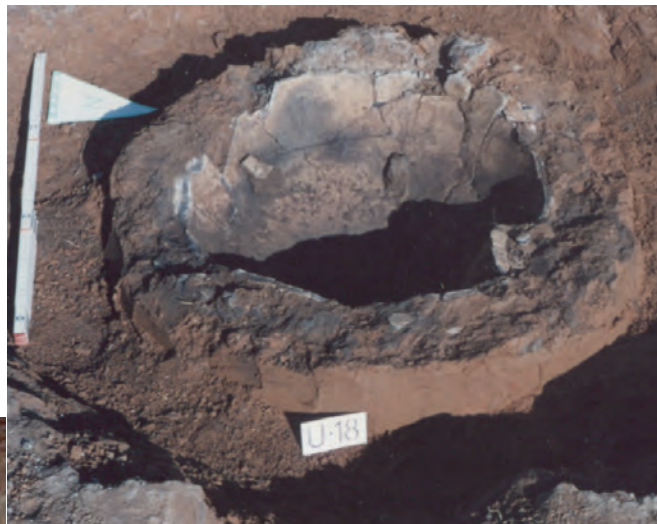
Algumas urnas foram totalmente escavadas em campo, tendo os ossos sido retirados e acondicionados em pequenas gavetas de madeira, após seu registro em fichas específicas de sepultamento, enquanto outras foram retiradas ainda com os sedimentos em seu interior e escavadas em laboratório.



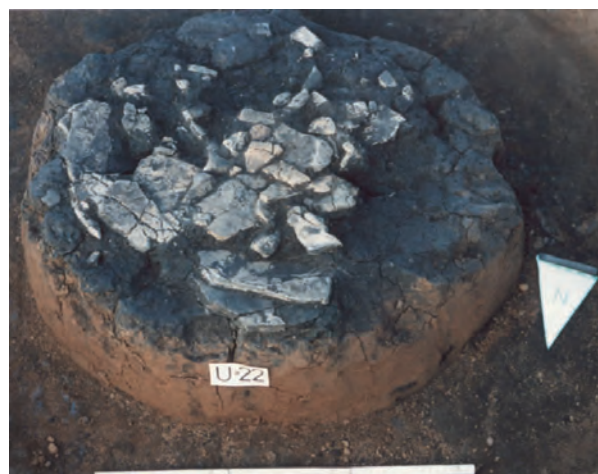
Sítio Caçapava 1: evidenciação da estrutura funerária nº 12



PRANCHA 1 - Urnas funerárias evidenciadas no Sítio Caçapava 1

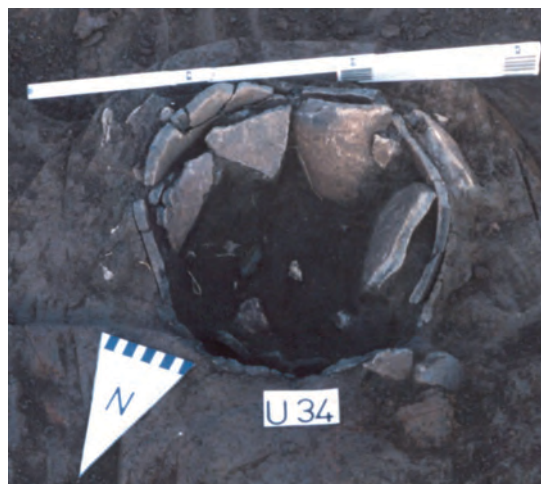


PRANCHA 2 - Urnas funerárias evidenciadas no Sítio Caçapava 1



PRANCHA 3 - Urnas funerárias evidenciadas no Sítio Caçapava I





PRANCHA 4 - Urnas funerárias evidenciadas no Sítio Caçapava 1



Estrutura indígena de cocção de cerâmica,  
evidenciada no Sítio Caçapava 1

As escavações evidenciaram cinco áreas de dispersão de material arqueológico, quatro delas históricas e uma, a mais extensa, pré-colonial (ver Planta 1).

Devido à superposição das ocupações indígena e histórica na porção norte da área 1, parte do material arqueológico de ambas as ocupações foi misturado pelas atividades agrícolas que há décadas eram desenvolvidas no local.



## SÍTIO CAÇAPAVA 2

O sítio situava-se na localidade denominada Piedade, no Município de Caçapava, de cuja sede distava cerca de 9 km. Sua posição geográfica, em coordenadas UTM, ia de 7.435.931 N e 425.221 E a 7.435.803 N e 425.264 E, podendo ser localizado na Folha Taubaté (SF-23-Y-D-II-2) do IBGE, escala 1:50.000.

Tratava-se de sítio a céu aberto, implantado sobre média e baixa vertentes, a cerca de 75m do Ribeirão Dois Córregos. Seu entorno era caracterizado pelo relevo suave, com amplas colinas, terraços aluviais e drenagem meandrante.

Ao ser localizado, o sítio já se encontrava superficialmente perturbado por atividades agrícolas continuadas, as quais haviam comprometido completamente suas estruturas originais.

Inicialmente, para delimitar o sítio e verificar a profundidade e orientação do depósito arqueológico, foram demarcadas quatro trincheiras, a partir do eixo da rodovia. As trincheiras, paralelas entre si, distavam 20m uma das outras. Quatro outras trincheiras,

perpendiculares a essas primeiras, foram demarcadas, a distâncias de 10m umas das outras. A essas trincheiras iniciais, outras foram acrescidas, à medida das necessidades. Em seguida, o terreno foi quadriculado, para as escavações sistemáticas, que objetivavam evidenciar vestígios arqueológicos e verificar se ainda era possível recuperar dados relativos à estruturação espacial interna do sítio.

Um exame do entorno revelou uma nova área de ocorrência arqueológica, abaixo do eixo da rodovia. Decidiu-se, então, denominar Área 1 à primeira área de ocorrência de vestígios, situada na média vertente da colina, e Área 2 à área recém-localizada, situada na baixa vertente.

Na Área 2, abriram-se mais 6 trincheiras, numeradas, respectivamente, de 1 a 6, sendo as de número ímpar paralelas ao eixo da rodovia e as de número par perpendiculares (ver Planta 2).

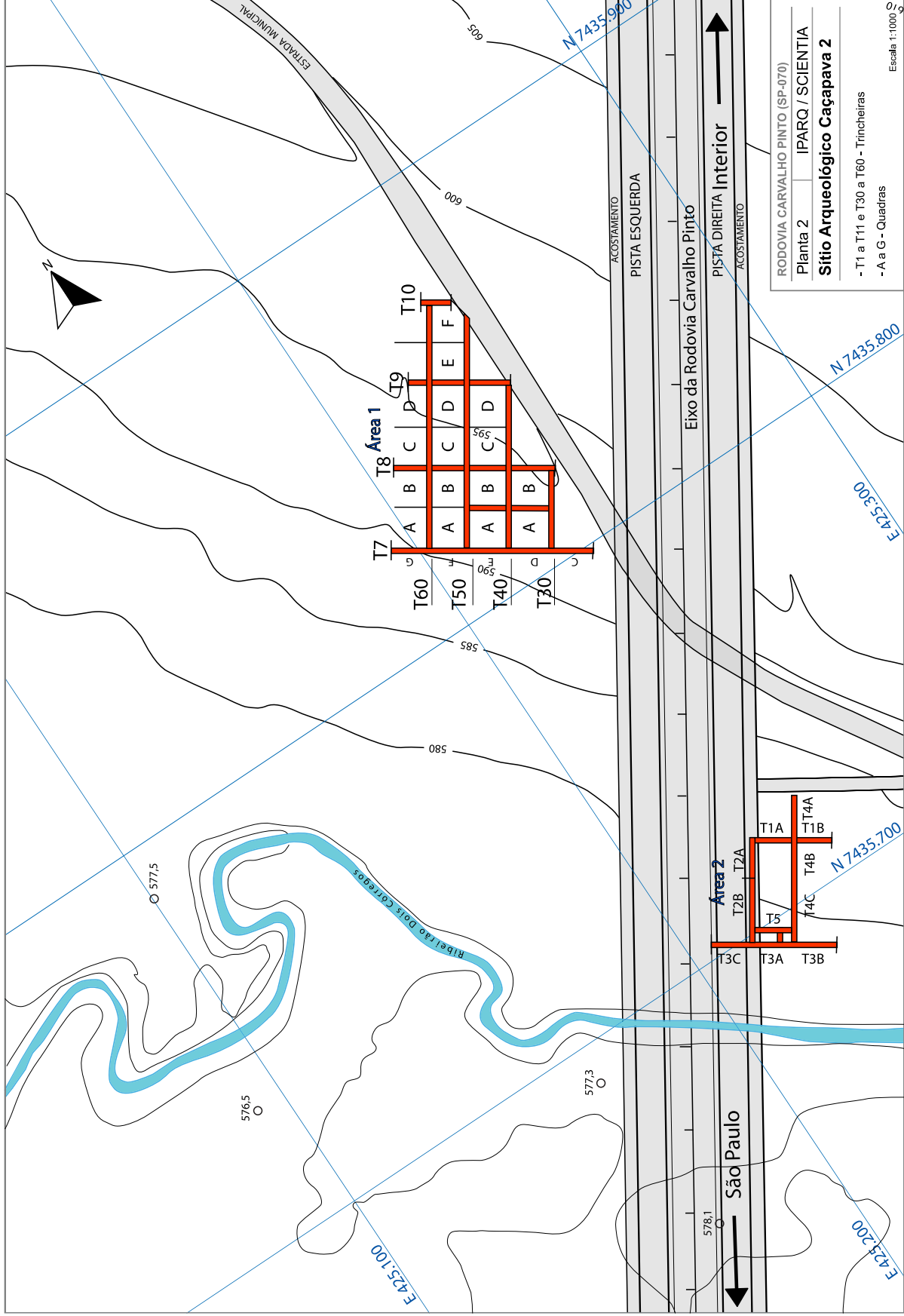


Sítio Caçapava 2: trincheiras 2 e 4, Área 2.

No total, foram abertas 15 trincheiras no sítio, todas com auxílio de retro-escavadeira, perfazendo uma extensão total de 220m, conforme se pode observar no quadro a seguir:

Sítio Caçapava 2			
Trincheira	Setor	Extensão	Direção em relação ao eixo da rodovia
07	Área 1	58 m	perpendicular
08	Área 1	38 m	perpendicular
09	Área 1	25 m	perpendicular
10	Área 1	07 m	perpendicular
11	Área 1	20 m	perpendicular
30	Área 1	10 m	paralela
40	Área 1	15 m	paralela
50	Área 1	25 m	paralela
60	Área 1	30 m	paralela
01	Área 2	20 m	paralela
03	Área 2	30 m	paralela
05	Área 2	10 m	paralela
02	Área 2	25 m	perpendicular
04	Área 2	35 m	perpendicular
06	Área 2	02 m	perpendicular
Total		220 m	

O material arqueológico encontrado no sítio constou, basicamente, de louça (holandesa, francesa e inglesa), cerâmica, vidro, grès e metal. Três moedas foram encontradas, todas emitidas entre 1820 e 1830.



RODOVIA CARVALHO PINTO (SP-070)

Planta 2 | IPARQ / SCIENTIA

**Sítio Arqueológico Caçapava 2**

- T1 a T11 e T30 a T60 - Trincheiras  
- A a G - Quadras

Escala 1:1000

### SÍTIO CAÇAPAVA 3

No Município de Caçapava, na localidade denominada Piedade, situada a aproximadamente 7 km da sede do município, a equipe de arqueologia responsável pelo levantamento arqueológico na faixa de domínio da Rodovia Carvalho Pinto localizou um sítio arqueológico no local onde, no século XIX, informantes relataram ter sido construída uma casa de taipa, posteriormente demolida. No mesmo terreno foram encontrados, justapostos à antiga casa de taipa, restos de uma antiga olaria, demolida já há muito tempo, ao lado de uma outra, mais recente, que continuava de pé, embora estivesse desativada há muitos anos.

Parte da família Moreira da Silva, à qual pertenciam tanto a antiga casa de taipa quanto as duas olarias citadas, ainda morava nas proximidades do local, em lotes de terreno que foram desmembrados da propriedade original. Num desses lotes, a equipe localizou uma antiga casa de pau-a-pique, parcialmente em ruínas, ainda ocupada por uma anciã, Sra. Maria da Penha Conceição, um dos mais idosos membros ainda vivos da família.

A casa acima mencionada, construída no final do século XIX, representava um documento importante de técnicas e materiais construtivos hoje em desuso no Vale do Paraíba, constituindo parte integrante de seu patrimônio histórico. Tendo em vista sua iminente destruição pela construção da rodovia, decidiu-se proceder ao seu registro, não apenas do ponto de vista construtivo, mas também da estruturação do espaço doméstico, interna e externamente à casa. Atenção especial mereceu também a tralha doméstica e de trabalho encontrada na casa, enquanto remanescente do patrimônio histórico móvel da região.

A posição geográfica do conjunto, em coordenadas UTM, ia de 7.436.837 N e 426.541 E a 7.436.796 N e 426.375 E, podendo ser localizado na Folha Taubaté (SF-23-Y-D-II-2) do IBGE, escala 1: 50.000.

O sítio arqueológico encontrava-se implantado sobre baixa vertente de colina ampla, a cerca de 50m do Ribeirão Olho D'Água. Seu entorno apresentava relevo suave, com colinas amplas, terraços aluviais e drenagem meandrante.

Ao ser localizado, o sítio já se encontrava superficialmente perturbado por atividades agrícolas continuadas, as quais haviam comprometido parcialmente suas estruturas originais.

#### 1. Trabalhos realizados no sítio arqueológico

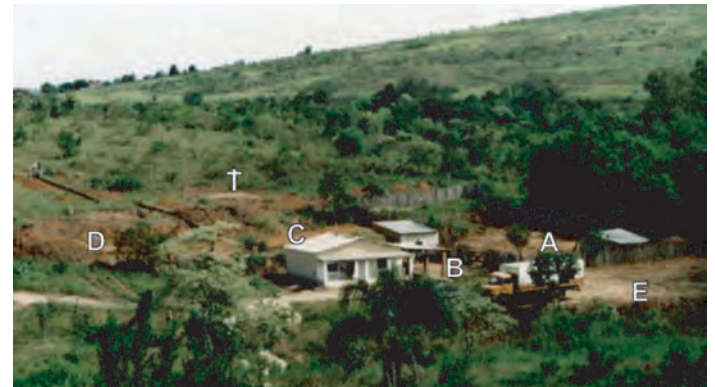
Para a execução dos trabalhos neste sítio, contou-se com o auxílio

de informações orais prestadas pelo Sr. João Moreira da Silva (72 anos, na época), residente na mesma propriedade (Sítio Santo Antonio) onde se localizava o sítio arqueológico, e pela Sra. Joana (76 anos de idade, na época), sua prima.

Para a intervenção arqueológica, dividiu-se o sítio em cinco setores (ver Planta 3), a saber:

Sítio Caçapava 3 – Setores de escavação	
Setor	Localização
A	Área onde havia informação da existência de um antigo casarão de taipa
B	Entre o Setor A, a olaria desativada e a atual residência do Sr. João Moreira da Silva
C	Nos fundos da olaria e da atual residência do Sr. João Moreira da Silva
D	Em toda a parte traseira da propriedade, até a cerca de limite
E	Na frente do Setor A, em direção ao barranco da drenagem fronteira à residência

Dez trincheiras exploratórias de pequeno porte foram feitas com enxada no Setor A; quatro grandes trincheiras foram feitas com retroescavadeira no Setor D e três grandes trincheiras foram feitas no Setor E, também com retroescavadeira. Decapagem grosseira com enxada se fez nos setores A, B, C e D e decapagem fina com colher de pedreiro e pincel se fez nas estruturas localizadas nos setores A e D.



Sítio Caçapava 3 – disposição espacial dos setores escavados

No Setor A, apesar do trabalho fino realizado, não se encontrou nenhum vestígio da “casa de taipa” mencionada pelos informantes, mas apenas alguns vestígios de tralha doméstica, o que fez supor ter havido no local não uma casa de taipa, mas sim de pau-a-pique, cujas estruturas desapareceram com o passar do tempo. Ainda no Setor A, evidenciaram-se as estruturas de uma antiga olaria, contígua à olaria ainda de pé, cuja planta e perspectiva reconstituídas podem ser observadas nas figuras 1 a 3.



Sítio Caçapava 3: trincheiras exploratórias no Setor A

Sítio Caçapava 3: escavação das ruínas da antiga olaria (Setor A)



No Setor B, evidenciou-se o piso, de tijolo, do antigo terreiro de café, situado na frente da olaria atual.



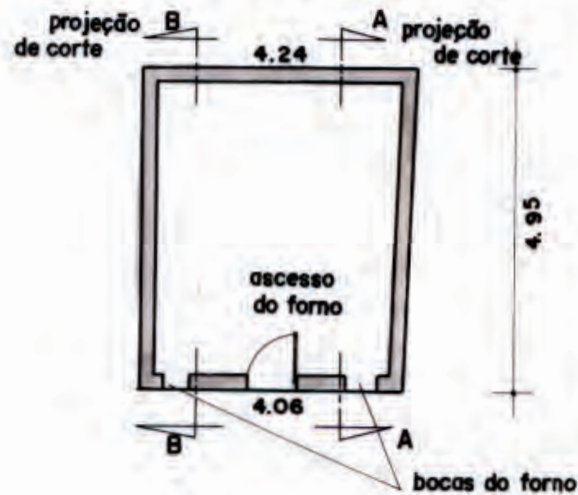
Sítio Caçapava 3: em 1º plano, à frente da olaria atual, piso de tijolos do antigo terreiro de café, evidenciado durante o resgate arqueológico.



OLARIA I

**PLANTA ESQUEMÁTICA**

· ESCALA 1:100



**FACHADA FRONTAL**



**ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS**

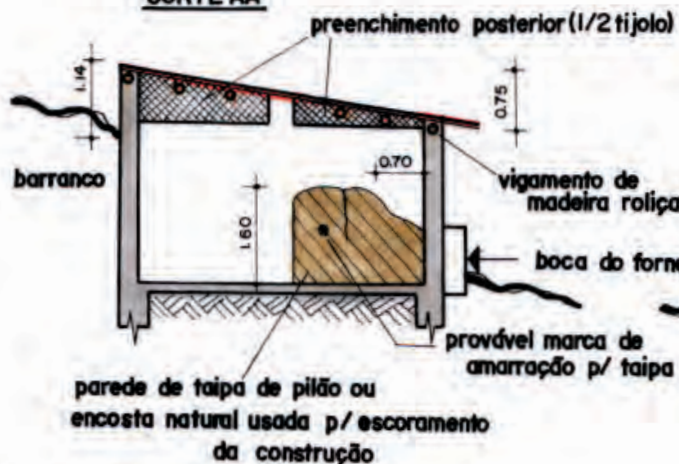
- parede de 1 tijolo em todo o perímetro da construção
- piso - assentamento de tijolos cerâmicos
- paredes - combinação de assentamento de tijolos e escoramentos naturais de barro do próprio barranco
- estrutura - pilares de tijolos; troncos de madeira roliça na sustentação da cobertura.
- cobertura - provavelmente telha cerâmica, substituída atualmente por telha ondulada de cimento amianto

obs: a olaria foi reformada para servir para outro valor de uso (moradia)

**alterações:**

- 1.vão superior entre as paredes e a cobertura preenchido com assentamento de tijolos na espessura de 1/2 tijolo.
- 2.porta de tábuas colocada na entrada do forno.
- 3.as duas bocas do forno vedadas com alvenaria de tijolos, para favorecer a calafetação interna.

**CORTE AA**



**CORTE BB**

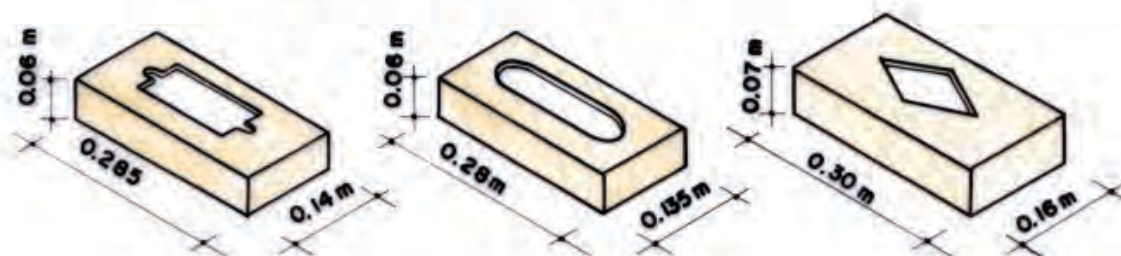


## OLARIA I

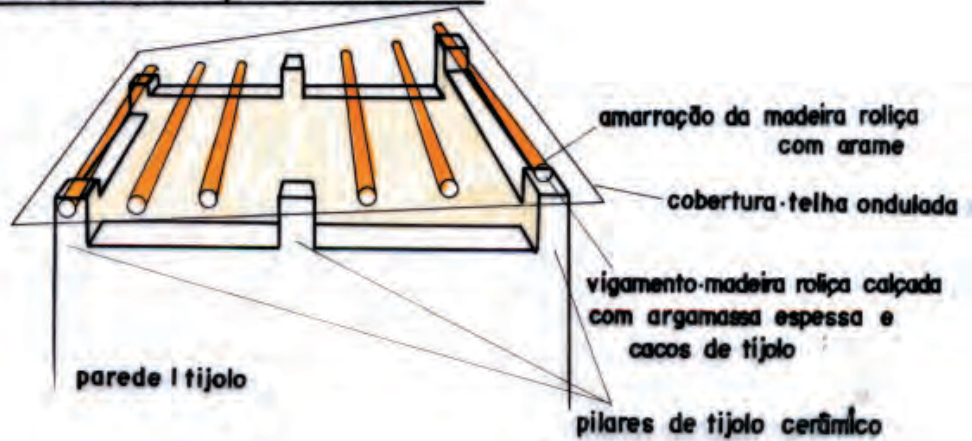
### PERSPECTIVA



### TIJOLOS CERÂMICOS CATALOGADOS :

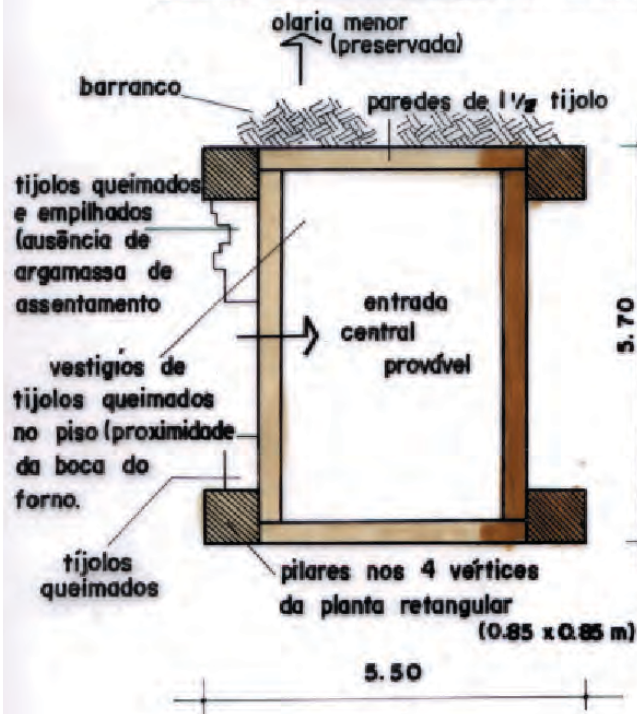


### ESQUEMA DE SUSTENTAÇÃO DA COBERTURA



OLARIA I

PLANTA ESQUEMÁTICA DOS ELEMENTOS CONSERVADOS · ESCALA 1 : 100



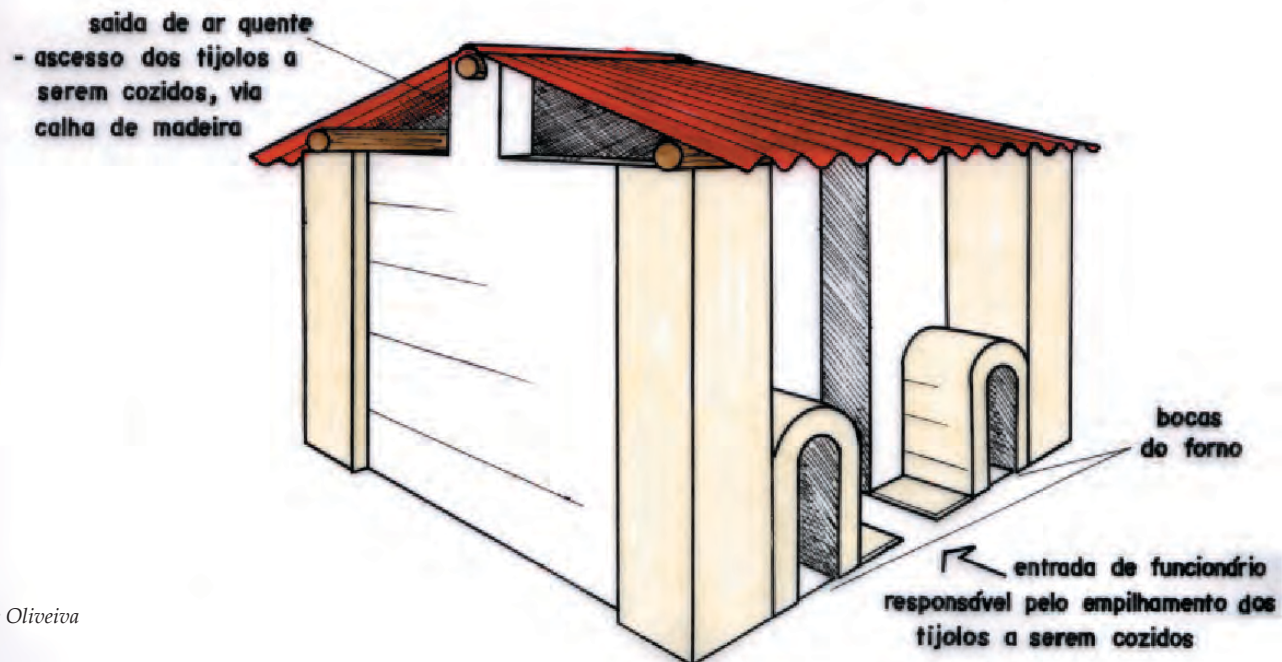
VESTÍGIOS ARQUITETÔNICOS

- estrutura parietal não preservada
- ausência de elementos da cobertura (telhas, vigamentos) no entorno
- marcas de queima no piso de tijolos cerâmico, indicando local equivalente às bocas da lareira
- constatação de fundação mais largas nos 4 vértices da construção, p/ apoiar os pilares - planta retangular
- parede de 1/2 tijolo em todo o perímetro da construção (apenas indícios das primeiras fiadas)
- fundação a base de tijolos cerâmicos, numa média de 3 fiadas engastadas no subsolo.

PERSPECTIVA - provável reconstituição

LEGENDA:

- perímetro constatado
- perímetro reconstituído
- pilar de alvenaria (base)



No Setor D, decidiu-se escavar uma área aplainada quadrangular, cujo contorno era visível através da vegetação que a recobria, tendo sido evidenciado o piso, feito em lajota, de uma pequena capela, na parte topograficamente mais alta do sítio (ver figura 4). Esta capela devia remontar ao final do século XIX, no máximo início do século XX, pois os informantes não se lembravam dela. Apenas a Sra. Joana, ao saber que tinham sido encontrados os restos de uma capela, lembrou-se vagamente de vê-la da janela do andar superior da “casa de taipa”, na infância.



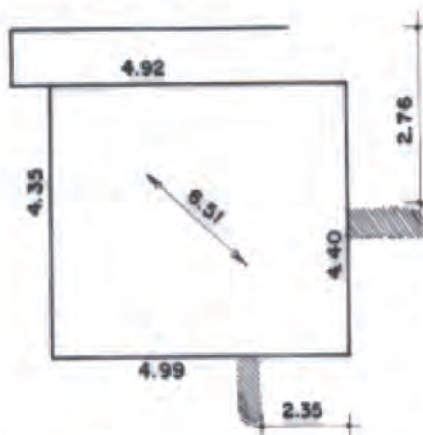
Foi muito pobre o material encontrado neste sítio, restringindo-se a alguns poucos fragmentos de objetos de copa e cozinha. Numericamente expressivos foram apenas os tijolos, mesmo assim sua quantidade era menor do que se poderia imaginar, tendo em vista terem funcionado no local duas olarias. Pelas informações obtidas, este fato deve-se à grande reciclagem de tijolos no Vale do Paraíba, em que é costume usar-se material de demolição para a construção de imóveis novos.

Sítio Caçapava 3: piso de lajota da antiga Capela Santa Cruz, evidenciada durante o resgate arqueológico.

De acordo com informação prestada pelo Sr. João Moreira da Silva, a antiga estrada que ia de São Paulo ao Rio de Janeiro no tempo das tropas passava junto ao sítio arqueológico.

CAPELA

ESQUEMA PLANIMÉTRICO  
ESCALA 1:100



VESTÍGIOS ARQUITETÔNICOS

FUNDAÇÃO - assentamento de tijolos cerâmicos sob as paredes não preservadas - profundidade média - 3 a 5 fiadas.

PISO - lajotas cerâmicas  
dimensões = 0,23 x 0,23 m  
espessura de 0,04 m

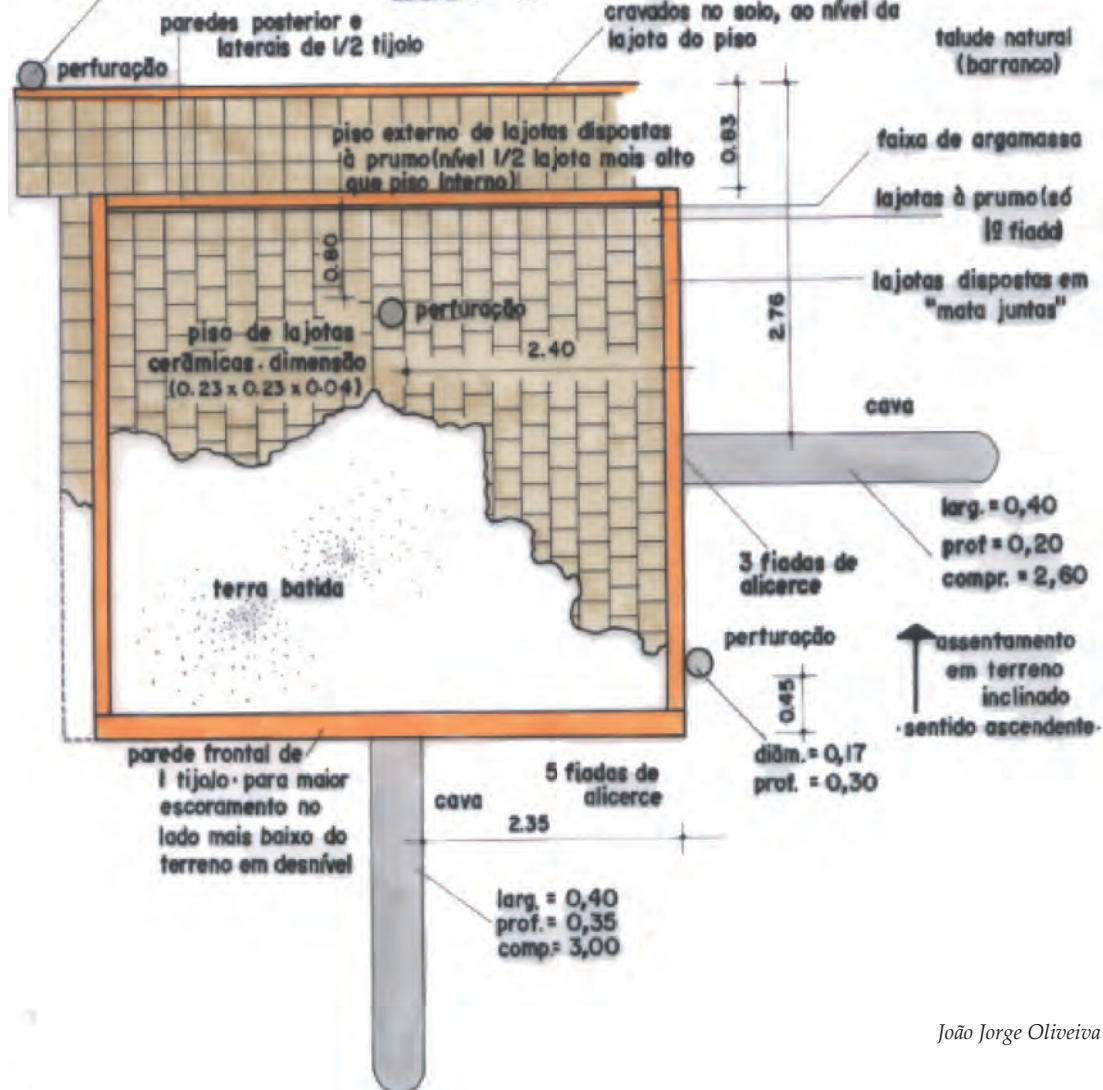


ASSENTAMENTO - argamassa a base de argila



diâm. = 0,20  
prof. = 0,30

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS  
ESCALA 1:50



## 2. Registro do bem histórico edificado

Como dito acima, o bem histórico edificado registrado no sítio referia-se a uma casa de pau-a-pique, de propriedade da Da. Maria da Penha Conceição, filha do Sr. Roque Francisco Toledo e de Da. Francisca Moreira da Silva, ambos falecidos.

Segundo depoimento de Da. Maria, a casa foi construída por seu bisavô, para servir de residência a seu avô (Sr. José Moreira), quando de seu casamento. Tendo em vista a idade avançada de Da. Maria (quase 70 anos, na época da pesquisa), ficou claro que a casa tinha pelo menos um século de existência.

Durante toda sua vida, Da. Maria morou nessa casa. Quando a deterioração do imóvel tornou-o inabitável, ela construiu uma casa de alvenaria ao lado, mas até a época da pesquisa ainda continuava a usar alguns cômodos da antiga casa, como a cozinha (onde ficava o fogão-a-lenha) e a cobertura dos fundos, onde ficavam o tanque e o poço de água. O único quarto que restou na casa (antigamente, havia mais dois) era o quarto de hóspedes, onde ficavam amigos e familiares que vinham participar da Festa do Divino, que ocorria na capela próxima ou na Piedade.



A planta da casa, da qual as paredes e os cômodos do lado esquerdo já haviam ruído, pode ser vista na figura 5, enquanto que a fachada da casa, assim como as técnicas e materiais usados em sua construção, podem ser observados na figura 6. No que concerne ao entorno da casa, o registro feito encontra-se nas figuras 7 e 8.

De acordo com a informante, o sítio, que antigamente fazia parte de uma propriedade cafeeira, possuía muitas árvores frutíferas, das quais ela tinha memória “desde que nasceu”. As árvores do entorno fornecem a lenha usada no fogão. A atual cozinha era, antigamente, um depósito, ao qual a família denominava “tulha”, onde se estocavam produtos alimentícios (milho, café, etc.). O poço existente ao lado da cozinha, do qual ela se servia para pegar água, não existia antigamente, sendo a água obtida no ribeirão, onde também eram lavadas as roupas (existia um caminho que saía da frente da casa e ia dar no ribeirão).

Tendo em vista a antiguidade dos objetos guardados na casa por Da. Maria, decidiu-se, conforme dito acima, inventariá-los, o que resultou na relação apresentada nos quadros a seguir:

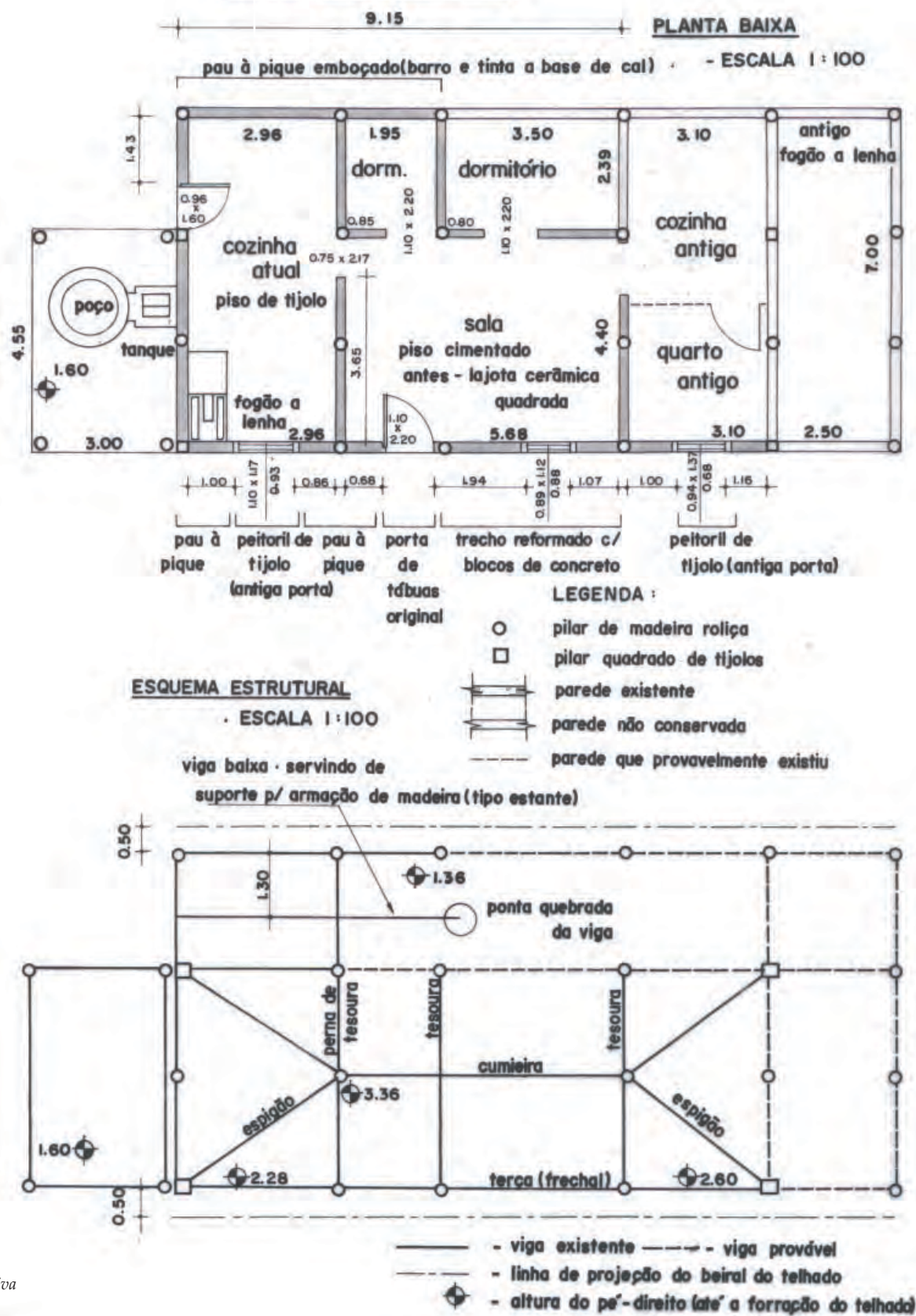
Tralha doméstica inventariada na casa de Da. Maria da Penha Conceição	
Objetos de ágata	Um prato branco
	Uma caneca verde
	Um caldeirão azul
	Uma bacia retangular branca
	Uma tampa de panela bordô
Objetos de ferro	Duas chaleiras
	Três panelas
	Um caldeirão de base plana
	Três caldeirões de três pés →
	Um ferro a carvão de passar roupa
	Um baú de um palmo de comprimento
Objetos de louça	Um prato de faiança fina branca, com aba decorada com espigas de trigo em relevo, com a marca Vimarge.
	Uma caneca branca, com faixa rosa e lustro dourado na borda, sem marca e com a inscrição Lembrança de Aparecida.
	Uma jarra pequena de porcelana de pasta mole, branca, da Fábrica de Louças Santo Eugênio, de São José dos Campos
Objeto de cerâmica	Um pote para água ←
Objetos de madeira	Uma colher de pau
	Um pilão →
	Uma mão de pilão →
Máquinas de costura	Uma máquina de pedal, com suporte, marca SEWING MACHINE PATENTED
	Uma máquina manual, com cabo de porcelana, marca LEMENS MÜLLER DRESDEN TRADE MARK ↗



Tralha de trabalho inventariada na casa de Da. Maria da Penha Conceição	
Um saquinho de tecido para guardar chumbinho, com tampa de taquara ➡	
Dois estribos de metal ➡	
Uma espora de metal ➡	
Um cabo de chicote ➡	
Doze argolas de barrigueira de cavalo ➡	
Uma lata antiga de pólvora ➡	
Um fole com bomba, para inseticida	
Uma roldana de poço	
Um eixo de carro de boi, de ferro	
Uma lamparina de querosene	
Uma peça de balança, com 4 palmos	
Três pesos de balança	
Um arado de ferro (puxado a boi) ↓	<p>↑</p> <p>Um amarrado de ferraduras, a saber: 4 inglesas, com 6 furos; uma de chapinha com 6 furos e cravo de atarracar; uma de adorno com 6 furos e 7 de adorno, com 8 furos</p>
	Um embornal de couro
	Uma espora de metal
	Um baú de lata para ferramentas
	Um esmeril de afiar ferramentas
	Uma trave de carroça
	Um gancho de arado
Uma corrente grande de ferro	
Dois freios de couro	
Uma brocha de couro, para atar chifres de boi de tração	Um engenho de madeira, para fazer farinha, rapadura, etc
Dois tachos de cobre (0,78 e 0,94m de diâmetro) para torrar farinha de mandioca	Uma balança grande, de pesar cana, mandioca, etc., com a marca FABRICAÇÃO DE BALANÇAS ROMANAS - R. Conteville - Rio de Janeiro
Duas peças de engenho de moer cana	Uma moenda de cana, marca SCHUYLER

A maioria dos objetos acima consta da obra de Maia & Maia (1981) como sendo típica do tropeirismo valeparaibano.

CASA DE PAU À PIQUE

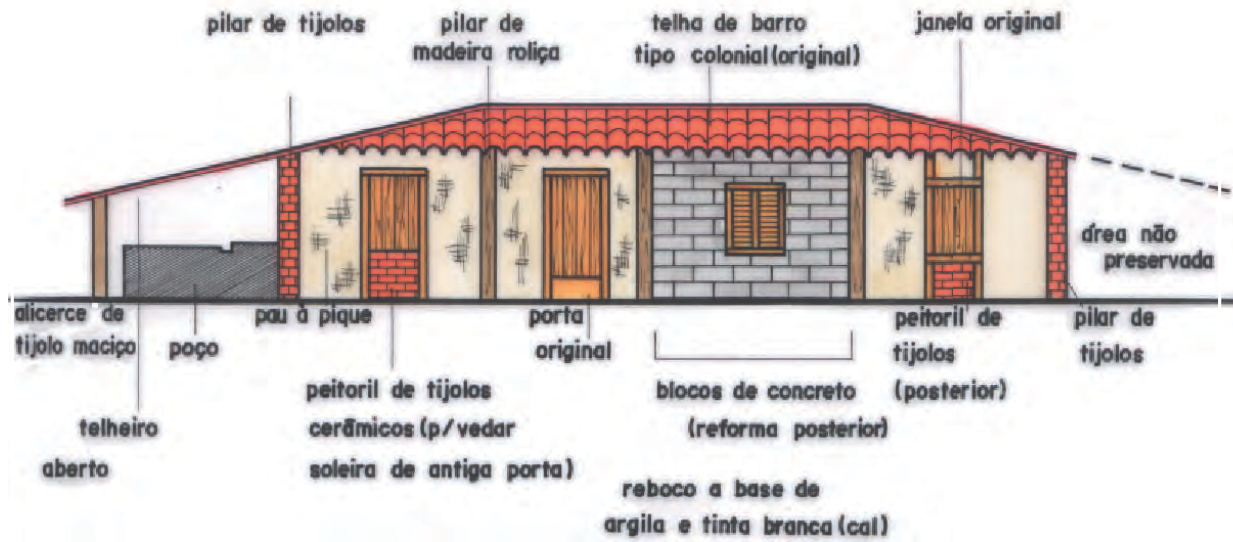




### CASA DE PAU À PIQUE

#### ELEVAÇÃO DA FACHADA LATERAL PRINCIPAL

- ESCALA 1:100

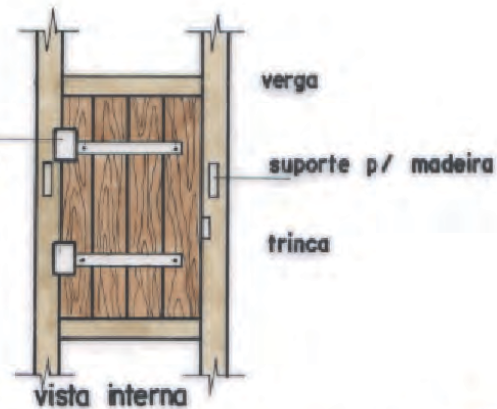


#### DETALHE CONSTRUTIVO

##### JANELA (original)

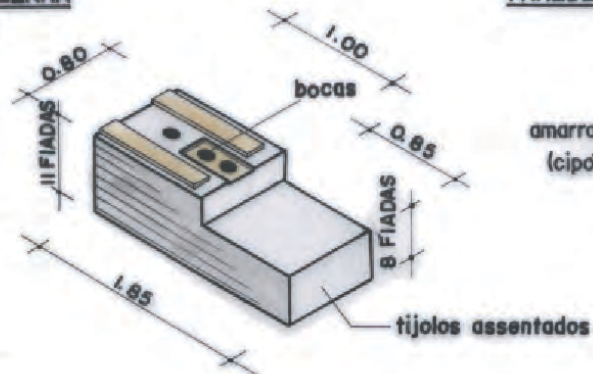


##### dobradiça c/ prego

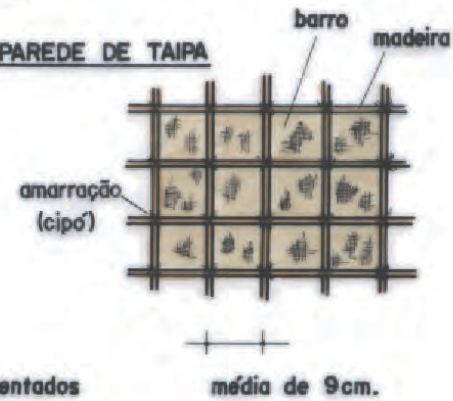


#### FOGÃO A LENHA

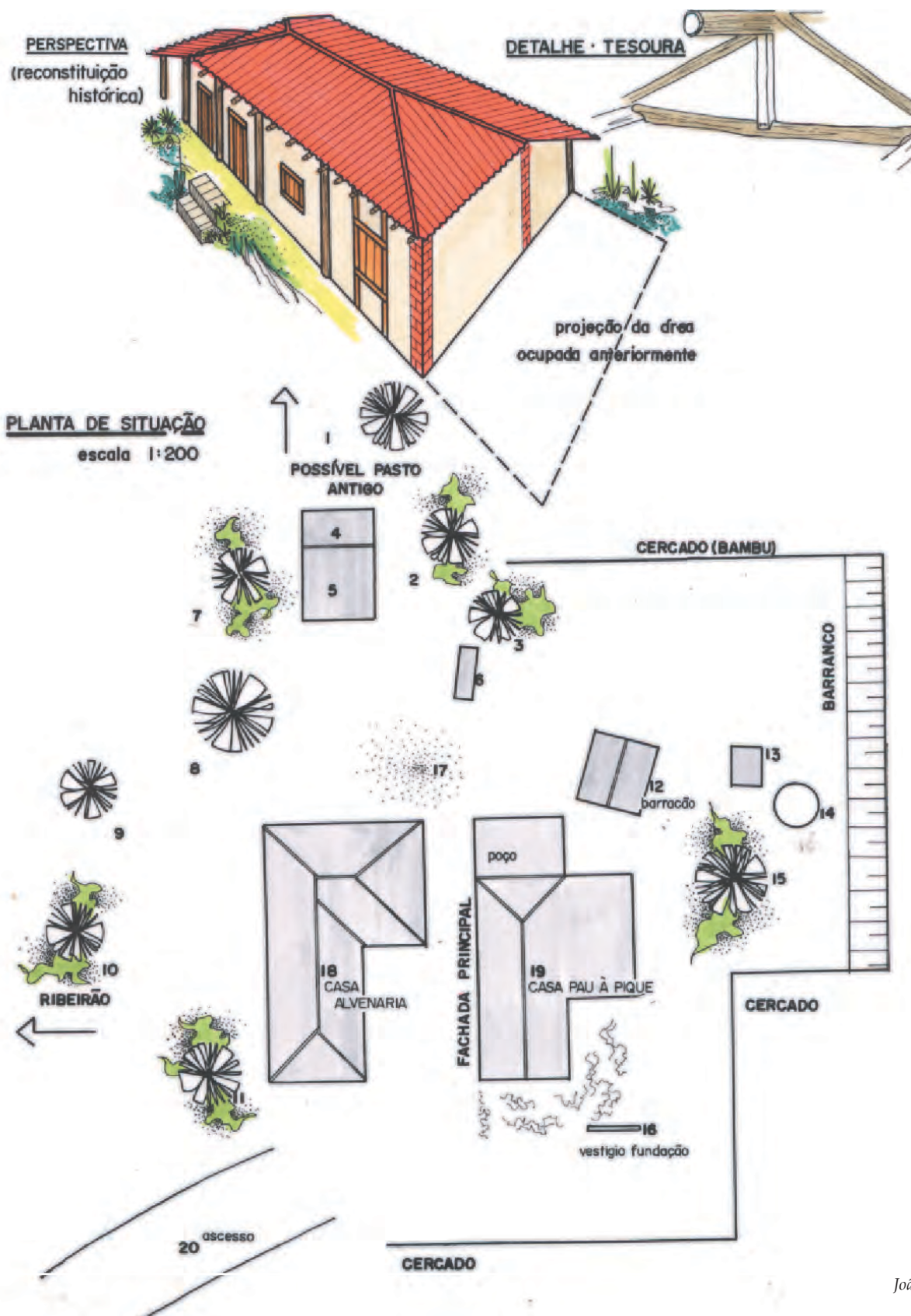
escala 1:50



#### PAREDE DE TAIPA



### CASA DE PAU À PIQUE

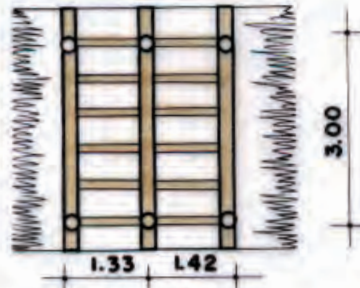


BARRACÃO - Fundos da Casa

**ESQUEMA PLANIMÉTRICO**

e cobertura

ESCALA 1 : 100



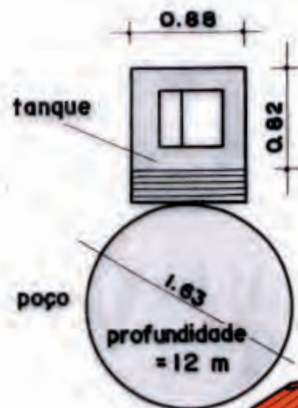
**ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS**

pilares e vigamentos de madeira roliça  
ausência de elementos de vedação  
cobertura de sapé  
piso de terra batida



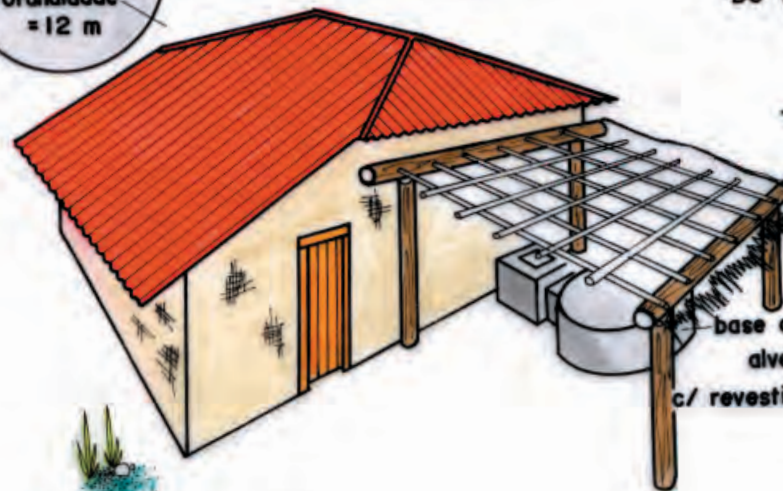
**TANQUE / POÇO**

**PLANTA ESQUEMÁTICA**



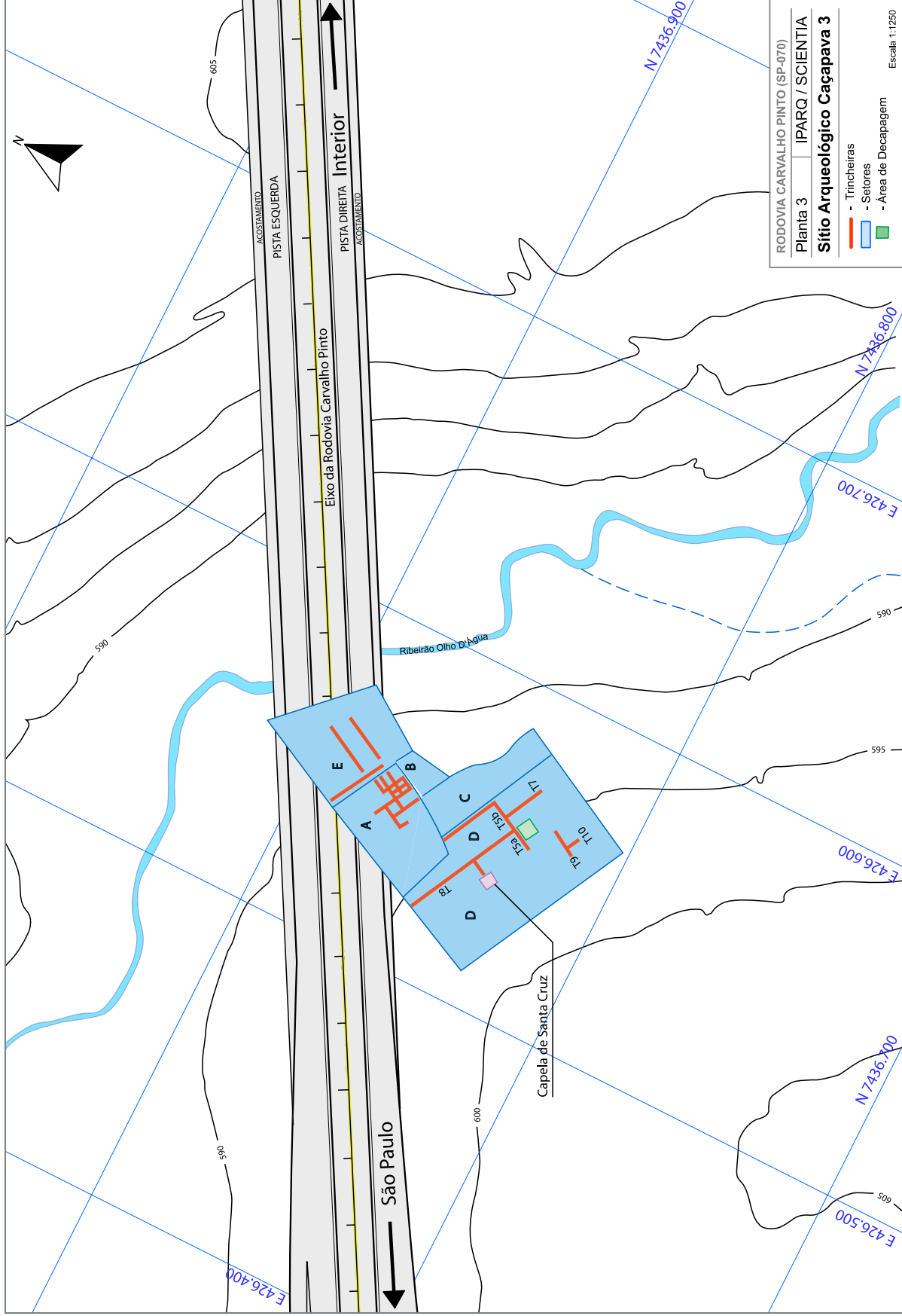
**DETALHE EM PERSPECTIVA**

COM CASA AO FUNDO E  
TELHEIRO DA COBERTURA  
DO POÇO



· caibros - a cada 0.50 m  
aproximadamente  
ripas - média de 3  
por telha

base construtiva de  
alvenaria de tijolos  
c/ revestimento cimentado



RODOVIA CARVALHO PINTO (SP-070)

Planta 3 | IPARQ / SCIENTIA

**Sítio Arqueológico Caçapava 3**

- Trincheiras
- Setores
- Área de Decapagem

Escala 1:1250

## SÍTIO JACAREÍ 1

O sítio situava-se na Fazenda Mercedes, no Município de Jacareí, de cuja sede distava cerca de 6 km. Sua posição geográfica, em coordenadas UTM, era a seguinte: 7.418.000 N e 395.550 E, podendo ser localizado na Folha Santa Isabel (SF-23-Y-D-I-4) do IBGE, escala 1:50.000.

Tratava-se de sítio a céu aberto, implantado parcialmente sobre a encosta de uma colina ampla e suave e parcialmente sobre planície aluvial, entre um afluente do Rio Paraíba do Sul (distante 175m) e o Córrego Baixinho (a cerca de 350m de distância). Seu entorno era formado por planícies aluviais, colinas amplas e suaves e fundo de vale de drenagem de pequeno porte.

Ao ser localizado, o sítio já se encontrava superficialmente perturbado por atividades agrícolas continuadas, as quais haviam comprometido parcialmente suas estruturas originais.

Para detectar outros locais de ocorrência de material arqueológico e delimitar o sítio, foram demarcadas e abertas oito trincheiras, a partir do eixo da rodovia, em direção oeste. As trincheiras, com 200m de comprimento, eram paralelas entre si e distavam 40m umas das outras. Foram escavadas com o auxílio de retroescavadeira, sob supervisão dos arqueólogos e estagiários, em extensões de 50m de comprimento e camadas de 0,10m. Embora todas as trincheiras tivessem sido demarcadas até 200m do eixo da rodovia, a extensão real escavada variou de acordo com a ocorrência de material arqueológico.

Três outras trincheiras, paralelas ao eixo da rodovia, também foram escavadas, cruzando as trincheiras 3, 4 e 5, a 50m do eixo (Trincheira 9); as trincheiras 5 e 6, a 75 metros do eixo (Trincheira 10) e as trincheiras 3, 4, 5 e 6, a 100m do eixo (Trincheira 11), conforme se pode ver na Planta 4.

Foram escavados, no total, 1095m de trincheiras, que atingiram uma profundidade variável entre 0,60 e 1,20m.

Paralelamente à escavação das trincheiras, fez-se um levantamento detalhado da superfície, no entorno da área arqueológica inicial. As onze trincheiras demarcadas e o levantamento de superfície permitiram a localização de mais três áreas de ocorrência de material arqueológico, todas a oeste do eixo da rodovia, conforme quadro abaixo:

Sítio Jacareí 1		
Setor	Distância do eixo da rodovia	Área escavada
1	Entre 20 e 90 m	1.200m <sup>2</sup>
2	Entre 05 e 30 m	1.250m <sup>2</sup>
3	Entre 125 e 135 m	100m <sup>2</sup>
4	Entre 10 e 30 m	400m <sup>2</sup>
Área total escavada		<b>2.950m<sup>2</sup></b>

A escavação foi feita através de decapagem com colher de pedreiro e pincel, mas na remoção de solo estéril recorreu-se a maquinário pesado (Patrol) e, em níveis de material arqueológico rarefeito, utilizou-se enxada.



Sítio Jacareí 1: Escavação da Área 2



Sítio Jacareí 2: Evidenciação de cerâmica na Área 2

Tudo indicava tratar-se de um sítio com vários assentamentos, provavelmente contemporâneos.

Na Área 1, situada em baixa vertente de uma colina ampla e alongada, o material arqueológico apresentou-se muito disperso, possivelmente devido a fatores pós-deposicionais. Nenhuma estrutura foi evidenciada.

A Área 2, mais profunda (o material apareceu a uma profundidade superior a 0,80m), devido a situar-se numa planície aluvial, foi a que se apresentou mais rica arqueologicamente (talvez pelo fato de o material ter sido protegido por uma espessa camada de sedimentos). Embora se tenha escavado uma área de 1250m<sup>2</sup>, o material arqueológico concentrava-se numa área de 300m<sup>2</sup>, na qual se realizou decapagem com instrumentos finos.

A Área 3, situada na alta vertente da mesma colina onde se situava a Área 1, correspondia a uma antiga capela, de tijolos, com cerca de 40m<sup>2</sup>, cujas estruturas apareceram no decorrer das escavações.

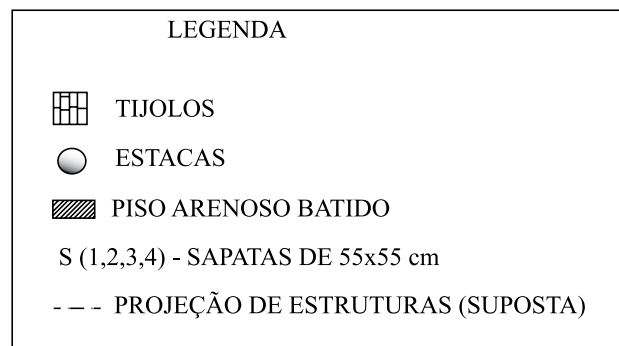
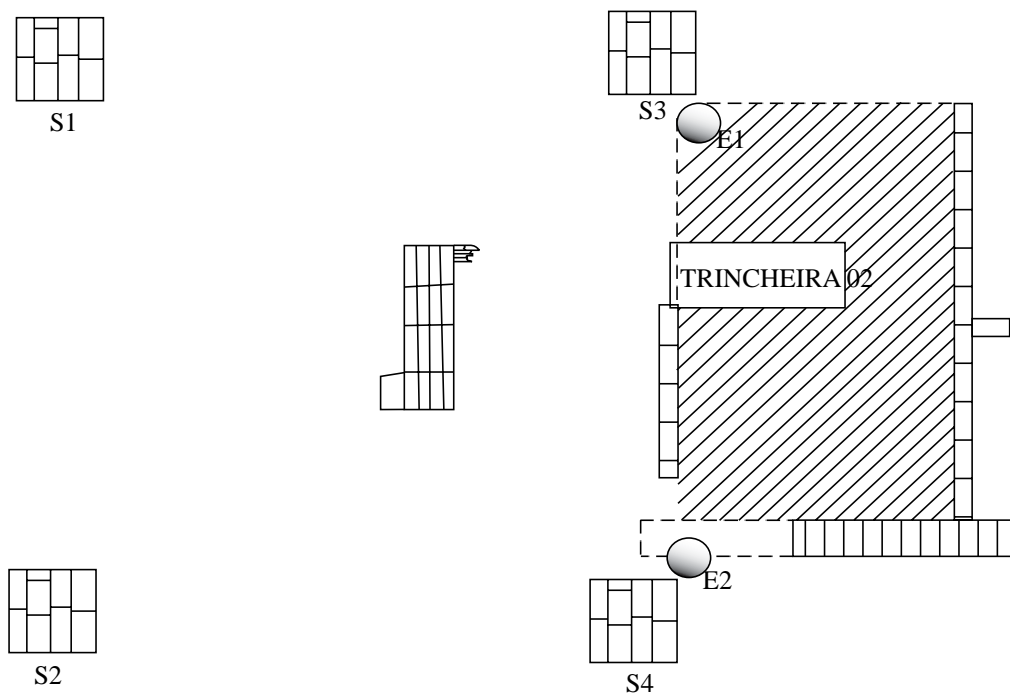


Sítio Jacareí 1:  
Escavação da Área 3.



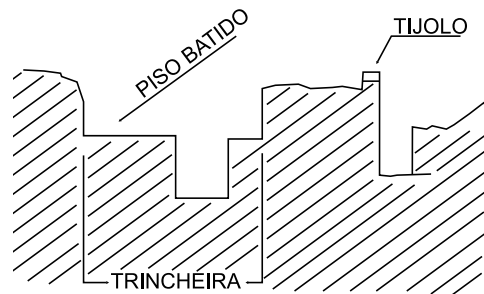
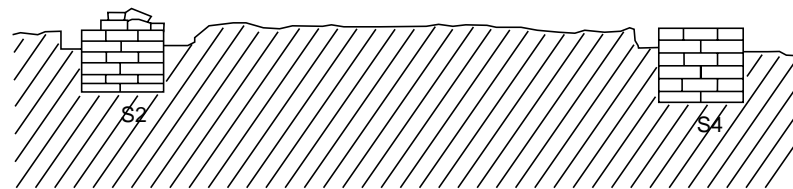
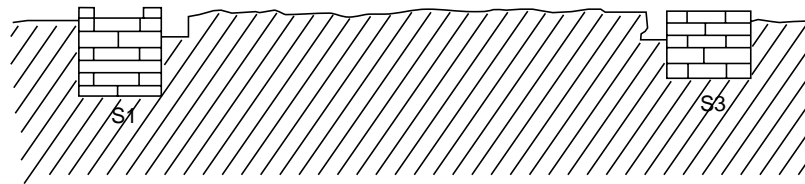
Sítio Jacareí 1:  
Piso de capela  
evidenciado na Área 3.

Sítio Jacareí 1 - PLANTA BAIXA - CAPELA



ESCALA 1:50

## Sítio Jacareí 1 - PERFIS CAPELA



PERFIL TRINCHEIRA 1

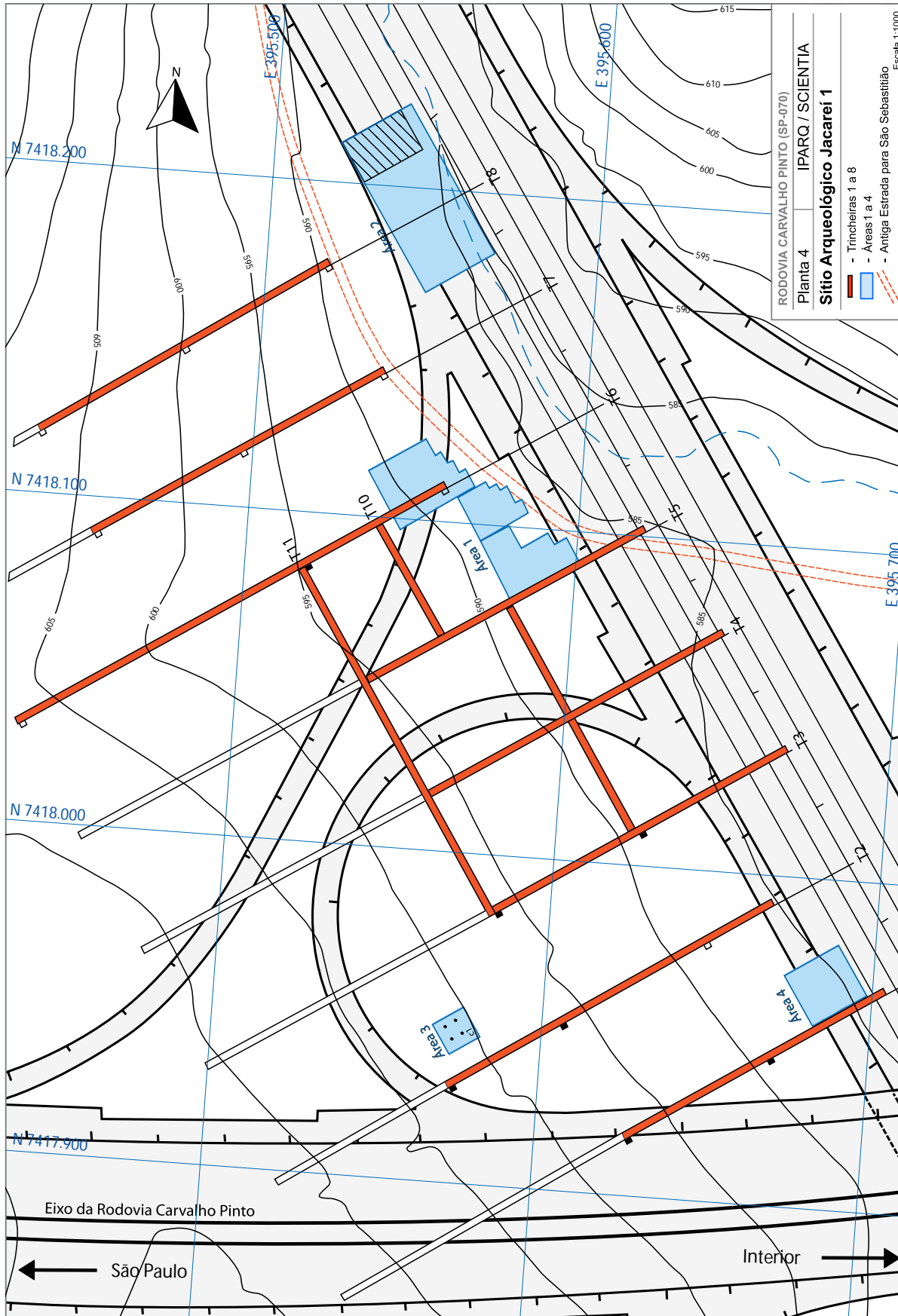


Na Área 4, situada na baixa vertente da mesma colina, também ocorreu pouco material arqueológico, mas mais concentrado do que na Área 1.

Para posterior interpretação do padrão de assentamento regional, fez-se o registro da implantação topográfica do sítio. O ponto mais alto, como se pode observar, era ocupado pela capela, que, situada entre palmeiras, encimava todo o conjunto ocupacional.

É interessante notar que as áreas 1 e 2 encontravam-se, cada uma, de um lado da antiga estrada de terra para São Sebastião, a uma distância de 60m uma da outra (ver Planta 4).

O material arqueológico coletado no sítio consistiu de objetos de cerâmica, louça, metal e vidro, além de grande número de tijolos da capela situada na Área 3. Uma estrutura de combustão (possivelmente relacionada a um fogão de trempe) foi evidenciada na Área 2.





## SÍTIO JACAREÍ 2

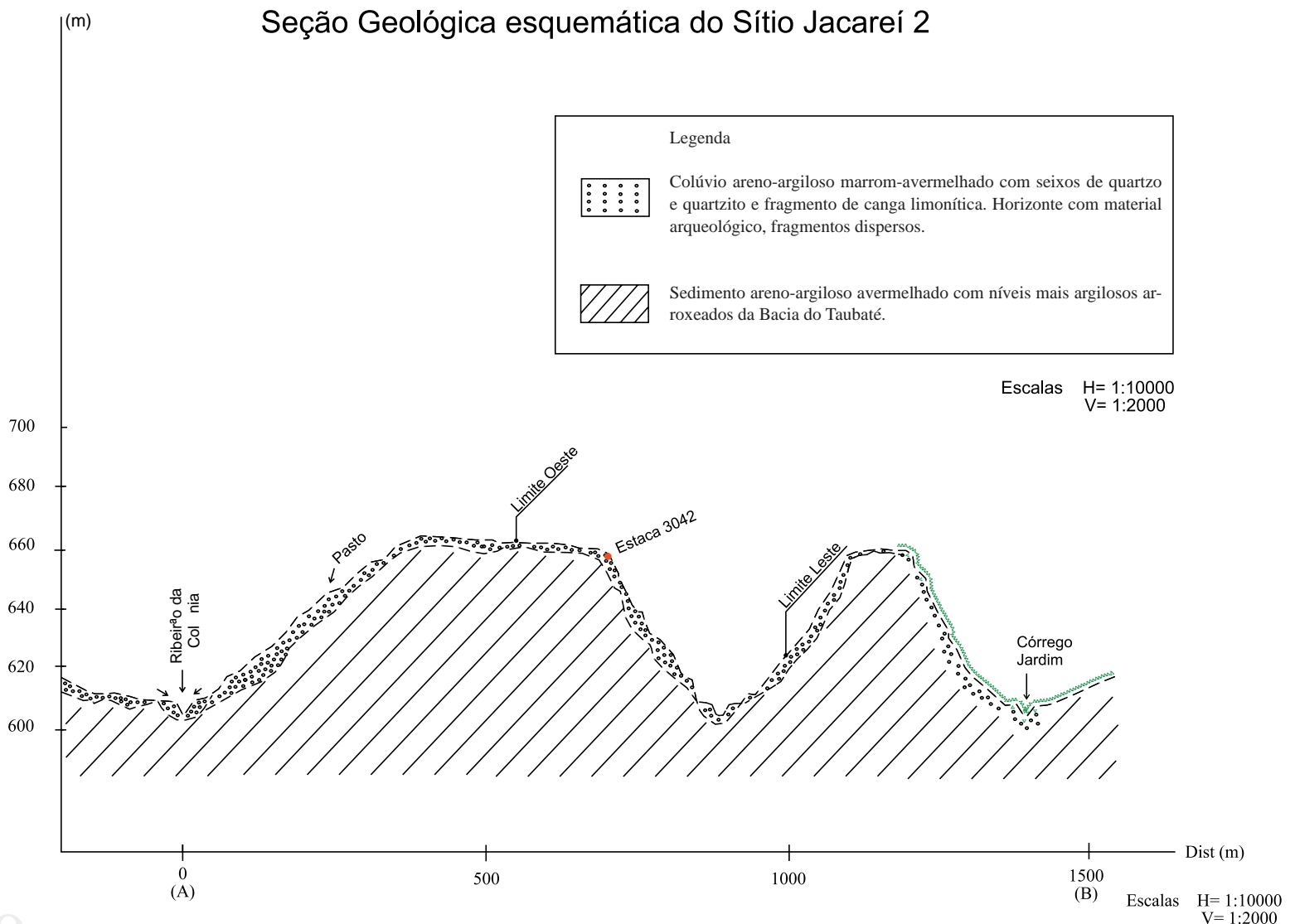
O sítio situava-se na localidade denominada Fazenda Boa Vista, Bairro Jardim, Município de Jacareí, de cuja sede distava cerca de 7 km. Sua posição geográfica, em coordenadas UTM, ia de 7.421.456 N e 407.999 E a 7.421.257 N e 407.725 E, podendo ser localizado na Folha Jacareí (SF-23-Y-D-II-3) do IBGE, escala 1:50.000.

Tratava-se de sítio a céu aberto, com estruturas habitacionais implantadas sobre fundo de vale, topo e meia encosta de colina e colo entre colinas (ver Planta 5). Encontrava-se entre o Rio Comprido, a Norte, e o córrego Jardim, a Leste. Um afluente deste último passava a 50m do sítio. Seu entorno era formado por colinas com vertentes pronunciadas, algumas colinas suaves e fundo de vale com drenagem de pequeno porte (ver figura 11).

Ao ser localizado, o sítio já se encontrava superficialmente perturbado por atividades agrícolas continuadas, as quais haviam comprometido parcialmente suas estruturas originais.

Inicialmente, para delimitar o sítio e localizar outros pontos de ocorrência de material arqueológico, foram demarcadas 8 trincheiras, mais tarde ampliadas para 13. Dez trincheiras foram demarcadas transversalmente ao eixo da rodovia, com 130m de extensão cada, sendo 65m de cada lado do eixo, cobrindo toda a faixa de domínio no local, enquanto três trincheiras foram demarcadas paralelamente ao mesmo eixo (ver Planta 5).

Além das trincheiras, foi feita vistoria em toda a área demarcada, em busca de indicadores de ocupação histórica, o que efetivamente se concretizou com a descoberta de uma área terraplenada que, após escavação, revelou-se um antigo assentamento (Área 2).



Os trabalhos realizados permitiram localizar cinco áreas de ocorrência de material arqueológico, distribuídas ao redor de um antigo caminho, provavelmente de tropeiros, rebaixado pelo uso e tomado por mato devido à sua desativação, no qual foi encontrada uma ferradura perdida.

Já a área 4, onde se encontrou predominantemente louça de fabricação nacional, parece ser a ocupação mais recente do sítio, datando provavelmente do início do século XX.

Sítio Jacareí 2 – Áreas escavadas			
Setor	Localização	Posição em relação ao eixo	Área
Área 1	Alta e média vertente e base de morrote	à esquerda	2.570m <sup>2</sup>
Área 2	Baixa vertente e base de colo de morro alongado	à direita	1.370m <sup>2</sup>
Área 3	Base de morro alongado	à direita	300m <sup>2</sup>
Área 4	Base de morro alongado	à direita	150m <sup>2</sup>
Área 5	Base de colo de morro	à esquerda	480m <sup>2</sup>



Sítio Jacareí 2: implantação das áreas arqueológicas 1 e 3 (ao centro); 2 (ao fundo) e das trincheiras 2, 3 e 4 (à direita).

Estruturas de combustão ocorreram de forma expressiva no sítio, a saber: quatro fogueiras na Área 1, sendo uma grande no topo, duas grandes na alta encosta e uma pequena na base; cinco fogueiras pequenas na Área 2, sendo que uma com “três fogos”; uma fogueira pequena na Área 3; uma fogueira em cova na Trincheira 2, a 45m da Área 5, e um forno de barro na Área 5.



Sítio Jacareí 2: Estrutura de louça evidenciada na Área 2

Existe uma associação entre as áreas 1 e 3, tanto espacial, quanto em termos de material arqueológico predominante. A louça que aparece na Área 1 é exclusivamente portuguesa, do século XVIII. Estas duas áreas parecem representar a ocupação humana mais antiga do sítio.

A ocupação intermediária, por sua vez, parece estar representada pelas áreas 2 e 5, que se encontram espacialmente associadas.



Sítio Jacareí 2 – Setor 2



Sítio Jacareí 2: Estrutura de cocção (forno) evidenciada na Área 5

Ao final dos trabalhos, teve-se contato com um morador da propriedade vizinha ao sítio, Sr. Antonio Patrocínio, cuja família ali vive há muito tempo e que nos relatou informações que lhe foram transmitidas por seu pai, já falecido.



Sítio Jacareí 2: entrevista com o Sr. Antonio Patrocínio.

confirmadas, enquanto outras foram bastante esclarecedoras, inclusive a respeito da procedência da louça encontrada na Área 2. Ele estranhou a posição do forno da Área 5, dizendo jamais ter sabido de sua existência e que, na sua lembrança, havia um forno na Área 2-C, fato que não se confirmou. É preciso lembrar, no entanto, que o Sr. Antonio nos relatou informações baseadas não em suas próprias lembranças, mas nas de seu pai, o que acarreta distorções sensíveis.

Mesmo assim, embora algumas confusões possam ter ocorrido quanto à possível localização de estruturas habitacionais e limites de propriedades, o quadro geral da ocupação estrangeira na área parece ser o relatado pelo informante. As áreas 1 e 3, onde ocorreu material cerâmico neobrasileiro, foram ocupadas, certamente, anteriormente à chegada dos imigrantes, nunca tendo o Sr. Antonio ouvido falar em ocupação humana na colina, nem tendo jamais visto material semelhante ao recuperado nesses locais.

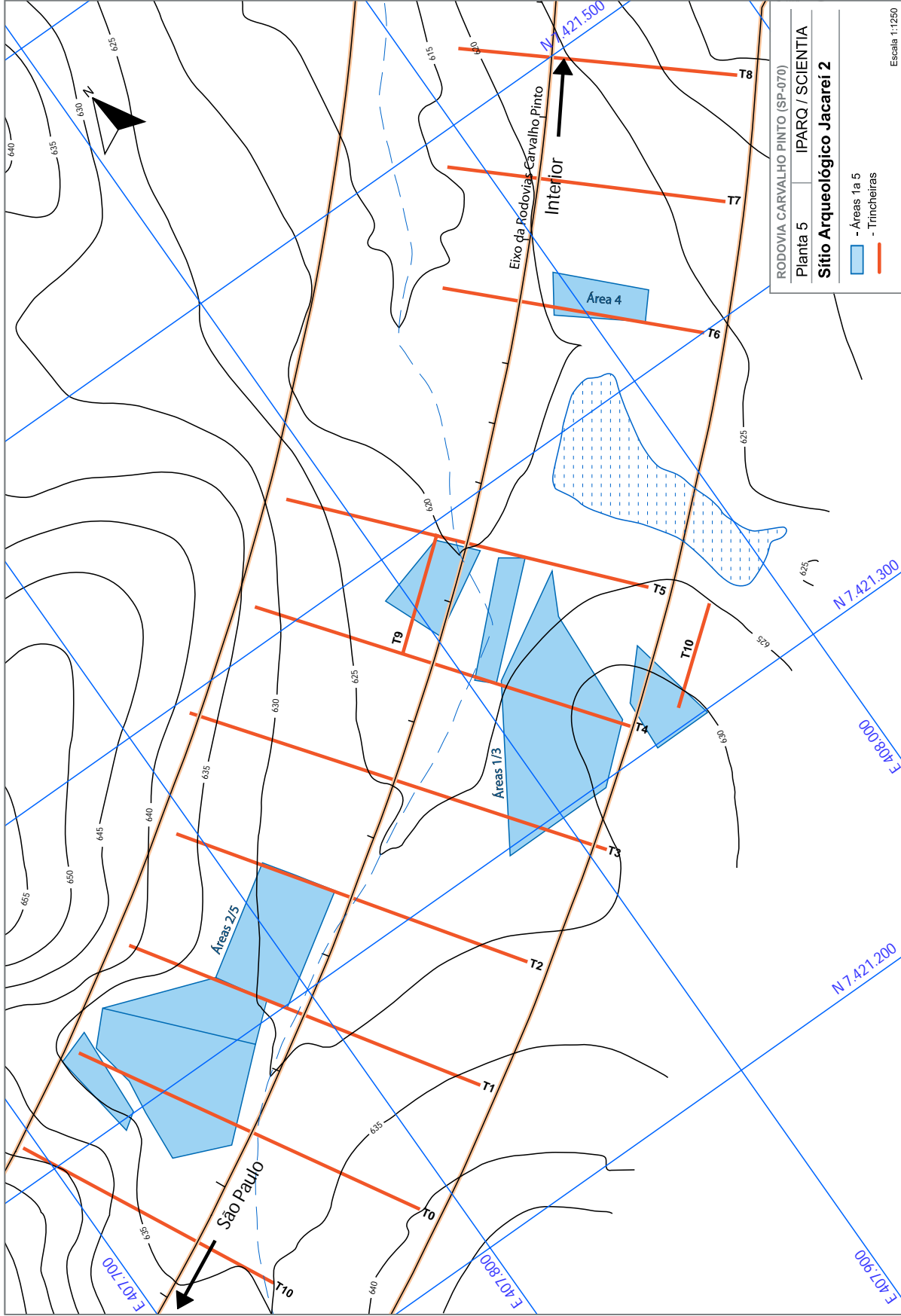
De acordo com o informante, o local onde se encontrava o sítio arqueológico fazia parte de uma antiga fazenda de café (pertencente às famílias Prado e Cardoso), desmembrada e vendida em parcelas no final do século XIX, para imigrantes europeus.

Os europeus vindos para o Vale do Paraíba foram, segundo o Sr. Antonio: alemães, que se fixaram principalmente em São José dos Campos; franceses, que se fixaram principalmente no Rio Comprido (bairro do Córrego Seco); polacos, que também se fixaram no Rio Comprido; espanhóis, que se fixaram na Colônia Jardim; italianos (poucos) e belgas (poucos), que se dispersaram pela região.

Informou o Sr. Antonio que o local onde hoje se situa o sítio arqueológico foi ocupado por famílias de espanhóis, que adquiriram, cada uma, um lote de 4 alqueires e meio. As famílias tinham de construir suas casas apenas com os recursos existentes em suas terras; por isso, nas propriedades onde não havia barro bom para fabricar tijolos (caso do sítio arqueológico), as casas foram construídas de pau-a-pique (taipa de mão ou sopapo), com telhado de duas águas, sustentado por bambus e trançados e amarrados com cipó. Era comum a existência de um alpendre frontal, formado por um puxado do telhado.

Segundo contava o pai do Sr. Antonio, no local denominado Área 2, vivia a família Badô; para cima da estrada, viviam os Ponjol; do forno (Área 5) para baixo, a família Pietro. Outras famílias mencionadas por ele como tendo vivido nos arredores do sítio foram os Gimenez e os Sardão (que construíram a casa onde morava o informante).

Algumas das informações do Sr. Antonio, a respeito da localização de estruturas habitacionais no sítio, não foram



#### SÍTIO TAUBATÉ 1

O sítio situava-se na localidade denominada Bairro do Piracangagua, Município de Taubaté, de cuja sede dista cerca de 6 km. Sua posição geográfica, em coordenadas UTM, era 7.446.215 N e 437.553 E, podendo ser localizado na Folha Taubaté (SF-23-Y-D-II-2) do IBGE, escala 1:50.000.

Tratava-se de sítio a céu aberto, implantado sobre baixa vertente e planície de inundação de um afluente do Córrego. Boçoroca, o qual deságua no Ribeirão Piracanguá, afluente da margem direita do Rio Paraíba do Sul. Seu entorno era caracterizado por colinas amplas, situadas entre a Serra do Jambeiro, a SE, e o Rio Paraíba do Sul, a NW.

Ao ser localizado, o sítio já se encontrava superficialmente perturbado pelos diferentes usos a que o solo foi submetido no local (atividades agrícolas, pastagem e loteamento urbano), os quais comprometeram seriamente suas estruturas originais.

As escavações no sítio seguiram os seguintes procedimentos:

- Limpeza de duas amplas superfícies, de 160m de extensão cada uma, à direita e à esquerda do eixo da rodovia, com Patrol e máquina de lâmina e esteira;
- Abertura, com retroescavadeira, de 21 trincheiras, sendo 14 perpendiculares ao eixo da rodovia (12 à direita e 2 à esquerda) e 7 paralelas (6 à direita e 1 à esquerda), com extensão variando entre 20 e 40m, largura de 0,50m e profundidade variando entre 0,50 e 0,75m (ver Planta 6).
- Exame, pela equipe de arqueologia, dos sedimentos retirados das trincheiras, para verificação dos locais de ocorrência de material arqueológico e definição das áreas de ocupação humana pretérita.
- Delimitação de 3 setores de ocorrência de vestígios arqueológicos, um deles (Setor A) à direita do eixo da rodovia; outro (Setor B) à esquerda (entre as estacas 7.344+10 e 7.347) e o último (Setor C) em ambos os lados do eixo (entre as estacas 7340 e 7342+10), conforme Planta 6.
- Confeção de 5 perfis estratigráficos, para verificação da profundidade, espessura e quantidade de camadas arqueológicas do sítio, sendo 2 no Setor A (P. E 100 e P. 8D), o primeiro com profundidade de 1,40m e o segundo de 2,20m, tendo ambos 5m de extensão, e 3 no Setor B, aproveitando um barranco formado, de um lado, pela abertura da Estrada do Barreiro (P. III); do outro, por uma rua construída quando do loteamento da área (P. I), ambos com 80m de extensão, os quais convergem para uma ponta de 15m de extensão, na qual se confeccionou o P.II. Todos atingiram

0,60m de profundidade e permitiram evidenciar uma camada arqueológica entre 0,15 e 0,50m de profundidade (ver Planta 6).

- Quadriculamento dos setores A e C em quadras de 5x10m e do Setor B em quadras de 10x10m.
- Escavação com enxada, em níveis de 0,5m de profundidade, das quadras com maior potencial de ocorrências de vestígios arqueológicos nos três setores delimitados.



Sítio Taubaté 1:  
Abertura da Trincheira A



Sítio Taubaté 1: estrutura cerâmica evidenciada no Setor B.



Sítio Taubaté 1: estrutura de cocção (forno) evidenciada no Setor C.

Decapagem, com colher de pedreiro pequena, pincel e espátula de dentista, das estruturas de cocção localizadas nos setores B e C (E. I e E. III, respectivamente) e de uma estrutura de cerâmica (E. II) situada externamente à E. I, no Setor B (ver Planta 6).

O material evidenciado no sítio é a seguir sumarizado:

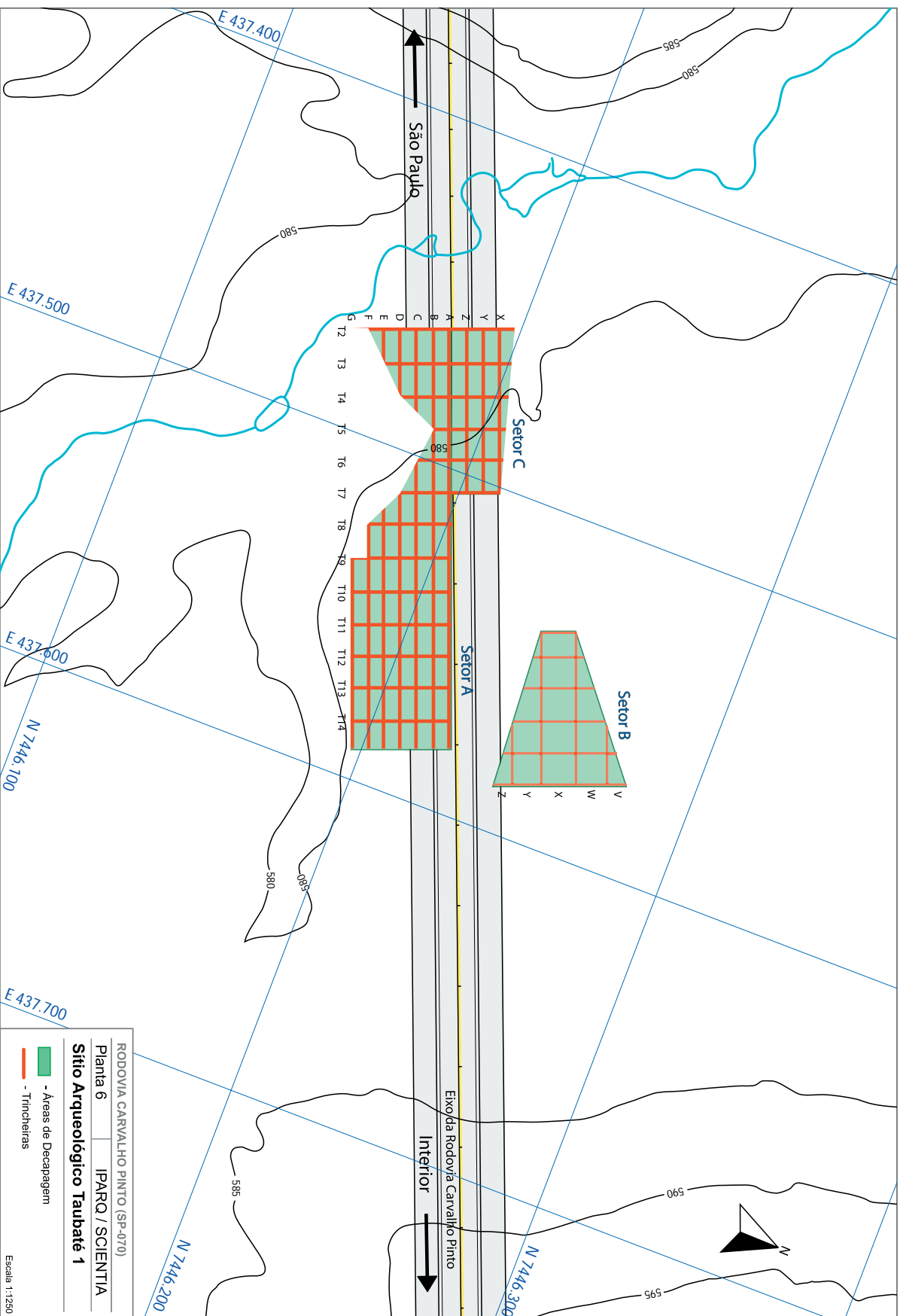
- a) No Setor A: louça (holandesa, francesa e nacional), grés, cerâmica neobrasileira, vidro e metal (inclusive uma moeda do início do século XIX) e vestígios de um antigo poço de obtenção de água.
- b) No Setor B: cerâmica neobrasileira, louça do século XVIII e uma grande estrutura de cocção demolida (possivelmente um forno).
- c) No Setor C: cerâmica neobrasileira (inclusive cachimbos), louça, metal, uma pederneira de fuzil (de sílex) e um pequeno forno de argila cozida.

O material registrado demonstrou a ocorrência, no sítio arqueológico Taubaté 1, de três setores de ocupação distintos, tendo o material mais recente sido encontrado no Setor A, no qual duas ocupações humanas se superpõem, a mais antiga tendo ocorrido na 1ª metade do século XIX e a mais recente na 1ª metade do século XX.

O material encontrado nos setores B e C, por sua vez, evidenciou uma ocupação ocorrida entre o final do século XVIII e início do século XIX. Considerou-se possível que os três setores, no nível correspondente ao início do século XIX, estivessem estrutural e cronologicamente relacionados entre si. Desse modo, apenas a ocupação mais recente do Setor A seria realmente independente do restante do sítio.

Dentre os três setores, o menos degradado era o Setor B, no qual o material arqueológico encontrava-se estratigráfica e espacialmente pouco remexido. O setor mais degradado era o Setor A, no qual subsistiu pouca cultura material e nenhuma estrutura doméstica. No Setor C, muito perturbado espacial e estratigraficamente, grande quantidade e variedade de material arqueológico (principalmente de cerâmica) encontrava-se preservada.

Aos fundos do Setor C, via-se vestígios de um antigo caminho, desativado, possivelmente de tropeiros.



RODOVIA CARVALHO PINTO (SP-070)  
 Planta 6 | IPARQ / SCIENTIA  
**Sítio Arqueológico Taubaté 1**  
 - Áreas de Decapagem  
 - Trincheiras  
 Escala 1:1250







*2ª PARTE:*

*PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE  
E RESULTADOS*



MATERIAL OSTEOLÓGICO

Rafael Bartolomucci

A coleção de remanescentes ósseos humanos foi encaminhada ao Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos-IBUSP, coordenado pelo professor Dr. Walter Alves Neves, com o objetivo de curar e analisar o material ósseo contido nas urnas funerárias do sítio Caçapava-1.

O processo de cura dos remanescentes ósseos humanos foi realizado com base nos procedimentos descritos em Brothwell (1981), Neves (1988), Uberlaker (1989) e White (1991).

O material encaminhado ao LEEH-IBUSP apresentava-se em três categorias prévias de tratamento: primeiro, material ósseo fragmentado, previamente separado; segundo, material agregado a blocos de sedimentos; terceiro, urnas fragmentadas com material e sedimento internos não retirados/escavados.



Sítio Caçapava 1 – Fragmentos ósseos saídos do interior da Urna 14

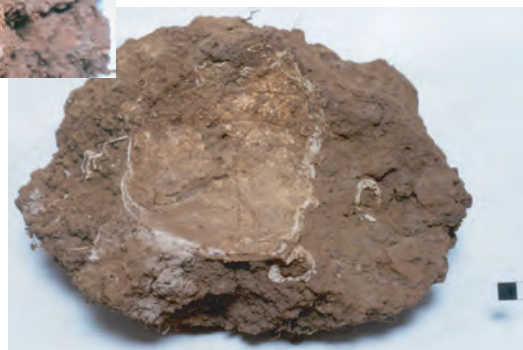


Sítio Caçapava 1 – Blocos de sedimentos com ossos agregados



Sítio Caçapava 1 – início da evidência dos ossos existentes no interior da Urna 01

Sítio Caçapava 1 – progressão da evidência da calota craniana do interior da Urna 01



Foram coletadas de cada urna amostras de 350 gramas de cada bloco de sedimento, para futuras análises físico-químicas ou para datações.

Assim, podemos dizer que na U37 encontramos dentes representativos de um indivíduo adulto (+25 anos), um segundo indivíduo sub-adulto (+15anos) e um terceiro indivíduo infantil (+8anos). Nenhum dos dentes apresenta sinais de patologias dentárias.

### 1. Escavação das urnas e análise do material

Neste último caso, procedeu-se, em laboratório à escavação e evidência do material interno da urna funerária de acordo com as orientações do prof. Dr. Walter A. Neves e da mestre Verônica Wesolowski.

O procedimento utilizado consistiu em evidenciar ao máximo os elementos internos à urna, retirando cuidadosamente o sedimento que a preenchia e mantendo os ossos na posição original, registrando por meio de fotografias de diversos ângulos e de croquis a posição dos elementos encontrados.



Sítio Caçapava 1 - Material osteológico da urna 06 ainda agregado ao sedimento interno à urna.



Sítio Caçapava 1 – Dentes exumados da Urna 37

Sítio Caçapava 1 – Material exumado da Urna 29



Sítio Caçapava 1 – Material exumado da Urna 35



Sítio Caçapava 1 – Mandíbula esquerda, exumada da Urna 14

Sítio Caçapava 1 – Material exumado da Urna 36, ainda embalado



Sítio Caçapava 1 – Mandíbula direita, exumada da Urna 09



Sítio Caçapava 1 – Mandíbula exposta da Urna 12



Sítio Caçapava 1 – Mandíbula esquerda, exumada da Urna 09

Após o término da curadoria dos remanescentes ósseos humanos contidos nas urnas funerárias, foi realizada uma análise para determinar o número mínimo de indivíduos sepultados, sexo e idade, para que posteriormente fosse realizada uma análise do material para verificação de paleopatologias e os diversos agentes tafonômicos que agiram sobre o material ósseo.

Os resultados da análise realizada são sumarizados no quadro a seguir:

**Sítio Caçapava 2 – Relação entre idade, sexo e posição dos indivíduos**

Urna	Idade	Sexo	Posição
U1	Sub-adulto	Não identificado	Sem
U2	Adulto	Não identificado	Sem
U4	Sem	Não identificado	Sem
U6	Sub-adulto	Não identificado	Desarticulado
U9	Sem	Não identificado	Sem
U12	Adulto	Não identificado	Articulado/fletido
U14	Adulto	Não identificado	Articulado/fletido
U20	Sem	Não identificado	Sem
U24	Infantil	Não identificado	Sem
U25	Infantil	Não identificado	Sem
U26	Adulto	Não identificado	Sem
U29	Infantil	Não identificado	Sem
U32	Adulto	Não identificado	Sem
U35	Adulto	Não identificado	Sem
U36	Sem	Não identificado	Sem
U37	Adulto, Sub-adulto, Infantil	Não identificado	Sem
U1/2001	Adulto	Não identificado	Articulado/fletido

Embora o material osteológico estivesse muito fragmentado e fosse insuficiente para se tentar qualquer análise estatística, assim mesmo foi realizada uma tentativa de análise.

Para se determinar um número mínimo de indivíduos, tentou-se, através dos remanescentes ósseos de cada urna, buscar fragmentos ósseos que se apresentassem repetidos. Infelizmente, pela fragmentação do material, foi impossível qualquer comparação morfométrica.

Embora o melhor material para a verificação seja o dentário, ele

encontrava-se ausente na maioria das urnas e, naquelas onde se encontrava presente, os dentes apresentavam-se soltos, tornando a contagem viciosa.

Assim sendo, levou-se em consideração o número mínimo de 17 indivíduos, tendo sido impossível determinar seus sexos e idades precisas.

Com relação à idade dos indivíduos, somente para aqueles que possuíam dentes é que foi possível inferir uma idade relativa, pois a ausência de outros indicadores osteológicos tornava suspeita uma afirmação mais precisa.

Dos processos tafonômicos, pode-se dizer que um dos principais fatores de degradação do material ósseo foi o ocasionado pela acidez do solo em que estavam as urnas. Nenhuma marca de biopertubação foi verificada.

Além disso, enquanto o material esperou cerca de 10 anos para ser curado, ocorreram vários danos que comprometeram sua integridade física, desde ação de cupins até o caso de vandalismo.

No entanto, o principal fator para a má preservação do material osteológico contido nas urnas foi o lapso de tempo decorrido entre a sua exumação em campo até a realização do trabalho de curadoria, que precisaria ter ocorrido imediatamente após sua retirada da matriz, devido à extrema fragilidade do material. Nesse sentido, a longa interrupção dos trabalhos laboratoriais do material arqueológico da Rodovia Carvalho Pinto pode ter acarretado uma grande perda científica.

MATERIAL LÍTICO

Solange Bezerra Caldarelli

Os artefatos líticos encontrados durante as pesquisas arqueológicas na Rodovia Carvalho Pinto foram numericamente pouco expressivos. Restringem-se a alguns produtos de lascamento e a lâminas de machado polido, conforme quadro ao lado.

Os procedimentos empregados em sua análise levaram em conta aspectos tecnológicos, morfológicos, matéria-prima e atributos numéricos (dimensões e peso).

Material lítico coletado na interligação com a Rodovia D. Pedro				
Nº	Descrição	M. Prima	Dimensões	Peso
01	Lâmina de machado, polida, de formato trapezoidal, secção transversal ovalar e gume convexo com perfil em bisel duplo convexo.	Granito	C = 126mm L = 63mm E = 34mm	400g
Material lítico coletado no Sítio Caçapava 1				
Nº	Descrição	M. Prima	Dimensões	Peso
01	Lâmina de machado, polida, de formato trapezoidal, secção transversal ovalar e gume convexo com perfil em bisel duplo convexo.	Granito	C = 150mm L = 60 mm E = 39 mm	550g
02	Lâmina de machado, polida, de formato quadrangular, secção transversal cônica gume oblíquo com perfil em bisel duplo convexo e talão desviado.	Gnaiss	C = 70mm L = 53mm E = 26mm	125g
03	Lasca inicial larga, com talão cortical (Â talão/FI = 80°)	Seixo de quartzo	C = 34mm L = 49mm E = 09mm	15g
04	Pequena peça polida, informe	Argilito	C = 20mm L = 15mm E = 05mm	01g
01	Micro-lasca	Quartzo	< 1,5 cm	01
Material lítico coletado no Sítio Jacaré 1				
Nº	Descrição	M. Prima	Dimensões	Peso
01	Batedor sobre seixo, fragmentado	Quartzo	L = 56mm E = 37mm	
02	Pederneira de morfologia irregular, sobre lasca com talão liso, apresentando retoques marginais bifaciais.	Sílex	C = 21mm L = 25mm E = 10mm	06g
03	Alisador de cerâmica	Quartzito	C = 67mm L = 60mm E = 43mm	300g
04	Micro-lasca	Sílex	< 2,0mm	
Material lítico coletado no Sítio Jacaré 2				
Nº	Descrição	M. Prima	Dimensões	Peso
02	Alisador de cerâmica	Quartzito	C = 72mm L = 71mm E = 59mm	325g
06	Fragmento mesial de lâmina de machado, polida, de secção oval	Granito	L = 63mm E = 35mm	
10	Batedor sobre seixo cúbico, com desgaste intenso nas extremidades, fragmentado	Quartzito	L = 52mm E = 52mm	
Material lítico coletado no Sítio Taubaté 1				
Nº	Descrição	M. Prima	Dimensões	Peso
01	Extremidade distal de lâmina de machado, polida, com gume em bisel duplo convexo.	Arenito		
Material lítico coletado na interligação com a Rodovia D. Pedro				
Nº	Descrição	M. Prima	Dimensões	Peso
01	Lâmina de machado, polida, de formato trapezoidal, secção transversal ovalar e gume convexo com perfil em bisel duplo convexo.	Granito	C = 126mm L = 63mm E = 34mm	400g



Lâmina de machado, polida, de granito, coletada na interligação com a Rodovia D. Pedro



Lâmina de machado, polida, de gnaiss, com talão (para encabamento) desviado, coletada no Sítio Caçapava 1 (peça 02)



Lasca inicial de quartzo, coletada no Sítio Caçapava 1 (peça 03)



Lâmina de machado, polida, de granito, coletada no Sítio Caçapava 1 (peça 01)



Fragmento mesial de lâmina de machado, polida, de granito, coletada no Sítio Jacareí 2 (peça 06).



Alisador de cerâmica (seixo de quartzito) coletado no Sítio Jacareí 2 (Peça 02).



Batedor, sobre seixo de quartzito, coletado no Sítio Jacareí 2 (peça 10)



Pederneira de sílex, coletada no Sítio Jacareí 1 (peça 02)



As lâminas de machado polidas são os artefatos líticos de origem indígena mais representativos. Dois tipos foram observados:

- ♦ Tipo 1: machado trapezoidal, com gume em bisel duplo e talão simétrico;
- ♦ Tipo 2: machado quadrangular, com gume em bisel duplo e talão desviado.

Os machados inteiros apresentaram desgaste devido ao encabamento nos talões e desgaste devido ao uso nos gumes.

Nos sítios históricos, as peças mais representativas são os alisadores de cerâmica e os batedores, todos feitos sobre seixos, indicando o uso de objetos não modificados de pedra pelos moradores dos sítios históricos, que aproveitaram peças morfológicamente favoráveis ao uso pretendido. Um número expressivo de seixos de morfologia e peso favoráveis ao uso como batedor foi registrado no Sítio Jacareí 1.

A única pederneira registrada mostra que ao menos uma arma de pederneira foi usada no Sítio Jacareí 1.

Os fragmentos de lâminas de machado registrados nos sítios Jacareí 2 e Taubaté 1 provavelmente foram coletados pelos moradores desses sítios, nos arredores.

## MATERIAL DE CERÂMICA

Maria do Carmo Mattos Monteiro dos Santos

Os trabalhos de resgate arqueológico da Rodovia Carvalho Pinto recuperaram material cerâmico histórico de seis sítios arqueológicos: Caçapava 1, Caçapava 2, Caçapava 3, Jacareí 1, Jacareí 2 e Taubaté 1.

O principal objetivo da análise cerâmica foi a identificação da indústria cerâmica de cada sítio arqueológico, a partir de seus atributos tecnológicos, morfológicos e decorativos, que, ao lado dos demais remanescentes culturais presentes no sítio, possibilitou a compreensão da forma de ocupação do local. Além disso, a comparação do conjunto da cultura material dos seis sítios resgatados contribuiu para um maior entendimento das formas de ocupação do Vale do Paraíba paulista, no passado.

### 1. Metodologia de Análise

O material cerâmico histórico proveniente das escavações dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto foi tratado seguindo, basicamente, os mesmos procedimentos de curadoria e de análise.

Em laboratório, todo o material coletado em campo passou por um processo de limpeza e registro, anteriormente aos trabalhos de análise. Inicialmente, foi realizada a lavagem de todo o material, seguida da identificação dos fragmentos (numeração individual) e registro de procedência.

Na seqüência, foi realizada a triagem dos fragmentos cerâmicos considerados diagnósticos. O critério utilizado nesta triagem foi a possibilidade de informação sobre forma e decoração visando a caracterização da indústria cerâmica em questão, sendo selecionados fragmentos que apresentavam atributos decorativos e/ou atributos morfológicos significativos: fragmentos de base, de borda, de corpo com indicação de morfologia (fragmentos com inflexão ou com morfologia atípica) e fragmentos com decoração plástica e/ou pintada.

Após a primeira triagem, os fragmentos diagnósticos foram separados em conjuntos, considerando-se os atributos morfológicos (bases, bordas e fragmentos de corpo). Na seqüência, cada um destes conjuntos foi subdividido segundo atributos decorativos e tecnológicos. Durante este procedimento, foram consideradas as possibilidades de remontagem e/ou identificação de fragmentos de um mesmo vasilhame, tanto dentro de cada subconjunto quanto entre os demais conjuntos. Esta estratégia permitiu uma primeira abordagem da indústria cerâmica e a identificação das principais tendências e das problemáticas que sua análise poderia contemplar.

Uma vez identificados esses conjuntos, foi iniciada a análise individual dos fragmentos e a seleção daqueles que seriam desenhados, pois poderiam contribuir para a reconstituição gráfica das formas dos vasilhames (especialmente bordas e bases).

Na análise dos atributos tecnológicos, morfológicos e decorativos do material cerâmico utilizou-se as seguintes obras: La Salvia & Brochado (1989), Rye (1981), Meggers & Evans (1970) e,

eventualmente, a Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica (CEPA, 1976). Para o cálculo dos volumes das vasilhas reconstituídas, utilizou-se a fórmula de Rice (1987).

As informações recuperadas a partir dos fragmentos, referentes a atributos tecnológicos, morfológicos e decorativos foram armazenadas em um banco de dados (Microsoft Access), para posterior tratamento estatístico, visando a compreensão das características significativas da indústria cerâmica presente em cada sítio.

Desta forma, cada registro inserido no banco de dados corresponde a uma peça cerâmica, que apresenta características diagnósticas, referentes à forma ou à decoração, com informações sobre a procedência exata dentro da área escavada do sítio arqueológico, de características da pasta, do tratamento de superfície, da presença de decoração plástica ou pintada, além da morfologia e das dimensões.

Os fragmentos foram inicialmente classificados a partir da identificação da técnica de confecção (acordelamento, modelagem, torno). A análise da pasta enfocou principalmente o tipo de antiplástico, a granulometria e a cor. Quanto ao tratamento de superfície, foi observado desde o tipo de acabamento (alisamento simples, simples com engobo, presença de decoração plástica ou pintada), até a presença de manchas de queima e a cor da superfície interna e externa do vasilhame.

A análise dos elementos decorativos considerou todos os fragmentos que apresentaram algum tipo de decoração plástica ou pintada, independente de sua morfologia, registrando-se o tipo decorativo, a orientação da decoração e a localização dos elementos decorativos no vasilhame. Esses tipos decorativos também podem aparecer combinados numa mesma vasilha, formando decorações combinadas duplas ou múltiplas.

A terminologia empregada na classificação dos tipos decorativos e sua descrição podem ser observadas a seguir <sup>1</sup>:

**Carimbado:** decoração que consiste em imprimir, na superfície externa da cerâmica, padrões estabelecidos.

**Corrugado:** decoração em que os cordéis de argila utilizados na confecção da cerâmica são ligados entre si por meio de arrastes, mais ou menos regulares, da argila ainda úmida, executados com o dedo polegar, em sentido perpendicular, oblíquo ou transversal à borda das vasilhas, formando dobras.

**Digitado:** decoração que consiste em imprimir na superfície externa ainda úmida da vasilha a ponta do dedo, formando depressões regulares.

**Digitungulado:** decoração que consiste em imprimir na superfície externa ainda úmida da vasilha a ponta do dedo e a extremidade da unha, resultando numa impressão desta última no fundo da depressão formada pela primeira.

**Escovado:** decoração que consiste em passar, na superfície ainda úmida da vasilha, um objeto de pontas múltiplas, deixando sulcos bem visíveis, os quais guardam entre si certo paralelismo e proximidade.

**Espatulado:** decoração que consiste em passar, na superfície ainda úmida da vasilha, um objeto de pontas única (espátula), deixando marcas que guardam entre si certo paralelismo e proximidade.

**Estocado:** decoração que consiste em cortes produzidos pela ação da ponta de uma lâmina sobre a superfície úmida da cerâmica.

**Inciso:** decoração que consiste na confecção de incisões na superfície da cerâmica, antes da queima, por intermédio da extremidade aguçada de um objeto de ponta aguda.

**Marcado com malha:** decoração que consiste em imprimir, na superfície externa ainda úmida das vasilhas, marcas de malhas.

**Nodulado:** decoração que consiste em repuxar, à mão, a superfície externa da pasta, ocasionando pequenos nós.

**Ponteadado:** decoração que consiste em marcar com estocadas, por meio de objetos de tamanhos e profundidades diversas, a superfície externa ou interna das vasilhas.

**Roletado:** tipo de decoração que consiste em conservar visíveis os roletes de confecção das vasilhas, sem pressionar e alisar a superfície externa.

**Ungulado:** decoração que consiste em imprimir na superfície ainda úmida da cerâmica, com a ponta das unhas, marcas agrupadas em sentido perpendicular, oblíquo ou transversal à borda da vasilha.

No que se refere aos atributos morfológicos, cada fragmento foi classificado segundo sua posição no vasilhame (base, corpo, pescoço, ombro, borda, apêndice-asa/alça ou tampa), com registro das diferentes dimensões.

Como salientado anteriormente, um dos objetivos da análise cerâmica foi a definição de uma tipologia das formas dos vasilhames (repertório de formas), elaborada inicialmente para cada sítio resgatado, e num segundo momento, para todos os sítios arqueológicos da rodovia. Para isto, foram selecionados para desenho os fragmentos cerâmicos cuja morfologia permitiu a reconstituição direta ou a inferência da forma do vasilhame, tais como bordas, bases e fragmentos de corpo com inflexão. Para a reconstituição gráfica da forma do vasilhame a partir do fragmento de borda, foram utilizados somente aqueles cuja relação entre morfologia e dimensões possibilitou uma confiabilidade mínima na reconstituição do contorno do vasilhame.

As novas informações fornecidas pelas reconstituições gráficas foram inseridas no banco de dados, como o tipo do contorno do vasilhame (simples, infletido, composto, complexo), as dimensões do vasilhame reconstituído (altura, diâmetro da boca e do bojo), o volume e a classificação de sua forma.

A definição do repertório de formas dos vasilhames provenientes

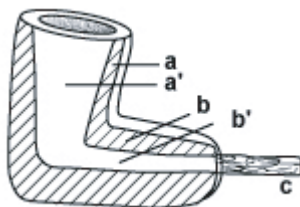
<sup>1</sup> Adaptado de Chmyz et al., Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. Cadernos de Arqueologia, 1, UFPR, Paranaguá, 1976.

dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto foi resultado de um processo de análise do conjunto de reconstituições gráficas da cada sítio, num primeiro momento, e, posteriormente, de todos os sítios. O refinamento desta tipologia foi um processo contínuo, acompanhando o avanço das análises, sendo que a classificação definitiva dos tipos de forma ocorreu apenas com o término das análises do material cerâmico de todos os sítios arqueológicos.

#### Análise dos cachimbos de barro

Os cachimbos de barro coletados nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto foram submetidos à análise tecnopológica específica devido ao interesse diagnóstico dessas peças.

A terminologia e a tipologia empregadas basearam-se em Serrano (1937) e Becker & Schmitz (1969).



As partes constituintes dos cachimbos (ver figura ao lado) são: a) corpo do forninho; a') forninho; b) porta-boquilha; b') chaminé; c) boquilha.

De acordo com Serrano (1937, p. 29), “fornilho é a cavidade em forma de funil que recebe o tabaco: chaminé, o canal por onde passa a fumaça. É conveniente distinguir sempre ‘fornilho’ e ‘corpo do fornilho’. A boquilha é quase sempre postiza e constituída por um canudo”.

A tipologia usualmente empregada no Brasil na classificação dos cachimbos, é de autoria de Serrano (1937), ligeiramente adaptada por Becker & Schmitz (1969), a saber:

Tipo	Subtipo	Variedade
Tubular	Cônico	Reto Curvo
	Tronco-cônico	Reto Curvo
	Piriforme	
Fornilho		
Monitor		
Angular	de porta-boquilha curta de porta-boquilha longa em casco de navio	

## 2. Características da Cerâmica Histórica

### 2.1. Aspectos Tecnológicos

A cerâmica histórica dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto apresentou pouca variação tecnológica, tanto intra-sítio como entre os diferentes sítios. Em todos os sítios, predomina a cerâmica confeccionada através da técnica de acordelamento (superposição de roletes), ocorrendo poucos exemplares de cerâmica confeccionada com emprego de torno cerâmico (roda de torno), apenas por modelagem (à mão livre), ou moldada (emprego de molde).

A cerâmica acordelada caracteriza-se pela pasta com antiplástico mineral de granulometria média (grãos de quartzo entre 1 e 3mm) a grossa (entre 3 e 5mm). Ocorre em baixa frequência a presença de elementos não minerais adicionados à pasta, como carvão e cerâmica triturada. A queima incompleta é a mais frequente, indicando pouco controle do processo de queima da cerâmica. A espessura média registrada nos fragmentos é de 1cm.

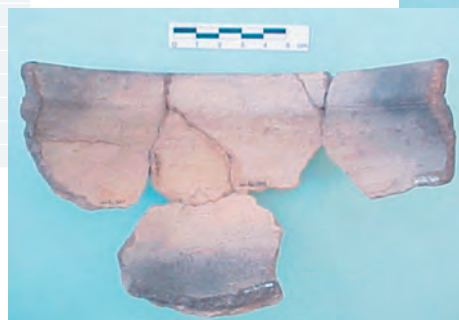


Cerâmica acordelada: antiplástico mineral (quartzo) e queima incompleta (Sítio Taubaté 1)

Os tipos de acabamento de superfície registrados para a cerâmica acordelada foram: alisamento simples, alisamento com presença de engobo (face interna, face externa, ambas as faces), presença de decoração, que pode ser plástica (técnica que modifica a superfície da cerâmica), associada ou não à presença de engobo, ou decoração pintada.



Cerâmica acordelada: alisamento simples com marcas de queima em ambas as faces (Sítio Jacareí 1)





Cerâmica acordelada simples com engobo vermelho na face externa (esq) e face interna (dir). Sítio Taubaté 1.



Cerâmica acordelada com decoração plástica simples do tipo escovado (esq Sítio Taubaté 1) e inciso (dir Sítio Jacareí 2)

O restante da cerâmica foi agrupado em uma categoria denominada “cerâmica leve” para efeito de análise estatística, uma vez que, apesar de pouco representativa em termos quantitativos, é significativa para a compreensão da cultura material presente nos sítios arqueológicos.

A cerâmica leve consiste num tipo de cerâmica manufaturada com técnica mais elaborada, indicando um nível mais elevado de padronização na confecção dos vasilhames, podendo ser torneada, moldada ou até mesmo acordelada. Caracteriza-se pela presença de pasta com antiplástico de granulometria bastante fina (até 1mm), com queima completa, coloração bege claro, com espessura da parede normalmente delgada.



Cerâmica leve: queima completa e estrias de torno na face interna (Sítio Jacareí 2 - nº 2621)



Cerâmica leve: coloração bege clara, pasta com antiplástico de textura fina (Sítio Caçapava 3)



Cerâmica acordelada com decoração plástica: aplicação de filete digitado (esq) e corrugado (dir) (Sítio Taubaté 1)



Cerâmica leve: decoração moldada no lábio (Sítio Jacareí 2 - nº 635)

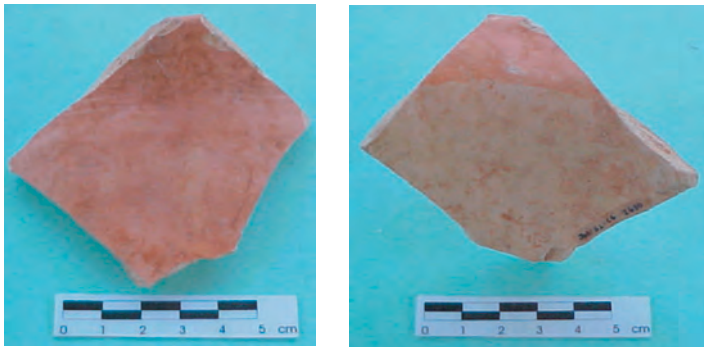


Cerâmica acordelada com decoração plástica: múltipla (roletado+inciso+digitado) à esq., e simples (espatulado) à dir (Sítio Taubaté 1)

O acabamento de superfície que predomina na cerâmica leve é o alisamento, podendo apresentar engobo, ocorrendo também decoração plástica e pintura. As características tecnológicas desta cerâmica, indicam um maior controle na seleção da matéria-prima, na utilização da técnica de confecção e no processo de queima, indicando a possibilidade manufatura especializada, em maior escala e, talvez, de comercialização destes artefatos.

## 2.2. Tipos Decorativos

Os sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto apresentaram uma variedade significativa de tipos decorativos, sendo que a decoração escovada predomina em todos os sítios, seguida da decoração incisa. Os outros tipos decorativos aparecem em pequeno percentual nos diferentes sítios.



Cerâmica leve: borda apresentando engobo vermelho na face externa (esq) e faixa pintada na face interna (dir). Sítio Jacareí 2 – nº 2630.



Decoração do tipo carimbado (Ca1)



Cerâmica leve: pintura vermelha sobre engobo branco na face externa(esq) e engobo vermelho na face interna (Sítio Jacareí 2 – nº 796)



Decoração do tipo corrugado (Ja2)



Cerâmica leve : decoração múltipla - incisos e apliques modelados (Sítio Jacareí 2 – nº 493)



Decoração do tipo corrugado longitudinal (Ca1)



Decoração do tipo escovado inter cruzado ou assimétrico (Ja2)



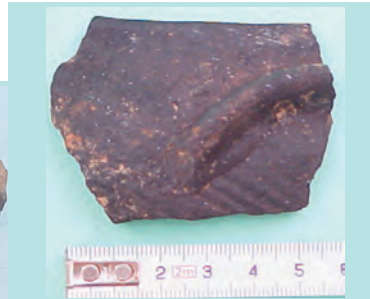
Decoração do tipo escovado oblíquo (Ca2)



Decoração do tipo filete aplicado espatulado (Ta1)



Decoração do tipo escovado assimétrico e apêndice em forma de asa convexa (Ta1)



Decoração do tipo escovado oblíquo apresentando e apêndice em forma de asa convexa (Ca2)



Decoração do tipo inciso linear duplo retilíneo inter cruzado (Ja2)



Decoração múltipla: inciso retilíneo perpendicular sobre roletado, escovado longitudinal (corpo), apêndice em forma de asa retilínea com decoração do tipo digitado (Ta1)



Decoração do tipo com decoração do tipo espatulado perpendicular (Ta1).



Decoração do tipo digitado, à esquerda digitado sobre o lábio, à direita filete digitado aplicado sobre a borda (Ja2).



Decoração do tipo ponteados em círculo vazado (Ta1)



Decoração do tipo filete aplicado digitado (Ja2)



Decoração tipo digitado imbricado (Ca1)



Decoração múltipla: escovado, aplicado e unglado (Ca1)



Decoração do tipo filete aplicado digitado sobre a borda, associada a alça convexa (Ja2)



Decoração combinada dupla do tipo corrugado e unglado em barra (Ja1)



Decoração do tipo digitungulado (Ca2)



Decoração do tipo estocado (Ca2)



Decoração do tipo unglado (Ca1)

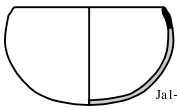
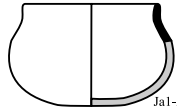
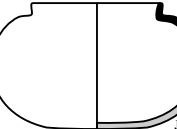
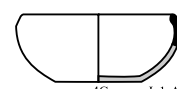
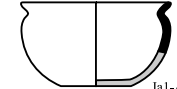
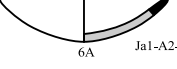
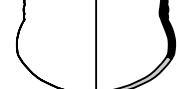
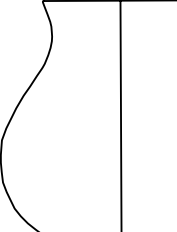
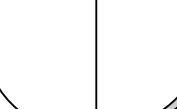
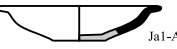

### 2.3. Repertório de Formas

A cerâmica histórica dos sítios da Rodovia Carvalho Pinto, apresentou grande variação morfológica, intra-sítio e entre os diferentes sítios, o que trouxe algumas dificuldades para o trabalho de reconstituição das formas a partir dos fragmentos diagnósticos. Diante disso, foram utilizados nas reconstituições das formas apenas os fragmentos de borda que indicaram, com um mínimo de segurança, o perfil do vasilhame.

Assumiu-se a presença de bases planas diante da baixa frequência de bases convexas no conjunto dos sítios (Sítio Jacaré 1 e Taubaté 1), ou mesmo de sua inexistência (Sítio Jacaré 2).

A análise dos atributos formais referentes ao material cerâmico dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto permitiu a classificação dos vasilhames em onze grupos: formas 1 a 11. Algumas das formas foram divididas em subgrupos (A e B) para indicar variações significativas dentro do conjunto de vasilhames da forma em questão, mas que não foram consideradas suficientes para constituir outro tipo.

Na tabela a seguir pode ser observada a representação gráfica de cada forma e sua descrição, incluindo a variação volumétrica.

Rodovia Carvalho Pinto - Repertório de Formas da Cerâmica		
	Descrição	Sítios
Forma 1	 Ja1-A4-144	Vasilha esférica de contorno simples; boca constricta; borda direta inclinada interna; lábio arredondado ou apontado; base plana. O volume varia entre 0,129 e 7,99 litros. Ca1 Ja1 Ta1
Forma 2	 Ja1-A2-475	Vasilha esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida; lábio arredondado ou apontado; base plana. O volume varia entre 0,863 e 9,65 litros. Ca1 Ca2 Ja1 Ja2 Ta1
Forma 3	 Ja1-A2-356	Vasilha esférica de contorno composto; boca constricta; borda extrovertida com ponto angular; lábio apontado; base plana. O volume do único exemplar desta forma é de 5,18 litros. Ja1
Forma 4	 4C Ja1-A2-208	Vasilha semi-esférica de contorno simples; podendo apresentar boca aberta (4A), vertical (4B) ou constricta (4C); lábio arredondado, apontado ou plano; base plana; podendo apresentar apêndice em forma de asa. O volume varia entre 0,005 e 9,743 litros. Ca1 Ca2 Ja1 Ja2 Ta1
Forma 5	 Ja1-A2-280	Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca constricta; borda levemente extrovertida ou direta vertical; lábio arredondado, plano ou apontado; base plana; podendo apresentar apêndice em forma de asa. O volume varia entre 0,415 e 5,58 litros. Ca1 Ja1 Ja2 Ta1
Forma 6	 6A Ja1-A2-322	Vasilha em forma de calota de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa (6A) ou direta vertical (6B); lábio apontado ou plano; base plana. O volume varia entre 0,118 e 9,989 litros. Ca1 Ja1 Ja2 Ta1
Forma 7	 Ta1-177	Vasilha esférica de contorno composto, boca constricta, borda direta vertical delineando pescoço retilíneo, lábio arredondado; base plana, podendo apresentar apêndice em forma de asa. O volume varia entre 0,810 e 3,56. Ja2 Ta1
Forma 8	 Ta1-436	Vasilha esférica ou ovóide de contorno infletido; boca aberta; pescoço côncavo; borda direta inclinada externa ou extrovertida; lábio arredondado ou apontado; base plana. O volume varia entre 4,34 e 5,17 litros. Ta1
Forma 9	 Ja1-292/301	Vasilha esférica de contorno complexo, boca constricta, borda direta inclinada interna ou levemente extrovertida, corpo carenado, lábio arredondado ou digitado, base plana, podendo apresentar apêndice em forma de asa. O volume varia entre 3,7 e 6,05 litros. Ca1 Ja1
Forma 10	 Ja1-A2-338	Vasilha em forma de calota de contorno complexo; boca aberta; borda extrovertida com ponto angular; lábio arredondado; base plana (prato com caldeira). O volume do único exemplar é 0,51 litros. Ja1
Forma 11	 Ta1-765-766	Placa circular, podendo apresentar decoração digitada na periferia da peça. Algumas delas poderiam constituir tampas de vasilhames. Ta1

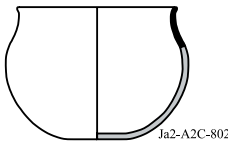
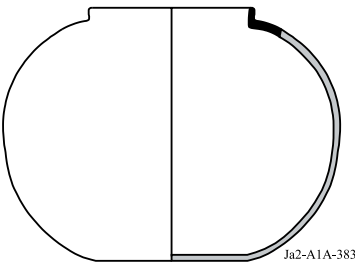
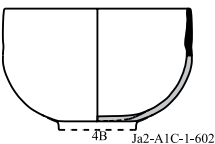
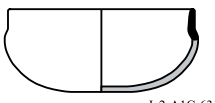
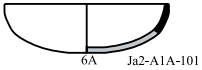
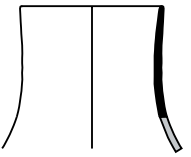
escala 0 2 4 6 cm

O repertório de formas dos vasilhames acordelados da Rodovia Carvalho Pinto foi elaborado a partir da reconstituição gráfica de 247 vasilhames.

Forma	Número vasilhames	%
1	50	20,24
2	18	7,28
3	1	0,40
4	93	37,65
5	30	12,14
6	45	18,21
7	3	1,21
8	2	0,80
9	2	0,80
10	1	0,40
11	2	0,80
<b>Total</b>	<b>247</b>	<b>100%</b>

Como se pode observar na tabela acima, a Forma 4 predomina com 37,6% dos vasilhames reconstituídos, seguida da Forma 1 com 20,24%, da Forma 6 com 18,21% e da Forma 5 com 12,14%. As demais formas ocorrem em baixa frequência.

O repertório das formas da cerâmica leve foi elaborado com base nas reconstituições de vasilhames dos sítios Jacareí 2 e Taubaté 1. Como já salientado anteriormente, esta cerâmica ocorre em baixa frequência, mas constitui um elemento importante da cultura material destes sítios.

Rodovia Carvalho Pinto - Repertório de Formas da Cerâmica Leve		
	Descrição	Sítios
Forma 2	 <p>Vasilha esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida; lábio apontado ou plano; base plana ou em pedestal. O volume varia entre 0,62 e 0,96 litros.</p>	Ja2 Ta1
Forma 3	 <p>Vasilha esférica de contorno composto; boca constricta; borda extrovertida com ponto angular; lábio apontado; base plana ou em pedestal. O volume do único exemplar desta forma é de 6,37 litros.</p>	Ja2
Forma 4	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno simples; podendo apresentar borda direta inclinada externa (4A) ou vertical (4B); lábio arredondado ou plano; base plana ou em pedestal. O volume varia entre 0,17 e 1,02 litros.</p>	Ja2 Ta1
Forma 5	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca constricta; borda levemente extrovertida ou direta vertical; lábio arredondado ou plano; base plana ou em pedestal. O volume varia entre 0,39 e 0,67 litros</p>	Ja2 Ta1
Forma 6	 <p>Vasilha em forma de calota de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa (6A); lábio plano; base plana. O volume do único exemplar é 0,25 litros</p>	Ja2
Forma 8	 <p>Vasilha de contorno infletido; boca aberta; borda levemente extrovertida delineando pescoço retilíneo longo; lábio apontado; base provavelmente plana. O volume não foi calculado, em função da impossibilidade de reconstituição do bojo.</p>	Ta1

escala 0 2 4 6 cm



O repertório das formas da cerâmica leve foi elaborado a partir da reconstituição de 13 vasilhames. Como se pode observar na tabela a seguir, a Forma 4 predomina entre os vasilhames de cerâmica leve (46,1%), seguida das Formas 2 e 5, com 15,3% cada uma. Não foi registrada para a cerâmica leve a aplicação de apêndices em forma de asa, mas ocorrem apêndices em forma de alça.

Forma	Número vasilhames	%
2	2	15,38
3	1	7,69
4	6	46,15
5	2	15,38
6	1	7,69
8	1	7,69
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Interessante observar que a Forma 4 (vasilha semi-esférica de contorno simples) predomina tanto no conjunto dos vasilhames acordelados quanto no conjunto de cerâmica leve.

Foram reconstituídas onze formas para os vasilhames, que apresentaram uma grande variação volumétrica, o que não permite uma correlação direta da forma com a função do vasilhame. Entretanto, buscou-se inferir algumas possibilidades de utilização dos vasilhames a partir das formas reconstituídas, com base em autores que tratam da problemática da definição de função primária ou uso dos vasilhames cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas (Ericson et al.,1971; Henrickson & McDonald, 1983; Rice, 1987).

Importante ressaltar que são hipóteses de utilização a partir de atributos exclusivamente morfológicos (forma e volume), não tendo sido realizadas análises para definir uso diretamente a partir de resíduos, nem mesmo análise detalhada de características tecnológicas (porosidade, resistência térmica, tratamento de superfície, etc), ou uma correlação entre as formas e os padrões decorativos. Parte-se do pressuposto de que a análise da forma e do tamanho dos vasilhames, mesmo não definindo o uso específico, permite atingir classes funcionais gerais para os vasilhames (Henrickson & McDonald, 1983).

Inicialmente, deve-se considerar que uma mesma forma poderia ser utilizada para diferentes funções e, ainda, que o mesmo vasilhame poderia ter múltiplos usos ou funções (Rice, 1987: 209).

As principais funções dos vasilhames cerâmicos utilitários podem ser resumidas em: armazenamento, processamento (cocção e preparo de alimentos), serviço e/ou consumo, e transporte.

As formas de vasilhames definidas para os sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto poderiam associados às seguintes categorias funcionais (adaptado de Rice,1987):

Categoria Funcional	Características morfológicas	Forma
Armazenagem	Formas restritas, boca modificada para verter (borda extrovertida, pescoço) Apêndices	Forma 3 Forma 7 Forma 8
Cocção	Vasilhames arredondados, cônicos, ou globulares Ausência de ângulos Boca não restrita (assar, tostar) Boca constricta para líquidos (ferver)	Forma 1 Forma 2 Forma 4 C Forma 5 Forma 6 A e B Forma 11
Preparo de alimentos (a frio)	Formas abertas Contorno simples	Forma 4 A Forma 6 A e B
Serviço Consumo	Formas abertas para fácil acesso Apêndices frequentes Bases planas ou suportes (estabilidade)	Forma 1 Forma 4 A, B, C Forma 6 A e B Forma 8 Forma 9 Forma 10
Transporte	Apêndices Baixo peso Boca constricta Permite empilhamento	Nenhuma forma diretamente relacionada ao transporte de longa distância

Uma das maneiras sugeridas para se distinguir funções de uma mesma forma é considerar o volume. Vasilhames, da mesma forma, destinados ao processamento de alimentos possuem volumes geralmente maiores do que aqueles destinados ao serviço e consumo. Vasilhames com pequenos volumes (em torno de 0,5 litros) estão geralmente relacionados ao consumo individual ou ao armazenamento substâncias como condimentos e corantes. Vasilhames com grandes volumes (acima de 6 litros) relacionam-se ao armazenamento de substâncias (secas ou líquidas).

#### 2.4. Os cachimbos de barro

No conjunto de cachimbos da Rodovia Carvalho Pinto, foram registrados cachimbos modelados e moldados.

Quanto à morfologia, ocorrem os tipos forninho e angular. Os de tipo forninho compreendem aqueles constituídos simplesmente por um forninho, dotado de um orifício lateral para a boquilha. Os cachimbos de tipo angular são aqueles em que o forninho e o porta-boquilha formam um ângulo reto.

Foram registrados dezessete cachimbos nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, todos fragmentados, a saber: doze no Sítio Jacareí 1, dois no Sítio Caçapava 2 e três no Sítio Taubaté 1, que serão apresentados, a seguir, com a análise do conjunto do material cerâmico, por sítio.

### 3.1. A Cerâmica do Sítio Caçapava 1

A análise da cerâmica histórica e indígena do Sítio Caçapava 1 foi realizada na primeira fase dos estudos, anteriormente à interrupção dos trabalhos de laboratório, em 1994. Na retomada dos trabalhos de laboratório, em 2001, foi realizada uma revisão das análises produzidas anteriormente e uma re-adequação para permitir a comparação dos resultados com os demais sítios da Rodovia Carvalho Pinto.

A primeira iniciativa foi a separação das fichas de análise do material cerâmico histórico do indígena. Após esta triagem, buscou-se a elaboração de uma tipologia das formas dos vasilhames a partir dos desenhos já elaborados, descartando-se as formas definidas anteriormente a partir de fragmentos de dimensões muito reduzidas.

O material cerâmico histórico do Sítio Caçapava 1 provém de cinco áreas, que agrupam diferentes setores de escavação, como se pode observar na tabela a seguir:

Área	Setores de escavação
Área 1	1, 2, 3, 4, 5 e 6
Área 2	11, 12, 15, 16, 20, 21 e 22
Área 3	7, 8 e 29
Área 4	23, 24, 25 e 26
Área 5	27 e 28

Foram analisados 375 fragmentos diagnósticos, sendo que a Área 1 apresentou a maior quantidade de material, representando 69,33% do total analisado, seguida da Área 3 (14,13%). As outras áreas apresentaram quantidade reduzida de material cerâmico histórico, tendo sido registrado 12% do material sem informação exata de procedência.

Sítio Caçapava 1: distribuição da cerâmica por setor		
Área	Nº de fragmentos	%
Área 1	260	69,33
Área 2	11	2,93
Área 3	53	14,13
Área 4	4	1,07
Área 5	2	0,53
Sem informação procedência	45	12,00
<b>Total</b>	<b>375</b>	<b>100%</b>

#### 3.1.1. Aspectos tecnológicos

A totalidade da cerâmica histórica do Sítio Caçapava 1 é confeccionada com o emprego da técnica de acordelamento, não ocorrendo fragmentos torneados.

Sítio Caçapava 1: técnica de confecção da indústria cerâmica			
Área	Total de fragmentos	Acordelamento	
		Nº	%
Área 1	260	260	69,33
Área 2	11	11	2,93
Área 3	53	53	14,13
Área 4	4	4	1,07
Área 5	2	2	0,53
Sem procedência	45	45	12,00
<b>Total</b>	<b>375</b>	<b>375</b>	<b>100,00</b>

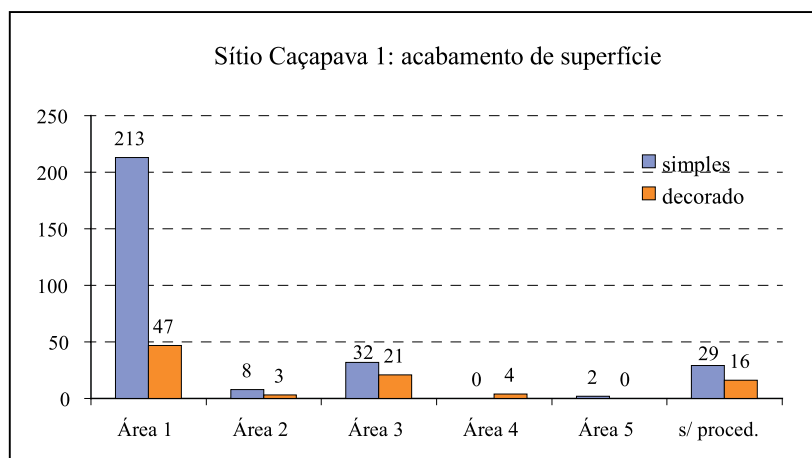
Na composição da pasta foi registrado antiplástico mineral em 97,3% dos fragmentos, ocorrendo raramente adição de carvão ou de cerâmica triturada como antiplástico.

Sítio Caçapava 1: composição do antiplástico					
Área	Nº de fragmentos	Mineral	Mineral +carvão	Mineral +cerâmica	Mineral + carvão + cerâmica
Área 1	260	99,23	0,00	0,00	0,77
Área 2	11	100,00	0,00	0,00	0,00
Área 3	53	96,23	1,89	0,00	1,89
Área 4	4	100,00	0,00	0,00	0,00
Área 5	2	100,00	0,00	0,00	0,00
S/ proc	45	86,67	0,00	4,44	8,89
<b>Total</b>	<b>375</b>	<b>97,33</b>	<b>0,27</b>	<b>0,53</b>	<b>1,87</b>

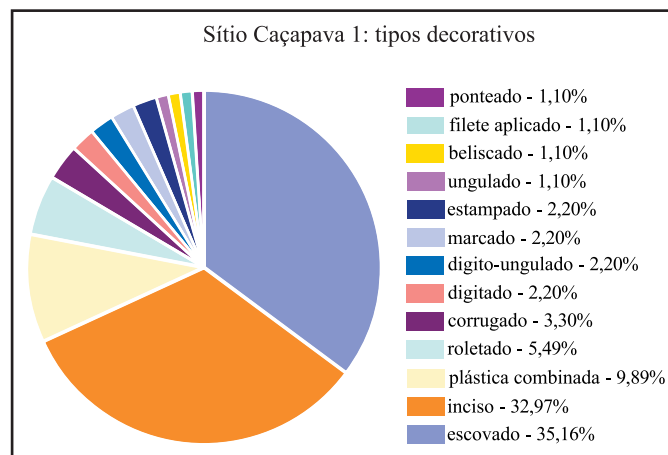
A espessura do antiplástico, medida a partir das dimensões do maior grão de quartzo observado no fragmento, foi registrada entre 1mm e 3mm em 71,7% dos casos, e entre 3mm e 5mm em 17%. A coloração da pasta predominante é preta ou cinza em 71,2% dos fragmentos analisados.

Sítio Caçapava 1: espessura do antiplástico e cor da pasta									
Área	Nº de fragmentos	Espessura do antiplástico (mm)					Cor da pasta		
		<1	>=1<3	>=3<5	>5	S/inf	Bege/ocre	Preto/cinza	S/inf.
Área 1	260	2,69	73,85	17,69	2,31	3,46	25,00	71,15	3,85
Área 2	11	9,09	54,55	18,18	9,09	9,09	18,18	81,82	0,00
Área 3	53	3,77	69,81	18,87	3,77	3,77	24,53	73,58	1,89
Área 4	4	0,00	75,00	0,00	25,0	0,00	50,00	50,00	0,00
Área 5	2	0,00	50,00	50,00	0,00	0,00	50,00	50,00	0,00
S/ proc	45	8,89	66,67	11,11	4,44	8,89	26,67	68,89	4,44
<b>Total</b>	<b>375</b>	<b>3,73</b>	<b>71,73</b>	<b>17,07</b>	<b>3,20</b>	<b>4,27</b>	<b>25,33</b>	<b>71,20</b>	<b>3,47</b>

No que se refere à técnica de acabamento da cerâmica, observou-se que a maioria dos fragmentos recebeu apenas alisamento (cerâmica simples), representando 73% dos casos. A decoração plástica ocorre em 24% dos fragmentos.



Foram registrados poucos casos de alisamento associado à aplicação de engobo (2,6% dos fragmentos) ou de decoração plástica associada a engobo (0,2%), como se pode observar na tabela a seguir.



Sítio Caçapava 1: técnica de acabamento da cerâmica														
Técnica de acabamento	Área 1		Área 2		Área 3		Área 4		Área 5		S/ proc		Total / tipo	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alisamento	206	79,2	8	72,7	30	56,6	---	0,0	2	100	28	62,2	274	73,0
Alisamento + engobo	7	2,6	---	0,00	2	3,7	---	0,0	---	0,0	1	2,2	10	2,6
Decoração plástica	47	18,0	3	27,2	20	37,7	4	100	---	0,0	16	35,5	90	24,0
Decoração plást+engobo	---	0,0	---	0,0	1	1,8	---	0,00	---	0,0	---	0,0	1	0,2
<b>Total / área</b>	<b>260</b>		<b>11</b>		<b>53</b>		<b>4</b>		<b>2</b>		<b>45</b>		<b>375</b>	

### 3.1.2. Tipos Decorativos

No que se refere aos padrões decorativos da cerâmica histórica do Sítio Caçapava 1, observou-se que predomina a decoração plástica do tipo escovado (35,1%), ao lado da decoração do tipo inciso (32,9%). A combinação de tipos decorativos ocorre em 9,89% dos fragmentos decorados. Os demais tipos decorativos apresentam-se em frequência reduzida: roletado, com 5,49%; corrugado, com 3,3%; digitado, digitungulado, estampado e marcado com malha, com 2,2% cada; beliscado, filete aplicado, ponteado e unulado, com 1,1% cada.

Na decoração do tipo escovado predomina a orientação longitudinal (40,6% dos fragmentos escovados) seguida da orientação oblíqua (31,2%), inter cruzada (18,7%) e raramente perpendicular (9,38%). Nos fragmentos com decoração do tipo inciso

predomina o subtipo inciso em barra retilíneo, com 46,6%, seguido do subtipo inciso linear simples retilíneo (40%) e do inciso linear duplo (13,3%), que pode ser retilíneo ou curvilíneo.

A decoração plástica combinada dupla associa elementos decorativos do tipo inciso (diferentes padrões), do tipo inciso combinado com outros tipos de decoração plástica como corrugado, estocado em barra, ponteado ou unulado, ou, ainda, associa o tipo escovado com digitado, ou o tipo corrugado com unulado.

Tipo decorativo	Sub-tipo	Área 1	Área 2	Área 3	Área 4	Área 5	S/ proced.	T o t a l	% do sub-tipo (*)	T o t a l	% sobre total (**)
Escovado	intercruzado	4			1		1	6	18,75	32	35,16
	longitudinal	4	1	5			3	13	40,63		
	oblíquo	6	2				2	10	31,25		
	perpendicular	2					1	3	9,38		
Inciso linear simples	retilíneo	6	1	5				12	40,00	30	32,97
Inciso linear duplo	curvilíneo	1						1	3,33		
	retilíneo			1			2	3	10,00		
Inciso em barra	retilíneo	10		2	1		1	14	46,66		
decoração combinada		6		1	1		1	9	9,89		
corrugado		1		1			1	3	3,30		
digitado		1					1	2	2,20		
dígitungulado		1		1				2	2,20		
carimbado				2				2	2,20		
beliscado					1			1	1,10		
marcado com malha		2						2	2,20		
roletado		2	1	1			1	5	5,49		
filete aplicado	digitungulado	1						1	1,10		
ponteadado		1						1	1,10		
ungulado							1	1	1,10		
<b>Total</b>		<b>47</b>	<b>5</b>	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>16</b>	<b>91</b>	<b>100</b>		
% decorados por Setor		51,6	5,49	20,8	4,4	0,0	17,5				

(\*) % do subtipo sobre o total de fragmentos do tipo decorativo

(\*\*) % sobre o total de fragmentos decorados do Sítio Caçapava 1



Sítio Caçapava 1: decoração do tipo escovado inter cruzado (n° 94 esq. 90 dir)



Sítio Caçapava 1: decoração do tipo inciso linear triplo (n° 203 esq 200 dir.)



Sítio Caçapava 1: cerâmica com engobo vermelho (n° 758 esq. e 324 e 325 dir)



Sítio Caçapava 1: decoração do tipo inciso triplo retilíneo e curvilíneo (n° 204)



Sítio Caçapava 1: decoração do tipo inciso em barra convergente (n° 201)



Sítio Caçapava 1: decoração do tipo carimbado (n° 195)



Sítio Caçapava 1: decoração combinado múltipla: escovado, ungulado e aplicado (n° 147)

### 3.1.3. Aspectos Morfológicos

O principal objetivo da análise dos atributos morfológicos dos fragmentos cerâmicos foi a identificação da forma dos vasilhames e posterior elaboração de um repertório de formas (tipologia) para cada sítio arqueológico.

Desta forma, as categorias reconhecidas no conjunto do material cerâmico do Sítio Caçapava 1 serão apresentadas de forma esquemática na tabela a seguir, ressaltando-se no texto os atributos que contribuíram significativamente para reconstituição das formas dos vasilhames.

No Sítio Caçapava 1 foram registrados poucos fragmentos de apêndice modelados em forma de alça (1 exemplar) e de asa (2 exemplares), indicando ser pouco freqüente a aplicação destes apêndices no corpo dos vasilhames. Poucos fragmentos indicaram vasilhames diferenciados, tendo sido observado apenas um fragmento de tampa.



Sítio Caçapava 1: decoração do tipo ungulado  
(n° 149 esq. e 278 dir.)



Sítio Caçapava 1:  
decoração do tipo digitado  
imbricado (n° 150)



Sítio Caçapava 1: decoração do tipo  
corrugado longitudinal (n° 185 )



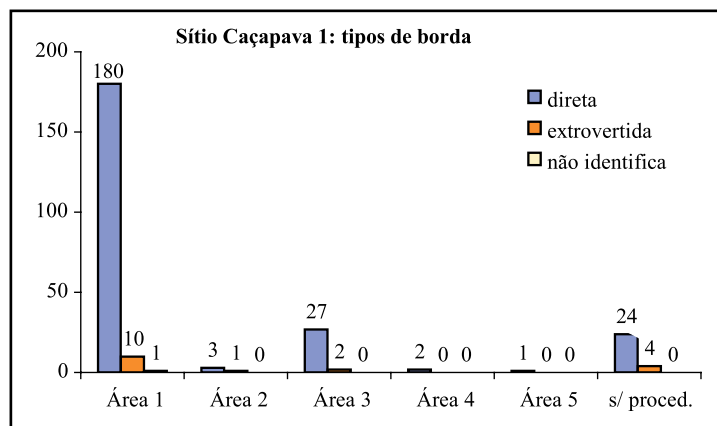
Sítio Caçapava 1: decoração do tipo carimbado  
(n° 198 esq. e 197 dir.)

Sítio Caçapava 1: tipos de fragmentos

Tipo / Subtipo	Área 1				Área 2				Área 3				Área 4				Área 5				S/ proc				Total										
	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D									
OMB R O P E S C O C O	carenado			0			0			1	1				0			0			0			0	1										
	Subtotal			0	0		0		0	1		1		0	0		0		0		0		0		0	1									
A S A T A M P A	Côncavo			27		27		5	1	6		4	3	7				1		1		3	1	4	40	5									
	côncavo longo					0	27	1		1	7			0	7			0		0	1			0	4	1	0								
	Subtotal			27	0			6	1			4	3			0	0		1		0		3	1		41	5								
A L C A	dupla cilíndrica					0				0		1		1				0		0				0	1	0									
	Subtotal			0	0			0	0		0	1	0		1		0		0		0		0		0	1	0								
A S A	simples convexa			1		1				0		1		1				0		0				0	2	0									
	Subtotal			1	0		1	0	0		0	1	0		1	0		0		0		0		0	2	0									
T A M P A	Interna			1		1				0				0				0		0				0	1	0									
	Subtotal			1	0		1	0	0		0	0		0	0		0		0		0		0		1	0									
B A S E	Convexa					0				0		1		1				0		0				0	1	0									
	Plana					0	0			0	0			0	1			0	0	0	0	1		1	1	1	0								
	Subtotal			0	0			0	0		0	1	0		0	0		0		0		1	0		2	0									
B O R D A	Dir inc ext			43	7	50	191	1	0	1	4	4	3	7	29		2	2	2	1	0	1	1	9		9	28	58	12						
	inc int di			53		53			1	1			6	1		7				0										4	2	6		63	4
	direta vertical			60	3	63			1	1			9			9				0										5	2	7		75	5
	direta n id.			14		14				0			4			4				0										1	1	2		19	1
	não identific			1		1				0						0				0												0		1	0
	extrovertida			5	1	6				1		1		1			1				0									3	1	4		9	3
	ext não id.			4		4				0			1			1				0												0		5	0
	Subtotal			180	11				2	2			25	4				0		2		1		0				22	6				230	25	
C O R P O	Anguloso				2	2	40			0	0			0	13			0	2			0	0			0	12	0	2						
	Côncavo				2	2				0				0				0				0									0		0	0	2
	Retilíneo					0				0				0				0						0				2		2		2		2	0
	Plano			3	8	11				0				6		6				1	1										3	3		3	18
	Convexo			1	24	25				0				1		6	7				1	1									1	6	7	2	37
Subtotal			4	36			0	0		1	12			0	2		0	0			3	9				7	59								
Total simples/decor			213	47			8	3		33	20			0	4		2	0			29	16				285	90								
Total fragmentos			260				11				53				4				2				45				375								

S=simples; D=decorado; st=subtotal; T=total

Foram analisados 225 fragmentos de borda de vasilhames, registrando-se uma alta frequência de bordas diretas (92,9%), seguida de bordas extrovertidas (6,6%). Das bordas diretas, 33,7% são verticais, 29,5% são inclinadas externas, 28,2% são diretas inclinadas internas e 8,4% não permitiram a aferição da inclinação.



Observando-se o gráfico de distribuição dos tipos de borda pelas cinco áreas do Sítio Caçapava 1, percebe-se que há o predomínio absoluto das bordas diretas sobre as extrovertidas, sugerindo que a maior parte dos vasilhames possuísse contorno simples. A possibilidade ocorrência de contorno complexo, sugerida pela alta frequência de bordas diretas verticais, foi descartada diante da baixa frequência de fragmentos de pescoço e de fragmentos de corpo angular (carenas) ou côncavo.

Sítio Caçapava 1 - Repertório de Formas da Cerâmica	
Forma 1	<p>Vasilha esférica de contorno simples, boca constrita, borda direta inclinada interna, lábio arredondado ou apontado, base plana. O diâmetro da boca varia entre 10 e 48cm, e o volume entre 0,12 e 3,77 litros.</p> <p>Cal-338</p>
Forma 2	<p>Vasilha esférica de contorno infletido; boca constrita, borda extrovertida, lábio apontado ou arredondado e base plana. O diâmetro da boca é 12cm e o volume varia entre 0,86 e 1,88 litros.</p> <p>Cal-286</p>
Forma 4	<p>Vasilha semi-esférica de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa ou reforçada interna (4A), direta vertical (4B) ou direta inclinada interna (4C); lábio apontado, arredondado ou plano; base plana. O diâmetro da boca varia entre 10 e 48cm, e o volume entre 0,05 e 6,41 litros.</p> <p>4C Cal-M2-185</p>
Forma 5	<p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca aberta; borda extrovertida; lábio arredondado ou apontado; base plana. O diâmetro da boca varia entre 12 e 36cm, e o volume entre 0,71 e 4,81litros.</p> <p>Cal-58</p>
Forma 6	<p>Vasilha em forma de calota, contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa (6A); lábio arredondado, apontado ou plano; base plana. O diâmetro da boca varia entre 10 e 40cm, e o volume entre 0,11 e 5,03 litros.</p> <p>6A</p>
Forma 9	<p>Vasilha de contorno complexo, boca aberta, borda extrovertida, lábio arredondado; corpo carenado; base plana e apêndice em forma de asa. O diâmetro da boca do único exemplar desta forma é 16,5cm e o volume calculado é de 3,7 litros.</p> <p>Cal-T3-147</p>



O conjunto do material cerâmico do Sítio Caçapava 1 permitiu a reconstituição de seis formas de vasilhames: formas de nº 1, 2, 4, 5, 6 (subtipo A) e 9.

A maioria das formas de vasilhame reconstituídas possui contorno simples e infletido, ocorrendo apenas um caso de vasilhame com contorno complexo (Forma 9). É baixa a frequência de fragmentos côncavos, carenados ou angulares (10% do total de fragmentos de corpo) ou de pescoço (7,2% do total de fragmentos), que poderiam sugerir a existência de um número significativo de contornos compostos ou complexos.

A Forma 9, de contorno complexo, foi reconstituída a partir de grandes fragmentos, o que confere à mesma grande confiabilidade. Foram reconstituídos 155 vasilhames sendo que a Forma 4 predomina com 41,29% dos vasilhames, seguida da Forma 1

com 29,67%, da Forma 6 com 19,35%, da Forma 5 com 7,74%, da Forma 2 com 1,29% e da Forma 9 com apenas 1 vasilhame (0,64%).

Quanto à distribuição das formas dos vasilhames pelas diferentes áreas do Sítio Caçapava 1, observa-se que as Áreas 1 e 3 apresentam a maior variedade de formas e o maior número de reconstituições (135 vasilhames, que correspondem a 87% do total). Na Área 1 ocorrem as Formas 1, 2, 4, 5, e 6 e na Área 3, as Formas 1, 4, 5, 6 e 9.

Na Área 2 ocorrem as Formas 2, 5 e 6 e, na Área 4, as Formas 1 e 4, representando cada uma destas áreas 2,58% das reconstituições. Na Área 5 foram reconstituídos apenas dois exemplares das Formas 5 e 6, representando 1,29% do total das reconstituições de forma dos vasilhames.

FORMA	ÁREA	Nº VASILHA	ACABAMENTO		TIPO DECORATIVO	BORDA	DIÂMETRO BOCA	VOLUME (litros)	ESPESSURA (mm)
			SIM	DEC					
1	1	40	40			DII DM	10 a 48	0,129 a 3,775	5 a 18
	3	3	3			DII	12 a 28		5 a 13
	4	3	3			DII	14 a 24		6 a 10
2	1	1	1			Ext	12	0,863 a 1,883	5
	2	1	1			Ext	12		6
4	1	53	50	3	Inciso linear simples, em barra, ponteadado, corrugado e ungulado	DIE DII DV	10 a 48	0,050 a 6,414	5 a 6
	3	5	4	1	Inciso linear simples	DIE DII DV	12 a 30		4 a 15
	4	1		1	Inciso em barra	DIE	26		7
	s/p	5	3	2	Escovado e ungulado	DIE DII DV	12 a 30		5 a 14
5	1	4	4		ponteadado	Ext	12 a 24	0,714 a 4,857	5 a 13
	2	2	2			Ext	12 a 15		4 a 5
	3	2	2			Ext	36		10 a 11
	5	1	1			Ext	16		5
	s/p	3	2	1	corrugado	Ext	12 a 28		5 a 10
6	1	24	21	3	Inciso linear simples, duplo, escovado, corrugado, digitungulado	DIE	10 a 34	0,118 a 5,034	5 a 16
	2	1	1			DIE	18		8
	3	2	1	1	Inciso linear simples	DIE	18 a 40		8 a 11
	5	1	1			DIE	30		6
9	s/p	2	2			DIE	22 a 38	3,7	8 a 11
	3	1		1	Escovado e digitado	Ext	16,5		7
Sub total			142	13					
Total			155						

SIM=simples; DEC=decorado; Extr=extrovertida; DII=direta inclinada interna; DIE=direta inclinada externa; DV=direta vertical; RE=reforçada; s/p=sem procedência

### 3.2. A Cerâmica do Sítio Caçapava 2

O material cerâmico histórico proveniente do Sítio Arqueológico Caçapava 2 foi objeto de análise detalhada dos atributos tecnológicos, decorativos e morfológicos. Foram considerados todos os fragmentos cerâmicos diagnósticos coletados, independente de tamanho ou forma.

Do total de 92 fragmentos cerâmicos, puderam ser reconhecidos 78 vasilhames. Foram contabilizados fragmentos de corpo de 67 vasilhames, fragmentos de base de 7 vasilhames e fragmentos de borda de 4 vasilhames, a partir dos quais foi possível reconstituir a forma de apenas dois deles.

#### 3.2.1. Aspectos tecnológicos

No que se refere à tecnologia de produção desta cerâmica, pode-se observar que técnica de confecção predominante é o acordelamento, ocorrendo também cerâmica torneada. Esta última, mais freqüente na Área 2 do Sítio Caçapava 2, apresenta como características principais a pasta de cor bege claro com queima completa e o antiplástico de textura fina.

#### Sítio Caçapava 2: técnica de confecção da indústria cerâmica

Setor	Total de vasilhames	Acordelamento		Torno	
		Nº	%	Nº	%
Área 1	61	59	96,7%	2	3,3%
Área 2	10	6	60%	4	40%
Procedência indeterminada	7	6	85,7%	1	14,3%
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>71</b>	<b>91%</b>	<b>7</b>	<b>9%</b>

O antiplástico é composto predominantemente por mineral (areia fina a grossa), ocorrendo, também, a utilização de cerâmica triturada.

#### Sítio Caçapava 2: características do antiplástico

Setor	Nº de vasilhames	Mineral	Mineral+cerâmica
Área 1	61	91,8%	8,2%
Área 2	10	90%	10%
Procedência indeterminada	7	100%	0%
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>92,3%</b>	<b>7,7%</b>

O alisamento é a técnica predominante no acabamento da superfície da cerâmica acordelada, observando-se tanto a presença de engobo vermelho como de decoração plástica na face externa. Na cerâmica torneada é freqüente a presença de engobo, tanto vermelho como branco (57% do fragmentos torneados) não ocorrendo decoração plástica.

#### Sítio Caçapava 2: técnica acabamento da cerâmica acordelada e torneada

Setor	Nº de vasilhames	Alisamento	Alisamento + engobo	Decoração plástica
Área 1 (61)	Acordelado	30,5%	8,5%	61%
	Torneado	50%	50%	-----
Área 2 (10)	Acordelado	90%	0%	10%
	Torneado	50%	50%	-----
Procedência indeterminada (7)	Acordelado	50%	0%	50%
	Torneado	0%	100%	-----
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>37,2%</b>	<b>11,5%</b>	<b>51,2%</b>
	78	29	9	40



Sítio Caçapava 2: base em pedestal torneada (Ca2-16)



Sítio Caçapava 2: fragmentos de cerâmica torneada com engobo vermelho na face externa



Sítio Caçapava 2: cerâmica acordelada e torneada (3 frag. esq/abaixo) com engobo vermelho na face externa



Sítio Caçapava 2: cerâmica acordelada com engobo vermelho em ambas as faces (Ca2- 19)

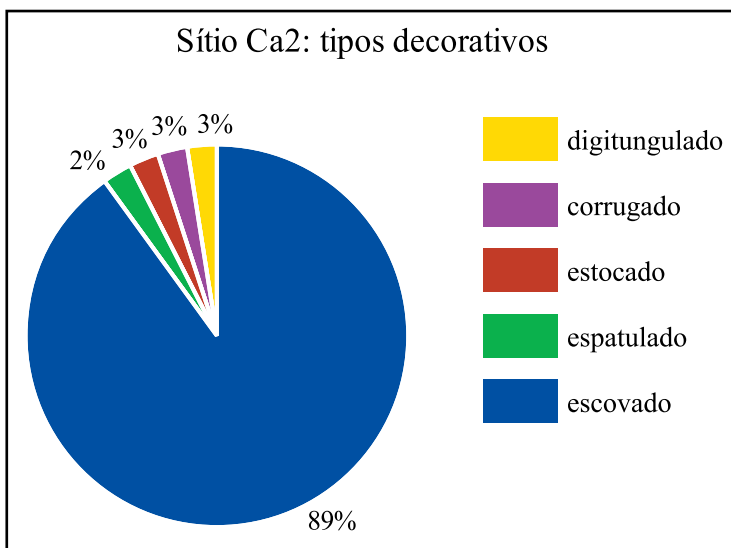
### 3.2.2. Tipos Decorativos

No que se refere aos padrões decorativos, estes estão presentes apenas na cerâmica acordelada do Sítio Caçapava 2, observando-se o predomínio absoluto da decoração escovada.

Os demais tipos decorativos estão pouco representados no conjunto da indústria cerâmica deste sítio, ocorrendo apenas um fragmento com decoração digitungulada, um fragmento com decoração estocada, um fragmento com decoração espatulada, e um fragmento com decoração corrugada.

A Área 1 apresentou a maior frequência e a maior variedade de fragmentos decorados, como se pode observar na tabela a seguir:

Sector	Escovado	Corrugado	Espatulado	Estocado	Digitungulado	Total por Sector
Área 1	32	1	1	1	1	36
Área 2	1	0	0	0	0	1
Procedência indeterminada	3	0	0	0	0	3
<b>Total por tipo</b>	<b>36</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	
<b>Total geral de fragmentos decorados</b>						<b>40</b>



Sítio Caçapava 2 - fragmento com decoração escovada intercruzada



Sítio Caçapava 2 - fragmento com decoração escovada oblíqua.



Os fragmentos com decoração escovada podem apresentar orientação intercruzada (esquerda), oblíqua (dir. acima) ou longitudinal (dir. abaixo).



Sítio Caçapava 2 - fragmento de borda com decoração digitungulada sobre o lábio (Ca2-31)



Sítio Caçapava 2 - fragmento cerâmico com decoração estocada (Ca2-37/38)

### 3.2.3. Aspectos Morfológicos

Quanto aos atributos morfológicos, observou-se a presença somente de bases planas e em pedestal; e de bordas do tipo extrovertida e direta inclinada interna. Somente um fragmento apresentou apêndice em forma de asa convexa.



Sítio Caçapava 2 - fragmento de borda direta, apresentando apêndice em forma de asa convexa, decoração do tipo escovado (Ca2-11), reconstituída como vasilhame semi-esférico, Forma 4C.

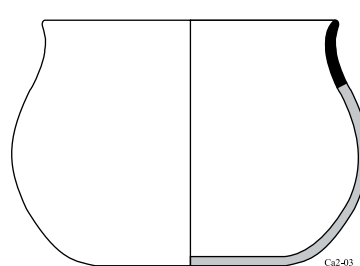
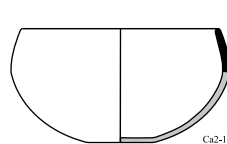
na base da peça e incisão linear simples paralela à boca do porta-boquilha.

Peça Ca 2-2: fragmento de cachimbo angular composto por porta-boquilha curto, de morfologia cônica, seção circular, fundo do forninho cônico. Apresenta decoração em alto relevo formando uma linha de pontos circulares unidos a pequenos traços sinuosos, paralelamente à boca do porta-boquilha, e um ponto circular para o qual convergem quatro traços sinuosos, na base do cachimbo.

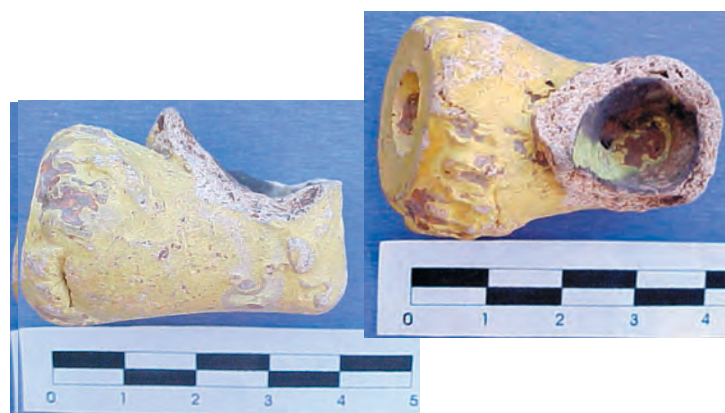


Sítio Caçapava 2: fragmento de cachimbo angular (Ca2-1)

Apesar do reduzido número de fragmentos de borda, a análise dos atributos formais do material cerâmico deste sítio (incluindo fragmentos de bases, de bordas e fragmentos de corpo com inflexão), permitiu a reconstituição de duas formas de vasilhames, cuja representação gráfica e descrição podem ser observadas a seguir.

Sítio Caçapava 2 - Repertório de Formas da Cerâmica	
Forma 2	 <p>Vasilha esférica de contorno infletido; boca constrita com 24cm de diâmetro; borda extrovertida; lábio apontado; base plana. O volume calculado é 9,65 litros, a espessura da parede é 0,9cm e a altura 21cm. (Peça Ca2-03)</p>
Forma 4	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno simples; boca constrita com 16cm de diâmetro; borda direta inclinada interna; lábio arredondado; base plana; apresentando apêndice em forma de asa convexa de seção circular. O volume calculado é 1,45 litros, a espessura da parede é 0,7cm e a altura 10cm. (Peça Ca2-11, Área 1)</p>

escala 0 2 4 6 cm



Sítio Caçapava 2: fragmento de cachimbo angular (Ca2-2)

### 3.3. A cerâmica do Sítio Caçapava 3

O Sítio Caçapava 3 caracteriza-se pela pequena quantidade de material cerâmico, proveniente dos Setores C, D, E. Do total de 27 fragmentos, foram identificados 11 vasilhames. Foram analisados fragmentos de corpo de 4 vasilhames, fragmentos de base plana de 3 vasilhames e fragmentos de borda de 3 vasilhames, e 1 fragmento de morfologia não identificada. As três bordas existentes (2 extrovertidas e 1 direta) não possibilitaram reconstituições de formas e os fragmentos de base forneceram poucas informações devido a suas reduzidas dimensões.

Técnica de confecção	Nº de fragmentos	% fragmentos	Nº de vasilhames	% vasilhames
Acordelamento	6	22,2%	6	54,5%
Torno	21	77,7%	5	45,5%
Total	27	100%	11	100%

Embora o potencial de análise deste sítio seja bastante limitado, restam os atributos tecnológicos e decorativos, capazes de indicar certas tendências de continuidade e mudança da cerâmica histórica, tendo em vista os demais materiais presentes neste sítio e o conjunto da cultura material dos demais sítios da área.

#### 3.3.1. Aspectos tecnológicos

A análise da técnica de produção da cerâmica indicou que 81,4% dos fragmentos (que representam 45,5% dos vasilhames) foram confeccionados com auxílio de torno cerâmico, apresentando estrias de torno bastante visíveis. Os restantes 18,5% (54,5% dos vasilhames) foram confeccionados através da técnica de acordelamento

No que se refere ao uso de antiplástico mineral, observou-se que a cerâmica acordelada apresenta antiplástico com granulometria de média a grossa, enquanto a cerâmica torneada apresenta antiplástico de granulometria bastante fina.

O alisamento é a técnica predominante no acabamento da superfície tanto da cerâmica acordelada quanto da torneada, sendo que o engobo vermelho foi observado em três dos cinco vasilhames torneados (60%), e em dois dos seis vasilhames acordelados (33%).



Sítio Caçapava 3 - fragmentos torneados, com estrias de torno visíveis. À direita, fragmento de cerâmica vidrada (Ca3-03).

### Sítio Caçapava 3: técnica acabamento da cerâmica acordelada e torneada

Ca 3	Nº de vasilhames	Alisamento		Alisamento + engobo		Decoração plástica	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Acordelado 6 fragmentos	6	3	50%	1	16,6%	2	33,4%
Torneado 21 fragmentos	5	2	40%	3	60%	0	0%

#### 3.3.2. Tipos Decorativos

A decoração plástica ocorre apenas em dois vasilhames acordelados. Nos dois casos, observa-se a presença de filete dígito-ungulado aplicado sobre a borda, sendo que num dos casos, está associado à decoração do tipo escovado com orientação oblíqua.



Sítio Caçapava 3 - fragmentos de cerâmica torneada, com pasta de textura fina, pertencentes ao mesmo vasilhame (Ca3-9).

#### 3.3.3. Aspectos Morfológicos

Não foram reconstituídos vasilhames do Sítio Caçapava 3 uma vez que os três fragmentos de borda existentes não possibilitaram a elaboração de desenhos de reconstituição de forma devido a suas dimensões reduzidas e/ou impossibilidade de aferição da inclinação.



Sítio Caçapava 3 - fragmentos de borda com aplicação de filete dígito-ungulado.

### 3.4. A Cerâmica do Sítio Jacaré 1

A indústria cerâmica do Sítio Jacaré 1 foi abordada seguindo os mesmos procedimentos adotados para o Sítio Caçapava 1, com análise individual de todos os fragmentos cerâmicos diagnósticos, enfocando os aspectos tecnológicos, decorativos e morfológicos.

Foram analisados 805 fragmentos provenientes das Áreas 1, 2 e 4, incluindo 3 fragmentos cuja procedência não foi determinada. A Área 2 apresentou o maior número de fragmentos (77,6% do total de fragmentos analisados), seguida da Área 1 e da Área 4.

#### Sítio Jacaré 1: distribuição da cerâmica por setor

Setor	Nº de fragmentos	%
Área 1	146	18,1%
Área 2	625	77,6%
Área 4	31	3,9%
Procedência indeterminada	3	0,4%
<b>Total</b>	<b>805</b>	<b>100%</b>

#### 3.4.1. Aspectos Tecnológicos

A cerâmica confeccionada com utilização da técnica de acordelamento domina a indústria do Sítio Jacaré 1 (99,6%), ocorrendo apenas dois fragmentos confeccionados através do emprego de torno cerâmico. A cerâmica torneada restringe-se a 2 fragmentos de corpo com morfologia convexa, provenientes da Área 2, Setor C, apresentando pasta com antiplástico de granulometria fina (menor de 1mm), não apresentando decoração ou engobo.

#### Sítio Jacaré 1: técnica de confecção da indústria cerâmica

Setor	Total de fragmentos	Acordelamento		Torno	
		Nº	%	Nº	%
Área 1	146	146	100%	0	-----
Área 2	625	623	99,6%	2	0,32%
Área 4	31	31	100%	0	-----
Procedência indeterminada	3	3	100%	0	-----
<b>Total</b>	<b>805</b>	<b>803</b>	<b>99,7%</b>	<b>2</b>	<b>0,24%</b>

Como é baixa a relevância da cerâmica torneada no conjunto da indústria deste sítio, esta foi tratada separadamente e as informações provenientes de sua análise não foram incorporadas aos resultados que serão apresentados a seguir, que sistematizam exclusivamente os dados da cerâmica acordelada, num total de 803 fragmentos.

O antiplástico empregado na confecção da cerâmica acordelada foi basicamente mineral (quartzo, mica, turmalina, limonita, feldspato), associado a carvão e, raramente, à cerâmica triturada.

#### Sítio Jacaré 1: composição do antiplástico

Setor	Nº de fragmentos	Mineral	Mineral + carvão	Mineral + cerâmica	Mineral + carvão + cerâmica
Área 1	146	29,4%	66,4%	0,7%	3,4%
Área 2	623	73%	25,5%	0,6%	0,8%
Área 4	31	25,8%	71%	-----	3,2%
S/ proc	3	66,6%	33,3%	-----	-----
<b>Total</b>	<b>803</b>	<b>48,7%</b>	<b>49%</b>	<b>0,85%</b>	<b>1,85%</b>

A média da espessura do antiplástico (medida da granulometria dos grãos de quartzo), está entre 1mm e 3mm (61,3% dos fragmentos) e a cor da pasta varia igualmente entre bege/ocre (49,7%) e preta/cinza (50,3%).

#### Sítio Jacaré 1: espessura do antiplástico e cor da pasta

Setor	Nº de fragmentos	Espessura do antiplástico (mm)				Cor da pasta	
		<1	>=1<3	>=3<5	>5	Bege/ocre	Preto/cinza
Área 1	146	3,4%	57,5%	32,1%	6,8%	63%	36%
Área 2	623	12,2%	53,7%	26%	1,6%	57,4%	42,6%
Área 4	31	3,3%	67,7%	29%	-----	45,2%	54,8%
S/ proc.	3	-----	66,6%	33,3%	-----	33,3%	66,6%
<b>Total</b>	<b>803</b>	<b>5%</b>	<b>61,3%</b>	<b>30,2%</b>	<b>2,1%</b>	<b>49,7%</b>	<b>50,3%</b>

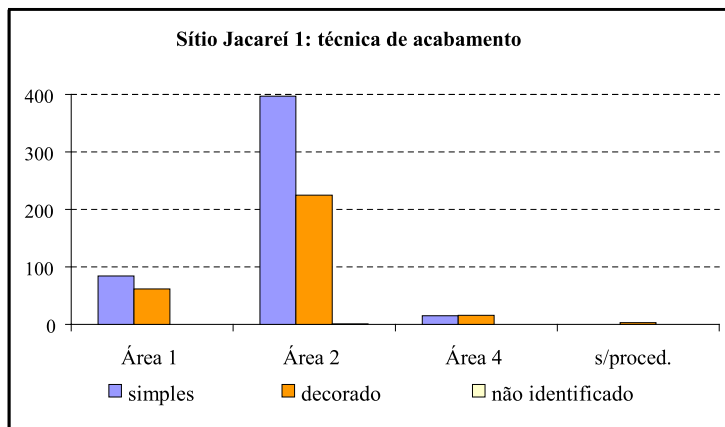
Os fragmentos cerâmicos analisados apresentaram diferentes técnicas de acabamento: alisamento (cerâmica simples), alisamento associado à aplicação de engobo (cerâmica simples com engobo), aplicação de decoração plástica na face externa (cerâmica decorada), que pode estar associada à aplicação de engobo. Do total de 803 fragmentos do Sítio Jacaré 1, 496 (61,8%) pertencem à categoria simples e 307 (38,2%) à categoria decorada.

#### Sítio Jacaré 1: técnica de acabamento da cerâmica

Técnica de acabamento	Área 1		Área 2		Área 4		Proc indet		Total/ tipo	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alisamento	83	56,8%	382	61,2%	14	45,2%	0	-----	479	59,6%
Alisamento + engobo	1	0,7%	15	2,5%	1	3,2%	0	-----	17	2,1%
Decoração plástica	61	41,8%	218	35%	15	48,4%	3	-----	297	37,1%
Dec.plástica + engobo	1	0,7%	7	1,2%	1	3,2%	0	-----	9	1,1%
Não identificada	0	-----	1	0,1%	0	-----	0	-----	1	0,1%
<b>Total por Área</b>	<b>146</b>	<b>100%</b>	<b>623</b>	<b>100%</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>803</b>	<b>100%</b>

### 3.4.2. Tipos Decorativos

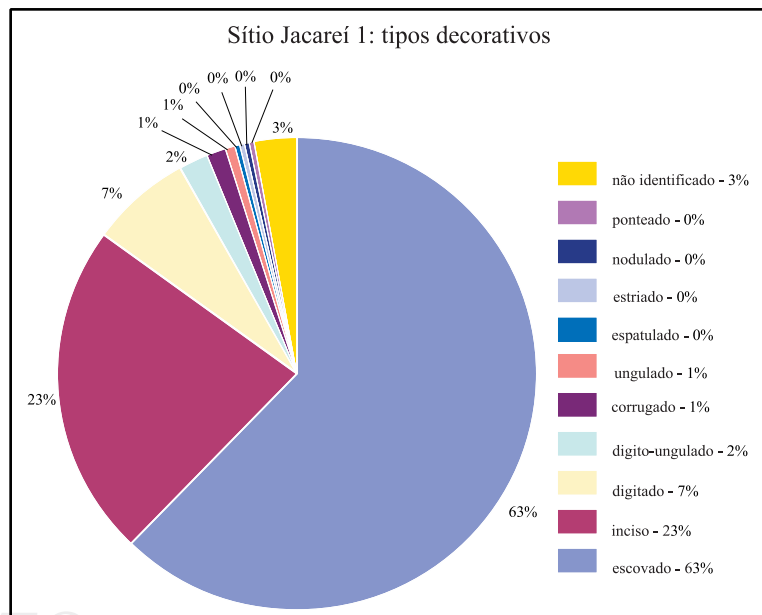
No Sítio Jacaré 1 foi observado que 38,2% do total do material cerâmico apresenta algum tipo de decoração plástica. Foram notados raros casos de combinação de motivos decorativos, dominando a decoração plástica simples.



O tipo decorativo predominante é o escovado (62,2% do total de fragmentos decorados), apresentando orientação assimétrica (ou inter cruzada) em 45,5% dos casos, podendo também ser longitudinal (15,7%), oblíqua (14,1%), perpendicular (1%), ou não identificada (23%).

A decoração incisa está presente em 22,8% dos fragmentos decorados, podendo ser linear simples ou dupla (94,2% dos incisos) ou em barra (5,8%).

Os demais tipos decorativos, que ocorrem em pequeno percentual, são: digitado (6,84%), digito-ungulado (1,95%), corrugado (1,3%), unguulado (0,65%), espatulado, estriado, nodulado, pontado (0,32% cada). Não puderam ter a decoração identificada 2,93% dos fragmentos decorados.



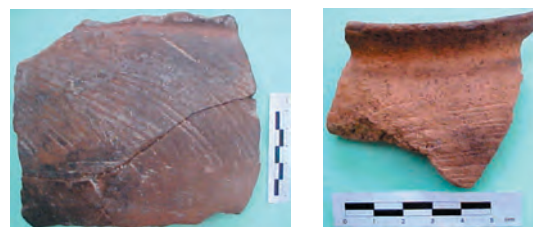
A Área 1 apresentou 62 fragmentos decorados, sendo 58 com decoração plástica simples (1 tipo decorativo) e 3 com decoração plástica combinada dupla, associando corrugado com inciso (1 fragmento) ou com unguulado em barra (2 fragmentos). O tipo decorativo mais freqüente é o escovado (69,3% dos fragmentos decorados), com orientação inter cruzada.

A Área 2 apresentou 307 fragmentos decorados, sendo 306 com decoração plástica simples (1 tipo decorativo) e 1 com decoração plástica combinada dupla, associando escovado com inciso. O tipo decorativo mais freqüente é o escovado (58,8% dos fragmentos decorados), com orientação inter cruzada.

A Área 4 apresentou 16 fragmentos decorados, todos com decoração plástica simples. O tipo decorativo mais freqüente é o escovado (75% dos fragmentos decorados), com orientação inter cruzada.

Observou-se o tipo decorativo com aplicação de filete digitado sobre a borda em 9 vasilhames representando 2,93% do total de fragmentos decorados.

Também foram registrados 3 fragmentos decorados (escovados) com procedência não identificada.



Sítio Jacaré 1: decoração do tipo escovado inter cruzado (à esq. nº29) e longitudinal (à dir. nº280)



Sítio Jacaré 1: decoração dupla - filete digitado e escovado longitudinal (nº416)



Sítio Jacaré 1: decoração dupla - corrugado e unguulado (nº41/42)



Sítio Jacaré 1: decoração dupla - espatulado e inciso linear (nº123)



Sítio Jacaré 1: decoração do tipo digitado sobre borda dobrada (nº148)

## Sítio Jacareí 1: fragmentos decorados

Tipo decorativo	Sub-tipo	Área	Área	Área	S/ proc	Total	% do sub-tipo (*)	Total	% sobre total (**)
		1	2	4					
Escovado	intercruzado	17	60	9	1	87	45,5%	191	62,2%
	longitudinal	9	20	1	----	30	15,7%		
	perpendicular	----	1	1	----	2	1%		
	oblíquo	8	18	----	1	27	14,1%		
	não identif.	9	34	1	1	45	23,5%		
Corrugado		3	1	----	----	4	1,3%		
Digitado	longitudinal	6	14	1	----	21	6,84%		
Digitungulado	longitudinal	1	5	----	----	6	1,95%		
Espatulado		1	---	----	----	1	0,32%		
Estriado		----	1	----	----	1	0,32%		
Inciso linear retilíneo	simples	5	53	1	----	59	84,2%	70	22,8%
	duplo	1	6	----	----	7	10%		
Inciso em barra	retilíneo	----	2	1	----	3	4,3%		
	curvilíneo	1	----	----	----	1	1,4%		
Nodulado		----	----	1	----	1	0,32%		
Ponteadado	clássico	1	----	----	----	1	0,32%		
Ungulado	longitudinal	----	2	----	----	2	0,65%		
Não identifi		----	9	----	----	9	2,93%		
Total		62	226	16	3	307	100%		
% decorados por Setor		42,4%	36,2%	51,6%	100%				

(\*)% do sub-tipo sobre o total de fragmentos do tipo decorativo

(\*\*) % sobre o total de fragmentos decorados do Sítio Jacareí 1

### 3.4.3. Aspectos Morfológicos

O principal objetivo da análise dos atributos morfológicos dos fragmentos cerâmicos foi a identificação da forma dos vasilhames. Desta forma, as categorias reconhecidas no conjunto do material cerâmico do Sítio Jacareí 1 serão apresentadas de forma esquemática na tabela a seguir, ressaltando-se no texto os atributos que contribuíram significativamente para reconstituição das formas dos vasilhames.

As formas de vasilhames reconstituídas possuem contorno simples

ou infletido, já que é baixa a frequência de fragmentos retilíneos, carenados ou angulares que indicariam a existência de que contornos compostos ou complexos.

A predominância de fragmentos de base plana (em torno de 79,7%), seguida da base convexa (18,8%) permitiu a inferência de que a maior parte dos vasilhames tivesse base aplainada, orientando as reconstituições de forma neste sentido. Ocorreu apenas 1 caso de base anelar.

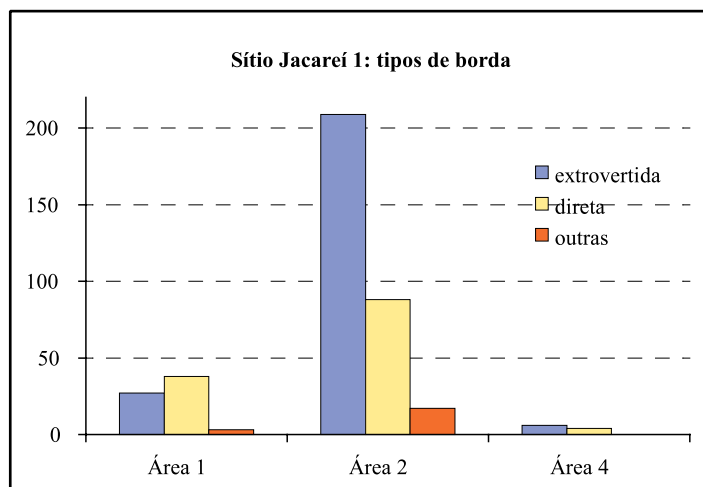


Sítio Jacaré 1: tipos de fragmentos

TIPO	Subtipo	Área 1				Área 2				Área 4				S/ proced.				Total	
		S	D	St	T	S	D	St	T	S	D	St	T	S	D	St	T	S	D
CORPO	Convexo	12	24	36	48	57	73	130	173	2	5	7	12	--	3	--	3	71	105
	Retilíneo	--	9	9		8	19	27		--	3	3		--	--	--		8	31
	Anguloso	--	1	1		1	--	1		--	--	--		--	--	1		1	
	Côncavo	--	--	--		1	3	4		--	1	1		--	--	--		1	4
	Não iden	--	2	2		6	5	11		--	1	1		--	--	--		6	8
	Subtotal	12	36			73	100			2	10			0	3			87	149
BASSE	Convexa	3	2	5	9	4	4	8	58	--	--	--	2	--	--	--	0	7	6
	Plana	3	1	4		30	19	49		1	1	2		--	--	--		34	21
	Anelar	--	--	--		1	--	1		--	--	--		--	--	--		1	0
	Subtotal	6	3			35	23			1	1			0	0			42	27
TAMPA	Circular	3	--	3	3	2	1	3	3	--	--	--	0	--	--	--	0	5	1
	Subtotal	3	0			2	1			0	0			0	0			5	1
PESSOÇO	Côncavo	3	--	3	4	4	1	5	9	--	--	--	0	--	--	--	0	7	1
	Anguloso	1	--	1		3	--	3		--	--	--		--	--	--		4	0
	Retilíneo	--	--	--		1	--	1		--	--	--		--	--	--		1	0
	Subtotal	4	0			8	1			0	0			0	0			12	1
BORDA	Extrovertida	18	9	27	68	150	59	209	314	3	3	6	10	--	--	--	0	171	71
	Direta i. ext	12	7	19		27	20	47		--	--	--		--	--	--		39	27
	Direta i. int	--	1	1		8	1	9		--	1	1		--	--	--		8	3
	Direta vert	8	1	9		26	2	28		--	--	--		--	--	--		34	3
	Direta N Id.	7	2	9		--	4	4		3	--	3		--	--	--		10	6
	Reforçada	3	--	3		3	--	3		--	--	--		--	--	--		6	--
	Ondulada	--	--	--		2	--	2		--	--	--		--	--	--		2	--
	Não identif	--	--	--		9	3	12		--	--	--		--	--	--		9	3
Subtotal	48	20		225	89		6	4		0	0		279	113					
APÊNDICE	Asa	4	1	5	10	23	1	24	43	4	--	4	6	--	--	--	0	31	2
	Alça	5	--	5		19	--	19		2	--	2		--	--	--		26	--
	Subtotal	9	1			42	1			6	0			0	0			57	2
Não identificado		4			4	12	11		23		1		1					16	12
Total simples/ decorados		86	60			397	226			15	16			0	3			498	305
Total frag		146				623				31				3				803	

S=SIMPLES D=DECORADO ST=TOTAL POR SUB-TIPO T=TOTAL POR TIPO DE FRAGMENTO

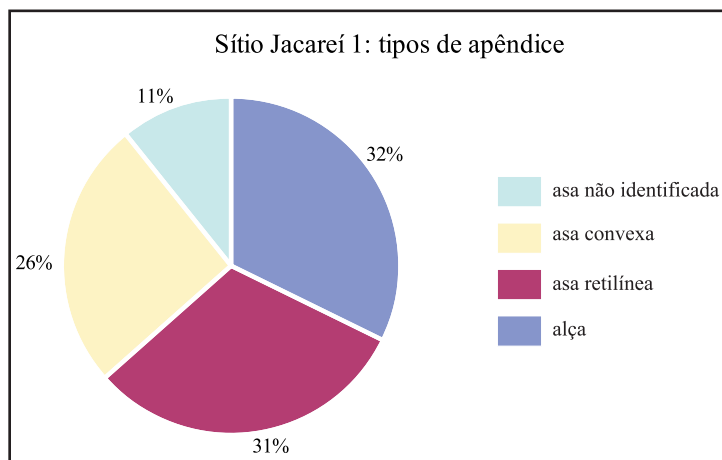
No que se refere às bordas dos vasilhames, registrou-se uma alta frequência de bordas extrovertidas (61,7%), seguida de bordas diretas (33,1%) e, raramente, bordas reforçadas (1,5%) ou onduladas (0,5%). Das bordas diretas, 50% são inclinadas externas, indicando vasilhames com boca aberta, 28,4% são diretas verticais e somente 8,4% são diretas inclinadas internas.



Observando-se o gráfico de distribuição dos tipos de borda pelas três áreas do Sítio Jacareí 1, percebe-se que na Área 1 há o predomínio discreto das bordas diretas sobre as extrovertidas. Na Área 2, entretanto, considerando-se apenas a relação entre as bordas extrovertidas e as diretas, as primeiras dominam e suplantam em 70% as bordas diretas.

Uma característica relevante da indústria cerâmica do Sítio Jacareí 1 é a presença significativa de apêndices em forma de asa convexa ou retilínea e, também, em forma de alça.

Na Área 1 foram contabilizados 18 apêndices: 5 em forma de alça e 13 em forma de asa (7 convexas e 6 retilíneas). Na Área 2 foram contabilizados 70 apêndices: 23 em forma de alça e 47 em forma de asa (22 retilíneas, 16 convexas e 9 não identificadas). Na Área 4 foram registrados 6 apêndices: 2 em forma de alça e 4 em forma de asa (1 retilínea, 1 convexa e 2 não identificadas). Na tabela de tipos de fragmentos, somente foram contabilizados os fragmentos de apêndice dissociados de fragmentos de parede dos vasilhames.



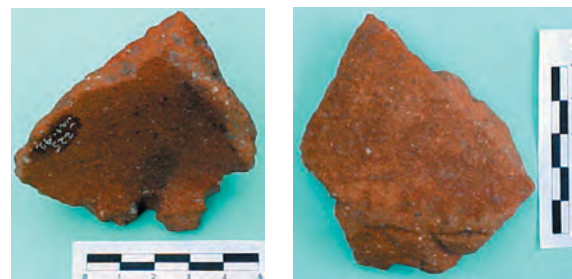
Sítio Jacareí 1: apêndice em forma de alça, fragmentado (Ja1 A1 nº67)



Sítio Jacareí 1: apêndice em forma de asa retilínea de seção circular (Ja1 nº 3544)

Alguns fragmentos indicaram vasilhames com morfologia diferenciada ou peças singulares, algumas cuja função não foi identificada. Dentre eles ocorrem:

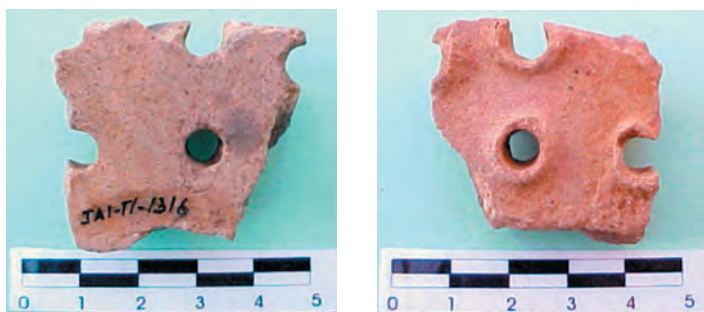
- fragmento de cusuzeiros, apresentando perfurações múltiplas na base



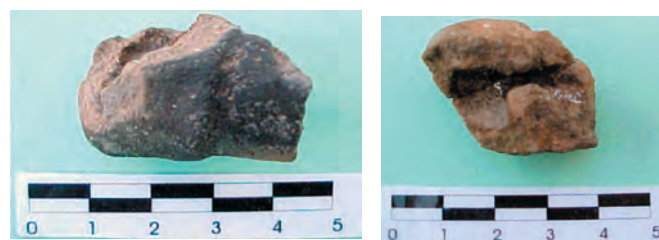
Sítio Jacareí 1: fragmento de cusuzeiro apresentando orifícios na base (à esq.) e marcas de digitação na face externa (à dir) (Ja1 nº 225)



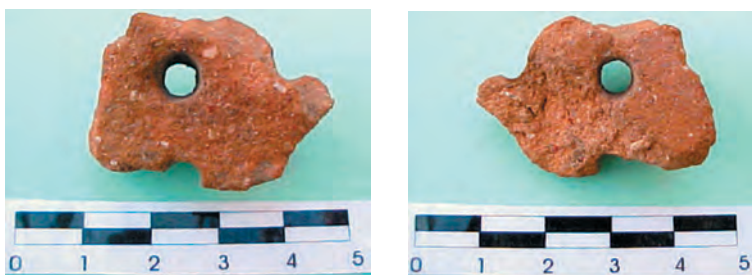
Sítio Jacareí 1: fragmento de base de cusuzeiro (Ja1 A2 nº975)



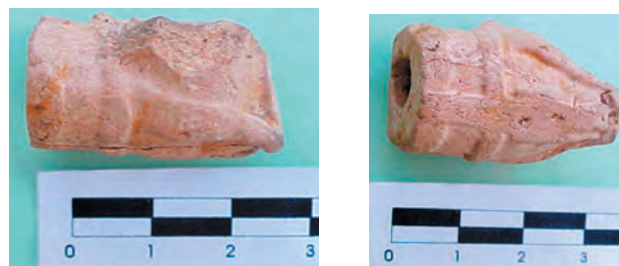
Sítio Jacareí 1: fragmento de base de cusuzeiro (Ja1 nº 1316)



Sítio Jacareí 1: fragmento cachimbo modelado (Ja1 nº1349/1350)



Sítio Jacareí 1: fragmento de base de cusuzeiro (Ja1 nº3936)



Sítio Jacareí 1: fragmento de cachimbo angular moldado, apresentando porta-boquilha curto, de morfologia cilíndrica, e decoração em baixo relevo (nº503)

- peça apresentando orifício, com função indeterminada.



Sítio Jacareí 1: peça com orifício, provável apêndice (Ja1 A2 nº314)

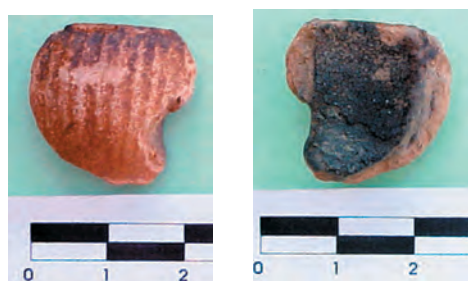


Sítio Jacareí 1: fragmento de cachimbo angular moldado, apresentando porta-boquilha curto, de secção circular (nº 504)

Dos doze cachimbos do Sítio Jacareí 1, cinco foram confeccionados pela técnica de moldagem (perceptíveis devido à visibilidade do vinco de junção das duas partes) e sete pela técnica de modelagem. O antiplástico compõe-se de areia fina, grãos de quartzo e um pouco de mica, disseminada pela pasta. Quatro dos cachimbos são de tipo angular com porta-boquilha curta, enquanto que os dois outros não puderam ter o tipo determinado, por terem sido encontrados apenas fragmentos dos forninhos.



Sítio Jacareí 1: fragmento de cachimbo angular moldado, apresentando forninho cônico, e estrias paralelas entre si e perpendiculares à borda (nº 501)



Sítio Jacareí 1: fragmento de forninho de cachimbo (nº500)

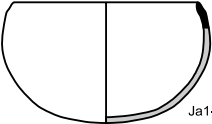
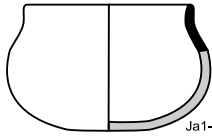
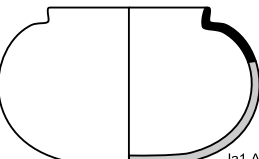
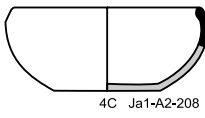
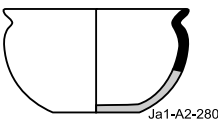

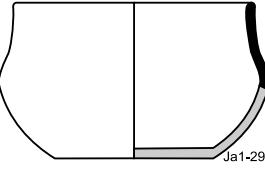
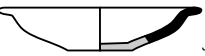


Sítio Jacareí 1: fragmento de cachimbo angular moldado, apresentando porta-boquilha curto, de morfologia cilíndrica, e faixa de estrias curtas, paralelas entre si e perpendiculares à boca (nº502)

O conjunto do material cerâmico do Sítio Jacareí 1 permitiu a reconstituição de oito formas de vasilhames a partir de 36 reconstituições: formas de nº 1, 2, 3, 4 (A e C), 5, 6 (A), 9 e 10.

A seguir podem ser observadas a representação gráfica e a descrição correspondente a cada tipo, ressaltando-se a variação nas dimensões.

Foram reconstituídos 36 vasilhames sendo que a Forma 5 predomina, com 41,6% dos vasilhames, seguida da Forma 2, com 19,4% e das Formas 4 e 6, com 13,8% cada uma. As Formas 1, 3, 9 e 10 aparecem em pequena frequência, com 2,8% do total de vasilhames reconstituídos cada uma.

Sítio Jacareí 1 - Repertório de Formas da Cerâmica		
Forma 1	 Ja1-A4-144	Vasilha esférica de contorno simples; boca constrita; borda direta inclinada interna; lábio apontado; base plana. O diâmetro da boca do único exemplar reconstituído é 18cm e o volume 2,47 litros.
Forma 2	 Ja1-A2-475	Vasilha esférica de contorno infletido; boca constrita; borda extrovertida; lábio arredondado ou apontado; base plana. O diâmetro da boca varia entre 14 e 20cm e o volume entre 1,5 e 5,3 litros.
Forma 3	 Ja1-A2-356	Vasilha esférica de contorno composto; boca constrita; borda extrovertida com ponto angular; lábio apontado; base plana. O diâmetro da boca do único exemplar desta forma é 16cm e o volume é 5,18 litros.
Forma 4	 4C Ja1-A2-208	Vasilha semi-esférica de contorno simples; boca constrita; lábio arredondado; base plana. O diâmetro da boca varia entre 18 e 24cm e o volume 1,60 litros.
Forma 5	 Ja1-A2-280	Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca constrita; borda extrovertida; lábio arredondado, plano ou apontado; base plana; podendo apresentar apêndice em forma de asa. O diâmetro da boca varia entre 14 e 24cm e o volume entre 0,68 e 5,58 litros.
Forma 6	 6A Ja1-A2-322	Vasilha em forma de calota de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa (6A); lábio apontado ou plano; base plana. O diâmetro da boca varia entre 20 e 46cm e o volume entre 0,68 e 9,07 litros.
Forma 9	 Ja1-292/301	Vasilha esférica de contorno complexo, boca constrita, borda direta inclinada interna ou levemente extrovertida; corpo carenado; lábio arredondado; base plana; apresentando apêndice em forma de asa. O diâmetro da boca do único exemplar desta forma é de 24cm e o volume é 6,05 litros.
Forma 10	 Ja1-A2-338	Vasilha esférica de contorno complexo, boca constrita, borda direta inclinada interna ou levemente extrovertida; corpo carenado; lábio arredondado; base plana; apresentando apêndice em forma de asa. O diâmetro da boca do único exemplar desta forma é de 24cm e o volume é 6,05 litros.

escala 0 2 4 6 cm

**Sítio Jacareí 1: formas dos vasilhames**

FORMA	ÁREA	Nº VASILHA	ACABAMENTO		TIPO DECORATIVO	BORDA	DIÂMETRO BOCA (CM)	VOLUME (LITROS)	ESPESSURA (MM)
			SIM	DEC					
1	4	1	----	1	inciso	DII	18	2,47	7
2	2	7	5	2	inciso	Extr	14 a 20	1,5 – 5,3	6 a 9
3	2	1	----	1	escovado	Extr	16	5,18	10
4 A	2	2	----	2	digitado e digito- ungulado	DIE	26 a 30	5,31	11 a 15
4 B	2	1	1	----	-----	DV	20	1,39	13
4 C	1	1	1	----	-----	DV	24		11
	2	1	1	----	-----	DII	18		11
5	1	2	2	----	-----	Extr	18 a 24		8 a 9
	2	13	7	6	Escovado e inciso	Extr	14 a 16	0,68 a 5,58	6 a 15
6 A	1	1	----	1	digitado	DIE	30		12
	2	4	1	3	digit., digungulad ungulado	DIE	20 a 46	0,68 a 9,07	9 a 12
9	2	1	----	1	inciso	Extr	24	6,05	5
10	2	1	1	----	-----	Extr	20	0,51	8
Sub total			19	17					
Total			36						

SIM=simples; DEC=decorado; Extr=extrovertida; DII=direta inclinada interna; DIE=direta inclinada externa; DV=direta vertical

Quanto à distribuição das formas dos vasilhames pelas diferentes áreas do Sítio Jacareí 1, observa-se que com exceção da Forma 1, todas as formas estão representadas na Área 2. A Área 1 apresenta apenas as Formas 4, 5 e 6. A Área 4 possibilitou apenas uma reconstituição de forma, que representa o único exemplar de vasilhame com Forma 1. A menor diversidade de formas nas Áreas 1 e 4 está relacionada provavelmente ao menor número de fragmentos provenientes destas áreas, que diminui a possibilidade de obtenção de fragmentos de borda com potencial para a reconstituição.

Interessante notar que as bordas extrovertidas da Forma 5 apresentam, com frequência, ponto de inflexão bem marcado, aproximando-se de um ângulo. Os vasilhames da forma 6A apresentam a boca com os maiores diâmetros e a maior capacidade, em litros.

### 3.5. A Cerâmica do Sítio Jacaré 2

A indústria cerâmica do Sítio Jacaré 2 foi abordada utilizando-se os mesmos procedimentos de análise adotados para os demais sítios da Rodovia Carvalho Pinto, no que se refere aos aspectos tecnológicos, decorativos e morfológicos. Realizou-se um esforço maior na tentativa de identificação e reunião de fragmentos de um mesmo vasilhame, visando registrá-los no banco de dados e analisá-los em conjunto.

Foram analisados 767 fragmentos (e/ou conjunto de fragmentos), provenientes das Áreas 1, 2, 3, 4 e 5, incluindo 46 peças cuja procedência não foi determinada. A Área 1 foi a que apresentou o maior número de fragmentos, concentrando quase 90% do total do material coletado neste sítio arqueológico.

**Sítio Jacaré 2: Distribuição da cerâmica, por área**

Área	Nº de fragmentos	%
Área 1	687	89,56
Áreas 2 e 5	16	2,09
Área 3	15	1,95
Área 4	3	0,39
sem informação procedência	46	6,0
<b>Total</b>	<b>767</b>	<b>100%</b>

#### 3.5.1. Aspectos Tecnológicos

A cerâmica confeccionada com o emprego da técnica de acordelamento é predominante no Sítio Jacaré 2 (86,5%), ocorrendo também a cerâmica denominada “cerâmica leve”<sup>1</sup>, que pode ser torneada ou acordelada, representando 10,29% do total de fragmentos. 3,12% dos fragmentos não tiveram a técnica de

**Sítio Jacaré 2: técnica de confecção da indústria cerâmica**

Área	Total de fragmentos	Acordelamento		Cerâmica leve		Sem identificação	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Área 1	687	602	87,62	63	9,17	22	3,20
Áreas 2/5	16	4	25,0	12	75,0	0	----
Área 3	15	13	86,66	0	----	2	13,33
Área 4	3	2	66,66	1	33,33	0	----
s/informação procedência	46	0	----	3	100	0	----
<b>Total</b>	<b>767</b>	<b>664</b>	<b>86,57</b>	<b>79</b>	<b>10,29</b>	<b>24</b>	<b>3,12</b>

confeccção identificada.

Observa-se que nas Áreas 1, 3 e 4 predomina a cerâmica acordelada, enquanto que nas Áreas 2 e 5, a cerâmica leve predomina sobre a acordelada, representando 75% do total do material cerâmico coletado nestas duas últimas áreas.

A cerâmica acordelada representa 86,5% do total da cerâmica do Sítio Jacaré 2, e será sistematizada nas tabelas a seguir, totalizando 686 fragmentos. A cerâmica leve será tratada separadamente, por representar um aspecto qualitativo significativo da cultura material deste sítio, mas que por estar quantitativamente pouco representada, correria o risco de ser diluída nas estatísticas caso fosse englobada no total do material.

**Sítio Jacaré 2: distribuição da cerâmica acordelada, por área**

Área	Nº de fragmentos	% s/ total acordelada
Área 1	622	90,67%
Áreas 2 e 5	4	0,58%
Área 3	15	2,19%
Área 4	2	0,29%
sem informação	43	6,27%
<b>Total</b>	<b>686</b>	<b>100%</b>

O antiplástico dominante na cerâmica acordelada é composto por mineral (quartzo, limonita, turmalina, mica), raramente associado a carvão ou à cerâmica triturada.

**Sítio Jacaré 2: composição do antiplástico**

Área	Nº de fragmentos	Mineral	Mineral + carvão	Mineral + cerâmica
Área 1	622	95,66%	4,18%	0,16%
Área 2/5	4	100,00%	-----	-----
Área 3	15	86,67%	15,38%	-----
Área 4	2	50,00%	50,00%	-----
Sem informação	43	90,70%	9,30%	-----
<b>Total</b>	<b>686</b>	<b>95,04%</b>	<b>4,81%</b>	<b>0,15%</b>

Quanto à espessura do antiplástico, observou-se que os grãos

**Sítio Jacaré 2: espessura do antiplástico e cor da pasta**

Área	Nº de fragmentos	Espessura do antiplástico (mm)					Cor da pasta		
		<1	>=1<3	>=3<5	>5	Sem informação	Bege ocre	Preto/cinza	outra
Área 1	622	6,11	41,64	35,85	15,11	1,29	66,08	33,76	16,37
Área 2/5	4	0,00	100,00				100,00	0,00	
Área 3	15	13,33	33,33	33,33	6,67	13,33	20,00	80,00	
Área 4	2	50,00	50,00				100,0		
S/informação	43	4,65	37,21	46,51	11,63		48,84	51,16	
<b>Total</b>	<b>686</b>	<b>6,27</b>	<b>41,55</b>	<b>36,15</b>	<b>14,58</b>	<b>1,46</b>	<b>57,50</b>	<b>31,81</b>	<b>0,13</b>

<sup>1</sup> Ver capítulo Características da Cerâmica Histórica, Aspectos Tecnológicos, neste Relatório.

de quartzo estão entre 1 e 3mm (41,5% dos fragmentos) ou entre 3 e 5mm (36,1%) na cerâmica acordelada. A cor da pasta predominante é o bege/ocre (57,5%).

Como se pode observar no gráfico a seguir, o predomínio é da decoração plástica simples, tendo sido registrados casos de combinação de motivos decorativos (decoração combinada), que representam 9,15% dos fragmentos decorados.

Os fragmentos cerâmicos analisados apresentaram diferentes técnicas de acabamento: alisamento (cerâmica simples),

#### Sítio Jacareí 2: técnica de acabamento da cerâmica acordelada

Técnica de acabam.	Área 1		Área 2/5		Área 3		Área 4		Sem proced.		Total por tipo	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alisamento	175	28,1	2	50,0	25	58,1	8	53,3	1	100	211	30,9
Alis.+ engobo	25	4,0	0	----	0	----	2	13,3	0	---	27	3,94
Decoração plástica	422	67,8	2	50,0	18	41,8	5	33,3	1	---	448	65,1
<b>Total por Área</b>	<b>622</b>	<b>100</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>43</b>	<b>100</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>2</b>	<b>100</b>	<b>686</b>	<b>100</b>

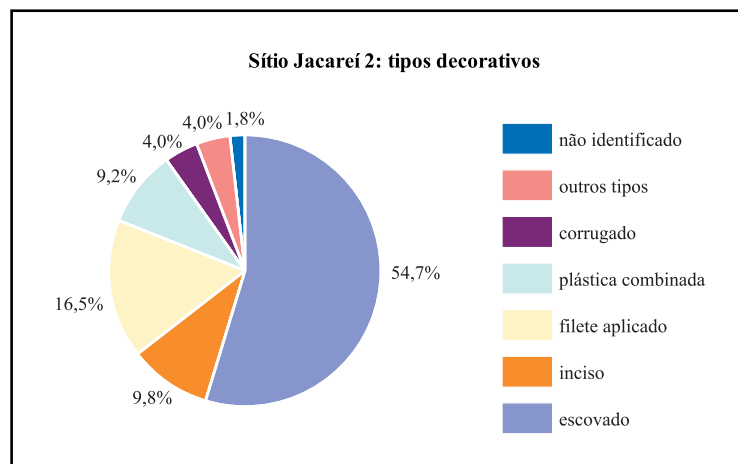
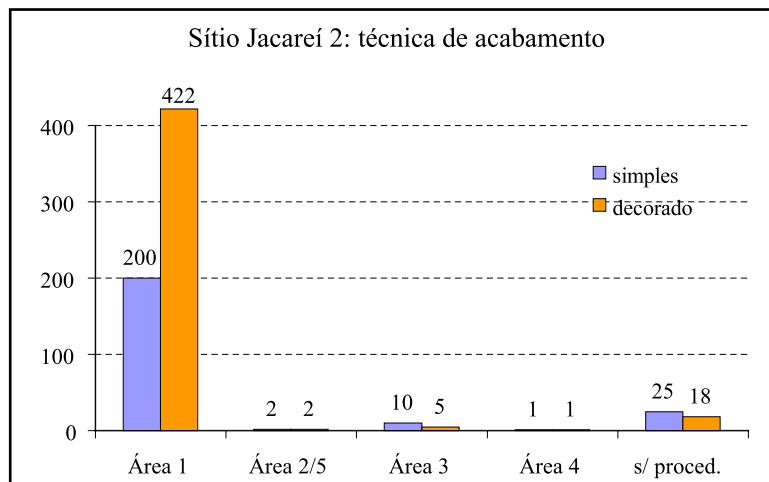
alisamento associado à aplicação de engobo (cerâmica simples com engobo), aplicação de decoração plástica na face externa (cerâmica decorada).

Do total de fragmentos de cerâmica acordelada do Sítio Jacareí 2, 238 (34,7%) pertencem à categoria simples e 447 (65,3%) à categoria decorada. Não foram observados fragmentos com pintura ou com decoração plástica associada à pintura.

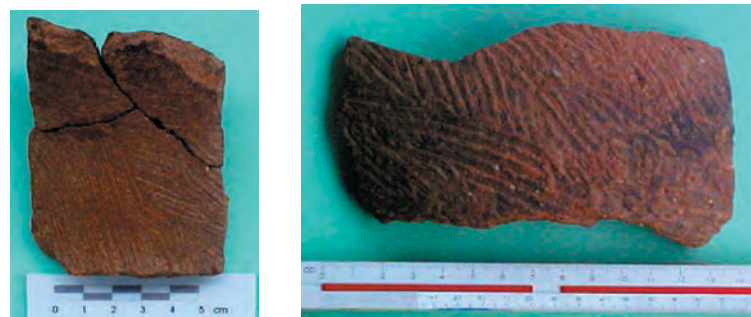
#### 3.5.2. Tipos Decorativos

No Sítio Jacareí 2 foi observado que 65,1% do total do material cerâmico confeccionado por acordelamento apresenta algum tipo de decoração plástica.

Em todas as áreas deste sítio arqueológico, a proporção entre fragmentos decorados e simples ultrapassa 100% para os decorados.



O tipo decorativo predominante é o escovado (54,7% do total de fragmentos decorados), apresentando orientação assimétrica (ou inter cruzada) em 53,4% dos casos, podendo também ser longitudinal (19,1%), oblíqua (5,71%), perpendicular (0,81%), ou não identificada (20,8%).



Sítio Jacareí 2: decoração do tipo escovado inter cruzado à esq. (Ja2-AIC-590/593/594)

È freqüentemente presença deste tipo decorativo nos casos de decoração plástica combinada, que representa 9,15% dos fragmentos decorados, podendo associar escovado com outros tipos de decoração plástica como filete aplicado, inciso linear simples ou em barra. Também ocorrem combinações entre os diferentes subtipos de inciso, do tipo inciso com corrugado ou digitado, e do tipo espatulado com digitado, digitungulado ou filete aplicado.



Sítio Jacareí 2: decoração plástica combinada dupla. À esquerda, incisa linear longitudinal e incisa em barra oblíqua (Ja2-AIC-643); à direita, escovado longitudinal e digitado sobre o lábio (Ja2-AIC-603/623/764)

Foi observado um elevado número de bordas apresentando decoração composta por filete aplicado digitado ou digitungulado, aplicado sobre a borda ou diretamente sobre o lábio, consistindo numa tendência importante para este sítio (16,5% do total de fragmentos decorados).



Decoração do tipo inciso duplo retilíneo intercruzado (nº 8)



Decoração do tipo filete digitado aplicado sobre a borda (a esq nº233) podendo apresentar apêndice me forma de asa convexa (a dir nº598)

Ocorre, também, a decoração incisa (9,82% dos fragmentos decorados), que pode ser simples, dupla, tripla ou em barra, com incisões retilíneas ou curvilíneas.

Outros tipos decorativos apresentam menor frequência, como a decoração dos tipos: corrugado (4,01%), digitado (1,56%), ungulado (0,89%), digitungulado (0,66%), espatulado (0,44%) e ponteadado (0,22%).



Decoração do tipo corrugado (à esq. Ja2-AIC-654, à dir nº307)



Sítio Jacareí 2: fragmentos decorados da cerâmica acordelada

Tipo decorativo	sub tipo	Área 1	Área 2/5	Área 3	Área 4	sem procedência	TOTAL	% do sub-tipo (*)	TOTAL	% sobre total (**)	
Escovado	intercruzado	124			1	6	131	53,46	245	54,7%	
	longitudinal	44		2		1	47	19,18			
	oblíquo	13		1			14	5,71			
	perpendicular	2					2	0,81			
	indeterminado	42				9	51	20,81			
Filete aplicado	digitado	50		1			51	68,91	74	16,5%	
	digitungulado	10					10	13,51			
	indeterminado	4					4	5,40			
	outro	10					10	13,51			
Inciso	linear simples	retilíneo	7	1			8	18,18	44	9,82%	
		curvilíneo	3				3	6,81			
	linear duplo	retilíneo	16	1				17			38,63
		curvilíneo	3					3			6,81
	linear triplo	retilíneo	4					4			9,09
		curvilíneo	1					1			2,27
	em barra	retilíneo	4					4			9,09
		curvilíneo	3					3			6,81
Corrugado		18					18		4,01%		
Digitado		7					7		1,56%		
Dígitungul.	longitudinal	2				1	3		0,66%		
Espatulado	longitudinal	2					2		0,44%		
Ponteadado	longitudinal	1					1		0,22%		
Sulco long.	junto ao lábio	1					1		0,22%		
Ungulado	longitudinal	4					4		0,89%		
	Plástica combinada	40		1			41		9,15%		
	não identificado	7				1	8		1,78%		
<b>Total</b>		<b>422</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>18</b>	<b>448</b>		<b>100%</b>		
% decorados por Área		67,8	50%	33,3	50%	41,8					

(\*) % do sub-tipo sobre o total de fragmentos do tipo decorativo

(\*\*) % sobre o total de fragmentos decorados (acordelados) do Sítio Jacareí 2

### 3.5.3. Aspectos Morfológicos

Como já ressaltado anteriormente, o principal objetivo da análise dos atributos morfológicos dos fragmentos cerâmicos foi a identificação da forma dos vasilhames. Assim, as categorias reconhecidas no conjunto do material cerâmico do Sítio Jacareí 2 serão apresentadas sucintamente na tabela a seguir, ressaltando-se no texto os atributos que contribuíram significativamente para reconstituição das formas dos vasilhames.

Sítio Jacareí 2: tipos de fragmento - cerâmica acordelada

Tipo de fragmento	Áreas 1/3				Áreas 2/5				Área 4				sem proced				Total		
	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	
<b>CORPO</b>	convexo	39	230	269		2	2			1	1		15	8	23		<b>54</b>	<b>241</b>	
	retilíneo	4	12	16			0				0		5	4	9		<b>9</b>	<b>16</b>	
	anguloso		1	1			0				0				0		<b>0</b>	<b>1</b>	
	côncavo	6	16	22	<b>311</b>			0	<b>2</b>			0	<b>1</b>		1	1	<b>36</b>	<b>6</b>	<b>17</b>
	não identif	2		2				0				0		3		3		<b>5</b>	<b>0</b>
	outro		1	1				0				0				0		<b>0</b>	<b>1</b>
	subtotal	51	260	311			2	2			1	1		23	13	36		<b>74</b>	<b>276</b>
<b>BASE</b>	em pedestal	2		2			0				0				0		<b>2</b>	<b>0</b>	
	plana	24	4	28	<b>30</b>			0	<b>0</b>	1		1	<b>1</b>	1	3	4	<b>4</b>	<b>26</b>	<b>7</b>
	subtotal	26	4	30						1		1		1	3	4		<b>28</b>	<b>7</b>
<b>PESCOÇO</b>	côncavo		2	2			0				0				0		<b>0</b>	<b>2</b>	
	anguloso			0			0				0				0		<b>0</b>	<b>0</b>	
	retilíneo	1		1	<b>4</b>			0	<b>0</b>			0	<b>0</b>		0	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	
	não identif	1		1			0				0				0		<b>1</b>	<b>0</b>	
	subtotal	2	2	4														<b>2</b>	<b>2</b>
<b>TAMPA</b>		1		1			0				0				0		<b>1</b>	<b>0</b>	
	subtotal	1		1	<b>1</b>				<b>0</b>							<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	

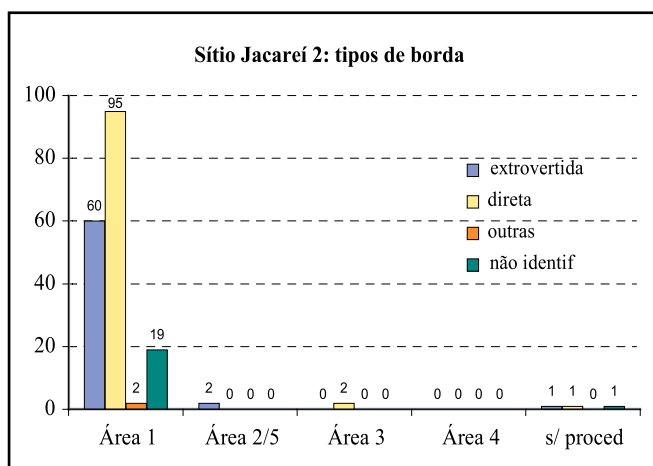
Tipo de fragmento		Áreas 1/3				Áreas 2/5				Área 4				sem proced				Total			
		S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D	st	T	S	D		
<b>B O R D A</b>	extrovertida	27	33	60	<b>201</b>	2		2	<b>2</b>			0	<b>0</b>		1	1	<b>3</b>	<b>29</b>	<b>34</b>		
	dir in ext	9	22	31				0				0			0				0	<b>9</b>	<b>22</b>
	dir in int	1	14	15				0				0			0				0	<b>1</b>	<b>14</b>
	direta vertical	8	28	36				0				0			0				0	<b>8</b>	<b>28</b>
	direta não id	11	27	38				0				0			1			1	<b>12</b>	<b>27</b>	
	vertical dobrada	1		1				0				0						0	<b>1</b>	<b>0</b>	
	sinuosa	1		1				0				0						0	<b>1</b>	<b>0</b>	
	morfologia missing	4	15	19				0				0			1			1	<b>5</b>	<b>15</b>	
	subtotal	62	139	201			2			2					2	1		3	<b>66</b>	<b>140</b>	
	<b>O M B R O</b>	carenado	1	1		2	<b>2</b>				0	<b>0</b>				0		<b>0</b>			0
subtotal		1	1	2												<b>1</b>	<b>1</b>				
<b>A P Ê N D I C E</b>	asa retilínea	5	3	8	<b>40</b>			0	<b>0</b>				<b>0</b>			0	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>3</b>		
	asa em ogiva	3		3				0						0	<b>3</b>	<b>0</b>					
	asa convexa	10		10				0						0	<b>10</b>	<b>0</b>					
	asa não identif	7		7				0						0	<b>7</b>	<b>0</b>					
	alça cilíndrica	8	1	9				0						0	<b>8</b>	<b>1</b>					
	não identif		3	3				0						0	<b>0</b>	<b>3</b>					
	subtotal	33	7	40											<b>33</b>	<b>7</b>					
<b>O U T</b>	Disco/placa	1		1	<b>3</b>			0	<b>0</b>				<b>0</b>			0	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>		
	filete		2	2				0						0	<b>0</b>	<b>2</b>					
	subtotal	1	2	3											<b>1</b>	<b>2</b>					
<b>Não identific</b>		32	6	38	<b>38</b>			0	<b>0</b>				<b>0</b>			0	<b>0</b>	<b>32</b>	<b>6</b>		
<b>Total simples/ decorados</b>		208	421			2	2			1	1			26	17			237	441		
<b>Total por área</b>		<b>629</b>				<b>4</b>				<b>2</b>				<b>43</b>				<b>678</b>			

S=SIMPLES D=DECORADO ST=TOTAL POR SUBTIPO T=TOTAL POR TIPO DE FRAGMENTO

As formas de vasilhames reconstituídas possuem contorno simples ou infletido, já que é baixa a frequência de fragmentos retilíneos ou angulares que indicariam a existência de que contornos compostos ou complexos.

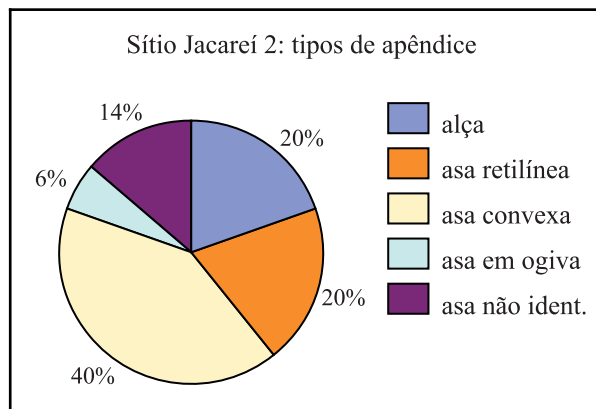
A predominância de fragmentos de base plana (em torno de 94,2%) permitiu a inferência de que a maior parte dos vasilhames tivesse base aplainada, orientando as reconstituições de forma neste sentido. Foram registrados dois casos de base em pedestal no conjunto da cerâmica acordelada.

No que se refere às bordas dos vasilhames acordelados, registrou-se uma alta frequência de bordas diretas (60%) seguida de bordas extrovertidas (29,5%) e, raramente, bordas dobradas (0,47%) ou onduladas (0,47%). Das 128 bordas diretas, 28,1% são diretas verticais, 24,2% são inclinadas externas, 17,1% são diretas inclinadas internas, indicando percentuais equilibrados de vasilhames com boca aberta e constrita. Do total de 213 bordas analisadas, 9,38% não permitiram a identificação da morfologia devido a suas pequenas dimensões.

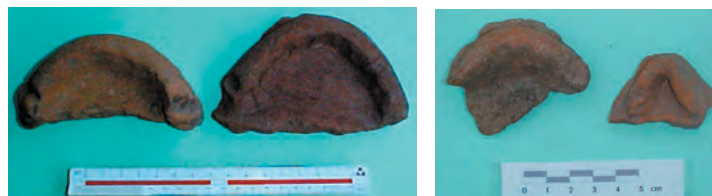


Observando-se o gráfico de distribuição dos tipos de borda pelas quatro áreas do Sítio Jacaré 2, percebe-se que na Área 1 há o predomínio das bordas diretas sobre as extrovertidas, sugerindo que os vasilhames de contorno simples predominem no conjunto da indústria cerâmica acordelada deste sítio arqueológico. As outras áreas apresentam poucos fragmentos de borda não possibilitando a observação de tendências significativas.

O Sítio Jacaré 2 apresentou quantidade significativa de apêndices em forma de asa convexa ou retilínea e, também, em forma de alça.



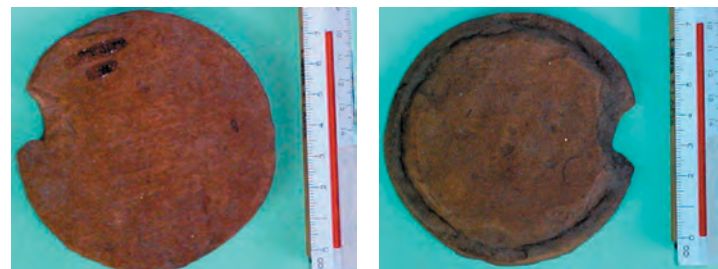
Na Área 1 foram contabilizados 53 apêndices: 10 em forma de alça, 41 em forma de asa (21 convexas, 10 retilíneas, 3 em ogiva e 7 de morfologia não identificada), e 3 apêndices de morfologia não identificada. Na tabela de tipos de fragmento, apresentada anteriormente, foram contabilizados apenas os 40 fragmentos de apêndice aplicados sobre paredes de vasilhames cuja morfologia não pôde ser identificada.



Sítio Jacaré 2: apêndice em forma de asa convexa (acima), ogival (acima, à dir) e retilínea (ao lado)

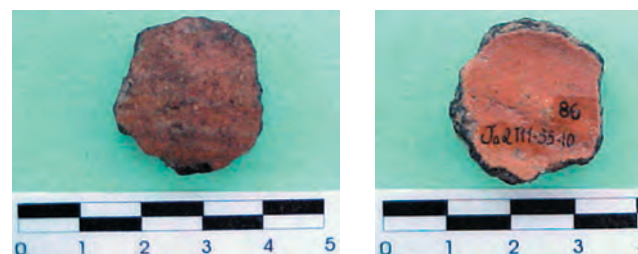
No Sítio Jacaré 1 foram registrados fragmentos de morfologia diferenciada, sendo que alguns deles não puderam ter sua função identificada. Dentre eles ocorrem:

- fragmentos de placas circulares (ou discos), que podem consistir em prováveis tampas de vasilhame.



Sítio Jacaré 2: placa circular, provável tampa (nº77)

- peça circular reciclada, provável peça de jogo

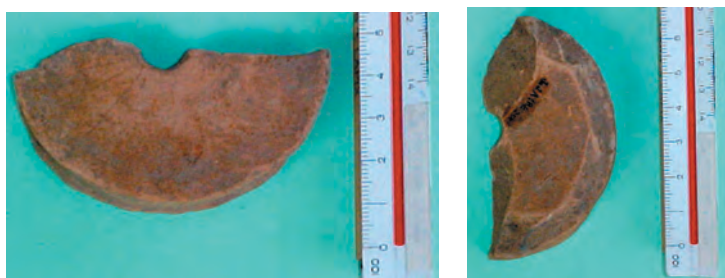


Sítio Jacaré 2: fragmento circular (reciclado), provável peça de jogo (nº 86)

- fragmento de base plana: peça reciclada, cortada e desgastada na periferia, cuja função não foi determinada. Em algumas delas houve a abertura posterior de um orifício central.



Sítio Jacareí 2: fragmento de base plana reciclada (n°321)



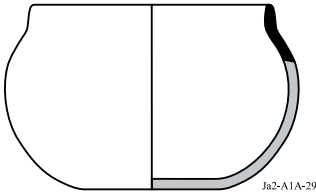
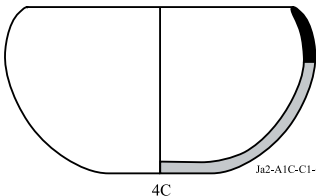
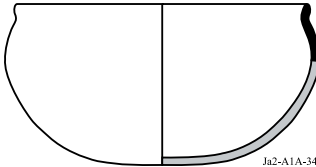
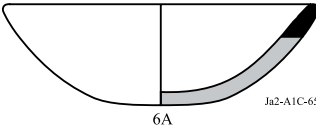
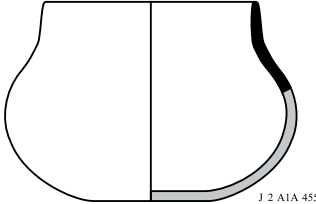
Sítio Jacareí 2: fragmento de base plana reciclada (n°254)

- apêndice cilíndrico, apresentando extremidade com morfologia mameliforme, cuja função não foi identificada.



Sítio Jacareí 2: apêndice mameliforme (n°437)

O conjunto do material cerâmico do Sítio Jacareí 2 permitiu a reconstituição de cinco formas de vasilhames, a partir de 26 reconstituições: formas de n° 2, 4 (A, B e C), 5, 6 (A) e 7. A seguir podem ser observadas a representação gráfica e a descrição correspondente a cada tipo, salientando-se as variações das dimensões.

Sítio Jacareí 2 - Repertório de Formas da Cerâmica	
Forma 2	 <p>Vasilha esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida; lábio arredondado; base plana. O diâmetro da boca varia entre 12 e 24cm e o volume entre 0,98 e 3,56 litros.</p> <p style="text-align: right;">Ja2-A1A-291</p>
Forma 4	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno simples; boca constricta borda direta inclinada interna; lábio apontado; base plana; podendo apresentar apêndice em forma de asa. O diâmetro da boca varia entre 14 e 22cm e o volume calculado é 0,94 litros.</p> <p style="text-align: center;">4C</p> <p style="text-align: right;">Ja2-A1C-C1-627</p>
Forma 5	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida ou dobrada vertical; lábio arredondado ou apontado; base plana; podendo apresentar apêndice em forma de asa. O diâmetro varia entre 12 e 28cm e o volume entre 0,41 a 3,66 litros.</p> <p style="text-align: right;">Ja2-A1A-344</p>
Forma 6	 <p>Vasilha em forma de calota de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa (6A); lábio arredondado ou plano; base plana. O diâmetro da boca varia entre 22 e 42cm e o volume entre 1,32 a 9,78 litros.</p> <p style="text-align: center;">6A</p> <p style="text-align: right;">Ja2-A1C-652</p>
Forma 7	 <p>Vasilha esférica de contorno composto; boca constricta; borda direta vertical delineando pescoço retilíneo; lábio arredondado; base plana, podendo apresentar apêndice em forma de asa. O diâmetro varia entre 16 e 22cm e o volume calculado é 3,56 litros.</p> <p style="text-align: right;">J 2 A1A 455</p>

escala 0 2 4 6 cm

**Sítio Jacaré 2: formas dos vasilhames acordelados**

FORMA	ÁREA	Nº VASILHA	ACABAMENTO		TIPO DECORATIVO	BORDA	DIÂMETRO BOCA	VOLUME (LITROS)	ESPESSURA (mm)
			SIM	DEC					
2	1	5	2	3	Escovado, digitado e digitungulado	Ext	12 a 24	0,981	8 a 10
4A	1	2		2	Escovado digitungulado	DIE	18 a 34	7,08	11 a 14
4B	1	2		2	Espatulado, digitado e digitungulado	DV	16 a 30	5,20	10 a 15
4C	1	2		2	Escovado	DII	14 a 20	0,949	12
	3	1	1		-----	DII	22		12
	2	1	1		-----	Ext	14		7
5	1	8	1	7	Inciso, escovado e filete aplicado escovado	Ext DoV**	12 a 28	0,415 a 3,66	6 a 10
6A	1	3		3	Digitungulado, espatulado, unglado e corrugado	DIE	22 a 42	1,32 a 9,78	13 a 17
7	1	2		2	Escovado, filete aplicado	DV	16 a 22	3,56	10
Sub total			5	21					
<b>Total</b>			<b>26</b>						

SIM=simples; DEC=decorado; Extr=extrovertida; DII=direta inclinada interna; DIE=direta inclinada externa; DV=direta vertica; DoV: dobrada vertical

Foram reconstituídos 26 vasilhames cerâmicos confeccionados pela técnica de acordelamento, sendo que a Forma 5 predomina com 34,6% dos vasilhames, seguida da Forma 4 com 26,9% dos vasilhames reconstituídos, da Forma 2 com 19,2%, da Forma 6A com 11,5%, e da Forma 7 com 7,7%.

Os vasilhames da Forma 5A possuem o volume variando entre 0,415 e 3,66 litros. Os vasilhames da Forma 2 possuem volume variando entre 0,981 e 3,65 litros.

As Formas 4A e 6A apresentaram os vasilhames com maior volume (7,08 litros para a 4A e 9,78 litros para a 6A), e com as paredes mais espessas (de 11mm a 17mm).

Quanto à distribuição das formas dos vasilhames pelas diferentes áreas do Sítio Jacaré 2, observa-se que com exceção de um vasilhame de Forma 5, os demais 24 vasilhames reconstituídos pertencem às Áreas 1/3.

Cerâmica Leve

No capítulo introdutório da análise cerâmica definiu-se a cerâmica leve como aquela manufaturada com técnica mais elaborada, podendo ser torneada, modelada ou até mesmo acordelada, caracterizando-se pela presença de pasta com antiplástico de granulometria bastante fina (até 1mm), com queima completa, coloração bege claro, com espessura da parede normalmente delgada (média de 5mm).

No Sítio Jacaré 2, esta cerâmica representa 10,2% do material analisado. Na Área 1, representa 9,1% do total do material coletado, enquanto nas áreas 2 e 5, representa 75% do material. Esta distribuição, indica sua associação com a faiança de meados do século XIX.

**Sítio Jacaré 2: distribuição da cerâmica leve, por área**

Área	Nº de fragmentos	%
Área 1	63	79.75
Área 2/5	12	15.19
Área 3	0	0.00
Área 4	1	1.27
sem informação de setor	3	3.80
<b>número de peças total</b>	<b>79</b>	

No que se refere ao tratamento de superfície, a cerâmica leve apresenta apenas alisamento em 55,7% do total de fragmentos, podendo apresentar engobo vermelho em uma ou em ambas as faces (27,8% do total de fragmentos), pintura (13,9%) e, mais raramente, decoração plástica (2,5%).

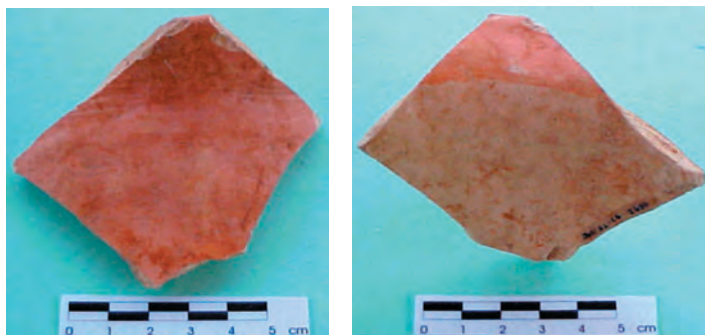
Sítio Jacaré 2: técnica de acabamento da cerâmica leve

Técnica de acabamento	Área 1		Área 2/5		Área 4		Sem procedência		Total por tipo	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alisamento	31	49,21	10	83,33	1	100,00	2	66,67	44	55,70
Alisamento + engobo	20	31,75	2	16,67					22	27,85
Decoração plástica	2	3,17							2	2,53
Pintura	8	12,70							8	10,13
Pintura bicrômica	2	3,17					1	33,33	3	3,80
<b>Total por Área</b>	<b>63</b>		<b>12</b>		<b>1</b>		<b>3</b>		<b>79</b>	<b>100,00</b>

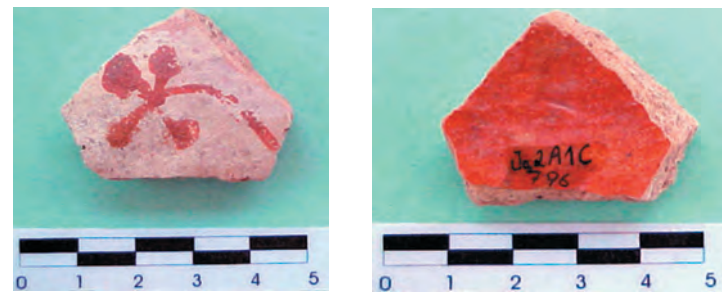
Os fragmentos que apresentaram decoração plástica assemelham-se à “cerâmica negra” identificada na Península Ibérica. Trata-se de uma cerâmica de coloração escura, apresentando pasta com antiplástico de granulometria bastante fina, podendo ser modelada ou acordelada.

Sítio Jacaré 2: tipos decorativos da cerâmica leve

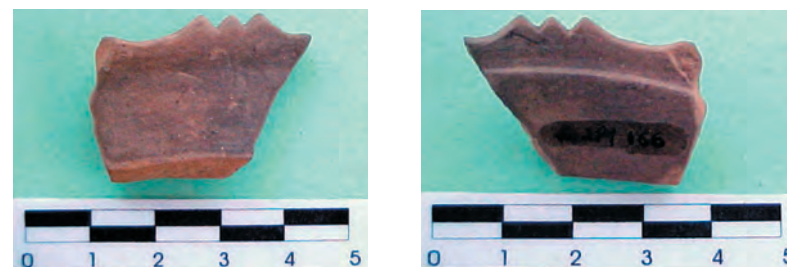
Tipo decorativo	Área 1	S/ procedência	Subtotal	%
Inciso linear simples	1		1	7,69
Plástica combinada múltipla	1		1	7,69
Pintura	8		8	61,53
Pintura bicrômica	2	1	3	23,07
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>1</b>	<b>13</b>	
<b>% de decoradas por Área</b>	<b>92,31</b>	<b>7,69</b>		



Sítio Jacaré 2 - cerâmica leve: borda apresentando engobo vermelho na face externa (esq) e faixa pintada no lábio na face interna (dir) (nº 2630).



Sítio Jacaré 2 - cerâmica leve: pintura vermelha sobre engobo branco na face externa (esq) e engobo vermelho na face interna (dir) (nº 796)



Sítio Jacaré 2 - cerâmica leve: decoração moldada no lábio (nº 635)



Sítio Jacaré 2 - cerâmica leve com decoração múltipla



Detalhe de fragmento de cerâmica leve com decoração múltipla (Ja2-493). Face externa, à esquerda; face interna, à direita.

Sítio Jacareí 2: tipos de fragmentos – cerâmica leve

TIPO	Sub-tipo	S/ proc				Área 1				Área 2/5				Área 4				Total					
		D	S	St	T	D	S	St	T	D	S	St	T	D	S	St	T	S	D				
CORPO	convexo		2	2	2	1	24	25	30	0	10	10	11	0	1	1	1	1	37				
	retilíneo			0				0				1		1					0		0	1	
	anguloso			0			2	2							0				0		0	2	
	côncavo			0			2	2							0				0		0	2	
	missing			0			1	1							0				0		0	1	
	subtotal	0	2				1	29				0		11				0	1			1	43
BASE	plana			0	0		1	1	2			0	0			0	0	0	1				
	anelar			0			1	1						0				0		0	1		
	subtotal	0	0				0	2				0		0				0	0		0	2	
PESSOÇO	côncavo			0	0	1		1	1			0	0			0	0	1	0				
	subtotal	0	0				1	0				0		0				0	0		1	0	
BORDA	direta inc. ext			0	1	1	2	3	29			0	1			0	0	1	2				
	direta inc. int.			0			1	2		3				0				0		1	2		
	direta vertical			0			2	2		4				0				0		2	2		
	direta			0			1	8		9				0				0		1	8		
	missing																						
	extrovertida	1		1			5	5		10				1	1					0		6	6
	subtotal	1	0				10	19				0		1				0	0			11	20
Não identificado					0		1		1				0				0		1				
Total simples e decorados		1	2			12	51			0	12			0	1			13	66				
Total de fragmentos		3				63				12				1				79					

S=simples; D=decorado; St=total por subtipo; T=total por tipo de fragmento





Sítio Jacareí 2 – cerâmica leve com base em pedestal

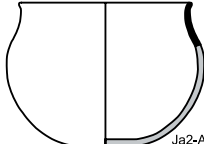
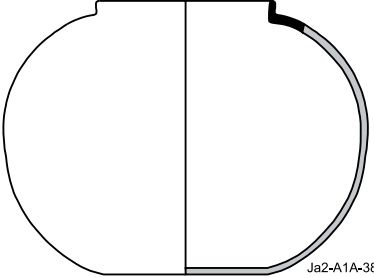
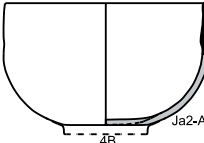
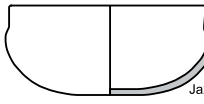
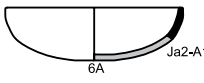
Foram reconstituídos 9 vasilhames para a cerâmica leve, resultando na identificação das formas 2, 3, 4 (A e B), 5 (A) e 6 (A). Somente a Forma 2 ocorre na Área 2, as demais na Área 1. Observou-se que os vasilhames possuem dimensões reduzidas, se comparadas às dos vasilhames de forma similar reconstituídos para a cerâmica acordelada.

Dos 9 vasilhames reconstituídos, 55,5% (5 vasilhames) pertencem à Forma 4, sendo que as demais formas (de nº 2, 3, 5A e 6A) são representadas por um único exemplar. A Forma 2 é a única forma representante da Área 2, enquanto que as demais ocorrem na Área 1.

**Sítio Jacareí 2: forma dos vasilhames – cerâmica leve**

FORMA	ÁREA	Nº VASILHA	ACABAMENTO		TIPO DECORATIVO	BORDA	DIÂM. BOCA	VOLUME (LITROS)	ESPESS. (mm)
			SIM	DEC					
2	2	1	1		-----	Ext	12	0,969	5
3	1	1	1		-----	Ext	12,3	6,37	6
4A	1	2		2	Pintura e pintura bicrômica	DIE	14	0,472	5
4B	1	3	1	2	pintura	DV DII	14 - 16,5	1,02	3 a 5
5	1	1		1	pintura	Ext	14	0,672	5
6A	1	1	1		-----	DIE	12,4	0,252	5
Sub total			4	5					
Total			9						

SIM=simples; DEC=decorado; Extr=extrovertida; DII=direta inclinada interna; DIE=direta inclinada externa; DV=direta vertical

Sítio Jacareí 2 - Repertório de Formas da Cerâmica Leve	
Forma 2	 <p>Ja2-A2C-802</p> <p>Vasilha esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida; lábio apontado; base plana ou em pedestal. O diâmetro da boca é 12cm e volume 0,96 litros.</p>
Forma 3	 <p>Ja2-A1A-383</p> <p>Vasilha esférica de contorno composto; boca constricta; borda extrovertida com ponto angular; lábio apontado; base plana ou em pedestal. O diâmetro da boca é de 12,3cm e o volume do único exemplar é 6,37 litros.</p>
Forma 4	 <p>Ja2-A1C-1-602</p> <p>4B</p> <p>Vasilha semi-esférica de contorno simples; com boca aberta; borda direta inclinada externa(4A) ou vertical(4B); lábio arredondado ou plano; base plana ou em pedestal. O diâmetro é de 14cm e o volume 0,47 litros.</p>
Forma 5	 <p>Ja2-A1C-631</p> <p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida; lábio plano; base plana. O diâmetro do exemplar reconstituído é de 14cm e o volume 0,67 litros.</p>
Forma 6	 <p>6A</p> <p>Ja2-A1A-101</p> <p>Vasilha em forma de calota de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa; lábio plano; base plana. O diâmetro da boca do único exemplar reconstituído é de 12,4cm e o volume de 0,25 litros (pires).</p>

### 3.6. A Cerâmica Histórica do Sítio Taubaté 1

O material cerâmico do Sítio Taubaté 1 totalizou 1426 fragmentos, provenientes de três setores de escavação, denominados Setor A, Setor B e Setor C. O Setor C forneceu 78,2% do total do material cerâmico coletado, sendo que o material do dois outros setores não atingiu 10% do total. Foram registrados 145 fragmentos sem informação exata de procedência, representando 12,2% do material coletado.

**Sítio Taubaté 1: distribuição da cerâmica por setor**

Setor	Nº de fragmentos	%
Setor A	37	2,59
Setor B	98	6,87
Setor C	1116	78,26
sem informação de setor	175	12,27
<b>Total</b>	<b>1426</b>	<b>100,00</b>

#### 3.6.1. Aspectos Tecnológicos

No que se refere aos atributos tecnológicos, confirmou-se a predominância da técnica de acordelamento na confecção dos vasilhames (89,4%), podendo estar associada à técnica de modelagem (8,27%), ocorrendo também fragmentos confeccionados unicamente através da técnica de modelagem (0,42%).

O Sítio Taubaté 1 apresenta, em quantidade reduzida (1,89 % do total de fragmentos analisados), um tipo de cerâmica aqui denominada “cerâmica leve”, já observada nos demais sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto. Como já salientado anteriormente, nesta categoria estão incluídos fragmentos confeccionados por acordelamento, modelagem ou torno, mas que possuem características comuns que indicam um nível mais elevado de padronização na confecção dos vasilhames: presença de antiplástico mineral com granulometria bastante fina (menor que 1mm), queima completa, paredes delgadas. Os resultados da análise desta cerâmica serão sistematicamente apresentados no final deste capítulo.

**Sítio Taubaté 1: técnica de confecção da indústria cerâmica**

Setor	Total de fragmentos	Acordelamento		Acord. + mod.		Modelagem		Cerâmica leve	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Setor A	37	29	78,38	1	2,70			7	18,92
Setor B	98	87	88,78	8	8,16	1	1,02	2	2,04
Setor C	1116	996	89,25	100	8,96	5	0,45	15	1,34
S/ proced.	175	163	93,14	9	5,14			3	1,71
<b>Total</b>	<b>1426</b>	<b>1275</b>	<b>89,41</b>	<b>118</b>	<b>8,27</b>	<b>6</b>	<b>0,42</b>	<b>27</b>	<b>1,89</b>

Observa-se que em todos os setores a cerâmica acordelada predomina sobre a cerâmica leve, sendo que apenas no Setor A, esta última apresenta um percentual mais elevado, representando 18,9% do total do material cerâmico coletado neste setor.

A cerâmica acordelada representa 98,1% do total da cerâmica do Sítio Taubaté 1, e será sistematizada nas tabelas a seguir, totalizando 1399 fragmentos. A cerâmica leve será tratada separadamente ao final deste capítulo, por representar um aspecto qualitativo significativo da cultura material deste sítio, mas que por estar quantitativamente pouco representada, correria o risco de ser diluída nas estatísticas caso fosse englobada no total do material.

**Sítio Taubaté 1: distribuição da cerâmica acordelada, por setor**

Setor	Nº de fragmentos	%
Setor A	30	2,14
Setor B	96	6,86
Setor C	1101	78,70
Sem informação de setor	172	12,29
<b>Total</b>	<b>1399</b>	<b>100%</b>

O antiplástico utilizado é mineral (quartzo, mica, turmalina), ocorrendo em baixa frequência adição de carvão (1,57% do total de fragmentos) ou cerâmica triturada (0,50%). Foi observado no Setor B um aumento na frequência (6,25%) de fragmentos apresentando cerâmica triturada adicionada à pasta.

**Sítio Taubaté 1: composição do antiplástico**

Setor	Nº de frag.	Mineral	Mineral +carvão	Mineral +cerâmica
Setor A	30	100,00		
Setor B	96	90,63	3,13	6,25
Setor C	1101	98,55	1,36	0,09
sem proced.	172	97,67	2,33	
<b>Total</b>	<b>1399</b>	<b>97,93</b>	<b>1,57</b>	<b>0,50</b>

A espessura do antiplástico, medida a partir das dimensões do maior grão de quartzo, esteve na faixa entre 1mm e 3mm (67,4%) e entre 3mm e 5mm (22,3%). A cor da pasta variou igualmente entre preto/cinza (57,2%) e bege/ocre (42,7%).

**Sítio Taubaté 1: espessura do antiplástico e cor da pasta**

Setor	Nº de fragmentos	Espessura do antiplástico (mm)					Cor da pasta	
		<1	>=1<3	>=3<5	>5	S/ inf.	Bege/ocre	Preto/cinza
Setor A	30	6,67	66,67	16,67	10,00		40,00	60,00
Setor B	96	4,17	82,29	11,46	2,08		47,92	52,08
Setor C	1101	0,91	65,94	23,61	9,45	0,09	43,14	56,86
S/ proc	172	1,74	69,19	21,51	6,98	0,58	37,79	62,21
<b>Total</b>	<b>1399</b>	<b>1,36</b>	<b>67,48</b>	<b>22,37</b>	<b>8,65</b>	<b>0,14</b>	<b>42,74</b>	<b>57,26</b>

Os fragmentos cerâmicos analisados apresentaram diferentes técnicas de acabamento: alisamento (cerâmica simples), alisamento associado à aplicação de engobo (cerâmica simples com engobo) e aplicação de decoração plástica na face externa (cerâmica decorada).

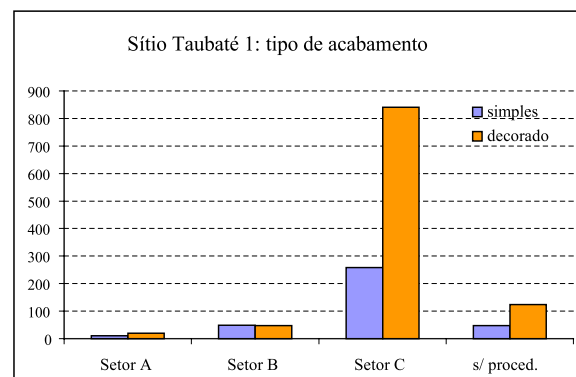
**Sítio Taubaté 1: técnica de acabamento da cerâmica acordelada**

Técnica de acabam.	Setor A		Setor B		Setor C		S/ procedência		Total por tipo	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
alisamento	10	33,33	47	48,96	257	23,34	48	27,91	362	25,88
alisamento + engobo		0,00	2	2,08	1	0,09	0	0,00	5	0,35
decoração plástica	20	66,67	47	48,96	841	76,39	124	72,09	1032	73,77
<b>Total</b>	<b>30</b>		<b>96</b>		<b>1101</b>		<b>172</b>		<b>1399</b>	

Do total de fragmentos de cerâmica acordelada do Sítio Taubaté 1, 1032 (73,7%) pertencem à categoria decorada e 367 (26,2%) pertencem à categoria simples.

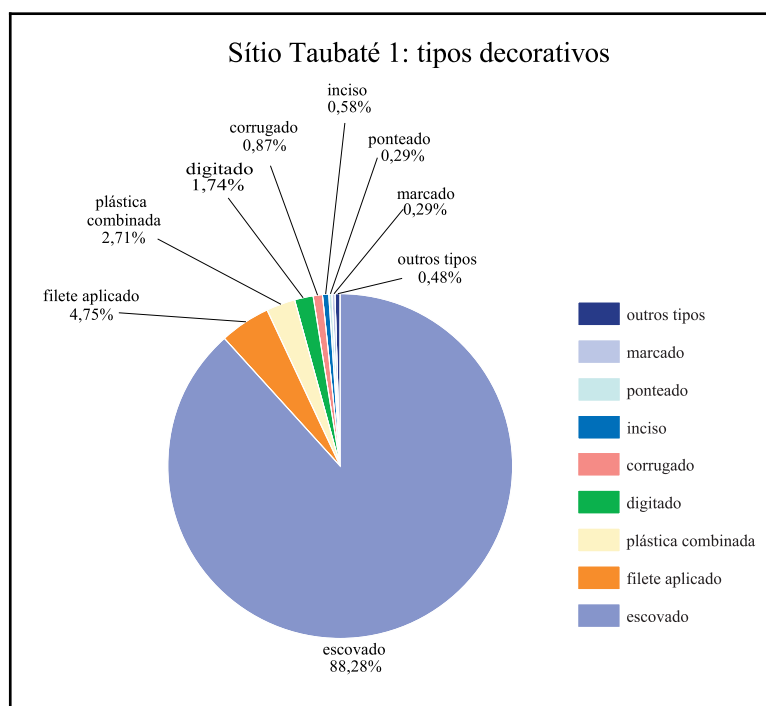
**3.6.2. Tipos Decorativos**

No Sítio Taubaté 1, foram analisados 1032 fragmentos com algum tipo de decoração plástica, representando 73,76% do total da cerâmica acordelada. Observou-se uma variação no percentual dos fragmentos decorados em cada um dos setores do sítio.



No Setor C, o material que apresenta decoração plástica representa 76,5% do total deste setor; no Setor A representa 66,6%; no Setor B apenas 48,9%. Quanto ao material que não teve a procedência exata determinada, 72% dele apresentava decoração plástica.

Os tipos decorativos registrados no Sítio Taubaté 1 foram: escovado, filete aplicado, digitado, corrugado, inciso, marcado, pontado, espatulado. A combinação de diferentes tipos de decoração plástica foi registrada em 2,71% dos fragmentos decorados, podendo combinar decoração escovada com filete aplicado digitado ou digitungulado.



A decoração plástica predominante pertence ao tipo decorativo escovado (88,2% do total de fragmentos decorados), com orientação intercruzada em 73,5% dos casos, seguida da perpendicular (2,8%) e da longitudinal (2,6%). Em 20,7% dos casos, a orientação da decoração escovada não pôde ser determinada devido, na maior parte das vezes, à pequena dimensão dos fragmentos.



Sítio Taubaté 1: decoração do tipo escovado intercruzado (à esq. nº 074/276; à dir. nº 39/41/42/45)

A decoração do tipo filete aplicado digitado, digitungulado ou espatulado ocorre em 4,7% dos casos, podendo estar associada à decoração do tipo escovado.



Sítio Taubaté 1: decoração combinada - escovado oblíquo e filete digitungulado aplicado sobre a borda (peça nº 846)



Sítio Taubaté 1: decoração combinada - escovado oblíquo e filete digitungulado aplicado sobre a borda (peça nº 554)



Sítio Taubaté 1: decoração combinada - escovado oblíquo e filete aplicado digitado (peça nº 436)



Sítio Taubaté 1: decoração do tipo filete aplicado espatulado (nº 556)

Os demais tipos decorativos ocorrem em baixa frequência no conjunto do material decorado do Sítio Taubaté 1: digitado (1,74%); corrugado (0,87%); inciso (0,58%), podendo ser linear simples, duplo, triplo ou em barra; marcado (0,29%), ponteados (0,29%), espatulado (0,10%).



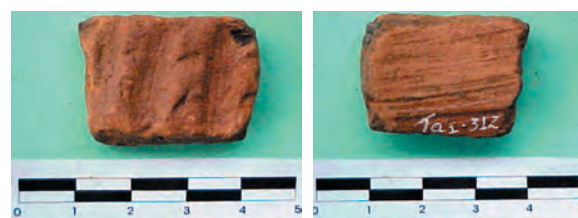
Sítio Taubaté 1: decoração do tipo corrugado e filete aplicado digitado sobre o lábio (peça nº 198)



Sítio Taubaté 1: decoração do tipo corrugado e do tipo digitungulado sobre o lábio (peça nº 924/932)



Sítio Taubaté 1: decoração do tipo digitado sobre o lábio de placas circulares (peças nº 765 e 766)



Sítio Taubaté 1 - decoração do tipo espatulado perpendicular, apresentando estrias de alisamento na face interna (nº312).



Sítio Taubaté 1 - decoração combinada: inciso retilíneo sobre roletado, escovado longitudinal, apêndice em forma de asa retilínea com decoração do tipo digitado (peça nº 177)



Sítio Taubaté 1: decoração do tipo ponteados em círculo vazado (peça nº 576)

Sítio Taubaté 1: fragmentos decorados - cerâmica acordelada

Tipo decorativo	Sub-tipo	Setor A	Setor B	Setor C	S/proc	Total	% do subtipo (*)	Total	% sobre total (**)	
Escovado	circular			1		1	0,11	911	88,2	
	intercruzado	7	24	557	82	670	73,55			
	longitudinal	1	2	19	2	24	2,63			
	perpendicular		1	23	2	26	2,85			
	oblíquo			1		1	0,11			
	Não identif	5	9	154	21	189	20,75			
Filete aplicado	digitado	1	2	31	5	39	79,60	49	4,75	
	digitungulado			2		2	4,08			
	não identif			1		1	2,04			
	outro	1	1	3	2	7	14,28			
Plástica combinada			3	20	5	28	2,71			
Digitado		1	1	15	1	18	1,74			
Corrugado		2	1	4	2	9	0,87			
Incisão	linear simples	convergente		1		1	16,67	6	0,58	
		não identif			1		1			16,67
	linear duplo	retilíneo longitudinal		1			1			16,67
		retilíneo n id			1		1			16,67
	em barra	curvilíneo nid			1		1			16,67
		retilíneo inter			1		1			16,67
Marcado		1			2	3	0,29			
Ponteadado			1	2		3	0,29			
Espatulado		1				1	0,10			
não identif				1		1	0,10			
Sulco longitudinal	junto ao lábio		1			1	0,10			
outro				2		2	0,19			
Total		20	47	843	124	1032	100%			
% decorados / Setor		1,93	4,55	81,53	11,99					

(\*)% do sub-tipo sobre o total de fragmentos do tipo decorativo

(\*\*) % sobre o total de fragmentos decorados do Sítio Taubaté

1

### 3.6.3. Aspectos Morfológicos

Da mesma forma que para os demais sítios da Rodovia Carvalho Pinto, o objetivo da análise dos atributos morfológicos dos fragmentos cerâmicos foi auxiliar na identificação da forma dos vasilhames. Assim, as categorias reconhecidas no conjunto do material cerâmico do Sítio Taubaté 1 serão apresentadas de forma esquemática na tabela a seguir, ressaltando-se no texto os atributos que contribuíram significativamente para reconstituição das formas dos vasilhames.

Sítio Taubaté 1: tipos de fragmentos – cerâmica acordelada

TIPO	Subtipo	Setor A				Setor B				Setor C				S/ proced.				Total	
		S	D	St	T	S	D	St	T	S	D	St	T	S	D	St	T	S	D
TAMPÃO	Externa			0	0			0	0	2	10	12	12		1	1	1	2	11
	subtotal									2	10	12	12		1	1	1	2	11
FILETE	Não identif				0				0		2	2	2		1	1	1	0	3
	subtotal									0	2	2	2	0	1	1	1	0	3
PLACA		1		1	1			0	0	3	1	4	4			0	0	4	1
	subtotal	1	0	1	1	0	0		0	3	1	4	4	0	0		0	4	1
OMBRO				0	0			0	0			0	0		1	1	1	0	1
	subtotal	0	0			0	0		0	0	0		0	0	1	1	1	0	1
APÊNDICE	indeterminado			0	0	1		1	1	2		2	2	2		2	2	5	0
	subtotal	0	0			1	0	1	1	2	0	2	2	2	0	2	2	5	0
ASSA	convexa			0	0	1	1	2	3	8	7	15	18	1	1	2	2	10	9
	não identif			0	0	1		1	3	1	2	3	3			0	0	2	2
	subtotal	0	0			2	1	3	3	9	9	18	18	1	1	2	2	12	11
ALÇA	cilíndrica			0	0	3		3	3	6		6	7			0	0	9	0
	não identif			0	0			0	3	1		1	1			0	0	1	0
	subtotal	0	0			3	0	3	3	7	0	7	7	0	0		0	10	0
CORPO	anguloso			0	21			0	54	1	1	2	795			0	0	1	1
	côncavo	1		1	21			0	54	11	25	36	795	2	3	5	5	14	28
	não identif			0	21			0	54	5	6	11	795			0	0	5	6
	outro			0	21	1	1	2	54	1	1	2	795			0	0	2	2
	retilíneo	3	2	5	21	11	7	18	54	55	78	133	795	13	14	27	13	82	101
	convexo	3	12	15	21	13	21	34	54	86	525	611	795	20	76	96	20	122	634
	subtotal	7	14	26	21	25	29	54	54	159	636	795	795	35	93	128	35	226	772
BASE	anelar			0	2			0	6	1		1	65			0	0	1	0
	convexa			0	2			0	6		3	3	65			0	0	0	3
	não identif			0	2			0	6	2	5	7	65		1	1	2	6	
	plana	1	1	2	2	4	2	6	6	21	33	54	65	3	4	7	3	29	40
	subtotal	1	1	2	2	4	2	6	6	24	41	65	65	3	5	8	3	32	49
BORDA	direta inc ext		1	1	7	1	3	4	27	8	14	22	191	1	2	3	1	10	20
	direta inc int	1		1	7	1		1	27	6	36	42	191		7	7		8	43
	direta vertical			0	7		2	2	27	3	4	7	191	1	4	5		4	10
	direta não id		2	2	7	4	5	9	27	11	55	66	191	2	5	7		17	67
	extrovertida	1	1	2	7	1	2	3	27	6	18	24	191		2	2		8	23
	reforço externo		1	1	7	1		1	27			0	191	1		1		2	1
	introvertida			0	7			0	27	1		1	191			0		1	0
	não identificada			0	7	5	2	7	27	12	17	29	191	1	2	3		18	21
	subtotal	2	5	7	7	13	14	27	27	47	144	191	191	6	22	28		68	185
<b>Não identificado</b>				0	0	1		1	1	5		5	5	1		1	1	7	0
<b>Total simples/ decorados</b>		<b>11</b>	<b>20</b>			<b>48</b>	<b>46</b>			<b>258</b>	<b>843</b>			<b>47</b>	<b>124</b>			<b>364</b>	<b>1033</b>
<b>Total fragmentos</b>		<b>31</b>				<b>95</b>				<b>1101</b>				<b>172</b>				<b>1399</b>	

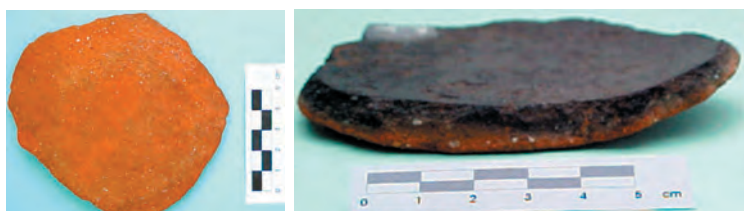
S=simples D=decorado St=subtotal T=total por tipo de fragmento

As formas de vasilhames reconstituídas possuem contorno simples ou infletido, já que é baixa a frequência de fragmentos retilíneos (15%) ou angulares (3,7%), que indicariam a existência de que contornos compostos ou complexos.

A predominância de fragmentos de base plana (85,1%), seguida da base convexa (3,7%) permitiu a inferência de que a maior parte dos vasilhames tivesse base aplainada, orientando as reconstituições de forma neste sentido. Ocorreu apenas 1 caso de base anelar, e não foi possível identificar a morfologia das bases em 9,8% dos casos.



Sítio Taubaté 1: conjunto de bases planas (perfil)



Sítio Taubaté 1: base plana simples, decoração do tipo escovado no corpo (peça nº 505)



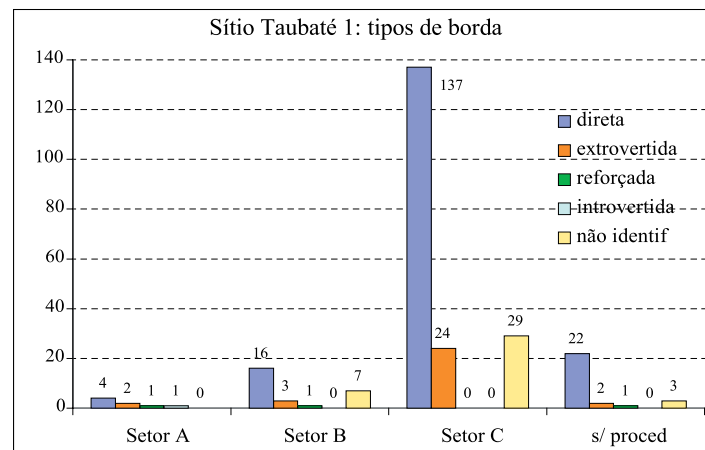
Sítio Taubaté 1: base plana com decoração do tipo escovado (peça nº 888)



Sítio Taubaté 1: base plana quadrangular de vasilha com corpo de secção angular (peça nº 239)

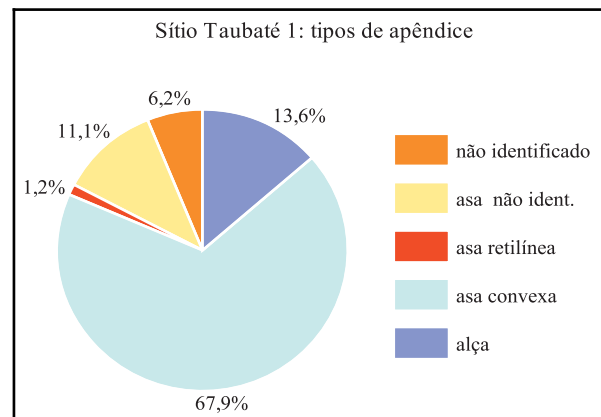
No que se refere às bordas dos vasilhames acordelados, registrou-se uma alta frequência de bordas diretas (70,75%) seguida de bordas extrovertidas (12,25%) e, raramente, bordas reforçadas (1,18%) ou introvertidas (0,39%). Do total de 253 bordas analisadas, 15,41% não permitiram a identificação da morfologia em função de suas pequenas dimensões ou de alterações na morfologia dos lábios.

Das 179 bordas diretas analisadas, 28,49% são diretas inclinadas internas, 16,75% são inclinadas externas, 7,82% são diretas verticais, e 46,92% não permitiram a aferição da inclinação. Estes percentuais sugerem que a maior parte dos vasilhames possua contorno simples e boca constricta. A possibilidade de contorno composto é pequena, já que o percentual de bordas verticais é baixo.

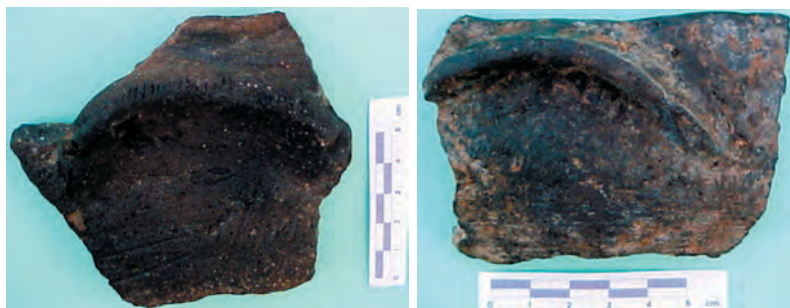


Observando-se o gráfico de distribuição dos tipos de borda pelas três áreas do Sítio Taubaté 1, percebe-se que em todos os setores há o predomínio absoluto das bordas diretas.

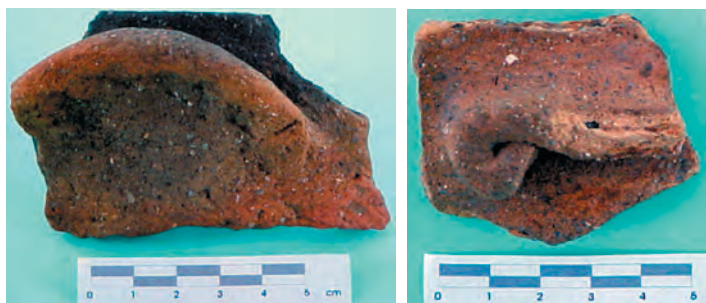
Foram registrados apêndices em forma de alça (11 exemplares), em forma de asa (65 exemplares) e alguns cuja morfologia não pode ser determinada (5 exemplares). Na tabela de **Tipos de Fragmentos**, foram considerados apenas aqueles não associados a fragmentos de corpo ou de borda, num total de 38 fragmentos. No gráfico a seguir, pode-se observar a frequência dos tipos de apêndice, considerando-se o total de apêndices analisados (81 exemplares).



São freqüentes os apêndices em forma de asa aplicados sobre as bordas e corpo dos vasilhames, num total de 65 fragmentos. Na maior parte dos casos estes apêndices possuem morfologia convexa (84,6%) ou, mais raramente, retilínea (1,5%). Do total de apêndices em forma de asa, 13,8% não permitiram a identificação da morfologia.



Sítio Taubaté 1: apêndices em forma de asa convexa (à esq peça n° 293/294, à dir peça n° 802).



Sítio Taubaté 1: apêndice em forma de asa convexa, apresentando digitações na face inferior (peça n° 135)

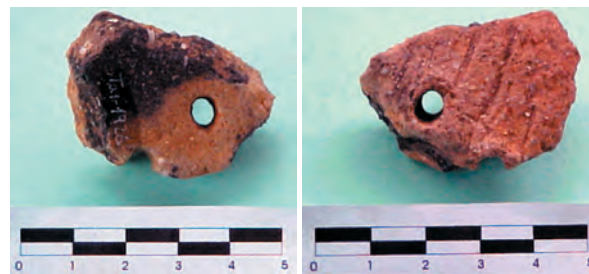
Também foram registrados apêndices em forma de alça (13 fragmentos), com morfologia cilíndrica.



Sítio Taubaté 1 - alça dupla fragmentada (n° 557)

O conjunto do material cerâmico do Sítio Taubaté 1 apresentou alguns fragmentos singulares ou únicos, alguns deles com morfologia e/ou função não determinadas.

- fragmento com perfurações múltiplas, provável base de cuscuzeiro, apresentando estrias na face externa.



Sítio Taubaté 1 - fragmento de base de cuscuzeiro com estrias na FE (n°1926).

- tampa com apoio anelar, apresentando engobo vermelho em ambas as faces.



Sítio Taubaté 1 - tampa externa com apoio anelar (n°241/295)

- peça circular com orifício central (não vazado) indicando possível reciclagem ou, ainda, uma peça inacabada.



Sítio Taubaté 1 – fragmento circular com pequeno orifício central (n° 674)



- peça apresentando orifício, com função indeterminada



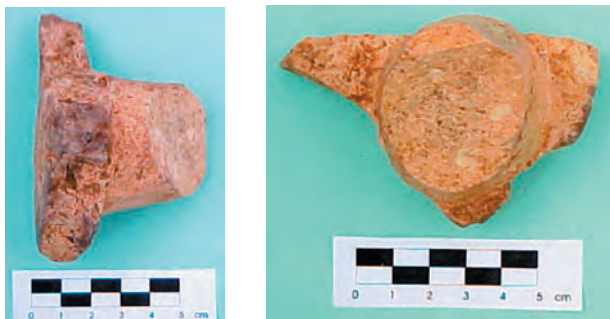
Sítio Taubaté 1 - peça com orifício (nº 985)

- apêndice cilíndrico, com sinais de encaixe em uma das extremidades apresentando na outra extremidade duas saliências mameliformes (função indeterminada)



Sítio Taubaté 1 - apêndice cilíndrico (nº 760)

- apêndice com morfologia cilíndrica (diâmetro de 45mm) aplicado sobre fragmento retilíneo com espessura de 16mm



Sítio Taubaté 1 - apêndice fragmentado de função indeterminada (nº 271).

Foram registrados três cachimbos no Sítio Taubaté 1, confeccionados pela técnica da modelagem. O antiplástico, nas três peças, constituía-se de areia fina e grãos de quartzo, sendo que em duas registrou-se também um pouco de mica, disseminada pela pasta.



Sítio Taubaté 1: fragmento de cachimbo angular composto por porta-boquilha curto, de morfologia cônica, seção circular, e fundo do forninho cônico (Ta1-2)

Apenas um dos cachimbos (Ta 1-1) apresenta decoração, a saber: no corpo do forninho, uma incisão linear simples paralela à borda, da qual saem incisões convergentes em direção à base. No porta-boquilha, incisões lineares convergentes entre si em zig-zag acompanham a boca, após as quais foram feitas três incisões lineares paralelas entre si e à boca do porta-boquilha, distantes 4,5mm umas das outras. Da última delas, em direção à base do corpo do forninho, saem várias incisões paralelas entre si e perpendiculares à boca do porta-boquilha.A



Sítio Taubaté 1: fragmento de cachimbo angular composto por porta-boquilha longo, de morfologia cilíndrica, seção circular, e fundo do forninho cônico

Foram analisadas as estruturas cerâmicas denominadas Estrutura 1 e Estrutura 2. Observou-se que ambas eram formadas por fragmentos de diferentes vasilhames.

No material proveniente da Estrutura 1 foram identificados nove vasilhames distintos, não sendo possível efetuar muitas remontagens. Não foi possível aferir a inclinação das poucas bordas existentes nesta estrutura, não havendo, portanto, possibilidade de reconstituir as formas dos vasilhames.



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 1/vasilhame 1: borda direta, forma não recuperada (nº 49)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 1/vasilhames 2 a 4: fragmentos de borda com filete aplicado digitado, forma não recuperada (nº234 esq/abaixo / 244dir/acima / 245esq/acima)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 1/ vasilhame 5: fragmentos com engobo vermelho em ambas as faces, forma não recuperada



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 1/ vasilhame 6: fragmentos escovados, forma não recuperada (n° 43/50)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 1/ vasilhame 7: fragmento escovado, forma não recuperada (n° 46)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 1/ vasilhame 8: fragmento escovado, forma não recuperada (n° 44/301/ 302/303)

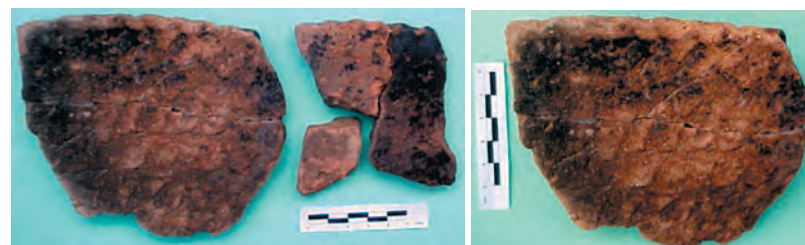
O material proveniente da Estrutura 2 permitiu a identificação de 5 vasilhames cerâmicos, tendo sido efetuadas diversas remontagens. Todos os vasilhames reconstituídos pertencem à Forma 6 (A)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 2/ vasilhame 1: forma 6A, decoração do tipo escovado (n° 277)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 2/ vasilhame 2: forma não recuperada (n° 773)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 2/ vasilhame 3: forma 6, decoração do tipo corrugado (n° 158/159/160)



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 2/ vasilhame 4: forma não recuperada, escovado com asa convexa (n° 162)

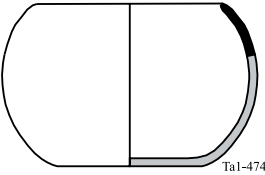
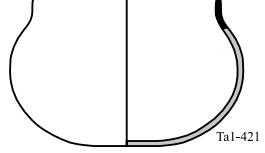
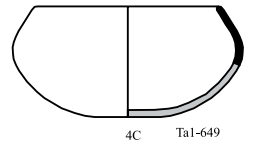
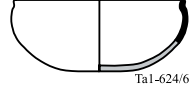
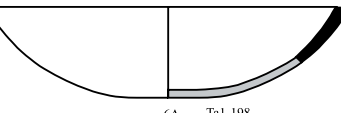
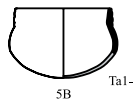
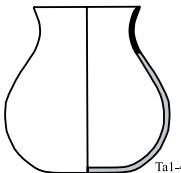



Sítio Taubaté 1 - Estrutura 2/ vasilhame 5: forma 6A (n° 120, etc)



A análise dos atributos morfológicos presentes no material cerâmico do Sítio Taubaté 1 permitiu a classificação dos vasilhames em oito grupos (ou formas) a partir de 39 reconstituições: formas 1, 2, 4 (B e C), 5, 6 (A), 7, 8 e 11.

A representação gráfica e a descrição dos 8 tipos de vasilhames cerâmicos reconstituídos são apresentadas a seguir, ressaltando-se a variação nas dimensões.

Sítio Taubaté 1 - Repertório de Formas da Cerâmica	
Forma 1	 <p>Vasilha esférica de contorno simples, boca constricta, borda direta inclinada interna, lábio arredondado ou apontado, base plana. Pode apresentar apêndice me forma de asa. Diâmetro da boca varia entre 18cm e 26cm e o volume entre 4,0 e 7,9 litros.</p> <p>Ta1-474</p>
Forma 2	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido, boca constricta, borda extrovertida, lábio arredondado, base plana. O diâmetro da boca varia entre 12cm e 24cm e o volume entre 6,2 e 6,6 litros.</p> <p>Ta1-421</p>
Forma 4	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno simples; boca constricta; borda direta inclinada interna (4C); lábio arredondado, apontado ou plano; base plana. Constitui o tipo mais freqüente na coleção deste sítio (11 reconstituições), podendo apresentar apêndices em forma de asa. O diâmetro da boca varia entre 16cm e 36cm e o volume calculado é de 9,7 litros</p> <p>4C Ta1-649</p>
Forma 5	 <p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida, lábio arredondado ou plano; base plana, podendo apresentar apêndice em forma de asa convexa. O diâmetro da boca varia entre 22cm e 26cm. O volume varia entre 0,50 e 4,34 litros.</p> <p>Ta1-624/610</p>
Forma 6	 <p>Vasilha em forma de calota de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa (6A); lábio arredondado, apontado ou plano; base plana. O diâmetro da boca varia entre 20 e 44cm e o volume entre 0,85 e 9,98 litros.</p> <p>6A Ta1-198</p>
Forma 7	 <p>Vasilha esférica de contorno composto; borda direta vertical delineando pescoço retilíneo; lábio arredondado; base plana; apresentando apêndice em forma de asa. O diâmetro da boca do único exemplar é de 12cm e o volume 0,81 litrosZ</p> <p>5B Ta1-177</p>
Forma 8	 <p>Vasilha esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida delineando pescoço côncavo, lábio arredondado ou apontado; base plana (jarro). Diâmetro da boca varia entre 12 e 14cm e a profundidade entre 22cm e 27cm, e o volume entre 4,3 e 5,1 litros.</p> <p>Ta1-436</p>
Forma 11	 <p>Placa ou disco, com lábio arredondado ou plano, podendo apresentar decoração digitada na periferia. Diâmetro varia entre 18 e 22cm.</p> <p>T 1 765 766</p>

Observa-se o predomínio da Forma 4, com 41% dos vasilhames reconstituídos, seguida da Forma 6 A, com 18%, e da Forma 5, com 10,2% dos vasilhames. As demais formas aparecem em baixa frequência: Forma 1 com 10,2%, Forma 2 com 7,6%, as Formas 8 e 11 com 5,1% cada uma, e a Forma 7 com 2,5%.

**Sítio Taubaté 1: formas dos vasilhames – cerâmica acordelada**

FORMA	ÁREA	Nº VASILHA	ACABAMENTO		TIPO DECORATIVO	BORDA	DIÂMETRO BOCA	VOLUME (LITROS)	ESPESSURA (mm)
			SIM	DEC					
1	SC	3	-	3	Escovado	DII	20 a 26	4	8 a 9
	s/p	1	-	1	Escovado	DII	18	7,99	8
2	SC	2		2	Digitado e escovado	DV	24	6,29 a 6,63	7
	s/p	1	1		-----	EXTRE	14		4
4B	SC	3	--	3	Escovado	DV	12 a 26	0,404	7 a 14
	s/p	2	1	1	escovado	DV	26 a 36		8 a 19
4C	SC	11		11	Escovado	DII	16 a 36	9,743	7 a 10
5	SA	1	1			Ext	16		6
	SC	3	1	2	Digitado e escovado	Ext	12 a 26	0,501 a 4,349	6 a 8
6A	SB	2		2	Corrugado e escovado	DIE	30 a 40		11 a 18
	SC	5	2	3	Corrugado e escovado	DIE	20	0,854 a 9,989	7 a 16
7	SB	1		1	Digitado e roletado	DV	12	0,810	5
8	SC	2		2	Escovado e digitado	Ext	12 a 14	4,34 a 5,17	5 a 10
11	SA	1		1	digitado	DV	18	-----	14
	SC	1	1		-----	DV	22	-----	10
Subtotal			7	32					
Total			39						

SIM=simples; DEC=decorado; Extr=extrovertida; DII=direta inclinada interna; DIE=direta inclinada externa; DV=direta vertical; RE=reforçada  
s/p=sem procedência

**CERÂMICA LEVE**

O Sítio Taubaté 1 apresenta, em quantidade reduzida (1,89 % do total de fragmentos analisados), um tipo diferenciado de cerâmica, que foi denominada “cerâmica leve”, já observada nos demais sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto. Esta cerâmica caracteriza-se pela presença de antiplástico mineral com granulometria bastante fina (menor que 1mm), podendo ser acordelada, modelada ou torneada, apresentando geralmente paredes delgadas, indicando um nível mais elevado de padronização na confecção dos vasilhames. Os resultados da análise desta cerâmica serão sistematicamente apresentados a seguir.

**Sítio Taubaté 1: distribuição da cerâmica leve no sítio**

Setor	Total de fragmentos	Cerâmica leve	
		Nº	%
Setor A	37	7	18,92
Setor B	98	2	2,04
Setor C	1116	15	1,34
S/procedência	175	3	1,71
<b>Total</b>	<b>1426</b>	<b>27</b>	<b>1,89</b>

**Sítio Taubaté 1: distribuição da cerâmica leve, por setor**

Setor	Nº de fragmentos	%
Setor A	7	25.93
Setor B	2	7.41
Setor C	15	55.56
sem informação de setor	3	11.11
<b>Total</b>	<b>27</b>	

A cerâmica leve representa 18,9% do material do Setor A; 2,04% do material do Setor B; 1,34% do material do Setor C; e 1,71% do material sem registro preciso de procedência.

Apenas dois dos vasilhames analisados foram confeccionados através da técnica de torno, quatro confeccionados por modelagem e o restante através de acordelamento.

**Sítio Taubaté 1: técnica de acabamento da cerâmica leve**

Técnica de acabamento	S/procedência		Setor A		Setor B		Setor C		Total por tipo	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
alisamento	2	66.67	5	71.43	0	0.00	13	86.67	20	74.07
alisamento + engobo	0	0.00	2	28.57	0	0.00	1	6.67	3	11.11
decoreção plástica	0	0.00	0	0.00	0	0.00	1	6.67	1	3.70
pintura	1	33.33	0	0.00	2	50.00	0	0.00	3	11,11
<b>Total</b>	<b>3</b>		<b>7</b>		<b>2</b>		<b>15</b>		<b>27</b>	

A maior parte dos fragmentos de cerâmica leve apresenta como técnica de acabamento apenas o alisamento (74%) ou o alisamento associado à aplicação de engobo (11,1%).

Ocorre ainda a aplicação de pintura vermelha (11,1% dos fragmentos), sendo pequena a ocorrência de decoraçã plástica.

**Sítio Taubaté 1: fragmentos decorados – cerâmica leve**

Tipo decorativo	Subtipo	S/proc	Setor A	Setor B	Setor C	Total	% sobre total (*)
Sulco longitudinal		0	0	0	1	1	25
pintura	bicrômica	0	0	1	0	1	25
pintura		1	0	1	0	2	50
<b>Total</b>		<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>100</b>
% decorados por Setor		<b>33.33</b>	<b>0</b>	<b>100</b>	<b>6.67</b>		

(\*) % sobre o total de fragmentos decorados do Sítio Taubaté 1



Sítio Taubaté 1 - cerâmica leve: borda com pintura vermelha sobre o lábio (nº 307).



Sítio Taubaté 1 - cerâmica leve: borda torneada com engobo vermelho e estrias de torno (nº 596).



Sítio Taubaté 1 - cerâmica leve: fragmentos com engobo vermelho na face externa



Sítio Taubaté 1 - cerâmica leve: borda com engobo vermelho na face interna (nº 321).



Sítio Taubaté 1 - cerâmica leve: borda extrovertida torneada apresentando pintura vermelha sobre o lábio (nº 578).

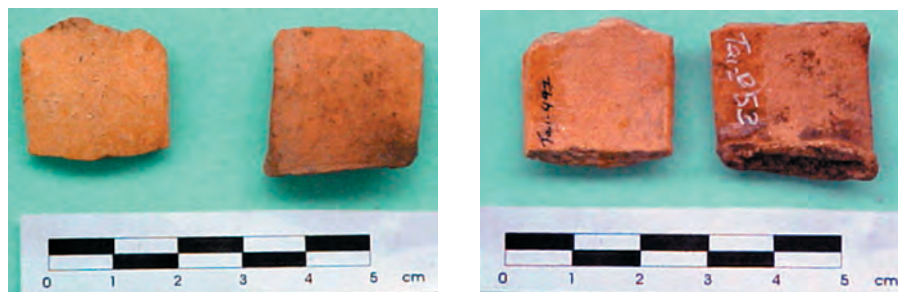


No que se refere à morfologia dos fragmentos de cerâmica leve, observou-se que todas as bases possuem morfologia plana, orientando as reconstituições neste sentido. Dada a pequena quantidade de bordas, não foi possível definir uma tendência para os vasilhames, ocorrendo bordas diretas em proporção um pouco superior às extrovertidas.

Sítio Taubaté 1: tipos de fragmentos – cerâmica leve

TIPO	Sub-tipo	S/ proced				Setor A				Setor B				Setor C				Total	
		S	D	St	T	S	D	St	T	S	D	St	T	S	D	St	T	S	D
N I				0	0	1		1	1			0	0	1		1	1	2	
	sub total	0	0			1	0			0	0			1	0			2	
A L Ç Ã	não identif			0	0			0	0			0	0	2		2	2	2	
	sub total	0	0			0	0			0	0			2	0			2	
C O R P O	côncavo			0				0				0		1		1		1	
	convexo	2		2	3	2		2	2			0	0	3		3	7		
	não identif			0				0	2			0	0	1		1	7	1	
	retilíneo	1		1				0				0		2		2		3	
	sub total	3	0	0		2	0			0	0			7	0			12	
B A S E	plana			0	0	3		3	3			0	0			0	0	3	
	sub total	0	0			3	0			0	0	0		0	0			3	
B O R D A	dir inc ext			0			1	1			1	1		1		1		1	1
	direta n id			0				0				0		2		2		2	
	extrovertida			0	0			0	1		1	1	1					1	1
	dir vertical			0				0				0		1	1	2		1	1
	sub total	0	0			0	1			0	1			5	1			5	3
<b>Total simples / decorados</b>		<b>3</b>	<b>0</b>			<b>6</b>	<b>1</b>			<b>0</b>	<b>1</b>			<b>15</b>	<b>1</b>			<b>24</b>	<b>3</b>
<b>Total fragmentos</b>		<b>3</b>				<b>7</b>				<b>2</b>				<b>15</b>				<b>27</b>	

S=simples D=decorado T=total por tipo de fragmento



Sítio Taubaté 1 - cerâmica leve: apêndices em forma de asa, modelados sobre tecido (n° 497/esq. e 852/dir.).



Sítio Taubaté 1 - detalhe das marcas de impressão sobre tecido na face interna do apêndice em forma de asa

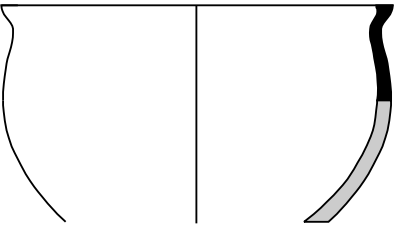
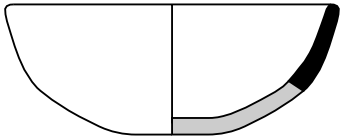
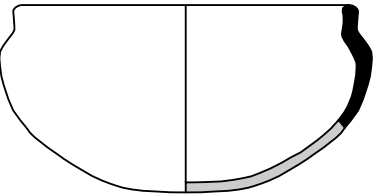
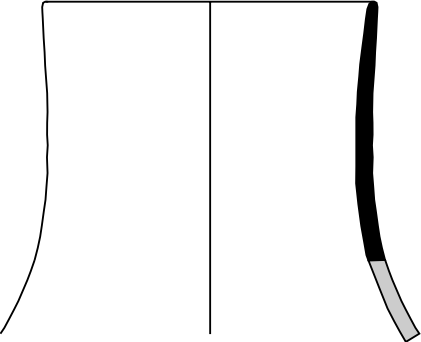


Cerâmica leve: borda de provável jarra (Forma 8), com boca ondulada formando bico (n° 828/831/1531)



Apenas quatro dos oito fragmentos de borda permitiram a reconstituição da forma dos vasilhames, sendo que três delas já fazem parte do repertório de formas da cerâmica acordelada do Sítio Taubaté 1 (Formas 2, 4A e 5) e uma nova forma (Forma 8) aparece exclusivamente associada à cerâmica leve.

Na tabela a seguir pode-se observar a representação gráfica e a descrição das formas reconstituídas para a cerâmica leve.

Sítio Taubaté 1 - Repertório de Formas da Cerâmica Leve	
Forma 2	 <p>Ta1-578</p> <p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido, boca constricta; borda extrovertida; lábio plano; base provavelmente plana ou em pedestal. O diâmetro da boca é 12cm, e o volume é 0,62 litros</p>
Forma 4	 <p>4A Ta1-321</p> <p>Vasilha semi-esférica de contorno simples; boca aberta; borda direta inclinada externa (4A); lábio arredondado; base plana. O diâmetro da boca é 10cm e o volume é 0,17 litros.</p>
Forma 5	 <p>Ta1-307/320</p> <p>Vasilha semi-esférica de contorno infletido; boca constricta; borda extrovertida; lábio arredondado; base plana. Diâmetro da boca é 10cm e o volume 0,39 litros.</p>
Forma 8	 <p>Ta1-828/831/1531</p> <p>Vasilha de boca constricta, borda levemente extrovertida, lábio apontado, pescoço retilíneo longo, bojo convexo, base provavelmente plana. A borda apresenta ondulação formando um bico (jarra). O diâmetro da boca é 11cm. O volume não foi calculado em função da impossibilidade de reconstituir o bojo do vasilhame.</p>

escala 0 2 4 6



**Sítio Taubaté 1: formas dos vasilhames - cerâmica leve**

FORMA	ÁREA	Nº VASILHA	ACABA-MENTO		TIPO DECORATIVO	BORDA	DIÂMETRO BOCA (CM)	VOLUME (LITROS)	ESPESURA (MM)
			SIM	DEC					
2	SB	1		1	pintura	Ext	12	0,620	4
4A	SB	1		1	pintura bicrômica	DIE	10	0,176	6
5	s/p	1		1	pintura	Ext	10	0,395	5
8	SC	1	1		-----	DV	11		5
Sub total			1	3					
<b>Total</b>			<b>4</b>						

SIM=simples; DEC=decorado; Extr=extrovertida; DIE=direta inclinada interna; DIE=direta inclinada externa; DV=direta vertical s/p: sem procedência

Uma característica interessante da cerâmica leve do Sítio Taubaté 1 é a presença de pintura vermelha bandada junto à borda dos vasilhames. Todos os vasilhames são de pequenas dimensões, com volumes inferiores a 1 litro.

#### 4. Análise comparativa dos dados da cerâmica

A análise dos atributos tecnológicos, decorativos e morfológicos da cerâmica histórica dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto permitiu a identificação de dois conjuntos distintos.

O primeiro, que predomina quantitativamente em todos os sítios, é constituído pela cerâmica confeccionada com o emprego da técnica de acordelamento, apresentando pasta com antiplástico mineral de granulometria média (entre 1 e 3mm) ou grossa (entre 3 e 5mm). Neste conjunto foi possível identificar onze formas de vasilhames cerâmicos, com grande variação volumétrica, indicando uma diversidade de funções: armazenamento, processamento de alimentos (cocção e preparo), serviço e transporte.

O segundo conjunto é constituído pela cerâmica aqui denominada “leve”, quantitativamente pouco significativo, mas que possui características comuns que indicam um nível mais elevado de padronização na confecção dos vasilhames. Esta cerâmica tem como característica principal a pasta de coloração bege claro, com antiplástico mineral de granulometria bastante fina (até 1mm), apresentando queima completa. Pode ser confeccionada por acordelamento, modelagem ou com o emprego de torno cerâmico, apresentando paredes delgadas. O repertório de formas deste conjunto é mais restrito, se comparado ao da cerâmica acordelada, tendo sido identificadas seis formas de vasilhames cerâmicos, apresentando pequenos volumes, sugerindo sua utilização no serviço e consumo de alimentos. A cerâmica leve está presente no Sítio Jacareí 1 (onde é rara), no Sítio Jacareí 2 e no Sítio Taubaté 1.

No que se refere à técnica de acabamento, a cerâmica acordelada pode apresentar alisamento, alisamento com aplicação de engobo, e decoração plástica na face externa. O tipo decorativo mais frequente em todos os sítios é o escovado, sendo que apenas no Sítio Caçapava 1 ocorre uma equivalência entre escovados e incisos.

A cerâmica leve apresenta-se geralmente simplesmente alisada ocorrendo, também, aplicação de engobo, pintura bandada junto à borda dos vasilhames e, raramente, decoração plástica (presente exclusivamente no Sítio Jacareí2).

No que se refere aos aspectos morfológicos, o conjunto da indústria cerâmica acordelada permitiu a reconstituição de onze formas de vasilhames. A Forma 4 (vasilha semi-esférica de contorno simples) predomina no conjunto dos sítios com 37,6% dos vasilhames reconstituídos, seguida das Formas 1 (vasilha esférica de contorno simples) e 6 (vasilha em forma de calota) com, respectivamente, 20,2% e 18,2% do total dos vasilhames reconstituídos. Como se pode observar no quadro a seguir, existe uma variação na ocorrência e na frequência das formas dos vasilhames nos diferentes sítios.

A Forma 1 apresenta frequência significativa apenas no Sítio Caçapava 1, e pode estar relacionada à situação particular deste sítio, onde ocorre uma superposição da ocupação histórica e sobre setores da ocupação pré-histórica, caracterizada pela predominância da Forma 1.

A Forma 4 predomina nos sítios Caçapava 1 (41,2%) e Taubaté 1 (41,0%), enquanto a Forma 5 predomina nos sítios Jacareí 1 (41,6%) e Jacareí 2 (34,6%). No Sítio Caçapava 2 ocorrem as Formas 2 e 4, com 50% cada.

Tanto a Forma 4 quanto a Forma 5 constituem vasilhames semi-esféricos, sendo que os volumes médios (2 a 5 litros) estão geralmente associados ao processamento de alimentos (cocção e preparo). Ambas as formas apresentaram grande variação volumétrica, sendo sugerido que tanto os vasilhames de pequeno quanto de grande volume estejam associados a outras funções, principalmente a de armazenamento (substâncias secas e líquidas).

A Forma 6 (vasilhas em forma de calota) também apresenta grande variação volumétrica e está associada ao processamento de alimentos (cocção e preparo) e, também, ao serviço. A hipótese de consistirem tampas também deve ser considerada.

Quadro comparativo das formas dos vasilhames - cerâmica acordelada

Forma	n° vasilh	%	Sítio	n° vasilh	% (*)	diâmetro	volume
1	50	20,24	Ca1	46	29,67	10 a 48	0,129 a 3,775
			Ja1	1	2,80	18	2,47
			Ta1	3	7,69	18 a 26	4 a 7,99
2	18	7,28	Ca1	2	1,29	12	0,863 a 1,883
			Ca2	1	50,00	24	9,65
			Ja1	7	19,44	14 a 20	1,5 a 5,3
			Ja2	5	19,23	12 a 24	0,981
3	1	0,40	Ta1	3	7,69	14 a 24	6,29 a 6,63
3	1	0,40	Ja1	1	2,80	16	5,18
4	93	37,65	Ca1	64	41,29	10 a 48	0,050 a 6,414
			Ca2	1	50,00	16	1,45
			Ja1	5	13,88	18 a 30	1,39 a 5,31
			Ja2	7	26,92	14 a 34	0,949 a 7,08
			Ta1	16	41,02	12 a 36	0,404 a 9,743
5	30	12,14	Ca1	12	7,74	12 a 36	0,714 a 4,857
			Ja1	15	41,66	14 a 24	0,68 a 5,58
			Ja2	9	34,61	12 a 28	0,415 a 3,66
			Ta1	4	10,25	12 a 26	0,501 a 4,349
6	45	18,21	Ca1	30	19,35	10 a 40	0,118 a 5,034
			Ja1	5	13,88	20 a 46	0,68 a 9,07
			Ja2	3	11,53	22 a 42	1,32 a 9,78
			Ta1	7	17,94	20 a 40	0,854 a 9,989
7	3	1,21	Ja2	2	7,69	16 a 22	3,56
			Ta1	1	2,56	12	0,810
8	2	0,80	Ta1	2	5,12	12 a 14	4,34 a 5,17
9	2	0,80	Ca1	1	0,64	16,5	3,7
			Ja1	1	2,80	24	6,05
10	1	0,40	Ja1	1	2,80	20	0,51
11	2	0,80	Ta1	2	5,12	18 a 22	
<b>Total</b>	<b>247</b>	<b>100%</b>					

(\*) % de vasilhames no sítio

O conjunto da indústria de cerâmica leve dos sítios Jacareí 2 e Taubaté 1 permitiu a reconstituição de seis formas de vasilhames. A Forma 4 (vasilha semi-esférica de contorno simples) predomina com 46,1% dos vasilhames reconstituídos, seguida das Formas 2 (vasilha esférica de contorno infletido) e 5 (vasilha semi-esférica de contorno infletido) com 15,3% cada uma.

**Quadro comparativo das formas dos vasilhames - cerâmica leve**

Forma	Nº vasilha	%	Sítio	Nº vasilha	% (*)	diâmetro	volume
2	2	15,38	Ja2	1	11,11	12	0,969
			Ta1	1	25,00	12	0,620
3	1	7,69	Ja2	1	11,11	12,3	6,370
4	6	46,15	Ja2	5	55,55	14	0,472 a 1,02
			Ta1	1	25,00	10	0,176
5	2	15,38	Ja2	1	11,11	14	0,672
			Ta1	1	25,00	10	0,395
6	1	7,69	Ja2	1	11,11	12,4	0,252
8	1	7,69	Ta1	1	25,00	11	
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>					

Os vasilhames de cerâmica leve possuem dimensões menores, se comparados aos da cerâmica acordelada, bocas abertas ou levemente constrictas, com volume de até 1 litro, sugerindo sua utilização em serviço e consumo (Formas 2, 4, 5 e 6). Apenas o vasilhame de Forma 3 apresentou maior volume (6,3 litros) e boca constricta, indicando sua utilização no armazenamento e/ou transporte de líquidos. O vasilhame de Forma 8, também está relacionado ao armazenamento de líquidos e, apesar de não ter sido completamente reconstituído, as dimensões da boca e o contorno da borda sugerem um volume aproximado de 1,5 litros.

## MATERIAL DE LOUÇA

*Lúcia Cardoso Oliveira Juliani*

### Definição

Segundo Pileggi (1958), “todo produto manufaturado de cerâmica, composto de substâncias minerais sujeitas a uma ou mais queimas” pode ser designado pelo termo louça. Dois grandes grupos compõem esse termo, subdivididos em categorias distintas, a saber:

Produtos porosos: louça de barro, terracota, produtos de olaria (telhas, tijolos, etc.), faiança, faiança fina e variedades refratárias.

Produtos não porosos: louça vitrificada ou grés cerâmico, louça vidrada, porcelana dura.

No estudo dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, SP, denominou-se louça às categorias utilitárias domésticas descritas por Pileggi que foram produzidas em série, industrializadas ou semi-industrializadas, comercializadas e introduzidas no universo material estudado através da aquisição e/ou compra.

Os produtos de produção local e artesanal (louça de barro) e os produtos de olaria receberam tratamento à parte, não tendo sido designados neste estudo pelo termo louça.

Conforme Symanski (1998), os fragmentos de louça estão entre os principais vestígios arqueológicos de sítios históricos, apresentando enorme potencial interpretativo sobre status sócio-econômico, hábitos alimentares e comportamento de consumo. Ainda segundo esse autor, a combinação dos atributos pasta, esmalte, técnica de decoração, cor e padrão decorativo fornece informações referentes ao período de fabricação das peças, permitindo a obtenção de cronologias apuradas.

### Procedimentos metodológicos adotados

Em laboratório, após a limpeza e registro, o material coletado em campo foi identificado e analisado, conforme os procedimentos a seguir indicados:

- Triagem do material, por sítio, área intra-sítio, categorias de matéria-prima, tipos decorativos e atributos morfológicos;
- Numeração indicativa de sítio, área, setor e nível;
- Separação em dois grupos tipológicos: vasilhas rasas, associadas aos serviços de mesa para consumo de alimentos sólidos (tipo prato) e vasilhas fundas e côncavas, associadas aos serviços de mesa e de chá, para o consumo e/ou acondicionamento de alimentos pastosos e líquidos (tipo malga).
- Separação, dentro de cada grupo formado, das categorias cerâmicas identificadas. Nos sítios arqueológicos da

Rodovia Carvalho Pinto foram identificados fragmentos das categorias: louça vidrada, faiança, porcelana (de pasta dura e de pasta mole), faiança fina, em suas diversas variedades (creamware, pearlware, whiteware, yellowware e ironstone), e stoneware (grés).

- Os grupos tipológicos, subdivididos por categoria, foram então separados entre peças decoradas e não decoradas (padrão simples). A partir dessa classificação, as peças foram agrupadas de maneira a poder-se definir o número mínimo de peças presentes na coleção, procedendo-se à remontagem e/ou identificação do conjunto de fragmentos pertencentes a um mesmo objeto.

Como os artefatos em louça são produzidos por técnicas industriais, em série, o número exato de peças, a partir de fragmentos, é impraticável. Deste modo, a partir da análise de diversas características inerentes em cada conjunto pré-selecionado, são agrupados os fragmentos que podem pertencer a um mesmo artefato.

Para a realização das análises quantitativas e qualitativas do universo estudado, procedeu-se, inicialmente, à remontagem e/ou associação de fragmentos que pudessem pertencer à mesma peça, buscando-se analisar o conjunto a partir do número mínimo de peças encontradas. Essa metodologia tem sido demonstrada como importante na medida que não permite que a quantificação das peças seja superestimada (Lima et alli, 1989). Tratando-se de materiais industrializados, essa tarefa torna-se extremamente trabalhosa, pois diversos atributos devem ser avaliados nessa classificação.

A determinação do número mínimo de peças a partir de fragmentos de louças históricas resgatadas de pesquisas arqueológicas faz parte da prática metodológica que vem sendo adotada pelos arqueólogos visando possibilitar a análise interpretativa de coleções e sítios arqueológicos.

Na análise interpretativa, objetivando-se determinar padrões e processos culturais, a louça vem sendo utilizada como elemento de datação de sítios, de indicação de comportamento de consumo e de padrões sócio-culturais. Os métodos utilizados nessas interpretações são feitos a partir da frequência de determinadas categorias, tipos e modelos decorativos considerados como diagnósticos para as análises.

Desse modo, por exemplo, uma maior frequência de louças consideradas como de alto custo em uma classificação de valor econômico para uma época determinada, demonstraria o poder aquisitivo e/ou a preocupação em manter um determinado status no universo doméstico estudado. Da mesma maneira, na datação de sítios, uma maior frequência de determinados tipos de pasta e modelos e técnicas decorativas determinariam a época de ocupação da área estudada, através da aplicação de uma fórmula de datação.

- A partir daí, cada peça definida a partir da análise com base no número mínimo de peças recebeu uma numeração e foi inserido em um registro do banco de dados criado para a análise dos artefatos em louça dos sítios arqueológicos históricos da Rodovia Carvalho Pinto.

- Análise, quando possível, das técnicas de manufatura e acabamento empregadas;
  - Medição dos objetos;
  - Análise e reprodução dos elementos decorativos;
  - Identificação das marcas de fabricação;
  - Reconstituição gráfica das formas dos objetos;
  - Tabulamento dos dados;
  - Inserção dos dados em banco de dados criado a partir de quatro atributos principais:
- procedência
  - categoria e decoração
  - morfologia
  - função e dimensões

#### **Atributos identificados**

A seguir, são descritos os atributos analisados e inseridos no banco de dados.

#### Procedência

**Peça:** número dado a cada fragmento individual analisado.

**Área, setor, nível:** identificação da localização horizontal e estratigráfica da peça no sítio arqueológico.

**Cacos:** número de cacos/fragmentos que receberam o mesmo número por pertencerem à mesma vasilha.

**Obs.** Foram considerados pertencentes à mesma vasilha e, portanto, registrados sob o mesmo número:

- os cacos que remontam, formando um fragmento.
- os fragmentos que, por suas características morfológicas, de pasta e de decoração, poderiam compor uma única peça.

**Obs.** O termo fragmento, neste estudo, é considerado como a parte individual de uma peça, após a remontagem. Assim, um conjunto de cacos que remontam, formam um fragmento. Do mesmo modo, um caco que não remonta com outro(s), também é considerado um fragmento.

**Fábrica:** nome da fábrica que produziu a peça (quando

identificada).

**Origem:** nacionalidade da peça.

**Cidade:** cidade onde se localizava a fábrica.

**Marca:** reprodução da parte textual das marcas identificadoras de fabricação da peça.

**Cor da marca:** indica a cor utilizada na aplicação da marca do fabricante.

**Técnica da marca:** técnica utilizada na aplicação da marca do fabricante.

As marcas de fabricação nas peças cerâmicas industrializadas, utilizadas até os nossos dias, foram criadas para identificação da procedência e do fabricante do objeto. Esse tipo de publicidade visa demonstrar ao adquirente do produto que o mesmo foi fabricado por uma empresa sólida e com boa reputação no mercado, permitindo, inclusive, a opção de reposição de peças perdidas.

- **Incisa** na pasta de argila ainda mole, durante a manufatura. Neste caso, a marca apresenta um relevo discreto, com aparência não padronizada, devido à sua produção manual.
- **Impressa** na pasta de argila ainda mole, durante a manufatura, através de estampas ou selos de louça ou metal. A marca apresenta aparência padronizada, devido à sua produção mecânica.
- **Pintada** à mão ou impressa com estêncil, em uma cor, sob o esmalte, na fase de ornamentação da peça. Normalmente este tipo de marca apresenta apenas o nome ou as iniciais do nome do fabricante.
- **Impressa por transferência** a partir de placas de cobre gravadas, aplicada no momento da decoração da peça. A grande maioria das peças provenientes do século XIX se apresenta marcada por esta técnica, geralmente em azul sob o esmalte, quando esta era também a cor mais comum utilizada nas peças decoradas.

**Período** (de fabricação da peça e/ou, quando não identificado, de funcionamento da fábrica): a presença de marca de fabricação ou outros atributos (como padrão decorativo) passíveis de identificação, permitem localizar a procedência industrial e a cronologia da peça.

**Obs.** Esses dados podem ser identificados a partir da comparação de fragmentos de fundos de vasilhas marcadas ou de atributos (principalmente padrões decorativos) recorrentes desses fragmentos em fragmentos não marcados com dados pesquisados na bibliografia especializada. Esses dados nem sempre podem ser levantados porque diversas peças de louça utilitária doméstica não apresentam marca de fabricação. Além disso, muitos padrões e motivos decorativos foram fabricados por diferentes manufaturas. Por outro lado, pode-se estimar o período de fabricação de uma peça com base em características de pasta, glasura e padrão e/ou motivo decorativo.

As marcas de fabricação nas peças cerâmicas industrializadas, utilizadas até os nossos dias, foram criadas para identificação da procedência e do fabricante do objeto. Esse tipo de publicidade visa demonstrar ao adquirente do produto que o mesmo foi fabricado por uma empresa sólida e com boa reputação no mercado, permitindo, inclusive, a opção de reposição de peças perdidas.

No estudo de artefatos cerâmicos arqueológicos históricos a marca do fabricante na base das peças de louça é um importante elemento diagnóstico, pois permite:

- Reconhecer a origem e o fabricante.
- Determinar a data aproximada de fabricação.
- No caso de peças provenientes das principais indústrias européias dos séculos XIX e XX, que desenvolveram sistemas próprios de datação, é possível identificar o ano exato de produção.

No início da fabricação dessas peças, até o começo do século XX, a marcação era mais comum nas peças mais finas e de maior valor de mercado. Essa prática tornou-se freqüente entre as fábricas inglesas a partir do século XIX, permitindo que uma quantidade significativa dessas peças possa ser identificada e freqüentemente datada com precisão. Para a produção nacional, iniciada no princípio do século XX, os dados obtidos não permitem que se possa tecer parâmetros com relação à freqüência do uso da marca do fabricante nas peças.

No caso de sítios históricos, a identificação da procedência e, conseqüentemente, do período de fabricação das peças de louça exumadas em pesquisas arqueológicas, é um excelente indicador para a datação dos períodos de ocupação e do padrão social dos ocupantes pretéritos desses locais, além de nos trazer subsídios para compreender as relações comerciais ocorrentes na época.

Excepcionalmente, para os sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, essa abordagem permitiu o reconhecimento de categorias cerâmicas e padrões ou motivos decorativos adotados pelas primeiras manufaturas nacionais, tema ainda inexplorado na arqueologia brasileira.

### *Indicadores temporais*

Existem algumas regras gerais aplicáveis à datação das marcas de fabricação para as faianças finas e porcelanas européias, que representam a grande maioria das peças arqueológicas em louça resgatadas de sítios arqueológicos brasileiros, como é o caso dos sítios históricos da Rodovia Carvalho Pinto.

- Marcas impressas por transferência, incorporando as Armas Reais, são provenientes dos séculos XIX e XX.
- Marcas impressas incorporando o nome do padrão decorativo são posteriores a 1810.

- Marcas incorporando o termo “Limited” ou as abreviações do termo (Ltd, Ld, etc.), são de datas posteriores a 1861, sendo que a maioria é bem posterior a esta data.
- A incorporação das palavras “Trade Mark” define uma data posterior a 1862.
- A inclusão do termo “Royal” no nome da fábrica ou no nome comercial do produto sugere que a peça foi fabricada na segunda metade do século XIX ou mesmo no século XX.
- O uso da abreviação “R.N.” (Registered Number) seguida de numerais define data posterior a 1883.
- A indicação do país de procedência na marca (ex: “England”) geralmente demonstra que a data de fabricação é posterior a 1891, embora algumas fábricas já tivessem adotado esta prática um pouco antes dessa data. O termo “Made in” antes da indicação do país de procedência (ex: “Made in England”) demonstra que a peça foi fabricada já no século XX (quase todas as marcas estavam utilizando estes termos por volta de 1905 a 1906).

Obs. Em 1891, o Ato de McKinley, proibiu a importação, pelos Estados Unidos da América (grande importador de louças européias), de mercadorias que não apresentassem marcada a indicação do seu país de origem.

- O uso dos termos “Bone China”, “English Bone China”, etc. ocorreu somente no século XX.

### Categoria e decoração

**Categoria:** este item define o tipo de pasta da louça a que pertence o fragmento. Neste estudo estão sendo consideradas as categorias:

- Louça vidrada
- Faiança
- Faiança fina indiferenciada
- Faiança fina creme (creamware)
- Faiança fina perolada (pearlware)
- Faiança fina branca (whiteware)
- Porcelana de pasta dura
- Porcelana de pasta mole
- Porcelana opaca (ironstone)
- Grés (stoneware)

**Padrão:** padrão decorativo presente na peça.

O padrão decorativo é aquele apresentado de forma consensual na bibliografia especializada. Este termo também foi empregado para os modelos cuja denominação foi dada pelo fabricante a uma decoração específica.

**Simples** designa a louça não decorada e (**simples**) o fragmento sem decoração.

Obs. As peças utilitárias de padrão simples, isto é, não decoradas, geralmente apresentam-se como predominantes nos contextos de sítios arqueológicos históricos. Este também é o caso dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto. É importante ressaltar que nem sempre podemos creditar este padrão a fragmentos de louças que não apresentam padrões decorativos, tendo em vista que podem representar porções não decoradas de peças com decoração.

Por este motivo, visando não alterar a leitura quantitativa dos padrões e/ou técnicas decorativas presentes na amostra recuperada no Sítio Jacaré 2, procedeu-se ao registro do padrão dessas peças com o termo entre parênteses (**simples**).

**Motivo:** o termo motivo decorativo foi relacionado a determinados elementos que compõem a decoração da peça (como floral, geométrico, etc.)

Motivo secundário: este termo foi utilizado para relacionar motivos decorativos presentes na peça que não indicam um padrão decorativo ou aparecem em composição com um ou mais motivos decorativos principais.

**Cor:** descrição das cores utilizadas na decoração da peça, diferenciada para as faces externa e interna.

**Técnica:** técnica utilizada na aplicação da decoração à superfície da peça:

- Pintado à mão sobre o esmalte
- Pintado à mão sob o esmalte
- Impresso por transferência sob o esmalte (transfer printing)
- Moldado (em relevo)
- Carimbado sob e sobre o esmalte (cut sponge)
- Pintado (spatterwork e spongework)
- Carretilha (engine-turned)

**Localização:** define a parte da peça que apresenta o motivo decorativo (borda, aba, corpo, suporte, fundo, etc.)

**Face:** descreve a(s) face(s) que apresentam decoração (face externa, face interna ou ambas as faces).

## Morfologia

**Tipo:** designação que define os atributos morfológicos da peça.

**Dois grupos principais de tipos foram definidos e a partir deles, os demais atributos foram analisados:**

- **Prato (P)** – recipiente aberto, de forma típica circular, borda direta ou extrovertida e geralmente com fundo e base planos. Apresenta, via de regra, profundidade menor do que 2/5 do diâmetro da boca. Pertencem a este grupo o **prato raso (Pr)**, **prato fundo (Pf)**, o **prato pequeno (Pp)**, o **pires (Pi)** e a **travessa (Tr)**. Para efeito de análise dos atributos morfológicos foi considerada neste tipo a **tampa (Ta)**.
- **Malga (Ma)** – recipiente geralmente aberto ou vertical, de forma típica circular, borda direta, com fundo geralmente côncavo, base plana e suporte alto. Era utilizada, geralmente, no consumo de café, chocolate, alimentos líquidos e pastosos. Apresenta profundidade maior ou igual a 2/5 do diâmetro da boca. Pertencem a este grupo a **malga (Ma)**, a **xícara (Xi)**, a **tigela (Ti)** e o **Urinol (Ur)**. Para efeito de análise dos atributos morfológicos foram considerados neste tipo o **bule (Bu)**, o **pote (Pt)** e a **garrafa (Ga)**.

Obs: Aos fragmentos que puderam ser reconhecidos como pertencentes a um dos tipos principais definidos – P ou Ma, mas cujos atributos morfológicos não permitiram a identificação com uma de suas variações, a sigla foi mantida mas a função da peça foi considerada como não identificada (NI).

## **Aplicação da Fórmula South**

Para a determinação dos períodos e da data média de ocupação das áreas de descarte de refúgio doméstico intra-sítios, utilizou-se como ferramentas a Fórmula South e as datações disponíveis na bibliografia consultada, com base nas categorias, padrões e/ou motivos decorativos e unidades fabris de produção e suas respectivas marcas de fabricante.

A aplicação da fórmula South, ferramenta utilizada desde a década de 1970 na datação de sítios históricos através da aplicação de uma fórmula de datação média de louças, utiliza a somatória das datas médias de fabricação de cada peça reconhecida no conjunto, levando em conta a sua frequência na amostra.

A data mais recuada para formação do registro arqueológico (*terminus post quem*) é considerada como a data inicial de produção do artefato mais antigo encontrado no sítio (data antes da qual o sítio não seria ocupado). A data mais tardia de produção do artefato mais recente presente no sítio, definiria o *terminus ant quem*, fornecendo a data para o final da formação do depósito (Deetz, 1977 apud Tocchetto, 2002).

Decidiu-se considerar, também, a data mais tardia do artefato mais antigo e a data mais recuada do artefato mais recente, na determinação do período mínimo de ocupação dos sítios e das áreas intra-sítio identificadas.

## Categorias de louças identificadas nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

### Faiança

A faiança é um tipo de louça branca de pasta opaca, compacta, fratura irregular, porosa, de coloração bege a avermelhada e esmalte poroso branco. Pode ser considerada como uma cerâmica vitrificada, elaborada a partir da combinação de seis partes de argila plástica (barro) e quatro partes de cálcio (caulim). Numa primeira etapa a peça é confeccionada em torno e levada ao forno para uma primeira fase de vitrificação com banho de sal marinho e areia. Após essa queima, a peça recebe decoração e um banho a base de óxido de estanho ou chumbo e retorna ao forno para o cozimento que vai ressaltar a cor branca do vitrificado (Albuquerque, 1991).

Esta categoria de louça recebeu diversas nomenclaturas relacionadas a sua origem: faiança ou louça de Talavera (Portugal), louça de Delft (Holanda), Delft Ware (Inglaterra) e Maiólica (Espanha, Itália e México). Foi produzida no Brasil desde o século XVIII, sendo conhecida como meia faiança (*mezza maiólica*). Apresentava esmalte de menor qualidade que suas correspondentes estrangeiras. Foi produzida e exportada por Portugal para o Brasil desde a segunda metade do século XVI até o início do século XIX (Albuquerque, 1991). Perde importância no final do século XVIII, com a entrada no mercado das faianças finas, tornando-se louça comum utilitária (Garcia, 1990).

Uma das características diagnósticas para reconhecimento dessa louça é que o esmalte destaca-se da base como se fosse uma pele.

Albuquerque (1991), utilizando acervo formado em pesquisa arqueológica desenvolvida em Vila Flor, RN, criou uma periodização para os diversos tipos de faiança portuguesa passíveis de serem encontradas em sítios arqueológicos brasileiros. Essa periodização foi utilizada na análise das faianças dos sítios históricos resgatados na Rodovia Carvalho Pinto.

Esse autor divide a faiança portuguesa em dois grandes grupos, de acordo com o mercado consumidor a que se destinava:

**Faiança de uso interno:** produzida para venda no mercado interno e destinada para o uso cotidiano em Portugal e em suas colônias. Apresenta formas simples, de traços conservadores, representadas por pratos, tigelas, jarras, boiões, escudelas e alguidares. Esta louça é decorada com motivos singelos.

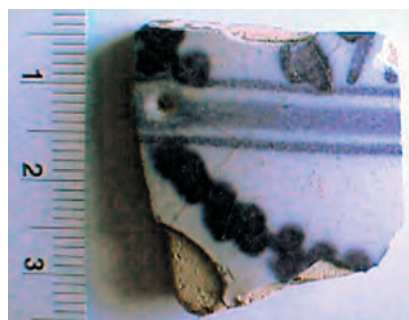
**Faianças do tipo exportação:** destinadas ao mercado europeu e colônias e também ao mercado interno de maior poder aquisitivo. Inspiradas nas porcelanas trazidas da China (conhecidas como da Companhia das Índias), demonstram maior cuidado na sua confecção e na aplicação e escolha dos motivos decorativos, apresentam melhor acabamento e vidrado e tipologia mais variada.

Apenas um fragmento de faiança nacional foi reconhecido no conjunto de louças resgatadas na Rodovia Carvalho Pinto: um prato sem decoração, produzido e marcado pela Fábrica de Louças

Santa Josephina, de Jundiaí, SP (1913 a 1924), proveniente do Sítio Jacareí 2. Os demais fragmentos localizados nos diversos sítios estudados são procedentes de Portugal. Estão presentes, em quantidade significativa, apenas na Área 1 do Sítio Jacareí 2.



Faianças portuguesas de uso interno, localizadas nos Sítios Caçapava 1 (peças nº 19 e 21) (a) e Jacareí 1 (peça nº 16) (b).



Sítio Jacareí 2 – Área 1 (peças nº 93 e 95) – Malgas de faiança portuguesa. A peça de nº 93, provavelmente, pertence ao tipo denominado de exportação por Albuquerque (1991, 2001). A outra peça apresenta motivo decorativo caracterizado por duas linhas paralelas que delimitam linha ondulada entre pontos, executado na cor azul. Esse padrão decorativo, de influência nitidamente barroca, é situado pelo mesmo autor no 5º período, que se inicia em torno de 1750 e se estende ao início do século XIX.



### **Louça vidrada**

A louça vidrada é um tipo de cerâmica (terracota) revestida com vidro amarelado, criada na busca de melhoria de qualidade e impermeabilidade para a cerâmica comum. Comum em Portugal desde o século XVI, deve ter sido trazida desde essa época para o Brasil. A sua produção nacional é disseminada em diversos estados brasileiros no século XIX (Brancante, 1981).

Está presente em quantidade pouco significativa nos sítios arqueológicos estudados: em média um a dois fragmentos por sítio.



Sítio Caçapava 3 (peça nº 246) – Fragmentos de parede de peça de cerâmica vidrada na face interna e com presença de alça na face externa.

### **Faiança fina**

A faiança fina é uma louça branca com pasta permeável, porosa, opaca, de textura granular e quebra irregular que, para se tornar impermeável, é coberta com um esmalte (Worthy, 1982). Frequentemente apresenta decoração aplicada sob ou sobre o esmalte, pintada à mão, impressa por transferência ou em uma combinação dessas técnicas. Surgiu em 1820 e é comum até hoje (Garcia, 1990).

Foi a categoria de louça doméstica mais popular no Brasil do século XIX, importada em larga escala da Inglaterra desde 1808, quando da abertura dos portos. Quatro sub-categorias de faiança fina foram produzidas ao longo do tempo, todas presentes no conjunto de sítios da Rodovia Carvalho Pinto.

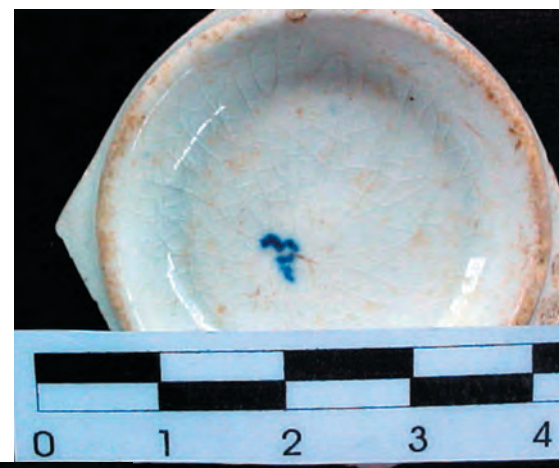
Louça creme (creamware): sob essa designação foram conhecidas as primeiras faianças finas manufaturadas. Apresentam esmalte

de coloração verde-amarelada e foram produzidas na Inglaterra e na França desde 1780 até o início do século XIX (1815). Frequentemente não são decoradas e também não apresentam marca de fabricante (Garcia, 1990).

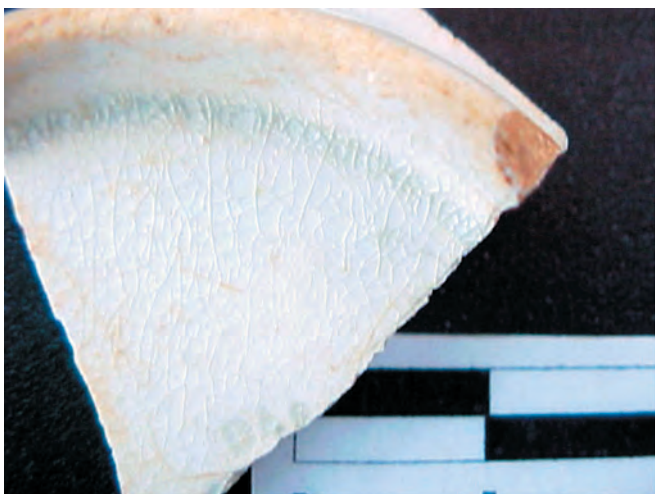


Sítio Taubaté 1 – Setor C (peça nº35) – Malga de faiança fina creamware. A tonalidade esverdeada pode ser observada no esmalte acumulado na junção do suporte.

Louça perolada (pearlware) – forma melhorada da louça creme, começa a substituí-la a partir de 1810. Apresenta pasta de tom amarelado e aplicação de verniz com cobalto que uma aparência azulada à superfície. Teve êxito comercial entre 1790 e 1830 (Garcia, 1990). Symanski (1998) estende o período de produção desta variedade de faiança fina para a primeira metade do século XIX. A observação, no conjunto de louças da Rodovia Carvalho Pinto, daquelas produzidas no Brasil no início do século XX, demonstra que a indústria nacional iniciou a sua produção com o fabrico de louças peroladas.



Ca2 – Área 1 – Malga de faiança fina pearlware, decorada por impressão por transferência em motivo pastoral e apresentando marca de fabricante não identificada. Possivelmente de origem inglesa, fabricada no período entre 1781 – 1859 (Samford, 1997).



Sítio Jacareí 1 – (peça nº292) - Malga simples de faiança fina pearlware, marcada pela fábrica inglesa DAVENPORT. A tonalidade azulada do esmalte é perceptível na junção da base com o suporte.

Louça branca (whiteware) – é uma louça de esmalte extremamente branco, que começou a ser produzida por volta de 1820, mantendo sua popularidade até os dias atuais (Garcia, 1990).

Ironstone (porcelana opaca, white granite, stone china) – esta variedade de faiança fina, em textura, é intermediária entre as outras variedades de faiança fina e as porcelanas, mas tecnicamente é uma faiança fina. As técnicas decorativas presentes neste tipo de louça incluem o moldado em relevo, impresso por transferência, pintado, bandado e com douração. Este tipo de louça foi produzido entre 1815 e 1900, apresentando seu pico na segunda metade do século XIX.

### Porcelana

Conforme a definição dada por Symanski (1998), “a porcelana é uma louça branca, vitrificada e translúcida, descoberta na China durante a dinastia Tang (618-906 d.C.) (Brancante, 1981:156), cuja alta temperatura de queima, entre 1300°C e 1450°C elimina o limite entre a pasta e o esmalte (Worthy, 1982:337)”.

Durante o Celeste Império e durante a dinastia Sung (920-1276 d.C.), um dos centros produtores de porcelana decorada em azul foi Ching-tê Chên, localizada em área rica em caulim e feldspato. Esta cidade continuou abastecendo as cortes Ming e Ching e no início do século XVIII mereceu o título de “capital da porcelana” e em conjunto com diversas outras fábricas das províncias do sul da China, participou ativamente da produção de porcelana de certa qualidade e acabamento deficiente para a exportação em grande escala (Fournier Garcia, 1990).

A porcelana oriental é composta de caulim (argila refratária), feldspato, quartzo e areia cristalina, queimados e pulverizados. Antes da queima, a peça era imersa em um verniz composto

por feldspato, cinza e cal. A temperatura de queima dessas peças envernizadas atingia cerca de 1350°C. A decoração típica da porcelana oriental é a pintura em azul cobalto sob o verniz, embora também tenham sido empregadas outras cores aplicadas sobre este (Fournier Garcia, 1990).

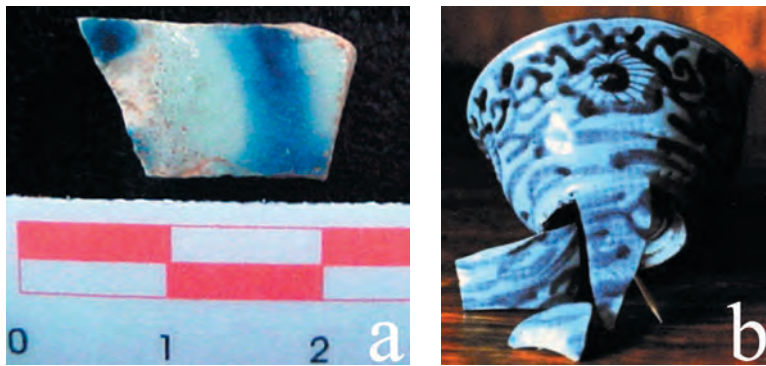
A exportação da porcelana chinesa para a Europa começou a tomar vulto a partir do século XVI, com a penetração no Oriente de exploradores e mercadores europeus. O fascínio despertado por esta louça na nobreza européia resultou em grandes investimentos em experimentos, na busca da fórmula da porcelana de pasta dura que chegava da China. Como a composição de sua pasta era desconhecida, no início do século XVIII os ceramistas europeus só conseguiram produzir uma porcelana artificial, de pasta mole. O segredo foi descoberto em 1708, quando um alquimista empregou na sua produção uma rocha feldspática moída. Fundou-se assim, a primeira manufatura de porcelana dura européia na cidade de Meissen, em 1710 (Fournier Garcia, 1990).

Conforme Fournier Garcia (1990), a porcelana européia de pasta dura caracteriza-se por ser impermeável a líquidos, com absorção de 0 a 2%, ter pasta compacta e vitrificada, de cor branca brilhante (em corte), alta dureza, fratura conchoidal (em forma de concha), som metálico e, se as paredes são delgadas, é translúcida. Caracteriza-se por ser impermeável a líquidos, não fraturar sob a ação do fogo e é composta de caulim, feldspato e quartzo moídos (Garcia, 1990).



Ca2 – Área 2: Porcelana chinesa decorada em tons terrosos.

Conforme Brancante (1993), a louça de Swaton ou de Shantou, porto intermediário entre Macau e Nankin, recebia a denominação de louça grossa nos manifestos de bordo das embarcações provenientes do Oriente, por apresentarem uma maior espessura e forte tonalidade cinza-azulada em confronto com a clássica louça da Índia, mais delgada, de pasta mais clara e desenhos mais perfeitos.



Fragmento de porcelana chinesa do gênero Swatow localizado no Sítio Caçapava 2, Área 2 (a) e malga da mesma porcelana (porcelana grosseira), proveniente da Nau Mont Serrat, naufragada na Bahia e fragmentos da mesma louça resgatados em Porto Seguro, BA e no litoral norte de São Paulo (In: *Brancante, 1981*) (b).



Sítio Caçapava 3 – Jogos de xícara e pires de porcelana de pasta dura decorados com frisos em rosa metálico e decal com friso metálico aplicado sobre superfície modificada (peça moldada).



Sítio Caçapava 2 –prato no padrão decorativo Willow, cuja fabricação foi iniciada em 1780.



Sítio Caçapava 1 – fragmentos de grés. Na foto, respectivamente, da esquerda para a direita: tampa, tinteiro e fragmento de garrafa.

**Porcelana de pasta mole (porcmole):** apresenta pasta relativamente translúcida, de tonalidade levemente amarelada, fratura retilínea, dureza menor que a da porcelana de pasta dura e racha facilmente sob a ação do fogo (Gracia, 1990).

**Porcelana opaca (ironstone china):** louça fina durável, semelhante à oriental em desenhos e qualidade da cor, alta dureza, som metálico, levemente azulada devido à presença de óxido de cobalto. Recebe diferentes nomes na literatura especializada: *granite china, opaque china, stone china, stone ware*, etc. Comercialmente é conhecida como meia porcelana, louça tipo granito ou pó de pedra (Garcia, 1990).

**Grés (stoneware):** pasta mais opaca que a da porcelana de pasta dura, impermeável a líquidos, parcialmente vitrificada, de coloração variável (dependente do conteúdo de ferro da argila e da temperatura do forno). Apresenta alta dureza, fratura conchoidal, som metálico e não racha sob a ação do fogo (Garcia, 1990). genebra, água mineral, tintas, etc.

O grés, também denominado **stoneware**, foi originado na China. Na Europa foi originalmente produzido na Alemanha (século XV), passando a ser amplamente fabricado pela Inglaterra, França e Holanda. O seu sucesso comercial foi devido à sua alta resistência e impermeabilidade que permitiam o transporte de bebidas e outros líquidos. Desta maneira, esses países exportaram, durante o século XIX, grandes quantidades de recipientes de grés contendo, entre outros produtos, cerveja, genebra, água mineral e tinta nanquim. (*Lima, 1989*).

É a categoria cerâmica que mais se aproxima da porcelana, tendo pasta de grande dureza composta por uma mistura de argila, feldspato e areia quartzosa ou sílex moído. De aspecto vitrificado mais opaco que a porcelana, o grés é impermeável a líquidos, com grau de absorção variando entre 1 a 5%. Apresenta-se, comumente, coberto por um vidrado de textura irregular produzido pela aplicação de verniz de sal na superfície da peça. Como a porcelana, tem som metálico, não racha sob ação do fogo e apresenta fratura conchoidal. (*Fournier Garcia, 1990*).

A coloração do grés varia entre o areia e o marrom avermelhado, em função do conteúdo de ferro da argila e da atmosfera do forno de queima.

Diversas são as formas das garrafas e recipientes que foram produzidas em grés durante o século XIX. As marcas de fabricante raramente estão presentes nessas peças.

### Padrões e/ou motivos decorativos de louças identificados nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

A seguir relacionamos os principais padrões decorativos ocorrentes em louças históricas do período estudado (segunda metade do século XIX e primeiro quartel do século XX) e observados no material arqueológico dos sítios históricos da Rodovia Carvalho Pinto.

**Simples:** o padrão **simples** designa que a peça analisada não apresenta decoração. Quando o tamanho e/ou porção do fragmento simples em relação à peça inteira não permita afirmar que a peça não apresentava decoração, foi utilizado o termo entre chaves: (**simples**). Nas faianças finas o termo designa a louça branca sem decoração.

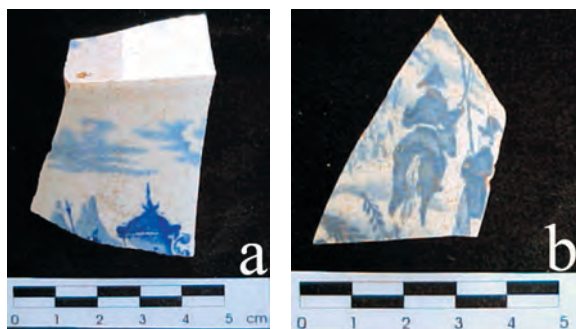
### Decalque (*TRANSFER-PRINTING*)

A técnica de impressão por transferência, desenvolvida a partir de 1750 pelas manufaturas inglesas, surgiu em substituição às técnicas de pintura à mão, que eram muito onerosas (Tocchetto et alli, 2002). Este processo foi possibilitado pelo avanço tecnológico experimentado pela industrialização inglesa, diminuindo os custos e permitindo, portanto, a produção em série (García, 1990). Desenhistas e gravadores especializados produziam as placas de impressão, atendendo diversos fabricantes. Por esse motivo, diferentes fábricas produziram peças com decorações similares ou idênticas, dificultando a identificação do fabricante a partir de fragmentos. Com o objetivo de possibilitar a datação de faianças finas arqueológicas decoradas pela técnica transfer-printing, Samford (1997) sistematizou os dados referentes aos períodos de produção, a partir dos motivos decorativos apresentados nas bordas e no corpo das peças, criando tabelas cronológicas para esse tipo de louça. Essas tabelas, traduzidas e adaptadas por Tocchetto et alli (2002), foram utilizadas neste trabalho para situar temporalmente a ocupação dos sítios arqueológicos estudados.

Apresenta-se, a seguir, alguns padrões ou motivos decorativos identificados nas louças decoradas através da impressão por transferência dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto.

Vista exótica de motivo oriental. Período: 1793 a 1868 (Samford, 1997).

Vista exótica, apresentando figura militar e cena em cartucho. Período: 1793 a 1868 (Samford, 1997).

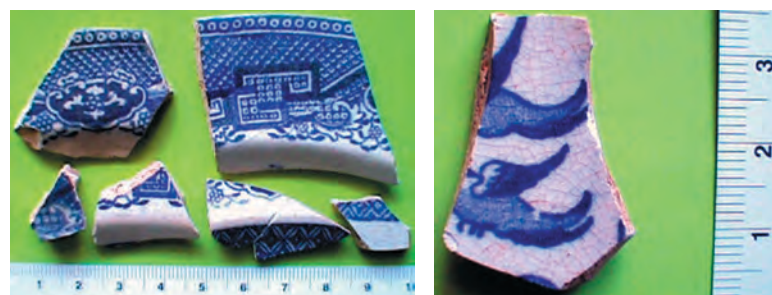


Ca2 A1: Bule ou açucareiro (a) e malga ou xícara (c), em *transfer-printing* com vistas exóticas: (a) vista oriental e (b) figura militar.

Padrão decorativo *Willow Pattern*, do período conhecido como *Chinoiserie*. Grande foi sua disseminação e distribuição geográfica, tendo sido, inclusive, copiado por manufaturas brasileiras. No Brasil é popularmente conhecido como Pombinhos

Padrão decorativo *Willow Pattern*, do período conhecido como *Chinoiserie*. Grande foi sua disseminação e distribuição geográfica, tendo sido, inclusive, copiado por manufaturas brasileiras. No Brasil é popularmente conhecido como Pombinhos.

Surgiu na Europa entre 1800 e 1815, tornando-se posteriormente muito popular na Inglaterra, gerando, inclusive, uma lenda e um soneto sobre o seu motivo decorativo. Foi fabricado, até 1880, por 54 estabelecimentos cerâmicos ingleses, apresentando variações na pasta, no esmalte e na tonalidade do azul (Lima, 1989).



Sítio Caçapava 1 – fragmentos de pratos em faiança fina branca com padrão decorativo Willow Pattern.

Uma das peças com este padrão decorativo localizado no Sítio Caçapava 1 apresenta a marca de fabricação *VIMARGE*, em letras caligrafadas. Esta marca, não identificada, foi também encontrado no Sítio Caçapava 3.



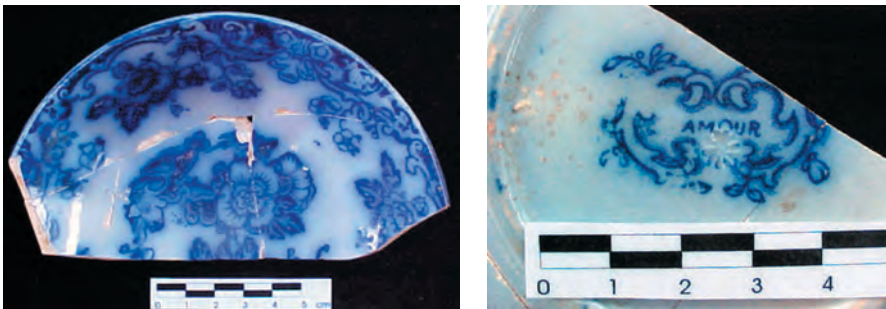
Sítio Caçapava 1 – fragmento de base, em faiança fina branca e decoração *Willow Pattern*, apresentando a marca *Vimarge*.

### Borrão Azul (*FLOW BLUE*)

O termo **Borrão Azul** designa um tipo de estampado em azul no qual a tinta escorre intencionalmente dentro do esmalte, produzindo um aspecto borrado. Foi introduzido na Inglaterra entre 1835 e 1845, sendo popular até 1901, principalmente para exportação (Lima, 1989).



Sítio Caçapava 1 – fragmentos de faiança fina, em Borrão Azul, com motivos orientais impressos e reforçados com lustro.



Ca2-A1: Pires em borrão azul com o nome do modelo (**AMOUR**) impresso em cartucho no fundo da peça. Período: 1834 a 1867.

Decoração em relevo (press molding)

### Pintado à mão em superfície modificada

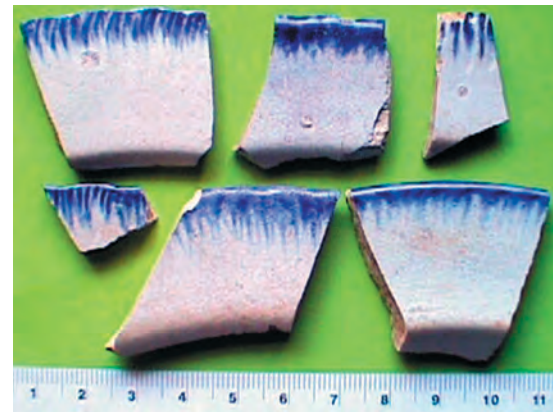
#### Shell Edged

A decoração *shell-edged* apareceu inicialmente em louças fabricadas em *creamware*, tornando-se, posteriormente, o tipo mais comum de decoração em peças rasas, do tipo prato, em *pearlware*. As cores aplicadas na borda eram usualmente o azul e o verde. As amostras mais antigas apresentam-se, geralmente, bem pintadas, através de pinceladas aplicadas a partir da borda, criando uma aparência de plumagem. Nos exemplos mais tardios a pintura passou a ser aplicada de modo simplificado, sendo o pincel aplicado ao longo da borda (Saint Mary's University, 2002)

Stelle, a partir do trabalho de Miller (1987, *in*: Stelle, 1989) criou uma tabela para a datação de louças *pearlware* e *whiteware*

decoradas no padrão *shell-edged*, utilizada na datação dos fragmentos recuperados nas pesquisas da Rodovia Carvalho Pinto.

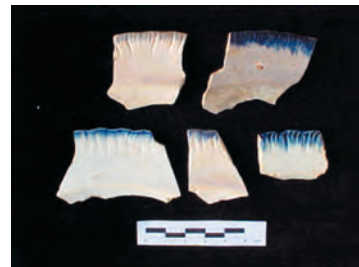
O *Shell Edged* azul foi um tipo de louça decorada bem popular, pois era a mais barata dentre as decoradas. Como teve a sua produção encerrada na década de 1850, apresenta-se como um bom marcador temporal para sítios arqueológicos de períodos históricos. O *Shell Edged* verde é mais raro, tendo sido produzido desde 1780 até a década de 1840 (Symanski, 1997; Lima, 1989). Nos conjuntos localizados nos sítios da Rodovia Carvalho Pinto deve ser notado que as incisões e o acabamento das bordas diferem entre essas peças, o que indica pertencerem a peças diferentes,



Sítio Caçapava 1 – bordas de pratos em faiança fina perolada (4) e branca (2), no padrão decorativo conhecido como *Shell Edged* ou *Blue Edged*.

avulsas, e não a conjuntos.

A tipologia proposta por Stelle (1989) pode ser recuperada nas amostras da Área 1 do Sítio Caçapava 2;



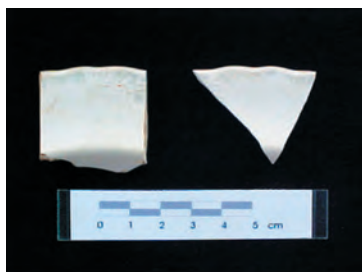
Presença de boca ondulada e decoração produzida pelas técnicas de moldado e pintado à mão.

Período: 1795 a 1845.

Presença de boca ondulada e decoração moldada e pintada à mão, na variedade *bud* (botão).

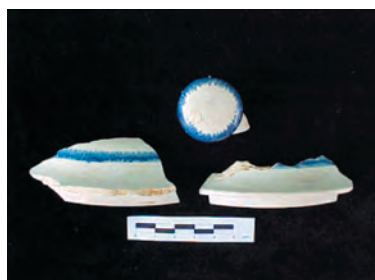
Período: 1800 a 1850.





Presença de boca ondulada, moldado e não pintado, na variedade *bud* (botão).  
Período: 1800 a 1850.

Presença de boca plana, moldado e pintado à mão.  
Período: 1825 a 1860.



Pintado à mão.  
Período: 1850 a 1860.

Boca ondulada e pintura à mão.  
Período: 1850 a 1860.



Boca plana e pintura à mão.  
Período: 1850 a 1897.

### Policromo em relevo



Ca1A1- Prato de sobremesa no padrão policromo em relevo



Sítio Jacareí 2 – Malga com decoração moldada acanalada e bandado (frisos) junto à borda, fabricada pela Fábrica de Louças Santo Eugênio.

### Pintado à mão em superfície não modificada

Decoração floral: estilo *peasant* (*thick line*) ou *sprig* (*thin line*)

O padrão **Floral Policromo** (*peasant style*, policrômico) é uma decoração que apresenta como temática flores estilizadas, pintadas à mão em traços grossos que cobrem muito da superfície da peça, com policromia que utiliza principalmente as cores verde, rosa, azul e vermelho.

Esse tipo de louça, produzida principalmente entre 1820 e 1840, apresenta decoração pintada à mão e trata-se de louça básica, vinculada a serviços de chá e café (Lima, 1989).



Sítio Caçapava 1 - Padrão **Floral Policromo**, pintado à mão sobre o esmalte.

#### 2.4.2. Bandado (*border-lined* ou *banded*)

Este padrão decorativo consta da aplicação de faixas e frisos contornando a boca ou o corpo da peça e pode ser apresentado em monocromia ou em policromia.



Sítio Jacareí 2 – Malga decorada em faixa e frisos policromos.



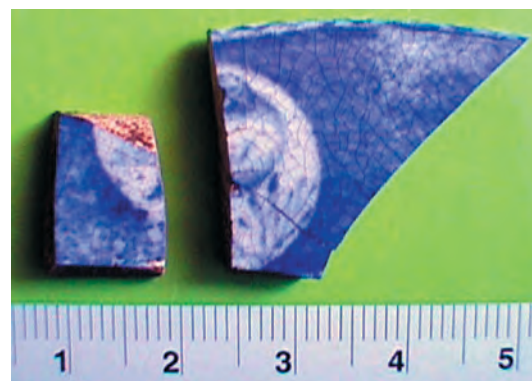
Sítio Caçapava1-A1: malgas com decoração bandada imitando a produzida pela técnica *engine-turned* (peças nº 42, 43, 40 e 44)



Sítio Jacareí 2 – Malgas com decoração bandada fabricadas pela manufatura holandesa Societé Ceramique Maestricht.

#### Spatterware

O padrão decorativo *Spatterware* surgiu em 1780, em Staffordshire, Inglaterra. É identificado pela aplicação de temas específicos por intermédio de um *spatterwork*, ou seja, pela técnica que consiste na execução de toques de pincéis feitos à mão e resultando em trabalho meticuloso que encobre praticamente toda a superfície da peça. Esse padrão apresenta-se, geralmente, combinado com motivos decorativos que incluem temas decalcados (*transfer-printed*) ou pintados à mão, aplicados no centro ou nos lados da peça. A sua produção atingiu o auge entre 1810 e 1840 (Sousa, 1998).



Sítio Caçapava 1 – fragmentos de pires, com borda preenchida em azul sobre branco através da técnica de *spatterwork* (Padrão *Spatterware*) e motivo zoomorfo (pássaro) circundado por medalhão.

#### Spongework

O padrão decorativo *Spongework* designa louças decoradas por técnica mais simples, que surge em substituição ao *Spatterware*.

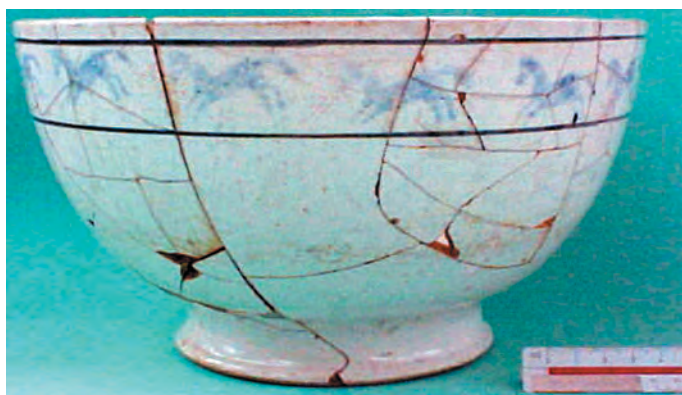
- *Cut sponge* (carimbado)

As louças decoradas pela técnica *cut sponge* (carimbadas), variedade da técnica *spongework*, foram introduzidas no mercado em 1845 e fabricadas até o início do século XX.

Essa técnica consiste na aplicação da decoração com auxílio de *cut-sponges*, pincéis ou pedaços de panos que, impregnados com tinta, eram aplicados sobre as peças, reproduzindo motivos decorativos. Esse processo foi desenvolvido em 1845, com motivos comumente de flores e figuras geométricas simples (Sousa, 1998). As mais populares ocorrem em azul sobre branco, seguidas por outras associações de cores. As que apresentam três cores são mais raras e caras. Na amostra resgatada no Sítio Caçapava 1, todos os fragmentos deste tipo decorativo apresentam-se na combinação das cores verde e rosa.



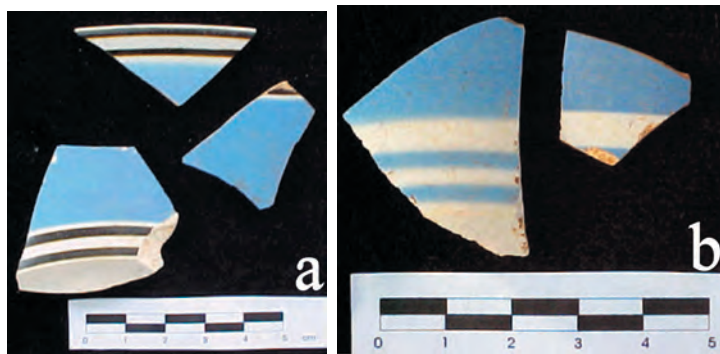
Peças decoradas pela técnica cut sponge: (a) Sítio Caçapava 1 e (b) Sítio Jacareí 2 (peças fabricadas por Digoïn & Sarreguemines, França)



Tigela de produção nacional, decorada com motivo zoomorfo aplicado pela técnica do carimbado (cut-sponge), combinada com frisos (bandado).



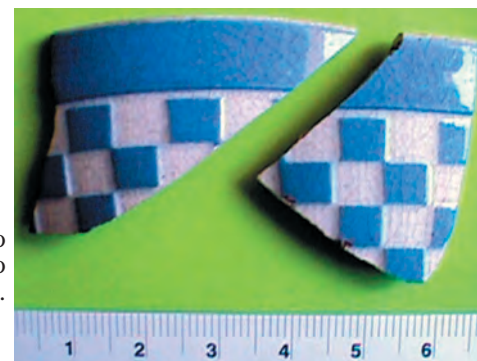
*Dipped, annular, banding ou slip banding* (técnica banhada)



Sítio Caçapava 2 – Área 1 - Peças decoradas na técnica *dipped*, nas variantes: (a) caneca com faixa simples (peça n° 49) e (b) malga com faixa azul (peça n° 48).

Uma variedade de *dipped* apresenta motivo decorativo **geométrico em relevo**, formando um desenho em xadrez. Esse motivo é considerado como pertencente ao padrão *Dipped*, na variação *Engine-turned* ou *Rouletted Decoration* (decoreção por carretilha).

Consiste na aplicação de instrumento pressionado sobre a superfície da peça, criando depressões de formas geométricas, que podem ser contrastados com a adição de cores (Sousa, 1998).

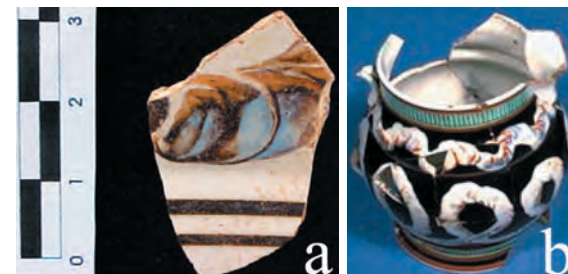


Sítio Caçapava 1 – padrão *Engine-turned* (decoreção por carretilha).



Ca2 - A1: xícaras com motivo geométrico em relevo, formando desenho em xadrez na face externa da peça, produzido pela técnica *engine-turned* ou *rouletted decoration* (decoreção por carretilha). Apresentam período de produção entre 1820 e 1900 (Nautical Archaeology Program, 2002).

A variedade moca (*mocha*) do padrão decorativo *dipped* ou anular, apareceu no Sítio Caçapava 2 em modelo pintado com o dedo em formas onduladas e circulares (*finger painted*), produzido na Inglaterra entre 1830 e 1860. Foi um tipo de louça de baixo valor, usada em peças côncavas, como canecas, malgas e jarras. Em estudos arqueológicos norte-americanos, esse tipo de louça é associada a sítios arqueológicos afro-americanos e a tavernas (Alexandria Archaeology Museum, 2001).



(a) Fragmento em faiança fina, localizado na Área 1 do Sítio Caçapava 2 (peça n° 33) e (b) jarra em whiteware, localizada em Alexandria (EUA) (Alexandria Archaeology Museum, 2001), produzidos pela técnica *finger painted*, na variedade *mocha*

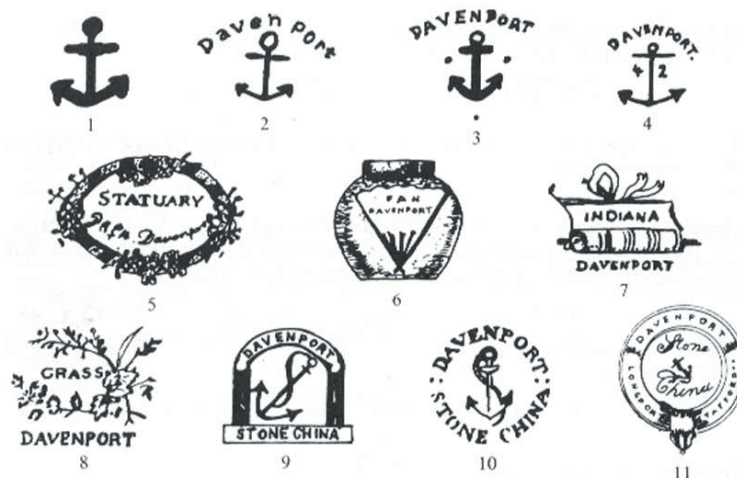


### Impressa (Decal)

Esta decoração, extremamente popular entre 1880 e 1920, também denominada “decalcomania” é resultante da aplicação, sobre a peça de louça, de motivos impressos em uma película de papel. Visualmente, difere da técnica *transfer-printing* pelos motivos apresentarem linhas mais bem definidas, nuanças de cores e um leve relevo.



Ca2A1: sopeira com aplicações decorativas por decalcomania (Peça nº 24), apresentando motivo floral policrômico, com douração e lustro alaranjado



Carimbos utilizados em períodos distintos pela manufatura cerâmica Davenport (In: Cushion, 1987). (1) 1795-1810, (2) 1798-1815, (3) 1815-1860, (4) 1830-1860 (os números laterais à âncora indicam o ano de fabricação), (5) 1832-1835, (6) 1830-1837, (7 e 8) 1830-1887, (9) 1815-1830, (10) 1815-1830 e (11) 1820-1840.

### Marcas identificadas nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

#### Inglaterra

##### Davenport

A fábrica de Davenport, fundada por John Davenport e localizada em Longport, Staffordshire, na Inglaterra, produziu faiança fina e outras categorias cerâmicas entre 1774 e 1887, tendo utilizado diversas marcas de fabricante ao longo de seu período de produção.

Em 1830, John Davenport passou o controle da manufatura a seus dois filhos, William e Henry, que a dirigiram juntos até 1835, quando do falecimento do último. A partir desta data, William assume a direção do estabelecimento que passou a ser denominado William Davenport and Company. Após a morte de William, seus dois filhos dão continuidade à empresa, que permaneceu com a família até 1887.

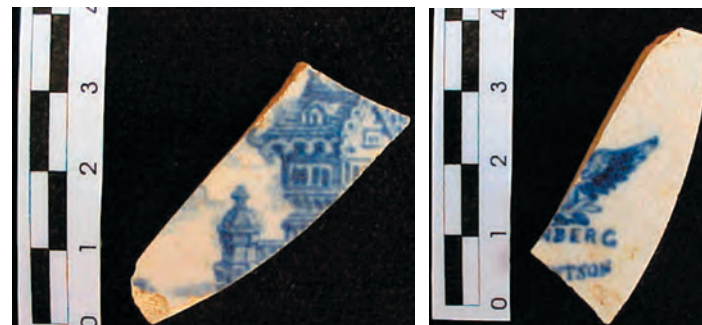
Conforme apontado em Famous Potters of Stoke-on-Trent (s/d), é provável que muitas das peças mais antigas desta manufatura não apresentassem marca de fabricação. Avaliando-se a quantidade de peças conhecidas marcadas, provenientes do século XIX, devem ter sido raras as peças não marcadas posteriores a 1800. As marcas mais antigas apresentavam a palavra Davenport impressa em letras minúsculas, com ou sem uma âncora. Após 1805, o nome DAVENPORT aparece em letras maiúsculas.



Sítio Caçapava 1 - Setor 22 (peça 01) - Fragmento de fundo de recipiente em porcelana mole branca, sem decoração, da fábrica DAVENPORT (1815-1860)

##### Phoenix Works

A fábrica inglesa Phoenix Works (Shelton, Staffordshire) de Joseph Clementson, teve seu período de produção situado entre 1839 e 1864 (Cushion, 1987 e Tocchetto et alli, 2002).

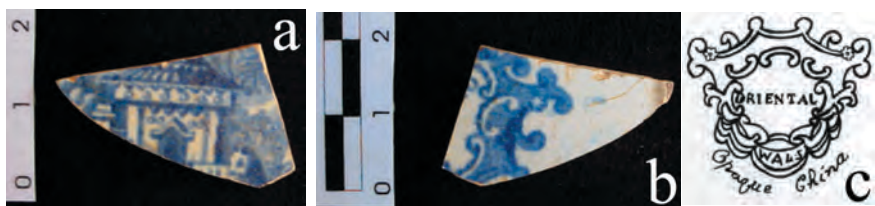


Ca2- Área 1 (peça 639): prato em faiança fina, decorado em azul, com cena provavelmente inglesa. Apresenta o nome do modelo decorativo (...NBERG), não identificado, impresso junto à marca do fabricante ( J. CLEMENTSON). Fabricado no período entre 1839 e 1864

William Adams & Sons Ltd.

William Adams foi um fabricante de louça inglesa, com manufatura localizada em Cobridge, Staffordshire, fundada em 1769 e em funcionamento até os dias atuais. Os produtos desta manufatura apresentam uma grande variedade de marcas que, na maioria das vezes, foram utilizadas em períodos bem definidos, facilitando a datação das peças.

A marca impressa ADAMS em baixo relevo foi utilizada em peças de faiança fina no período entre 1800 e 1864 (Cushion, 1987). As marcas que incorporam o nome do padrão decorativo são associadas ao período entre 1819 e 1864 (thepotteries.org).



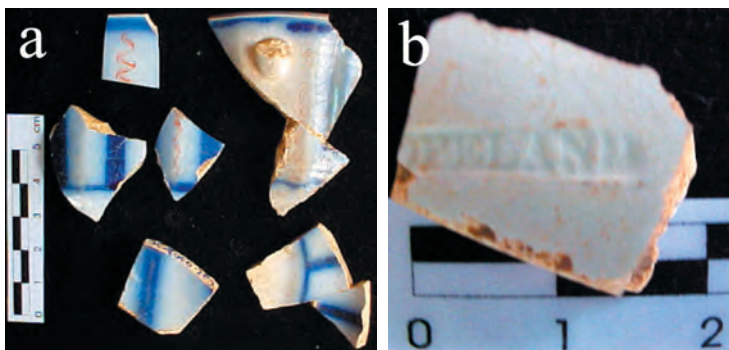
Ca2 - Área 1 (peça nº 640) - prato em faiança fina decorada no modelo "Oriental" (Adams) (a) decoração; (b) cartucho do modelo (c) cartucho completo indicando as iniciais do fabricante e o nome do modelo decorativo (In: Araújo e Carvalho, 1993)



(a) Ca2- Área 1 (peça nº 647), marcada ADAMS e (b) a mesma marca extraída de Thepotteries.org (2002).

Copeland

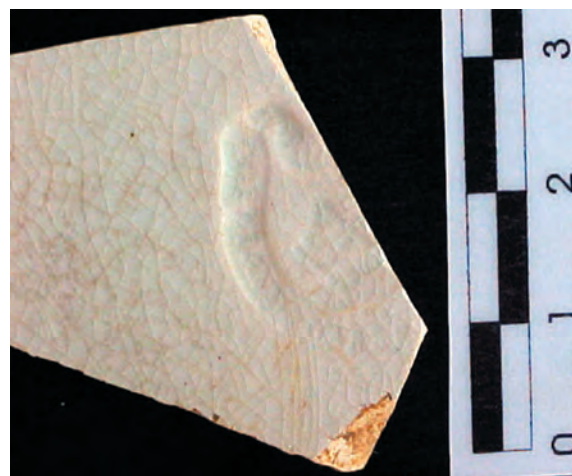
A fábrica Copeland & Sons, Ltd., localizada em Stoke, Staffordshire, Inglaterra, teve seu período de produção entre 1847 e 1867 (Cushion, 1987).



Ca2 - Área 1 (Peças 441, 442, 443, 444, 445 e 634): Xícaras e pires em azul borrão pintado à mão, com motivos geométricos em faixas concêntricas e aplicação de lustro vermelho em linhas sinuosas e fragmento de base marcado COPELAND.

COPELAND & GARRET

Fábrica localizada em Stoke, Staffordshire, Inglaterra, com período de produção entre 1833 e 1847 (Cushion, 1987 e Tocchetto et alli, 2002).



Ca2 - Área 1 (Peça nº 565): prato em faiança fina pearlware marcado COPELAND & GARRET.

J. & G. MEAKIN LTD

Fundada em 1851, em Staffordshire, pelos irmãos James e George Meakin, esta manufatura fabricava faianças finas (Cushion, 1987). Em 1970 tornou-se parte do Grupo Wedgwood, mantendo sua denominação até 1980.



Ja2 - Área 5 (peças nº 68 e 71) - Pratos sem decoração, fabricados em ironstone pela fábrica inglesa J&G Meakin Ltd. (1851-1967). A presença do termo England na marca (peça nº 68) remete a fabricação da peça ao período entre 1891 e 1906. Made in England, na peça nº 71, indica período posterior a 1905.

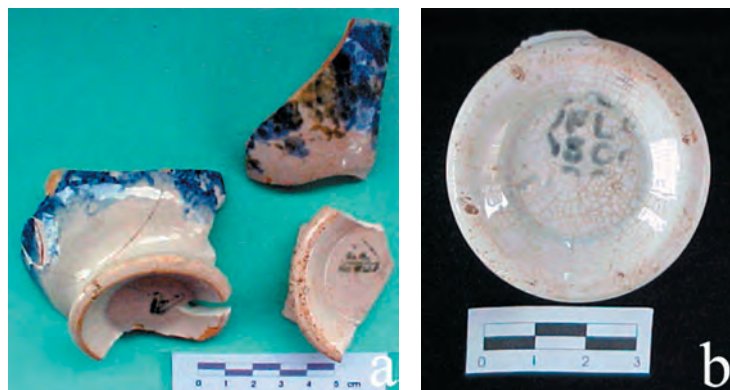
Brasil

Fábrica de Louças Santa Catharina

Fábrica nacional que iniciou sua produção no ano de 1912 (Brancante, 1981), no bairro da Água Branca, em São Paulo. Os sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto apresentam uma variedade de marcas relacionadas a esta manufatura. Embora não se tenha conseguido levantar dados referentes ao término de produção dessa manufatura, as escassas referências históricas obtidas podem indicar um curto espaço de tempo para a existência da fábrica com esta denominação.



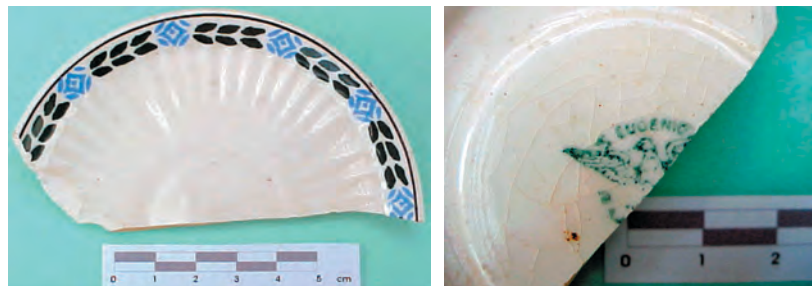
(a) Ca2 - Área 1 (peça nº 566): prato sem decoração, em porcelana mole, com marca apresentando as iniciais do fabricante : E.F. (Euclides Fagundes). Localizado em superfície, é a única peça encontrada na Área 1 (Ca2) certamente fabricada no século XX. (b) imagem da Fábrica de Louças Santa Catharina, que localizava-se no nº 8 da Rua Aurélio, Lapa, São Paulo (Arquivo Edgard Leuenroth – Coleção História da Industrialização – foto nº 250, pasta 206-297 – In: <http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.com.br/>).



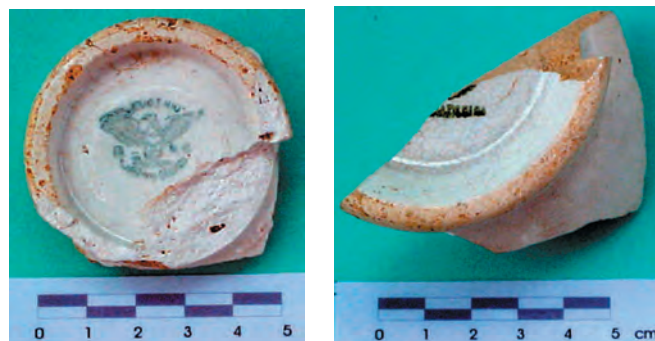
(a) Ja2 (peça 06 – Área 4 e peça 10 – Área 2C): Malgas de faiãncia fina ocorrentes no Sítio Jacareí 2, classificadas como spongeware (esponjado), manufaturadas pela Fábrica de Louças Santa Catharina. (b) Ca3 – Setor E (peça nº 36): Malga de padrão (simples), marcada FLSC pela Fábrica de Louças Santa Catharina

#### Fábrica de Louças Santo Eugênio

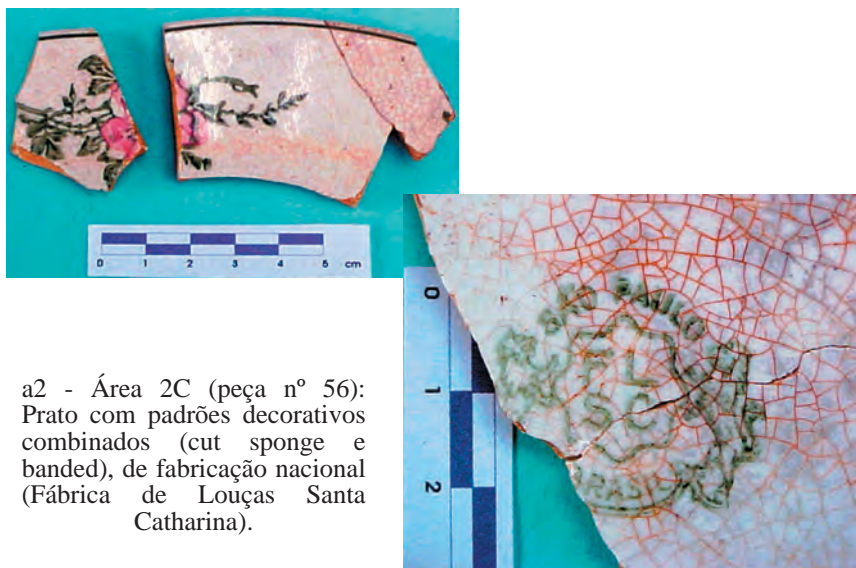
Fábrica nacional fundada por Eugênio Bonadio no Vale do Paraíba Paulista, em São José dos Campos, SP, em 1927, cuja produção foi encerrada no ano de 1972.



Ja2 – Área 4 (peça nº 07): Pires de faiãncia fina, de origem nacional, apresentando a marca do fabricante: S.EUGENIO – B. & C. - S. JOSÉ DOS CAMPOS. A decoração em relevo é representada por incisões moldadas perpendicularmente à borda. Como padrões secundários, a peça apresenta decoração bandada (banded) e cut sponge: filete em preto e faixa com figuras florais estilizadas, em azul e preto.



Ja2 (peças nº 29 – Áreas 2C/5 e 25 – Área 4): malgas de fabricação nacional e padrão decorativo simples, marcadas S. EUGENIO.



a2 - Área 2C (peça nº 56): Prato com padrões decorativos combinados (cut sponge e banded), de fabricação nacional (Fábrica de Louças Santa Catharina).

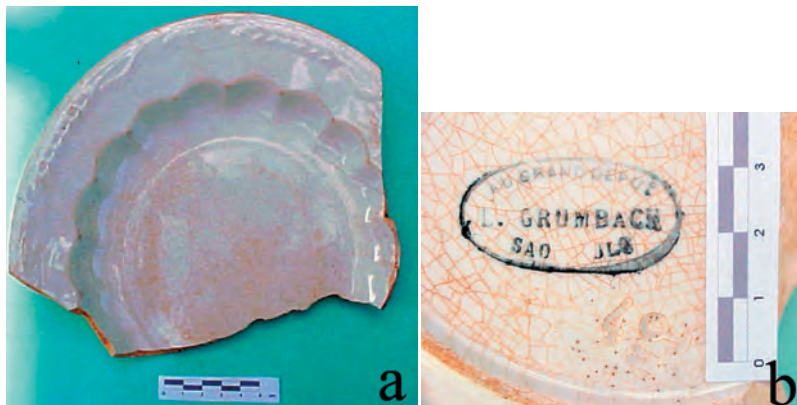
#### Barros Loureiro



Ca3 (peça nº 243): pires de faiãncia fina, coletado em superfície e marcado “Adelinas São Caetano”, fabricado pela Companhia Cerâmica Barros Loureiro.

L. Grumbach

Marca de companhia distribuidora em São Paulo. Algumas peças apresentam a inscrição “L. Grumbach - au grand depot - São Paulo”. Conforme Brancante (1981), essa companhia foi a principal distribuidora das louças francesas provenientes de Limoges.



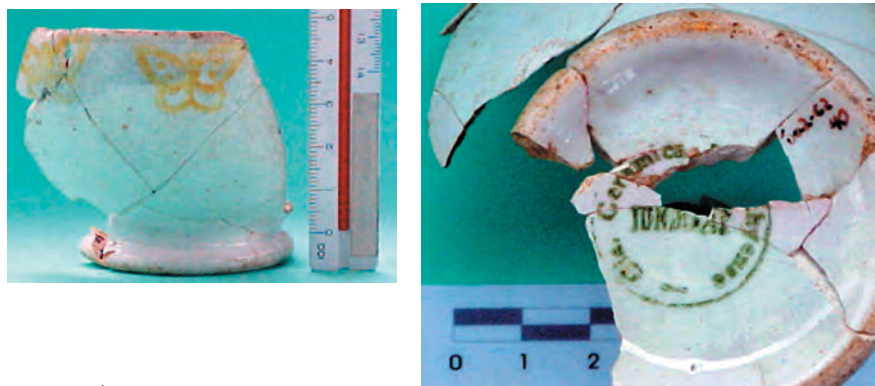
Ja2 – Área 5 (Peça nº 65): Prato de ironstone, decorado no padrão Trigal e marcado pelo distribuidor no Brasil.

Fábrica de Louças Santa Josephina

Fundada em Jundiáí, SP, em 1913, produziu louça doméstica até 1924, quando sofreu fusão com a Cerâmica São José, recebendo a denominação de Companhia Cerâmica Jundiahense (Bueno, 2001). Apenas um fragmento desta marca foi localizado no Sítio Jacareí 2.

Companhia Cerâmica Jundiahense

Fundada em Jundiáí, SP, por Manuel Castilho, em 1924, foi o resultado da fusão da Cerâmica Santa Josephina com a Cerâmica São José. A partir de 1952, a empresa é englobada pela DECA Duratex S.A. Indústria e Comércio (Bueno, 2001).



Ja2 – Área 2C (peça nº 18) - Malga com decoração zoomorfa aplicada através da técnica cut sponge, fabricada pela Cia Cerâmica Jundiahense, conforme marca carimbada em sua base.



Ca3 – Setor A (peça nº 141): base de malga de faiança fina, apresentando marca com a palavra Jundiáí inscrita. Pode ter pertencido a uma das manufaturas identificadas no Sítio Jacareí 2: Santa Josephina ou Cia. Cerâmica Jundiahense.

Cerâmica Porto Ferreira

Fundada em 1931, em Porto Ferreira, SP, por Djalma Forjaz, com produção inicial discreta de louça de mesa.



Sítio Caçapava 3 – Setor E - (peças 37 e 35) – Bases de malgas não decoradas, de procedência nacional, fabricadas em Porto Ferreira, SP.

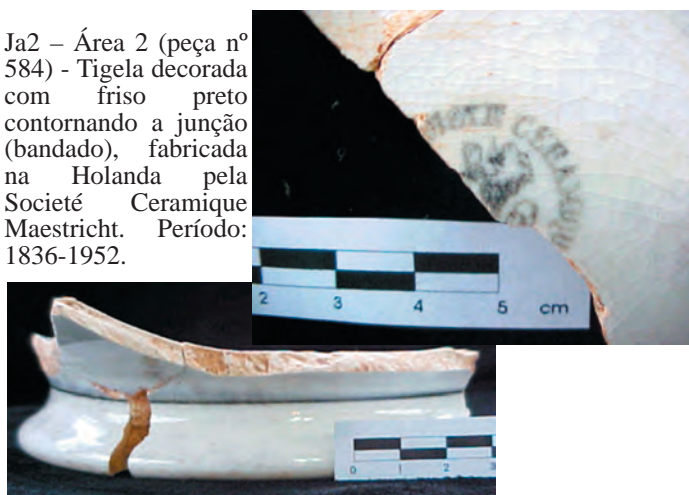
Holanda

Société Ceramique Maestricht

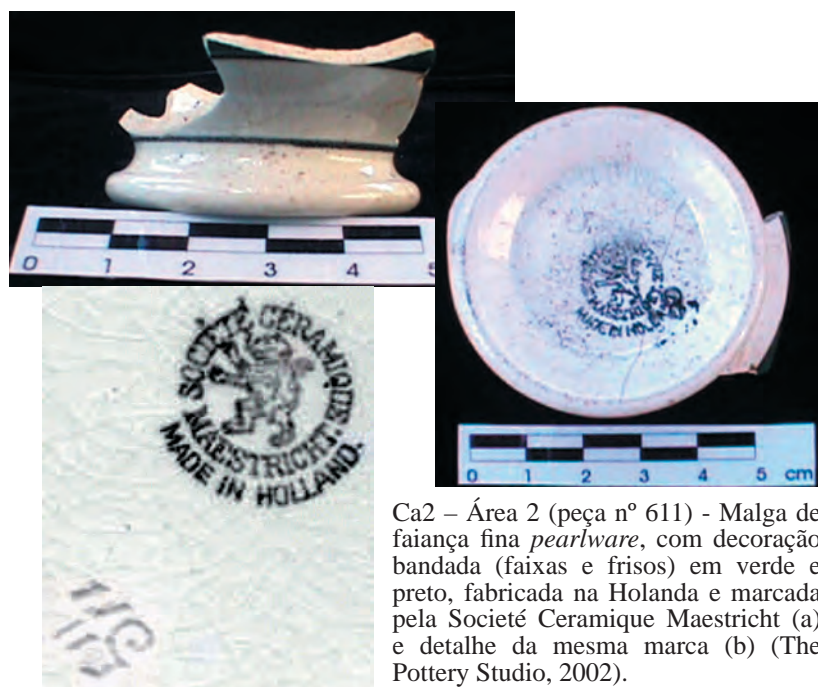
Esta manufatura foi estabelecida em Maestricht (ou Maastricht), cidade holandesa na fronteira com a Bélgica, por Petrus Regout, Guilherme Lambert & Cia. em 1858, tendo sido incorporada pela manufatura NV de Sphinx em 1958, quando passou a ser denominada Sphinx Ceramique, atualmente ainda em operação.

Teve grande tradição ceramista e exportou muito para o Brasil durante o século XIX até o início do século XX, provavelmente através do Porto de Antuérpia.

Ja2 – Área 2 (peça nº 584) - Tigela decorada com friso preto contornando a junção (bandado), fabricada na Holanda pela Societé Ceramique Maestricht. Período: 1836-1952.



Ja2 – Área 2 – Prato de ironstone, com decoração moldada no padrão Trigal, marcado com o símbolo da esfinge pela Societé Ceramique Maestricht.



Ca2 – Área 2 (peça nº 611) - Malga de faiança fina *pearlware*, com decoração bandada (faixas e frisos) em verde e preto, fabricada na Holanda e marcada pela Societé Ceramique Maestricht (a) e detalhe da mesma marca (b) (The Pottery Studio, 2002).



Ja2 - Malgas decoradas no padrão banded, fabricadas na Holanda pela Societé Ceramique Maestricht (1836-1952). Peças nº 11 (2 cacos), 124, 30, 120 e 114.

## Bélgica

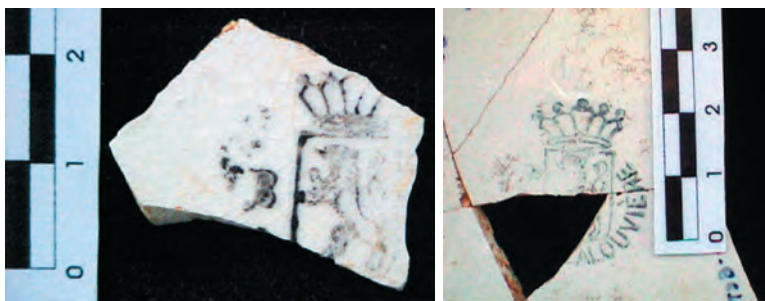
### Boch Frères Keramis

Louça de procedência belga, fabricada em Saint-Vaast, La Louvière. Os irmãos Boch iniciaram a produção cerâmica em Luxemburgo, em 1767. Após Luxemburgo se separar da Bélgica em 1839, esses ceramistas foram para a Bélgica, fundando a fábrica de louças Kéramis, em La Louvière. Esta fábrica, cuja fundação é atribuída a Frédéric Victor Boch, produziu faiança e grès entre 1841 e 1900 (Cushion, 1987: 473). Em 1850, Boch adquire a manufatura de porcelana dos Bettignies de Tournai. Em 1878 sofreu fusão com a sociedade Villeroy & Boch.

Na Área 2 do Sítio Caçapava 2 foram localizados dois fragmentos de faiança fina apresentando a marca dessa manufatura, representada por um escudo sobreposto por uma coroa, apresentando a letra B de um lado e a letra F de outro, correspondente ao período anterior a 1892 (In: Heather's Nostalgic Antiques and Collectibles, 2002).



Malgas marcadas Societé Ceramique Maestricht, provenientes do Sítio Jacaré 1.



Ca2 - Área 2 (peças nº 538 e 505) - Marca impressa em pratos fabricados pela Fábrica Kéramis, Bélgica, representada por um escudo sobreposto por uma coroa, apresentando a letra B de um lado e a letra F de outro, correspondente ao período anterior a 1892 (In: Heather's Nostalgic Antiques and Collectibles, 2002).

## França

### Sarreguemines

A manufatura cerâmica de Sarreguemines foi estabelecida em 1784 em Moselle, região de Sarre, em território francês e iniciou a produção de faiança fina no início do século XIX. Exportou serviços de mesa em grande quantidade para o Brasil.

Diferentes marcas podem ser encontradas nos produtos de Sarreguemines, produzidas por diferentes técnicas: inscritas em estilo metálico, incisas com instrumento pontiagudo na pasta anteriormente à queima da peça, impressas por transferência sob o esmalte ou aplicadas com selo. Existem variações, ainda, nas inscrições constantes das marcas.

Essas variações são úteis na identificação de uma peça e estão relacionadas à sua origem, tipo de pasta, forma, padrão decorativo e período de fabricação.

As peças produzidas por esta manufatura e localizadas nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, apresentando a marca OPAQUE DE SARREGUEMINES, foram fabricadas entre 1850-1900. Essa marca de fabricante apresenta-se impressa por transferência e composta pelo brasão de armas de Lorraine, com uma coroa em mural, na sua porção superior, circundado pela indicação OPAQUE DE SARREGUEMINES. Entre as peças com este tipo de marca podem ser notadas diferenças no cinturão central e na inclusão de pontos de cada lado da coroa.

As peças marcadas Digoin & Sarreguemines foram fabricadas por uma sucursal da faianceria Sarreguemines, fundada em 1871 e dirigida por Félix de Jubécourt.



Ja2 – Áreas 2 (peças nº 126, 110, 122 e 83) - Malgas decoradas com faixas e frisos azuis, fabricadas por Sarreguemines, apresentando a marca OPAQUE DE SARREGUEMINES (1850-1900).



Ja2 – Áreas 2 e 5 (peças nº 01, 42 e 58) Malgas não decoradas, marcadas Opaque de Sarreguemines.



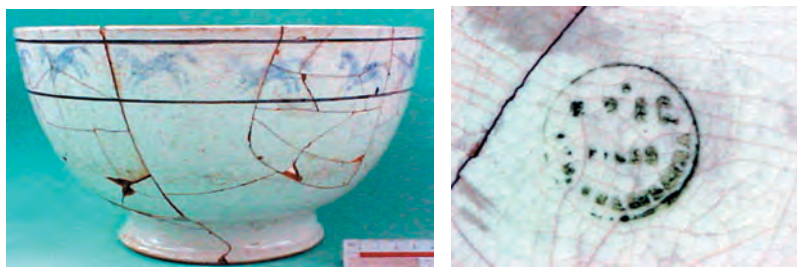
Ja2 – Áreas 2, 4 e 5 (peças nº 04, 24 e 130) - Malgas de faiança fina pearlware, decoradas através da combinação das técnicas dipped e cut sponge, de origem francesa, marcadas Digoin & Sarreguemines (marca utilizada a partir de 1871).



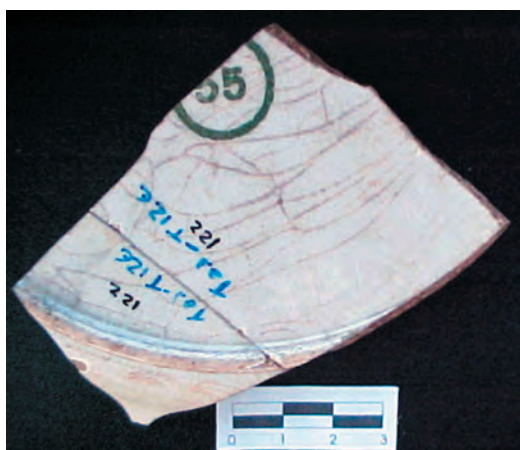
### Marcas não identificadas

Fragmentos com marcas de fabricante não identificado foram localizados em todos os sítios arqueológicos estudados. Na maioria das vezes, a dificuldade de identificação ocorre porque a marca, impressa por transferência, apresenta-se borrada, ou porque as dimensões do fragmento não permitem o reconhecimento da mesma.

Algumas dessas peças permitem a inferência de alguns atributos diagnósticos, como é o caso daquelas para as quais, mesmo não sendo possível o reconhecimento da unidade de manufatura, pode-se reconhecer a sua origem. Quando nacional, por exemplo, pode ser associada temporalmente ao século XX.



Sítio Jacareí 2 – Área 2 (peça nº 82): tigela com padrão decorativo produzido pelas técnicas cut sponge e pintado à mão, em motivo zoomorfo, representando cavalos carimbados em azul em faixa delimitada por frisos pretos. Na marca não identificada do fabricante, a inscrição “brasileira” na base do círculo permite o reconhecimento da procedência nacional da peça.



Sítio Taubaté 1 – Setor A (peça nº122) – Base de prato de faiança fina *pearlware*, apresentando marca de fabricante não identificada (55, impresso em verde).



Sítio Caçapava 3 (peça nº ) – Peça de louça vidrada com marca impressa (CERAMICA ..... ) não identificada.

## SÍTIO CAÇAPAVA 1

Para a análise do Sítio Caçapava 1 foram agrupados alguns setores, e formadas 5 áreas que apresentaram concentrações de refugos domésticos e que podem caracterizar unidades domésticas individualizadas.

Os valores obtidos a partir da datação dos fragmentos de louça diagnósticos (decoreação e fabricante, com variações para diferentes pastas) das áreas com maior frequência de louças do Sítio Caçapava 1 (Áreas 2, 4 e 5), apontam para um único período de ocupação, demonstrando contemporaneidade dos achados, embora a área 4 (delimitada pelos setores XXII a XXVI) apresente indícios de que sua ocupação se estendeu a um período mais tardio em relação às outras áreas estudadas. De modo geral, as evidências apontam para uma ocupação de primeira metade do século XIX, que pode ter se estendido até meados da segunda metade.

As datas, obtidas através da utilização dos períodos de fabricação das faianças finas diagnósticas observadas, indicam o ano de 1762 como a data mais recuada possível de ocupação. No entanto, atentando-se para o fato de que as louças européias e não portuguesas chegaram comercialmente ao Brasil a partir de 1808, com a abertura dos portos, assume-se o início do século XIX como data inicial possível para a introdução dessas louças no universo doméstico representado pelo Sítio Caçapava 1.

A presença de pratos de faiança portuguesa (Áreas 1 e 3) e de malgas de porcelana chinesa de pasta azul (Áreas 1 e 4) no Sítio Caçapava 1 pode ser um referencial para o recuo da idade de ocupação dessas áreas. Louças confeccionadas com essas pastas eram exportadas para o Brasil por Portugal e pela Companhia das Índias já no século XVIII e estão presentes em coleções de artefatos formados a partir de sítios arqueológicos desse período. A baixa frequência de peças de louça, coincide com a maior frequência de artefatos de cerâmica nas áreas 1 e 3, fatos que confirmam a data média obtida estas unidades domésticas com base nos tipos e padrões decorativos das louças observadas.

No conjunto de louças do Sítio Caçapava 1 foram identificadas 11 diferentes tipos, formando três grupos: louças côncavas e planas (associadas ao armazenamento e consumo de alimentos) e louças associadas a outros usos.

No primeiro grupo, estão presentes as malgas, tigelas, xícaras e bules.

No segundo grupo, foram identificados pratos (rasos ou fundos, não diferenciados), pratos fundos e pratos pequenos.

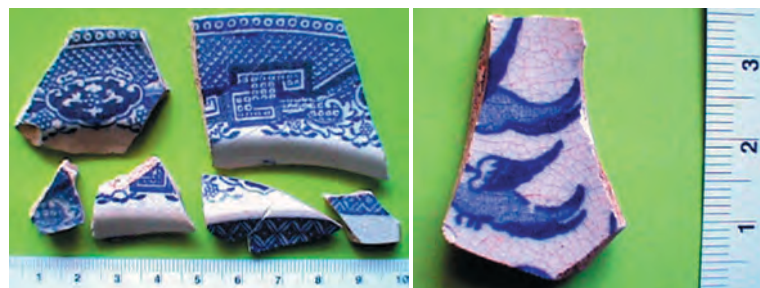
No terceiro grupo, estão presentes um urinol (Área 5) e um tinteiro (área não informada).

De maneira geral, no Sítio Caçapava 1, o número de pratos (51) é expressivamente maior do que o de malgas (34). Considerando-se apenas as áreas onde a quantidade de louças é mais expressiva, os pratos prevalecem nas Áreas 2 e 4, ao passo que na Área 5 as quantidades de pratos e malgas são equivalentes.

As peças associadas aos serviços de chá e café (xícaras e bule), por sua vez, estão presentes, de modo pouco expressivo (1

peça de cada), apenas na Área 4, exatamente onde o número de malgas é bem menor do que o de pratos

Entre as peças decoradas, foram observados indicativos da presença de jogos de pratos em dois padrões decorativos: *Royal Rim* (Áreas 2 e 5), produzido pela técnica de moldagem e *Willow* (Áreas 2, 4 e 5), produzido pela técnica de impressão por transferência, evidência que pode indicar poder aquisitivo semelhante entre as unidades.

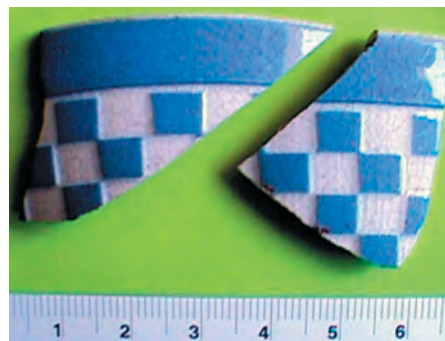


Sítio Caçapava 1 – fragmentos de pratos em faiança fina branca com padrão decorativo *Willow Pattern*.

Uma das peças com este padrão decorativo apresentou a marca de fabricação *VIMARGE*, em letras caligrafadas. Esta marca não foi identificada.



Sítio Caçapava 1 – fragmento de base, em faiança fina branca e decoração *Willow Pattern*, apresentando a marca *Vimarge*.



Sítio Caçapava 1 – padrão *Engine-turned* (decoreação por carretilha).



Análise Comparativa dos Dados

Os valores estimados para a ocupação das áreas dos diversos sítios, a partir do número mínimo de peças (NMP) estimado e dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas são apresentados a seguir.

Valores estimados para a ocupação da Área 1 (Setores I a V)

Data média de ocupação : 1780

Intervalo de ocupação: 1700 a 1860

Intervalo mínimo de ocupação: 1800 a 1820

Valores estimados para a ocupação da Área 2 (Setores XVI, XX e XXII)

Data média de ocupação : 1833

Intervalo de ocupação: 1780 a 1887

Intervalo mínimo de ocupação: até 1840

Valores estimados para a ocupação da Área 3 (Setores VII e XXIX)

Data média de ocupação : 1785

Intervalo de ocupação: 1700 a 1860

Intervalo mínimo de ocupação: 1800 - 1808

Valores estimados para a ocupação da Área 4 (Setores XXIII a XXVI)

Data média de ocupação : 1824

Intervalo de ocupação: 1700 a 1950

Intervalo mínimo de ocupação: 1800 a 1850

Valores estimados para a ocupação da Área 5 (Setor 28)

Data média de ocupação : 1816

Intervalo de ocupação: 1762 a 1880

Ca1 – Área 1 (Setores I a V) - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Louça de Macau		Porcelana dura	1700 a 1800	1750	1
Simples		Faiança	1700 a 1800	1750	1
Spatterwork		Faiança fina	1820 a 1860	1840	1
Data média			1700 a 1860	1780	3

Ca1 – Área 2 (Setores XVI, XX e XXII) - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Borrão chinoiserie floral		Faiança fina	1834 a 1887	1860,5	1
Borrão chinoiserie		Faiança fina	1828 a 1867	1847,5	3
Shell Edged, moldado e pintado		Pearlware	1795 a 1845	1820	1
Transfer azul, padrão Bologna	Adams	Faiança fina	1830 a 1840	1835	1
Transfer Willow		Pearlware	1780 a 1860	1820	2
Royal Rim		Pearlware	1780 a 1860	1820	3
Simples	Davenport	Porcelana mole	1815 a 1860	1837,5	1
Data média			1780 a 1887	1833	12

Ca1 – Área 3 (Setores VII e XXIX) - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Royal Rim		Pearlware	1780 a 1860	1820	1
Faixas azuis		faiança	1700 a 1800	1750	1
Data média			1700 a 1860	1785	1

Ca1 – Área 4 (Setores XXIII a XXVI) - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Transfer azul médio		Faiança fina	1784 a 1859	1821,5	1
Transfer borrão chinoiserie		Faiança fina	1828 a 1867	1847,5	1
Shell Edged, boca ondulada, moldado e pintado		Pearlware	1795 a 1845	1820	1
Royal Rim		Pearlware	1780 a 1860	1820	1
Transfer Willow		Pearlware	1780 a 1860	1820	4
Simples	Opaque de Sarreguemines	Pearlware	1850 a 1950	1900	1
Louça de Swaton		Porcelana dura	1700 a 1800	1750	1
Data média				1824	10

Ca1 – Área 5 (Setor XXVIII) - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Royal Rim		creamware	1762 a 1815	1788,5	4
Royal Rim		pearlware	1780 a 1860	1820	2
Transfer borrão chiniserie floral		pearlware	1834 a 1887	1847	1
Transfer borrão chiniserie Shell Edged, boca ondulada, moldado e pintado		faiança fina	1828 a 1867	1847,5	2
Floral peasant policromo		Pearlware	1795 a 1845	1820	1
Floral sprig policromo		creamware	1830	1830	1
Engine-turned		Pearlware	1830 a 1860	1845	1
Engine-turned		pearlware	1820 a 1860	1840	1
Data média				1816	14

Categorias de louça encontradas na Área 1 (Setores I a V) do Sítio Caçapava 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Faiança	1	25
Whiteware	1	25
Faiança fina	1	25
Porcelana dura	1	25
Total	4	

Categorias de louça encontradas na Área 2 (Setores XVI, XX e XXII) do Sítio Caçapava 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Pearlware	13	41,9
Faiança fina	17	54,8
Porcelana mole	1	3,2
Total	24	

Categorias de louça encontradas na Área 3 (Setores VII e XXIX) do Sítio Caçapava 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Faiança	1	14,3
Pearlware	6	85,7
Total	7	

Categorias de louça encontradas na Área 4 (Setores XXIII a XXVI) do Sítio Caçapava 1

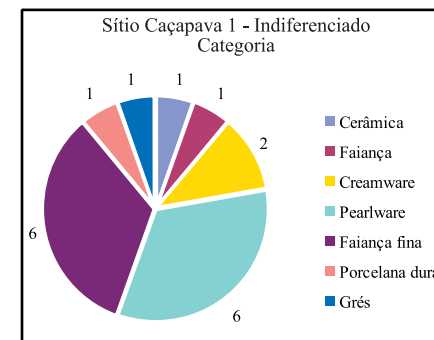
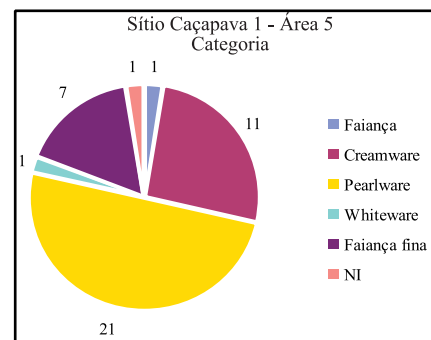
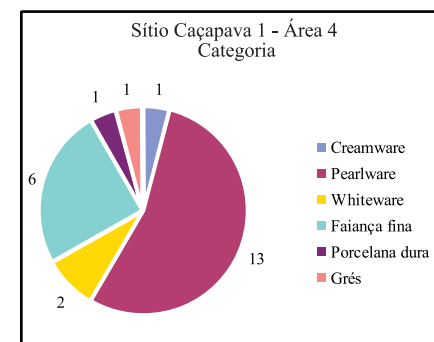
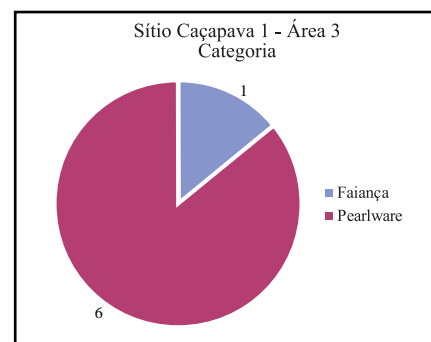
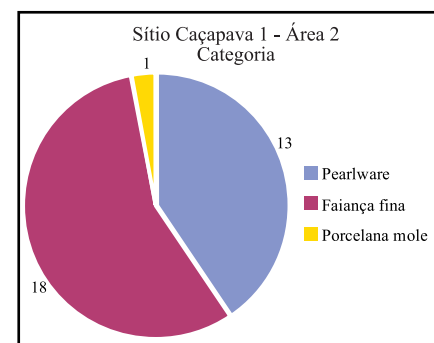
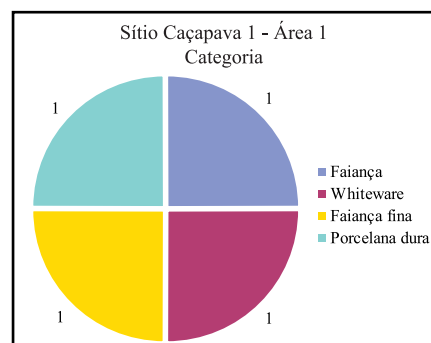
Categoria	NMP	Porcentagens
Creamware	1	4,2
Pearlware	13	54,2
Whiteware	2	8,2
Faiança fina	6	25,0
Porcelana dura	1	4,2
Grés	1	4,2
Total	24	

Categorias de louça encontradas na Área 5 (Setor XXVIII) do Sítio Caçapava 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Faiança	1	2,3
Creamware	11	25,6
Pearlware	21	49,0
Whiteware	1	2,3
Faiança fina	7	16,3
NI	1	2,3
Total	42	

Categorias de louça sem informação de Setor encontradas no Sítio Caçapava 1

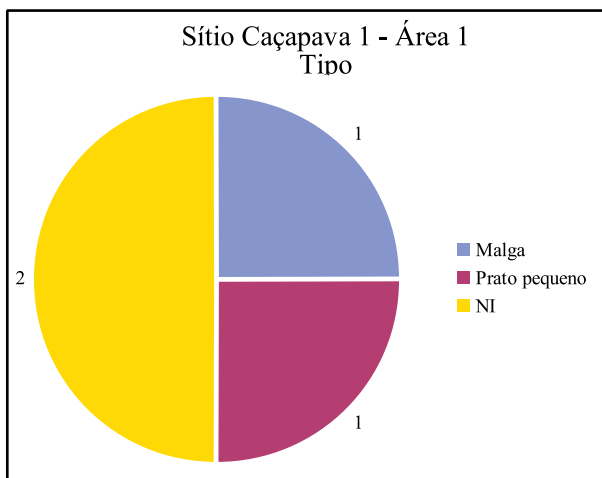
Categoria	NMP	Porcentagens
Cerâmica	1	5,6
Faiança	1	5,6
Creamware	2	11,1
Pearlware	6	33,3
Faiança fina	6	33,3
Porcelana dura	1	5,6
Grés	1	5,6
Total	18	



CATEGORIAS DE LOUÇA IDENTIFICADAS NO SÍTIO CAÇAPAVA 1.

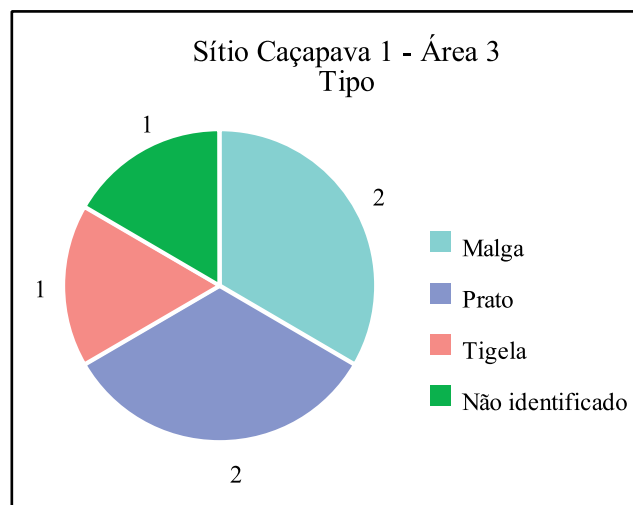
Tipos de louça encontradas na Área 1 (Setores I a V) do Sítio Caçapava 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	1	25,0
Prato pequeno	1	25,0
NI	2	50,0
Total	4	



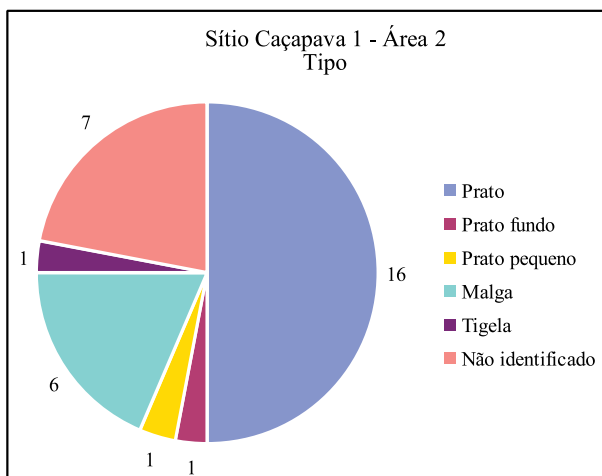
Tipos de louça encontradas na Área 3 (Setores VII e XXIX) do Sítio Caçapava 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	2	33,3
Prato	2	33,3
Tigela	1	16,7
Não identificado	1	16,7
Total	6	



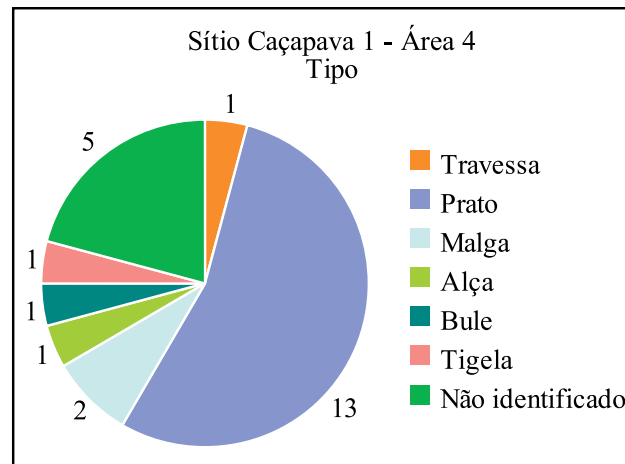
Tipos de louça encontradas na Área 2 (Setores XVI, XX e XXII) do Sítio Caçapava 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	6	18,7
Prato	16	50,0
Prato fundo	1	3,1
Prato pequeno	1	3,1
Tigela	1	3,1
Não identificado	7	21,9
Total	32	



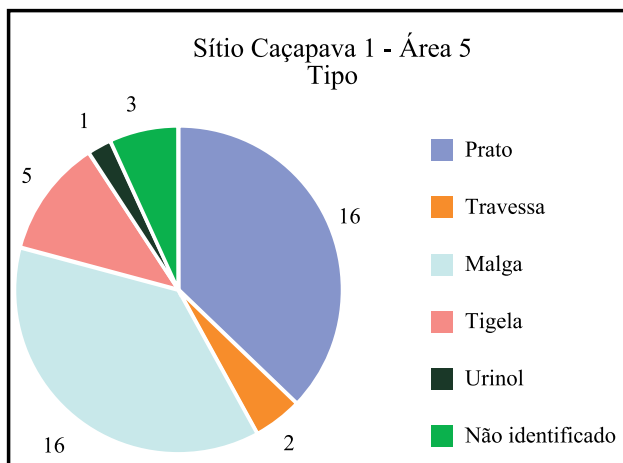
Tipos de louça encontradas na Área 4 (Setores XXIII a XXVI) do Sítio Caçapava 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	2	8,3
Xícara (alça)	1	4,2
Bule	1	4,2
Travessa	1	4,2
Prato	13	54,2
Tigela	1	4,2
Não identificado	5	20,1
Total	24	



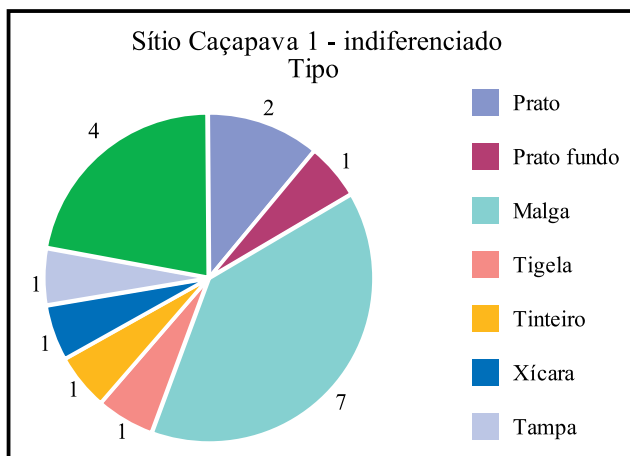
Tipos de louça encontradas na Área 5 (Setor XXVIII) do Sítio Caçapava 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	16	37,2
Prato	16	37,2
Tigela	5	11,6
Travessa	2	4,6
Urinol	1	2,3
Não identificado	3	7,0
Total	43	



Tipos de louça sem informação de Setor encontradas no Sítio Caçapava 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	7	38,9
Prato	2	11,1
Prato fundo	1	5,6
Tigela	1	5,6
Tinteiro	1	5,6
Xícara	1	5,6
Tampa	1	5,6
Não identificado	4	22,2
Total	18	



Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 1 (Setores I a V) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Louça de Macau (porcelana dura)	1	azul e chocolate
Total	1	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 2 (Setores XVI, XX e XXII) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Simples	4	
Borrão chinoiserie floral (faiança fina)	1	Azul
Borrão chinoiserie (faiança fina)	1	Azul
Cut sponge e bandado	1	verde e rosa
Total	7	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 4 (Setores XXIII a XXVI) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Transfer ponteadado (faiança fina)	1	Azul
Borrão (faiança fina)	1	Azul
Engine turned acanalado (whiteware)	1	
Total	3	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 5 (Setor XXVIII) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Borrão chinoiserie (faiança fina)	1	Azul
Floral sprig (pearlware)	1	verde e rosa
Engine-turned geométrico (pearlware)	1	Azul
Floral peasant (creamware)	1	verde, rosa e cinza
Bandado (creamware)	1	Rosa
Total	5	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) sem informação de setor do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Faixas curvilíneas (faiança)	1	azul
Cut sponge e bandado (faiança fina)	1	rosa e verde
Floral e caligrafado (porcelana dura)	1	Preto e dourado
<b>Total</b>	<b>3</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 1 (Setores I a V) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Spatter em moldura	1	azul
<b>Total</b>	<b>1</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 2 (Setores XVI, XX e XXII) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Simples	6	
Shell Edged (pearlware)	1	azul
Transfer Bologna (faiança fina)	1	azul
Borrão chinoiserie (faiança fina)	2	azul
Transfer Willow (pearlware)	2	azul
Borrão (pearlware)	1	azul
Borrão floral (faiança fina)	1	azul
Borrão curvilíneo (faiança fina)	1	azul
Royal Rim (pearlware)	3	
<b>Total</b>	<b>18</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 3 (Setores VII e XXIX) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Simples	1	
Royal Rim (pearlware)	1	
<b>Total</b>	<b>2</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 4 (Setores XXIII a XXVI) do Sítio Caçapava 1

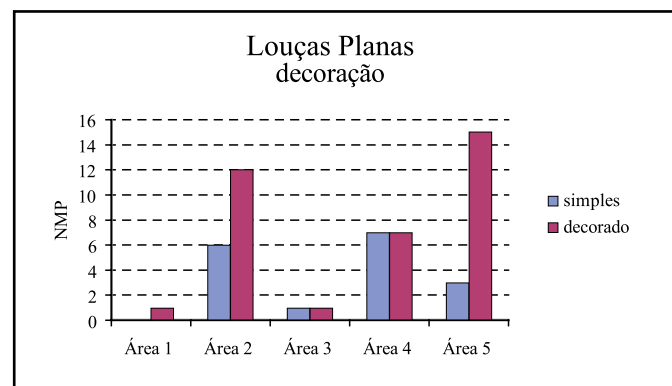
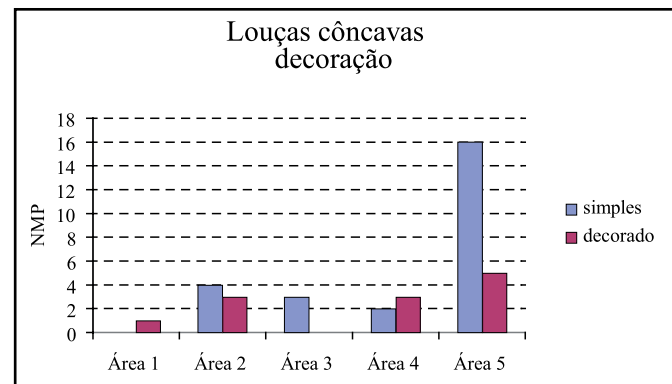
Decoração (categoria)	NMP	Cor
Simples	7	
Shell Edged (pearlware)	1	azul
Cut sponge e bandado (pearlware)	1	tons de verde
Royal Rim (pearlware)	1	
Transfer Willow (pearlware)	4	azul
<b>Total</b>	<b>14</b>	

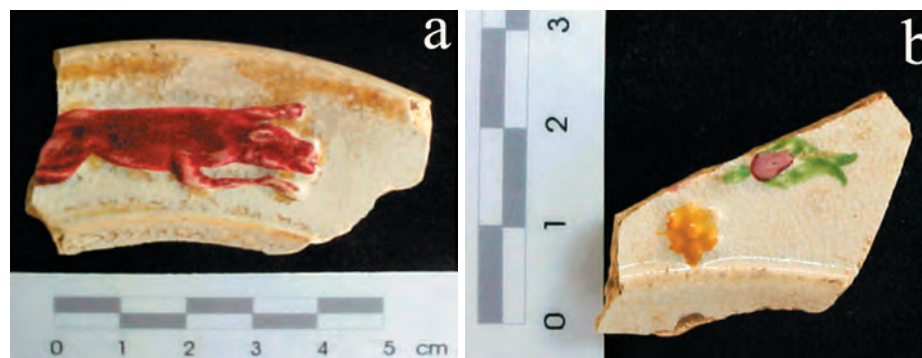
Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 5 (Setor XXVIII) do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Simples	3	
Transfer Willow (faiança fina)	2	azul
Transfer Willow (whiteware)	1	azul
Royal Rim (creamware)	4	
Royal Rim (pearlware)	2	
Borrão floral (pearlware)	1	azul
Borrão chinoiserie (faiança fina)	1	azul
Borrão (faiança fina)	1	azul
Shell Edged (pearlware)	1	azul
Transfer Willow (NI)	1	azul
<b>Total</b>	<b>18</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) sem informação de setor do Sítio Caçapava 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Shell Edged (pearlware)	2	azul
Royal Rim (pearlware)	1	azul
<b>Total</b>	<b>3</b>	





### Sítio Caçapava 2

O Sítio Caçapava 2 apresentou duas áreas de descarte de refugos domésticos possivelmente associadas a duas unidades habitacionais. A análise comparativa dos dados levantados para o número mínimo de peças (NMP) de cada área é apresentada a seguir.

Valores estimados para a ocupação da Área 1 do Sítio Caçapava 2

#### Fórmula South

Data média de ocupação : **1844**

Intervalo de ocupação: **1781 a 1905**

Intervalo mínimo de ocupação: **1845 e 1884** (incompatível com a data média obtida).

Obs. Com base nas marcas de fabricante identificadas, a data média avança para 1853 e o intervalo de ocupação para 1815 a 1905.

Exclusivamente para o conjunto de louças deste sítio arqueológico, foi utilizada a aplicação de cálculos de estatística básica aos dados obtidos, com o objetivo de testar as datas obtidas a partir da aplicação da Fórmula South. A aplicação desse método forneceu os seguintes resultados:

Data média de início da ocupação: **(1818,6 ± 23,3)** anos

Data média para o final da ocupação: **(1863,3 ± 11,8)** anos

Varição da data inicial de produção dos artefatos analisados: **1781 a 1884**

Varição da data de final de produção dos artefatos analisados: **1845 a 1905**

Aplicando-se a Fórmula South, através da datação de 96 peças, a data média de ocupação da Área 1 do Sítio Caçapava 1, foi calculada para o ano de **1844**. Para a amostra estudada, pode-se situar a ocupação da Área 1 do Sítio Caçapava 2 entre os anos de **1780 e 1905**. No entanto, a quase total ausência de peças fabricadas por manufaturas nacionais, cuja produção iniciou-se na primeira década do século XX, sugere uma data final situada no último quartel do século XIX.

Pratos pequenos decorados no padrão policromo em relevo, localizados na Área 1 do Sítio Caçapava 2. A peça de motivo zoomorfo (a) foi produzida em Portugal, pela Fábrica de Rafael Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha, Portugal, com produção de louças no período entre 1884 e 1905.

Um dos fragmentos analisados apresentou datas divergentes dos demais: um prato pequeno, de procedência portuguesa, fabricado por Rafael Bordalo Pinheiro, entre 1884 e 1905 (Cushion, 1987 e Araújo e Carvalho, 1993). Essa peça foi encontrada no 2º nível da Trincheira 30B.

Desconsiderando essa peça, a aplicação de estatística básica nos fornece os seguintes dados:

Idade média de início da ocupação: **(1816,8 ± 20,7)** anos

Idade média para o final da ocupação: **(1862,4 ± 9,6)** anos

Variação da data de início da ocupação: **1781 a 1850**

Variação da data de final da ocupação: **1845 a 1897**

O período mínimo de ocupação ficou situado, neste caso, entre os anos de 1845 e 1850, também incompatível com a data média fornecida pela aplicação da Fórmula South.

A ausência de faianças portuguesas no universo de louças resgatadas na Área 1 pode situar o início da ocupação no século XIX, quando as faianças finas européias já se encontravam disponíveis no mercado brasileiro.

Para a datação da amostra analisada não se considerou um fragmento de louça nacional, da Fábrica Santa Catharina, com início de produção no ano de 1912. Esta peça, localizada em superfície, e com período de fabricação incompatível com o restante das peças analisadas, provavelmente foi introduzida posteriormente no sítio arqueológico.

O período mínimo de ocupação da Área 1 foi obtido para o intervalo formado entre os anos de 1845 e 1884. Considerando-se, ainda, a presença dessa peça de produção nacional o final desse período estender-se-ia ao ano de 1912.

O valor obtido para a data média de ocupação (1844), demonstra que a data inicial deve ser recuada em relação à obtida para o intervalo mínimo de ocupação.

#### Valores estimados para a ocupação da Área 2 do Sítio Caçapava 2

Data média de ocupação : 1859

Intervalo de ocupação: 1781 a 1972

Intervalo mínimo de ocupação: 1800 a 1927

Obs. Com base exclusivamente nas marcas de fabricante identificadas, a data média avança para 1896 e o intervalo de ocupação para 1841 a 1972.

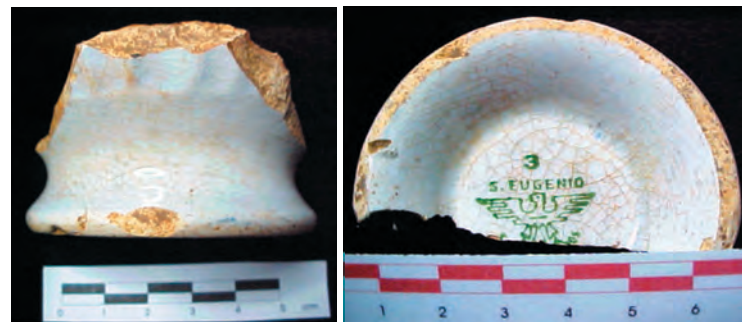
A aplicação de cálculos de estatística básica aos dados obtidos, forneceu os seguintes resultados:

Data média de início da ocupação: **(1822,1 ± 50,3)** anos

Data média para o final da ocupação: **(1881,3 ± 44,9)** anos

Variação da data inicial de produção dos artefatos analisados: **1700 a 1927**

Variação da data de final de produção dos artefatos analisados: **1800 a 1972**

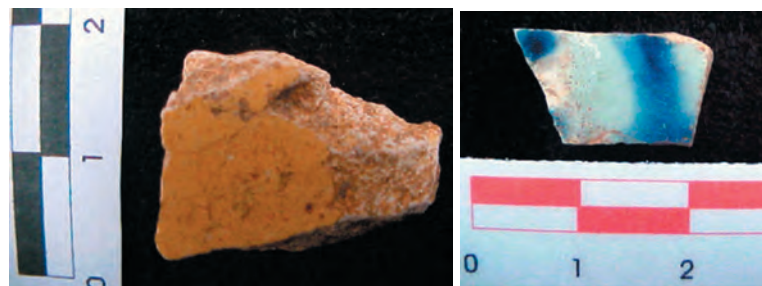


Ca2-A2 (Peça nº 614) - Malga de faiança fina pearlware com decoração em relevo com motivo acanalado, dando à peça um contorno facetado.

Utilizando-se também a Fórmula South, através da datação média de 18 peças, a data média da ocupação da Área 2 do Sítio Caçapava 2 foi calculada para o ano de **1860**. Esta data apresenta-



Ca2-A2 (Peça nº 646) - Porcelana fina decorada na face externa com pintura à mão em tons terrosos; apresenta motivos floral e antropomorfo, possivelmente representando cena romântica. Procedência: China.



Ca2-A2 - Fragmentos de malga de porcelana chinesa do gênero Swatow (Peça nº 645) (a) e de vasilha de cerâmica vidrada em ambas as faces (Peça nº 644).

se avançada em 17 anos em relação àquela obtida para a Área 1 do Sítio Caçapava 2, que foi representada pelo ano de 1844.

A ocupação da Área 2 do Sítio Caçapava 2 está situada entre os anos de **1781 a 1972**, ao passo que a ocupação da Área 1 foi situada entre 1780 e 1920. A presença de peças cuja fabricação possa ter ocorrido no século XX é muito pequena, como pode ser observado a seguir:

Ca2 – Área 1 – Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

2 peças nacionais fabricada pela Fábrica de Louças Santo Eugênio. Período: 1927 a 1972.

1 peça francesa fabricada pela manufatura Sarreguemines. Período: segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX.

2 peças holandesas fabricadas pela Sociéte Ceramique Maestricht. Período: 1887 a 1952.

Desconsiderando-se as peças de origem nacional, o que parece ser mais coerente analisando-se outros atributos da amostra, a data média dessa área recua para **1856**, e o intervalo de ocupação para o período entre **1781 e 1952**. Neste caso, a pequena diferença entre as datas obtidas para as Áreas 1 e 2 (12 anos), pode demonstrar contemporaneidade entre as duas unidades domésticas identificadas. No entanto, tendo-se em vista que uma das peças de procedência nacional foi localizada entre 50 e 60 cm de profundidade em uma trincheira aberta na Área 2, pode-se levantar a hipótese da ocupação dessa área ter-se estendido ao início do século XX.

Decoração	Fábrica	Categoria	Intervalo de produção	Data média	NMP
Transfer azul	Phoenix Works – J. Clementson	faiança fina	1839 – 1864	1851,5	1
Oriental – transfer azul	William Adams & Sons, Ltd.	Faiança fina	1819 – 1864	1841,5	1
Transfer azul – vista exótica		Faiança fina	1793 – 1868	1830,5	1
Transfer azul – vista exótica, cena em cartucho		Faiança fina	1820 – 1868	1844	2
Romântico – transfer azul		faiança fina	1793 – 1870	1831,5	2
Pastoral – transfer azul		pearlware	1781 – 1859	1820	2
Transfer azul geométrico (borda)		faiança fina	1784 – 1864	1824	1
Transfer azul geométrico e floral (na borda)		faiança fina	1784 – 1856	1820	1
Transfer azul, linear geométrico		faiança fina	1820 – 1864	1842	3
Transfer azul, borda linear floral		Whiteware	1830 – 1864	1847	1
Transfer azul, chinoiserie e geométrico		faiança fina	1784 – 1864	1824	2
Transfer azul, Milkmaid		pearlware	1820 – 1860	1840	2
Transfer azul, pastoral		faiança fina	1781 – 1859	1820	1
Transfer rosa		faiança fina	1784 – 1864	1824	1
Transfer marrom		faiança fina	1818 – 1869	1843,5	2
Transfer marrom + moldado + sponge		faiança fina	1828 – 1860	1844	1
Transfer borrão chinoiserie		faiança fina	1828 – 1867	1847,5	15
Transfer borrão geométrico na borda		faiança fina	1828 – 1856	1842	3
Transfer borrão azul escuro, geométrico e linear na borda		faiança fina	1828 – 1846	1837	1
Transfer borrão chinoiserie floral		faiança fina	1834 – 1887	1860,5	7
Pintado à mão borrão, faixas concêntricas	Copeland & Sons, Ltd.	Faiança fina	1847 – 1867	1857	5
Transfer borrão, Amour		faiança fina	1834 – 1867	1850,5	1
Shell edged, boca ondulada, moldado e pintado		pearlware	1795 – 1845	1820	5
Shell edged bud, boca ondulada, moldado e pintado		whiteware	1800 – 1850	1825	1
Shell edged bud, boca ondulada, moldado		pearlware	1800 – 1850	1825	1
Shell edged, boca plana, moldado e pintado		Faiança fina	1825 – 1860	1842,5	5
Shell edged, pintado		pearlware	1850 – 1860	1855	2
Shell edged, pintado		faiança fina	1850 – 1897	1873,5	1
Policrômico em relevo	Bordalo Pinheiro	faiança fina	1884 – 1905	1896	1
Floral peasant em tons terrosos		faiança fina	1810 – 1860	1835	1
Floral peasant policrômico		faiança fina	1830 – 1860	1845	11
Spatter em vermelho		faiança fina	1820 – 1860	1840	1
Dipped, engine-turned		creamware	1820	1820	1
Dipped, engine-turned		pearlware	1820 – 1860	1840	3
Dipped, moca finger paint (Simples)		faiança fina	1830 – 1860	1845	1
(Simples)	Davenport	creamware	1815 – 1860	1837,5	1
(Simples)	Copeland & Garret	pearlware	1833 – 1847	1840	1
(Simples)	Copeland	creamware	1847 – 1867	1857	1
(Simples)	Adams		1819 – 1864	1841,5	3
Data média				1844	96



Ca2 – Área 2 – Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

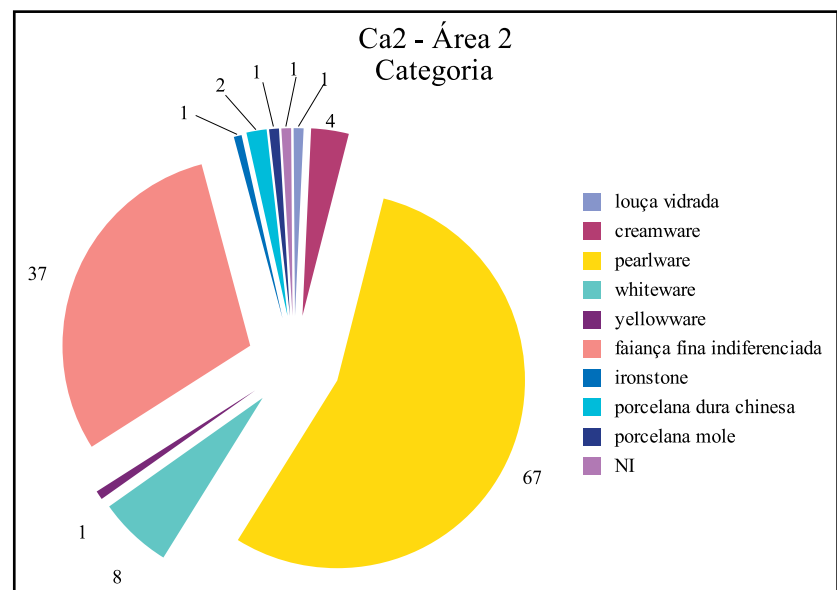
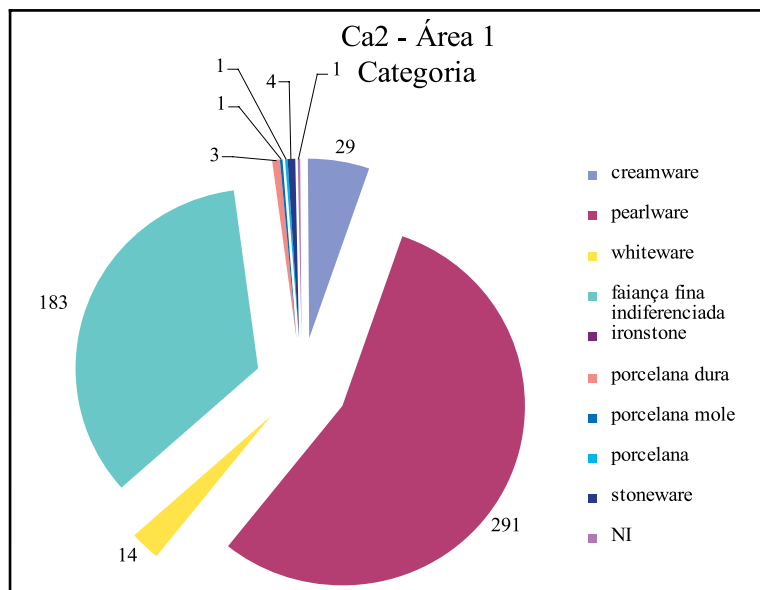
Decoração	Fábrica	Categoria	Período de produção	Data média	NMP
Swaton		porcelana	1700 – 1800	1750	1
Transfer azul – vista exótica em cartucho		pearlware	1820 – 1868	1844	1
Transfer azul – pastoral		faiança fina	1781 – 1859	1820	1
Transfer azul claro		whiteware	1818 – 1867	1842,5	1
Transfer azul claro		faiança fina	1818 – 1867	1842,5	1
Transfer rosa		faiança fina	1784 – 1864	1824	2
Transfer marrom		pearlware	1818 – 1869	1843,5	1
Transfer borrão chinoiserie		faiança fina	1828 – 1867	1847,5	1
Transfer borrão chinoiserie floral		pearlware	1834 – 1887	1860,5	1
Shell edged, boca ondulada, moldado e pintado		pearlware	1795 – 1845	1820	1
Floral peasant		faiança fina	1830 – 1860	1845	2
Simples	Keramis	faiança fina	1841 – 1892	1866	2
Simples	Opaque de Sarreguemines	Faiança fina	1850 – 1950	1900	1
Bandado	Maestricht	pearlware	1887 – 1952	1919,5	2
Moldado	Santo Eugênio	pearlware	1927 – 1972	1949,5	1
Moldado e cut sponge	Santo Eugênio	Faiança fina	1927 - 1972	1949,5	1
Data média				1859	20

Categorias de louça encontradas na área 1 do Sítio Caçapava 2

Categoria	NMP	Porcentagens
creamware	29	5,5
pearlware	291	55,1
whiteware	14	2,7
faiança fina indiferenciada	183	34,7
ironstone	1	0,2
porcelana dura	3	0,5
porcelana mole	1	0,2
porcelana	1	0,2
stoneware	4	0,7
NI	1	0,2
<b>Total</b>	<b>528</b>	

Categorias de louça encontradas na área 2 do Sítio Caçapava 2

Categoria	NMP	Porcentagens
louça vidrada	1	0,81
creamware	4	3,2
pearlware	67	54,5
whiteware	8	6,5
yellowware	1	0,8
faiança fina indiferenciada	37	30,1
ironstone	1	0,81
porcelana dura chinesa	2	1,6
porcelana mole	1	0,8
NI	1	0,8
<b>Total</b>	<b>123</b>	

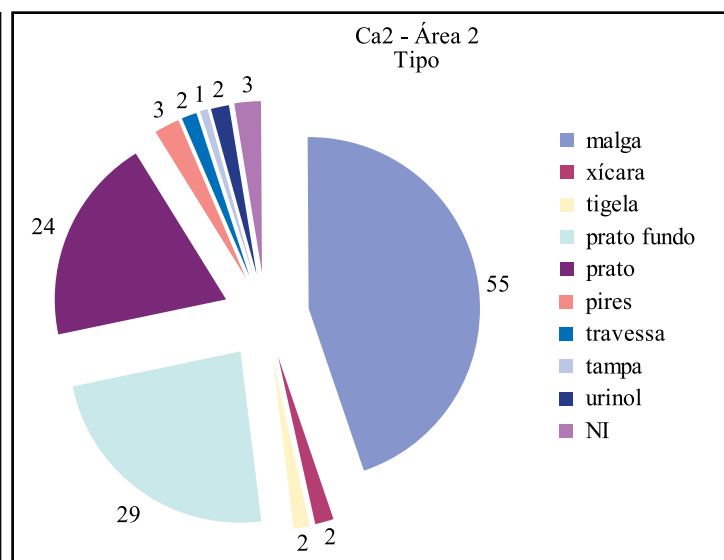
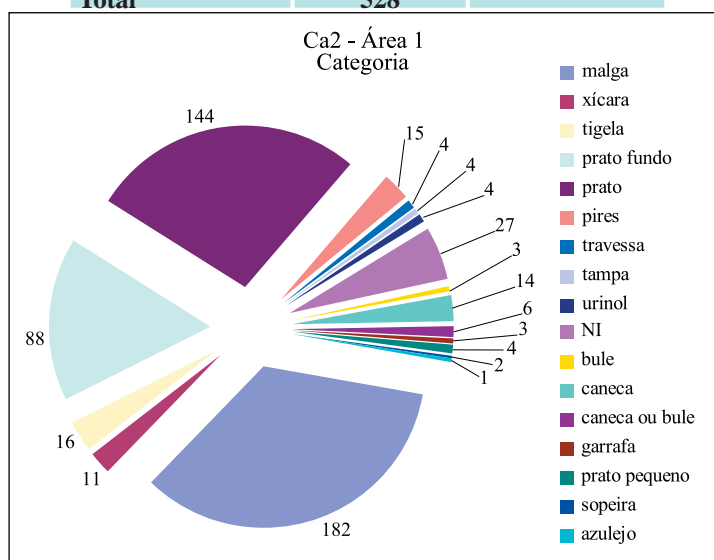


Tipos de louça encontradas na Área 1 do Sítio Caçapava 2

Tipo	NMP	Porcentagens
malga	182	34,5
xícara	11	2,1
tigela	16	3,0
prato fundo	88	16,7
prato	144	27,3
pires	15	2,8
travessa	4	0,7
tampa	4	0,7
urinol	4	0,7
NI	27	5,1
bule	3	0,6
caneca	14	2,6
caneca ou bule	6	1,1
garrafa	3	0,6
prato pequeno	4	0,7
sopeira	2	0,4
azulejo	1	0,2
<b>Total</b>	<b>528</b>	

Tipos de louça encontradas na área 2 do Sítio Caçapava 2

Tipo	NMP	Porcentagens
malga	55	44,7
xícara	2	1,6
tigela	2	1,6
prato fundo	29	23,6
prato	24	19,5
pires	3	2,4
travessa	2	1,6
tampa	1	0,8
urinol	2	1,6
NI	3	2,4
<b>Total</b>	<b>123</b>	



Padrões e motivos decorativos de louça encontrados nos serviços de jantar da Área 1 do Sítio Caçapava 2

	Prato	Prato fundo	Tigela	Travessa	Sopeira	Tampa	Total	%
Simple	92	26	16	2			136	53,5
Transfer	17	6		1		1	25	9,8
Borrão	7	1			1		9	3,5
Moldado	3	1					4	1,6
Royal Rim	21	35		1			57	22,4
Decal					1		1	0,4
Bandado	1						1	0,4
Shell Edged	5	18					23	9,0
Sponge	1						1	0,4
<b>Total</b>	<b>144</b>	<b>87</b>	<b>16</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>254</b>	

Padrões e motivos decorativos de louça encontrados nos serviços de chá e café da Área 1 do Sítio Caçapava 2

	Malga	Xícara	Caneca	Pires	Prato pequeno	Bule ou açucareiro	Tampa	Total	%
Simple	110	3	5	6		1	2	127	52,9
Transfer	11	5	2	4		1		23	11,3
Borrão	17	1	10	4				32	13,3
Moldado	1		1		4			6	2,5
Dipped	6							6	2,5
Esmaltado sólido	1							1	0,4
Cut	9	2	2					13	5,4
Sponge Engine-turned	5		1					6	2,5
Bandado	10	1						11	4,6
Shell Edged							1	1	0,4
Floral									
peasant ou sprig	11			1				12	5,0
Spatter	1							1	0,4
NI	1							1	0,4
<b>Total</b>	<b>183</b>	<b>12</b>	<b>21</b>	<b>15</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>240</b>	

Padrões e motivos decorativos de louça encontrados em outros serviços da Área 1 do Sítio Caçapava 2

	Garrafa	Urinol	Azulejo	Total
Simples	3	3	1	7

Peças de tipo não identificado: simples (1), transfer (2), e borrão (23).

Padrões e motivos decorativos de louça encontrados nos serviços de jantar da Área 2 do Sítio Caçapava 2

	Prato	Prato fundo	Tigela	Travessa	Tampa	Total	%
Simples	17	17				34	57,6
Transfer				1	1	2	3,4
Borrão				1		1	1,7
Moldado	2	2				4	6,8
Cut sponge			1			1	1,7
Royal Rim		7				7	11,9
Trigal	2	3				5	8,5
Bandado		2	1			3	5,1
Shell Edged	1					1	1,7
NI	1					1	1,7
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>31</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>59</b>	

Padrões e motivos decorativos de louça encontrados nos serviços de chá e café da Área 2 do Sítio Caçapava 2

	Malga	Xícara	Pires	Total	%
Simples	16			16	26,7
Transfer	4	2	2	8	13,3
Borrão	1			1	1,7
Moldado	3			3	5,0
Dipped	2			2	3,3
Esmaltado sólido	2			2	3,3
Banhado	1			1	1,7
Cut Sponge	17			17	28,3
Engine-turned	1			1	1,7
Bandado	4		1	5	8,3
Floral peasant ou sprig	3			3	5,0
NI	1			1	1,7
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>60</b>	

Padrões e motivos decorativos de louça encontrados em outros serviços da Área 2 do Sítio Caçapava 2

	Garrafa	Urinol	Candelabro	Total
Simples		2	1	3

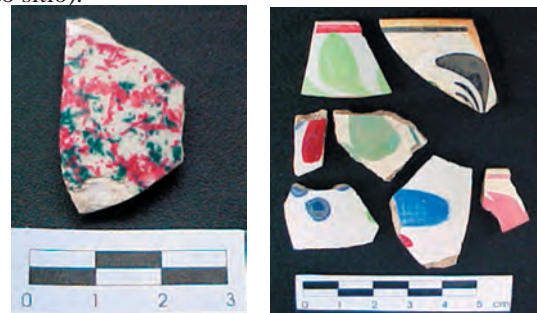
Peças de tipo não identificado: simples (1).

### Sítio Caçapava 3

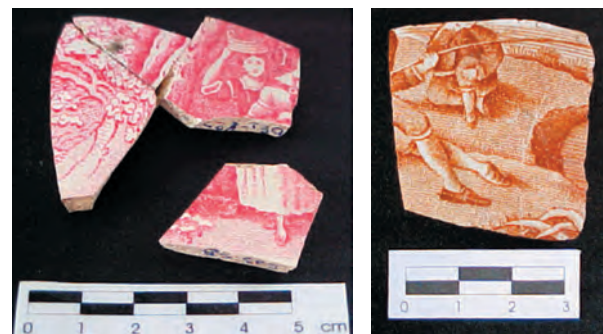
Para a análise do Sítio Caçapava 3 foram agrupados os setores previamente definidos em campo, por representarem áreas de descarte de refugos de uma única unidade doméstica.

Os valores obtidos a partir da datação dos fragmentos de louça diagnósticos (decoreação e fabricante, com variações para diferentes pastas) do Sítio Caçapava 3, apontam para uma ocupação de longo termo, existente pelo menos desde o início do século XIX e estendendo-se até o século XX.

Associadas à fase inicial da ocupação, aqui considerada como a primeira metade do século XIX, entre as louças analisadas, encontramos peças em faiança fina pintadas à mão em policromia e decoradas através da técnica de impressão por transferência (nitidamente inglesas) além de uma peça de faiança portuguesa e uma de louça vidrada (provavelmente as peças de louça mais antigas do sítio).



Sítio Caçapava 3 – Malgas que apresentam técnicas decorativas pintadas à mão em superfície não modificada: (a) peça nº 180: *spatterwork* (espatulado) e (b) peças nº 27, 162, 184, 193, 215 e 229: floral policromo *peasant* e *sprig*.



Sítio Caçapava 3 (peças nº 118 e 122) – Malgas decoradas pela técnica de impressão por transferência (*transfer printing*) em motivo pastoral, representando cenas rurais e focalizando pessoas, comuns na primeira metade do século XIX.

Associadas à segunda metade do século XIX estão presentes, entre outras peças, as malgas carimbadas em policromia. Esta técnica decorativa (*cut sponge*), disseminada nas louças côncavas inglesas, parece ter sido a preferida pelas primeiras manufaturas nacionais, provavelmente em função da menor tecnologia necessária e de menor custo de produção em relação àquelas decoradas através da impressão de paisagens e cenas (*transfer printing*).



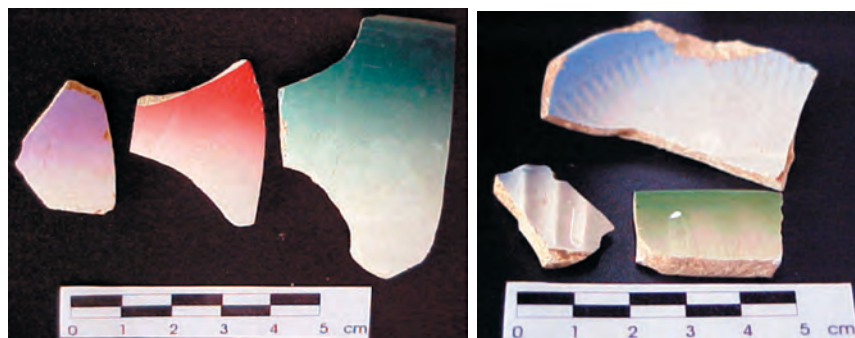
Sítio Caçapava 3 – Malgas com decoração carimbada (*cut sponge*). O primeiro conjunto (peças nº 23, 52, 113 e 117), apresentando monocromia e formas geométricas singelas, é mais comum nas primeiras louças de produção nacional (início do século XX). As policromadas (peças nº 26, 40 e 155) são importadas e foram produzidas a partir de 1845.

Adentrando o século XX, o Sítio Caçapava 3 foi aquele que apresentou louças com maior diversidade de fabricantes nacionais, em função, provavelmente de ser aquele que foi ocupado até um período mais recente.

Com base nos artefatos de fabricação nacional, localizados em superfície e na presença atual de moradores locais descendentes dos moradores pretéritos, pode-se afirmar que o Sítio Caçapava 3 estava sendo ocupado desde o início do século XIX e que o final de sua ocupação está associado à construção da Rodovia Carvalho Pinto na década de 90 do século XX.

Na casa da Sra. Maria da Penha Conceição, descendente dos antigos moradores ainda vivendo no local, foram identificadas peças em louça iguais a algumas daquelas resgatadas durante as escavações:

Um prato de faiança fina branca, decorada no padrão Trigal e marcado **Vimarge**. Não foram encontradas referências à essa marca na literatura nacional e estrangeira sobre o tema. Ela foi identificada, também, em peças resgatadas nos Sítios Caçapava 3 (*simples*) e Caçapava 1 (*transfer printing Willow*). A única referência encontrada é de um prato localizado nas escavações arqueológicas de Canudos (BA), decorado por *transfer printing*, em motivo floral azul (comunicação pessoal Paulo Zanettini,



Sítio Caçapava 3 – Louças esponjadas, comuns na primeira metade do século XX e, possivelmente, de produção nacional: (a) peças nº 109, 110 e 201: malgas e (b) peças nº 77, 181 e 182: pratos e pires moldados e esponjados.

2002). O padrão trigal, no entanto, é extremamente comum nos sítios arqueológicos brasileiros e norte-americanos de final do século XIX e início do século XX, estando presente em quase todos os sítios da Rodovia Carvalho Pinto (com exceção do Sítio Caçapava 1).

Uma jarra pequena de porcelana de pasta mole, simples, da Fábrica de Louças Santo Eugênio, de São José dos Campos, SP. As louças dessa manufatura nacional predominam entre as peças nacionais identificadas nas amostras analisadas e estão presentes nas coleções dos sítios arqueológicos analisados cujas ocupações adentraram o século XX: Sítios Jacareí 2 (Áreas 2 e 4), Caçapava 2 (Área 2), Caçapava 3 e Taubaté 1 (Setor A).

O Sítio Caçapava 3 apresenta uma singularidade encontrada apenas no Sítio Caçapava 2 no conjunto de sítios arqueológicos de período histórico estudados ao longo da Rodovia Carvalho Pinto e que também não é comum em outros sítios desse período, como pode ser observado na literatura existente sobre o tema: apresenta predominância de louças decoradas (54% da amostra). Quando são separados os conjuntos de louças côncavas (malgas, tigelas, xícaras e canecas) e planas (pratos e pires), nota-se que as côncavas são responsáveis por esse predomínio, visto que 55,8% delas apresentam decoração, ao passo que apenas 44,2% das planas são decoradas.

A preferência pela aquisição de louças decoradas é associada, na literatura disponível, a um melhor poder aquisitivo do grupo, visto que estas peças sempre apresentaram maior custo em relação às não decoradas. Todavia, a literatura também associa o poder de compra à preocupação de status social, demonstrado com a aquisição ou formação de jogos de peças idênticas para exposição à mesa de refeições.

Este fator pode ser verificado tanto nas louças associadas ao consumo de chá e café quanto naquelas de consumo de refeições principais: nota-se a presença expressiva de malgas florais policromas e de pratos com borda de superfície modificada (notadamente no padrão decorativo Trigal).

Apesar disso, as louças decoradas pela técnica de impressão por transferência (*transfer printing*), as mais caras em uma escala de valores de mercado para o século XIX, aparecem modestamente na coleção analisada.

#### Valores estimados para a ocupação do Sítio Caçapava 3

Data média de ocupação: 1874

Intervalo de ocupação: 1700 a 1972

Intervalo mínimo de ocupação: 1800 a 1931

Ca3 -- Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

decoreção	fábrica	categoria	período	data média	nmp
moca		faiança fina	1795 a 1860	1827,5	1
floral peasant		pearlware	1830 a 1860	1845	2
floral peasant		whiteware	1830 a 1860	1845	1
floral peasant e sprig		faiança fina	1830 a 1860	1845	1
floral peasant		faiança fina	1830 a 1860	1845	4
spatterwork		faiança fina	1820 a 1860	1840	1
transfer pastoral rosa		faiança fina	1784 a 1859	1821,5	1
transfer pastoral marrom		faiança fina	1818 a 1859	1838,5	1
transfer azul claro		faiança fina	1818 a 1867	1842,5	1
faixas azuis		faiança	1700 a 1800	1750	1
shell edged		faiança fina	1850 a 1897	1879	1
simples	santo eugênio	pearlware	1927 a 1972	1949,5	1
simples	santo eugênio	faiança fina	1927 a 1972	1949,5	2
simples	santo eugênio	ironstone	1927 a 1972	1949,5	1
bandado e cut sponge	santo eugênio	faiança fina	1927 a 1972	1949,5	2
ni	santo eugênio	faiança fina	1927 a 1972	1949,5	1
simples	j. & g. meakin	faiança fina	1891 a 1906	1898,5	1
data média			1700 a 1972	1874	23



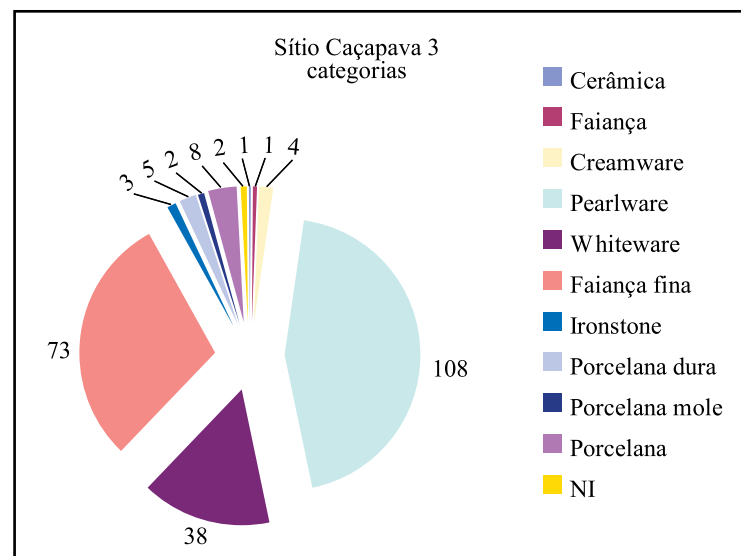
Sítio Caçapava 3 (peças nº 37 e 35) – Malgas fabricadas em Porto Ferreira, SP.

Categorias de louça encontradas no Sítio Caçapava 3

Categoria	NMP	Porcentagens
Cerâmica vidrada	1	0,4
Faiança	1	0,4
Creamware	4	1,6
Pearlware	108	44,1
Whiteware	38	15,5
Faiança fina	73	30,0
Ironstone	3	1,2
Porcelana dura	5	2,0
Porcelana mole	2	0,8
Porcelana	8	3,3
NI	2	0,8
<b>Total</b>	<b>245</b>	

Marcas de fabricante identificadas no Sítio Caçapava 3, não utilizadas para a datação

Fabricante	Período de produção	NMP
Nadir Figueiredo (faiança fina, simples)	Século XX	1
Porto Ferreira (whiteware, cut sponge)	A partir de 1931	2
Porto Ferreira (pearlware, simples)	A partir de 1931	1
Fábrica de Louças Santa Catharina (FLSC) (pearlware, simples)	A partir de 1913	1
Barros Loureiro – Adelinas São Caetano (faiança fina, simples)	Século XX	1
Vimarge (marca NI) (faiança fina, simples)	NI	1
<b>Total</b>		<b>7</b>



Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) do Sítio Caçapava 3

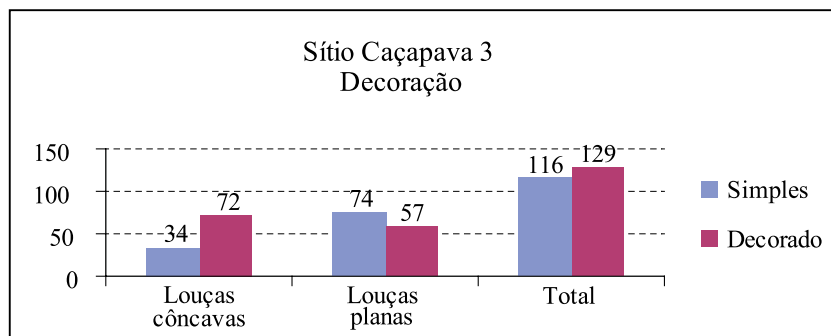
Decoração (categoria)	NMP	Cor
Faixas azuis (faiança)	1	Azul
Floral sprig e bandado (pearlware)	1	verde e preto
Floral peasant e bandado (pearlware)	1	vermelho e verde
Floral peasant e bandado (whiteware)	1	Verde e preto
Floral peasant e bandado (faiança fina)	2	Verde e vermelho / verde
Floral peasant (pearlware)	1	Amarelo
Floral peasant (whiteware)	1	Marrom
Floral peasant (faiança fina)	9	verde e azul / verde e vermelho / azul e vermelho / verde / roxo / azul / azul / azul e vermelho / azul, vermelho e verde
Floral sprig (faiança fina)	1	Rosa
Floral peasant e sprig (faiança fina)	1	azul, verde e vermelho
Moca (pearlware)	1	azul, amarelo e preto
Moca (faiança fina)	1	preto, vermelho, azul e verde
Engine-turned, geométrico e bandado (faiança fina)	1	preto e azul
Spongework (pearlware)	4	azul e verde / lilás / verde / vermelho
Spongework (faiança fina)	2	marrom e azul / verde
Spatterwork (faiança fina)	1	Verde e vermelho
Transfer pastoral	2	Vermelho / marrom
Transfer geométrico na borda (whiteware)	1	Marrom
Shell Edeged (faiança fina)	1	Azul
Cut sponge (pearlware)	1	Rosa / verde / azul
Cut sponge (whiteware)	3	Azul
Cut sponge (faiança fina)	6	verde e vermelho / amarelo / marrom / verde, azul e vermelho / azul claro verde e rosa / azul turquesa, verde e amarelo
Cut sponge (porcelana mole)	2	Verde e vermelho
Cut sponge e bandado (faiança fina)	1	Roxo e vermelho / vermelho Verde / verde e vermelho / vermelho, verde e preto / azul e preto
Bandado (whiteware)	4	Preto
Bandado (faiança fina)	1	Amarelo
Bandado (porcelana)	2	Azul
Moldado (porcelana)	3	
Moldado (pearlware)	1	
Moldado acanalado sinuoso (porcelana dura)	1	
Bandado e moldado acanalado (faiança fina)	1	Azul
Esmaltado sólido (faiança fina)	1	Rosa
Esmaltado sólido, cut sponge e bandado (faiança fina)	1	Marrom e tons de rosa
Decal e moldado (porcelana dura)	1	Verde, amarelo e rosa
NI (pearlware)		
NI (whiteware)	2	Vermelho / não colorido
NI (faiança fina)	3	Roxo / verde e verde claro / verde / amarelo
NI (porcelana fina)	1	Marrom
<b>Total</b>	<b>72</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) do Sítio Caçapava 3

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Royal Rim (creamware)	1	
Royal Rim (faiança fina)	1	
Royal Rim (whiteware)	1	
Transfer floral (pearlware)	1	azul
Transfer Willow (faiança fina)	1	azul
Shell Edged (pearlware)	1	
Floral sprig (whiteware)	1	azul
Moldado (faiança fina)	1	
Moldado floral (pearlware)	1	
Moldado fitoforme (whiteware)	2	
Moldado fitoforme (faiança fina)	2	
Moldado e spongework (pearlware)	1	azul
Moldado e spongework (faiança fina)	1	Verde
Moldado e NI (porcelana dura)	1	
Floral bandado (ironstone)	1	Ocre
Trigal floral (pearlware)	1	
Transfer Willow (pearlware)	1	Azul
Transfer Willow (faiança fina)	1	Azul
Trigal (pearlware)	12	
Trigal (whiteware)	3	
Trigal (faiança fina)	3	
Floral sprig (whiteware)	2	Azul
Cut sponge e bandado (faiança fina)	2	Marrom e verde / rosa
Cut sponge (faiança fina)	1	Marrom
Cut sponge (whiteware)	2	azul
Cut sponge (ironstone)	1	Amarelo
Moldado, bandado e floral (porcelana dura)	1	Verde, amarelo, marrom e preto
Bandado (pearlware)	1	Verde
Bandado (whiteware)	4	Verde / sem coloração / sem coloração / azul
Bandado (faiança fina)	1	Azul e marrom
Bandado (porcelana)	1	
NI (pearlware)	1	Marrom
NI (faiança fina)	2	Rosa e preto / azul, preto, marrom e ocre
<b>Total</b>	<b>57</b>	

Relação entre louças simples e decoradas do Sítio Caçapava 3

	Simple	Decorado
Louças côncavas	34 (%)	72 (55,8%)
Louças planas	74 (%)	57 (44,2%)
NI	8 (%)	
<b>Total</b>	<b>116 (%)</b>	<b>129 (%)</b>



**Sítio Jacareí 1**

O Sítio Jacareí 1 apresentou três áreas de descarte de refugos domésticos possivelmente associadas a diferentes unidades habitacionais. A análise comparativa dos dados levantados para o número mínimo de peças (NMP) de cada área é apresentada a seguir.

Valores estimados para a ocupação da Área 1

Data média de ocupação : 1828

Intervalo de ocupação: 1762 a 1891

Intervalo mínimo de ocupação: 1815 a 1825

Valores estimados para a ocupação da Área 2

Data média de ocupação : 1849,5

Intervalo de ocupação: 1762 a 1952

Intervalo mínimo de ocupação: 1815 a 1887

Valores estimados para a ocupação da Área 4

Data média de ocupação : 1854

Intervalo de ocupação: 1780 a 1952

Intervalo mínimo de ocupação: a partir de 1860

Com base nos padrões e/ou motivos decorativos, associados à categoria e nas marcas de fabricante identificadas, as áreas de ocupação doméstica do Sítio Jacareí 1, apresentaram idades que indicam contemporaneidade das ocupações, tendo a Área 1 a primeira a ser ocupada e também abandonada. Apesar da presença de apenas um exemplar de faiança portuguesa na amostra, a presença significativa de louças creamware demonstra a ocupação dessas áreas pelo menos desde o início da chegada desse tipo de louça no Brasil (princípios do século XIX). Pelas evidências analisadas, essas ocupações adentraram e se estenderam por todo o século XIX, alcançando o século XX no caso das áreas 2 e 4. Embora tenha sido obtida para essas áreas uma data final situada na década de 50 do século XX, a ausência de artefatos de procedência nacional, cujos primeiros exemplares reconhecidos para a região datam de 1912, pode indicar que essas ocupações findaram nos primeiros anos do século XX. Por outro lado, não se pode descartar a hipótese de que artefatos associados a outras ocupações mais recentes tenham sido introduzidos na área, o que poderia recuar para o século XIX o término de ocupação das três áreas identificadas para o Sítio Jacareí 1.

O cruzamento dos dados obtidos para intervalos de ocupação e intervalos mínimos de ocupação com os números mínimos de peças para as áreas de ocupação do Sítio Jacareí 1 apontam para a possibilidade de que:

A Área 1 (assim como a Área 2) tenha sido ocupada ainda no século XVIII ou no início do XIX e sua ocupação não tenha se estendido além da primeira metade do século XIX.

A Área 2 apresente a ocupação de maior duração presente no sítio, estendendo-se até a passagem do século XIX para o XX.

A Área 4 tenha sido a última a ser ocupada, na metade do século XIX e apresente uma ocupação de duração inferior à Área 2, tendo em vista que, apesar da datação mais tardia, apresente um NMP bem inferior à Área 2.

Nas três áreas predominam as louças simples tanto para peças planas como côncavas e não foram identificados indícios de preocupação na aquisição e/ou formação de jogos de louças. Esta característica tem sido associada, na literatura arqueológica, a ocupações de baixo poder aquisitivo.

Ja1 – Área 1 - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Intervalo de produção	Data média	NMP
Transfer vista exótica rosa		faiança fina	1793 a 1864	1828,5	1
Blue Edged moldado, boca plana		faiança fina	1825 a 1891	1858	1
Transfer floral central azul		Pearlware	1784 a 1869	1826,5	1
Royal Rim		Creamware	1762 a 1815	1788,5	1
Simples	Davenport	Pearlware	1815 a 1860	1837,5	1
Data média			1762 a 1891	1828	



Sítio Jacareí 1 – Área 2 (peça nº 52) – Caneca de faiança fina creamware decorada através da técnica engine-turned, com data de produção estimada para 1820.



Sítio Jacareí 1 – Área 1 (peça nº 283) – Base de prato decorado pela técnica transfer printing com motivo floral central.



Sítio Jacareí 1 – Área 2 (peça nº 284) e peça nº 41 (área indiferenciada) – bordas de malgas decoradas em rosa pela técnica da impressão por transferência (transfer printing).



Sítio Jacareí 1 – Área 2 (peça nº 03) – Malga decorada com motivo pastoral zoomorfo, fabricada pela Societé Ceramique Maestricht, na Holanda, no final do século XIX ou início do século XX.



Ja1 – Área 2 - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

decoreção	fábrica	categoria	intervalo de produção	data média	nmp
engine-turned		creamware	1820	1820	1
transfer geométrico azul claro		whiteware	1818 a 1867	1842,5	1
floral peasant e sprig policromo		pearlware	1830 a 1860	1845	1
floral peasant policromo		pearlware	1830 a 1860	1845	1
floral peasant policromo		faiança fina	1830 a 1860	1845	1
royal rim		creamware	1762 a 1815	1788,5	1
royal rim		pearlware	1780 a 1860	1820	7
transfer pastoral marrom	maastricht	pearlware	1887 a 1952	1919,5	1
(simples)	maastricht	faiança fina	1887 a 1952	1919,5	1
simples	maastricht	whiteware	1887 a 1952	1919,5	1
(simples)	opaque de sarreguemes	faiança fina	1850 a 1950	1900	1
cut sponge e bandado	opaque de sarreguemes	pearlware	1850 a 1950	1900	1
data média			1762 a 1952	1849,5	18

Ja1 – Área 4 - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

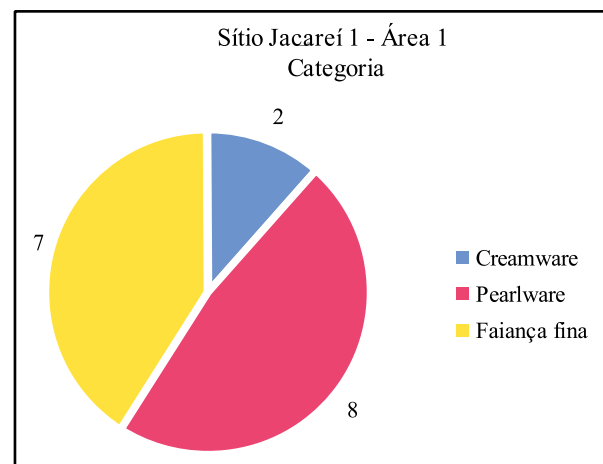
decoreção	fábrica	categoria	intervalo de produção	data média	nmp
simples	maastricht	whiteware	1887 a 1952	1919,5	1
floral peasant		faiança fina	1830 a 1860	1845	1
transfer azul vista exótica		faiança fina	1793 a 1868	1830,5	1
royal rim		pearlware	1780 a 1860	1820	1
data média			1780 a 1952	1854	4



Sítio Jacareí 1 – Fragmentos de malgas pintadas à mão em policromia, localizadas nas Áreas 2 e 4 (peças nº 13, 15, 17 e 18).

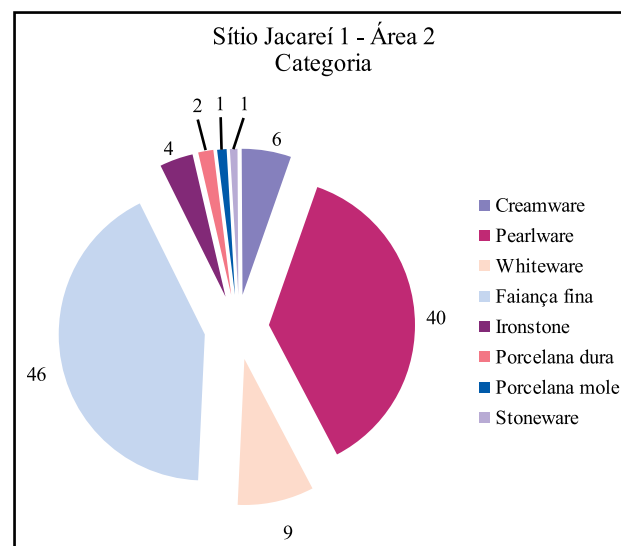
Categorias de louça encontradas na Área 1 do Sítio Jacareí 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Creamware	2	11,8
Pearlware	8	47,0
Faiança fina	7	41,2
Total	17	



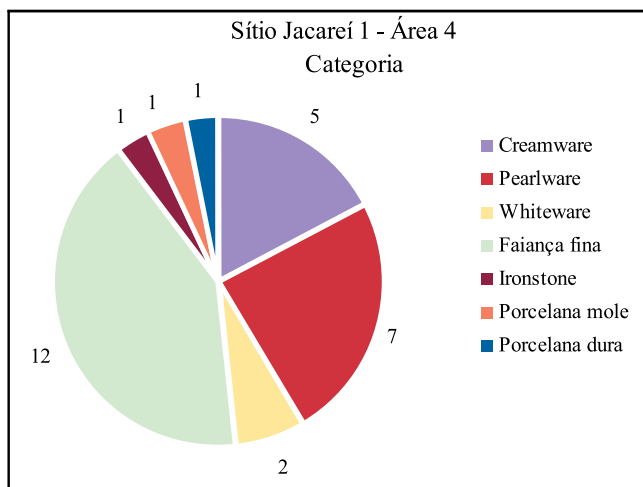
Categorias de louça encontradas na Área 2 do Sítio Jacareí 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Creamware	6	5,5
Pearlware	40	36,7
Whiteware	9	8,2
Faiança fina	46	42,2
Ironstone	4	3,7
Porcelana dura	2	1,8
Porcelana mole	1	0,9
Stoneware	1	0,9
Total	109	



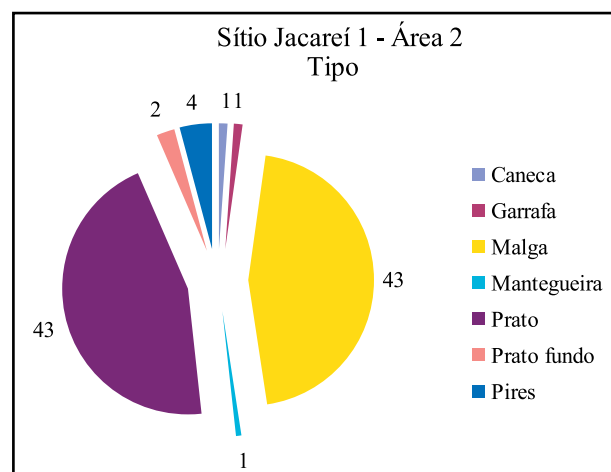
Categorias de louça encontradas na Área 4 do Sítio Jacareí 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Creamware	5	17,2
Pearlware	7	24,1
Whiteware	2	6,9
Faiança fina	12	41,4
Ironstone	1	3,4
Porcelana mole	1	3,4
Porcelana dura	1	3,4
Total	29	



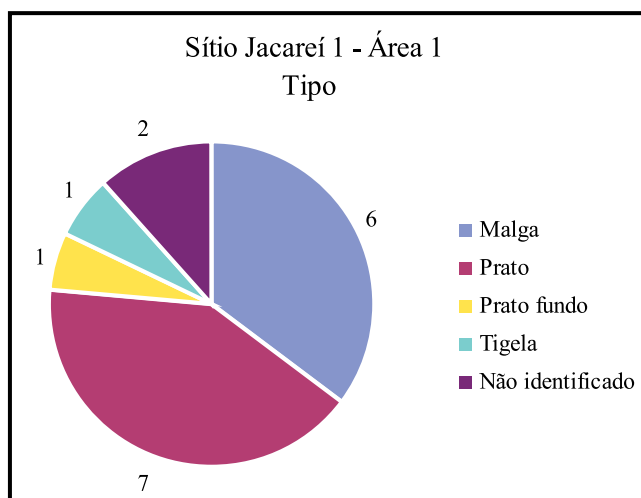
Tipos de louça encontrados na Área 2 do Sítio Jacareí 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Caneca	1	0,9
Garrafa	1	0,9
Malga	43	39,4
Mantegueira	1	0,9
Prato	43	39,4
Prato fundo	2	1,8
Pires	4	3,7
Prato pequeno	1	0,9
Tigela	4	3,7
Não identificado	9	8,2
Total	109	



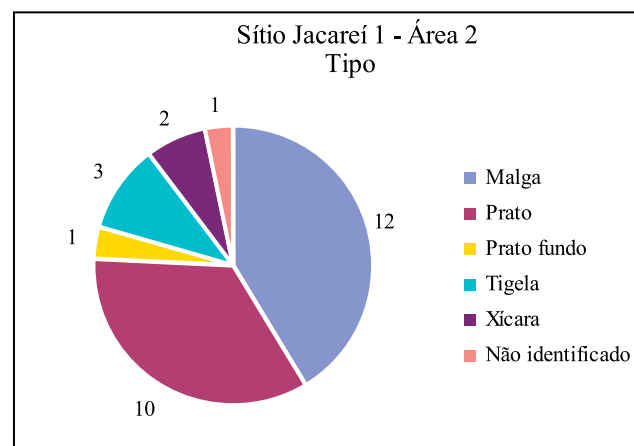
Tipos de louça encontrados na Área 1 do Sítio Jacareí 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	6	35,3
Prato	7	41,2
Prato fundo	1	5,9
Tigela	1	5,9
Não identificado	2	11,8
Total	17	



Tipos de louça encontrados na Área 4 do Sítio Jacareí 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Malga	12	41,4
Prato	10	34,5
Prato fundo	1	3,4
Tigela	3	10,3
Xícara	2	6,9
Não identificado	1	3,4
Total	29	



Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 1 do Sítio Jacaré 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
NI (pearlware)	1	Azul
Transfer vista exótica, linear e geométrico (faiança fina)	1	Rosa
Total	2	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 2 do Sítio Jacaré 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Engine-turned (creamware)	1	
Transfer geométrico fitoforme (whiteware)	1	Azul claro
Dipped e engine-turned (pearlware)	1	Azul e preto
Cut sponge, floral e bandado (pearlware)	1	Azul, rosa e verde
	1	Tons de verde
Floral peasant e sprig (pearlware)	1	Azul, preto, verde e rosa
Floral peasant (pearlware)	1	Verde
Floral peasant (faiança fina)	1	Azul e verde
Transfer zoomorfo (pearlware)	1	Marrom
	1	Marrom e verde
Sponge geométrico (faiança fina)	1	Azul e verde
Bandado (faiança fina)	1	Amarelo e verde
	1	Azul e vinho
Transfer (faiança fina)	1	Rosa
Floral (faiança fina)	2	Verde
Cut sponge, floral e bandado (faiança fina)	1	Amarelo, preto e rosa
Cut sponge, floral (faiança fina)	1	Marrom e verde
Total	18	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 4 do Sítio Jacaré 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Moldado (whiteware)	1	
Floral peasant (faiança fina)	1	Tons de verde
Transfer vista exótica oriental (faiança fina)	1	Azul
Total	3	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) sem informação de Área do Sítio Jacaré 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Transfer fitoforme (faiança fina)	1	Rosa
Total	1	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 1 do Sítio Jacaré 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Blue Edged (faiança fina)	1	Azul
Transfer floral (pearlware)	1	Azul claro
Royal Rim (creamware)	1	
Total	3	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 2 do Sítio Jacaré 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Royal Rim (creamware)	1	
Royal Rim (pearlware)	7	
Hotelware bandado (ironstone)	1	Verde
Trigal (pearlware)	2	
Trigal (whiteware)	1	
Moldado falso Royal Rim (pearlware)	1	
Alphabet, moldado e decal (pearlware)	1	Preto e verde
Total	15	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) da Área 4 do Sítio Jacaré 1

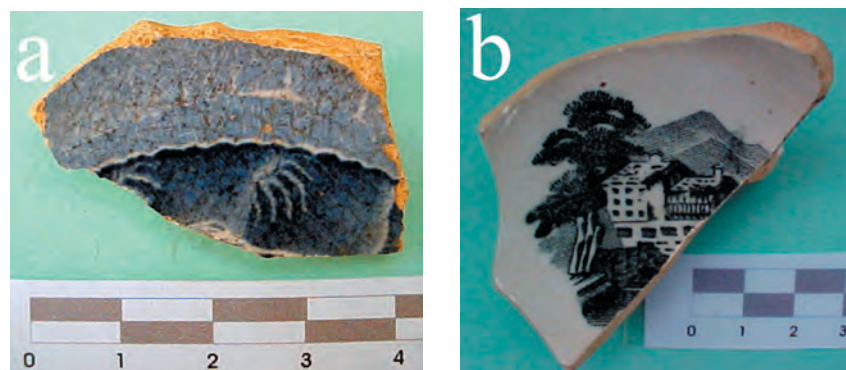
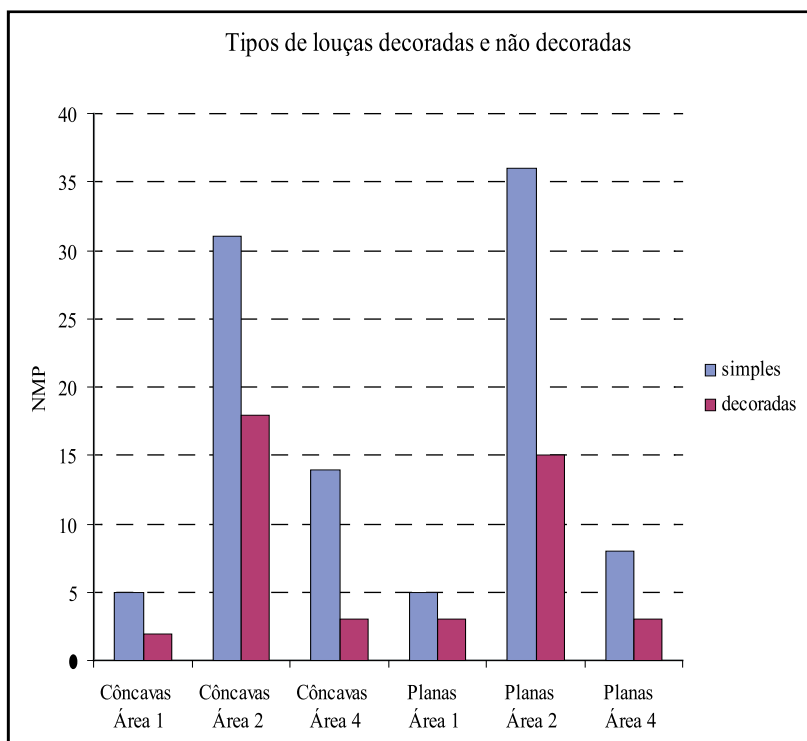
Decoração (categoria)	NMP	Cor
Royal Rim (pearlware)	1	
Royal Rim (faiança fina)	1	
Moldado NI (ironstone)	1	
Total	3	

Padrões e motivos decorativos das peças planas (associadas ao tipo prato) sem informação de Área do Sítio Jacaré 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Trigal (pearlware)	1	
Frisos azuis (faiança)	1	Azul
Total	2	

Sítio Jacareí 2

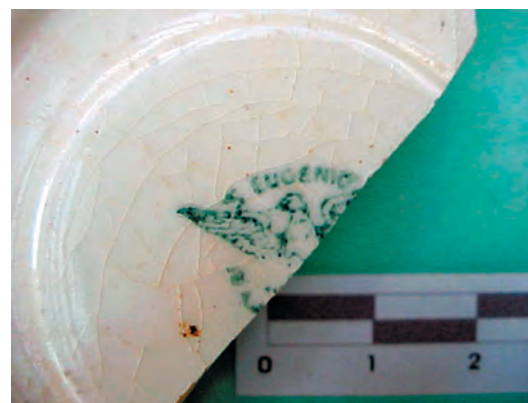
No conjunto de louças que compõem o acervo do Sítio Jacareí 2 foram localizadas apenas duas peças decoradas através de impressão por transferência (transfer printing ou decalque), indicando que o grupo doméstico que ocupou essa área não estava adquirindo as louças mais caras disponíveis no mercado durante o século XIX.



Sítio Jacareí 2 – Área 2 – Peças decoradas pela técnica de transfer printing: (a) peça nº 138 – Prato de faiança fina whiteware no estilo chinoiserie (representação de salgueiros) que remete a peça ao século XIX, até 1873, quando estes foram utilizados em larga escala nos cenários decalcados nas louças inglesas de inspiração chinesa e (b) peça nº 54 - malga ou xícara em estilo pastoral e na cor preta.

Os padrões associados à técnica de moldagem (press molding), encontrados nas louças provenientes do Sítio Jacareí 2 apresentam-se bastante distintos entre as peças de chá/café e as de jantar.

As formas associadas ao consumo de chá e café e as malgas apresentam relevo facetado acanalado acompanhando a altura da peça, geralmente conjugando este padrão decorativo com outro pintado junto às bordas. Essa combinação de técnicas parece ter sido a preferencial nas louças produzidas pela Fábrica de Louças Santo Eugênio, fundada em 1927 em São José dos Campos, no Vale do Paraíba paulista.



Sítio Jacareí 2 – Área 2 (peça nº 7) – Pires de fabricação nacional, apresentando a marca do fabricante: S.EUGENIO – B. & C. - S. JOSÉ DOS CAMPOS e decoração em relevo associada a banded e cut sponge policromo junto à borda.

Os pratos decorados em relevo, por sua vez, apresentam, praticamente na totalidade, um único padrão decorativo, reconhecido no Brasil como Trigal (Ceres Shape, na literatura norte-americana). Esse padrão é representado por ramos de trigo moldados em alto relevo, acompanhando as abas dos pratos.

Dos 82 pratos de padrão Trigal reconhecidos no Sítio Jacaré 2, 79 foram localizados nas Áreas 2/5. Estes apresentam variações de pasta, predominando as faianças finas pearlware (68 peças) às ironstones (10 peças). Além destas, foi identificada uma peça em faiança fina whiteware. Esse padrão foi extremamente popular em ironstones ingleses na segunda metade do século XIX, tendo sua fabricação se estendido para o início do século XX. Neste período mais tardio, iniciava-se a fabricação de louças nacionais e diversas fábricas brasileiras copiaram esse padrão em louças de mesa, confeccionadas em faiança fina.

A observação do conjunto de louças de procedência nacional confirmada (peças que apresentam a marca do fabricante) pertencentes ao conjunto de sítios arqueológicos pesquisados ao longo da Rodovia Carvalho Pinto, demonstra que as fábricas brasileiras, no início de sua produção (a partir de 1913), utilizavam esmaltes de tonalidades azuladas, à semelhança das louças pearlware fabricadas na Inglaterra na primeira metade do século XIX.

Essa observação permite relacionar esse conjunto de pratos ao início do século XX, período tardio de ocupação das Áreas 2/5 do Sítio Jacaré 2. Essa louça, de produção nacional, parece ter composto um grande número de jogos de pratos. A alta incidência de peças semelhantes e contemporâneas (79 pratos) pode indicar que a tralha doméstica resgatada não compõe material de descarte de uma única unidade doméstica. Nesta hipótese, apontaria para uma maior preocupação com a higiene e com a organização do uso do espaço comum, sendo o lixo doméstico descartado em área definida e distante das diversas unidades domésticas presentes na propriedade.

No entanto, a implantação da área na paisagem, as evidências observadas de modificação da superfície do solo para implantação de construção e a própria memória oral local, não corroboram esta hipótese.

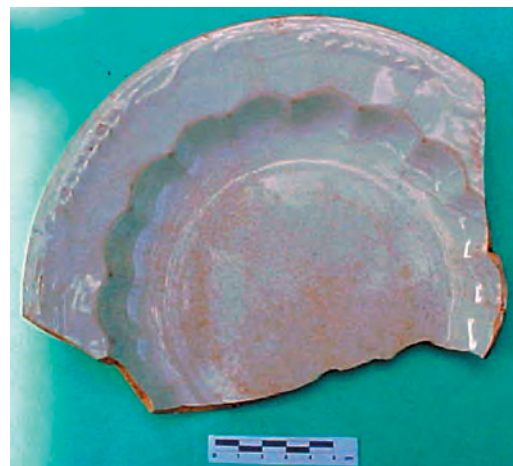
Esses dados poderiam também indicar a existência de um pouso ou um venda no local, hipóteses que só poderiam ser confirmadas através de fontes escritas referentes a essa ocupação.

Entre os pratos no padrão trigal recuperados no Sítio Jacaré 2, três marcas de fabricante puderam ser identificadas, fornecendo informações sobre a origem das mesmas:

Société Ceramique Maestricht (2 peças) – marca holandesa.

Marca brasileira não identificada.

Peças nº 65 e 71 – apresentam a marca da companhia distribuidora em São Paulo: L. Grumbach, com a inscrição “au grand depot”, São Paulo. Uma das peças apresenta também a marca do fabricante com símbolos e número impressos em baixo relevo (fabricante não identificado). Conforme Brancante (1981), essa companhia era a principal distribuidora das louças francesas provenientes de Limoges.



Sítio Jacaré 2 – Áreas 2/5 (peça nº 65) - Prato fundo com padrão decorativo trigal de faiança fina whiteware, com marca do distribuidor no Brasil (L. Grumbach).

As peças utilitárias de padrão simples, isto é, não decoradas, geralmente apresentam-se como predominantes nos contextos de sítios arqueológicos históricos. Este é o caso das Áreas 2/5 e 4 do Sítio Jacaré 2.



Sítio Jacaré 2 – Áreas 2/5 - Malgas não decoradas, de padrão simples: (a) peças nº 239 e 234, não marcadas e (b) peça nº 27, marcada pela Société Ceramique Maestricht.

A análise quantitativa e qualitativa do universo de louças resgatadas no Sítio Jacaré 2 demonstra que ali existiram três unidades domésticas que foram implantadas em momentos diferentes.

A primeira ocupação estaria associada aos artefatos localizados nas Áreas 1 e 3. Os fragmentos de louça presentes nessas áreas apresentam características que remetem o início da ocupação ao século XVIII e seu final à primeira metade do século XIX. Poucos fragmentos presentes nessa área apresentam características de louças recentes, produzidas no final do século XIX ou início do século XX e apresentaram fragmentos correspondentes nas Áreas 5 e 4. Trata-se, provavelmente, de peças deslocadas destas áreas. A quantidade de louças localizada nessa área (NMP:26) aponta para uma ocupação que não teve uma longa duração, ao passo que a sua qualidade (predomínio de louças decoradas e presença de malga em porcelana de pasta dura) remete a um relativo bom poder aquisitivo de suas habitantes.

No conjunto formado pelas Áreas 2 e 5, os dados demonstram tratar-se de área de descarte de refugos domésticos, utilizada por um longo período, desde o século XVIII até as primeiras décadas do século XX. Os artefatos mais antigos, associados à fase da ocupação na primeira metade do século XIX, parecem pertencer a uma unidade doméstica que deve ter surgido posteriormente

àquela da Área 1, mas ainda durante a existência desta.

No período mais tardio, a partir da segunda metade do século XIX, a grande concentração de louças parece remeter a materiais de descarte de mais do que uma unidade doméstica ou a uma área de intensa atividade social dos habitantes da propriedade. A alta frequência de louças nacionais demonstra que isto ocorreu, principalmente no início do século XX. A presença de poucas marcas de produção nacional, algumas temporalmente restritas (Fábrica Santa Josephina – 1913 a 1924 e, provavelmente, Fábrica Santa Catharina – a partir de 1913) podem ser referenciais de que essa ocupação não ultrapassou a primeira metade do século XX.

As louças associadas ao primeiro período de ocupação da Área 2/5 demonstram um melhor poder aquisitivo de seus habitantes em relação ao material adquirido no segundo período, onde é marcante o predomínio de louças de menos valor econômico.

A Área 4 parece ser uma ocupação contemporânea à segunda fase da Área 2/5, surgida na segunda metade do século XIX e com data final semelhante a ela. Os motivos decorativos presentes também indicam um baixo poder aquisitivo para esta unidade doméstica.

Valores estimados para a ocupação da Área 1

Data média de ocupação: 1760

Intervalo de ocupação: 1700 a 1830

Intervalo mínimo de ocupação: 1770 a 1800

Valores estimados para a ocupação das Áreas 2 e 5

Data média de ocupação: 1898

Intervalo de ocupação = 1700 a 1972

Intervalo mínimo de ocupação = 1800 a 1927

Valores estimados para a ocupação da Área 4

Data média de ocupação: 1919

Intervalo de ocupação: 1850 a 1972

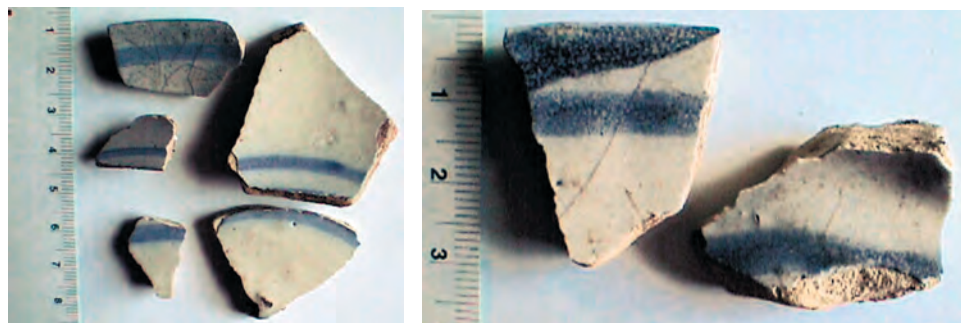
Intervalo mínimo de ocupação: 1906 a 1927

Ja2 – Área 1 – Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Dupla linha, ondulada e pontos azuis		faiança	1770 a 1830	1800	1
NI azul		faiança	1700 a 1800	1750	1
Faixas azuis		faiança	1700 a 1800	1750	3
Data média			1700 a 1830	1760	5



Sítio Jacaré 2 – Área 2 – Bule e tampa de porcelana européia de pasta dura, pintados à mão, em policromia floral.



Sítio Jacaré 2 – Área 1 (peças 94, 96, 98 e 142) – Pratos em faiança portuguesa, decorados em faixas azuis, comuns nas tralhas domésticas relacionadas ao século XVIII.

Ja2 – Áreas 2 e 5 – Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Faixas azuis		faiança	1700 a 1800	1750	1
Floral peasant policromo		Faiança fina	1830 a 1860	1845	1
Floral peasant policromo		pearlware	1830 a 1860	1845	2
Floral peasant policromo		Whiteware	1830 a 1860	1845	1
Floral sprig policromo		pearlware	1830 a 1860	1845	1
Floral sprig policromo		faiança fina	1830 a 1860	1845	1
Transfer romântico (preto)	NI	pearlware	1793 a 1864	1828,5	1
Simples	Maestricht	pearlware	1887 a 1952	1919,5	3
Simples	Maestricht	whiteware	1887 a 1952	1919,5	3
Bandado	Maestricht	pearlware	1887 a 1952	1919,5	3
Bandado	Maestricht	whiteware	1887 a 1952	1919,5	1
Trigal	Maestricht	ironstone	1887 a 1952	1919,5	2
Simples	Maestricht	ironstone	1887 a 1952	1919,5	2
Cut sponge	Opaque de Sarreguemines	pearlware	1850 a 1950	1900	1
Bandado	Opaque de Sarreguemines	pearlware	1850 a 1950	1900	3
Simples	Opaque de Sarreguemines	pearlware	1850 a 1950	1900	5
Simples	Opaque de Sarreguemines	whiteware	1850 a 1950	1900	1
Simples	Opaque de Sarreguemines	ironstone	1850 a 1950	1900	1
Simples	Santo Eugenio	Faiança fina	1927 a 1972	1949,5	2
Moldado e bandado	Santo Eugenio	Faiança fina	1927 a 1972	1949,5	1
Moldado, cut sponge e bandado	Santo Eugenio	Faiança fina	1927 a 1972	1949,5	1
Cut sponge	Cia. Cerâmica Jundiahyense	Faiança fina	1924 a 1952	1938	1
Simples	Keramis	Ironstone	1850 a 1900	1875	1
Simples	Keramis	whiteware	1850 a 1900	1875	1
Simples	Keramis	Porcelana dura	1850 a 1900	1875	1
Simples	J&G Meakin	ironstone	1891 a 1906	1898,5	7
Simples	Santa Josephina	Faiança	1913 a 1924	1918,5	1
<b>Data média</b>			<b>1700 a 1972</b>	<b>1898</b>	<b>50</b>



Sítio Jacaré 2 – Áreas 2/5 (peças 05, 12, 143 e 144) – Malgas com decoração floral, apresentando policromia, comuns na primeira metade do século XIX.

Ja2 – Áreas 2 e 5 - marcas de fabricação com período de produção não identificado.

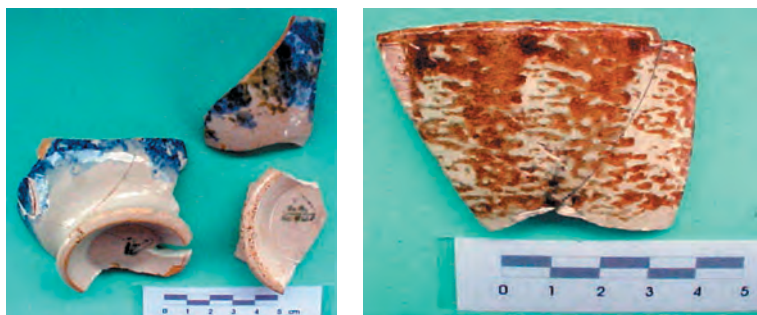
Decoração	Fábrica	Categoria	Procedência	NMP
Simple	Santa Catharina	pearlware	São Paulo	1
Cut sponge e bandado	Santa Catharina	whiteware	São Paulo	2
Trigal	L. Grumbach (distribuidor)	ironstone	São Paulo	1
Cut Sponge e bandado	Digoin & Sarreguemines	pearlware	França	4

Ja2 – Área 4 – Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Simple	Santo Eugênio	Faiança fina	1927 a 1972	1949,5	1
Moldado, cut sponge e bandado	Santo Eugênio	whiteware	1927 a 1972	1949,5	1
Simple	J&G Meakin	ironstone	1891 a 1906	1898,5	2
Simple	Maestricht	pearlware	1887 a 1952	1919,5	1
Simple	Opaque de Sarreguemines	pearlware	1850 a 1900	1900	1
<b>Data média</b>			<b>1850 a 1972</b>	<b>1919</b>	<b>6</b>

Ja2 – Área 4 - marcas de fabricação com período de produção não identificado.

Decoração	Fábrica	Categoria	Procedência	NMP
Spatter	Santa Catharina	pearlware	São Paulo	1
Cut sponge e bandado	Digoin e Sarreguemines	pearlware	França	1



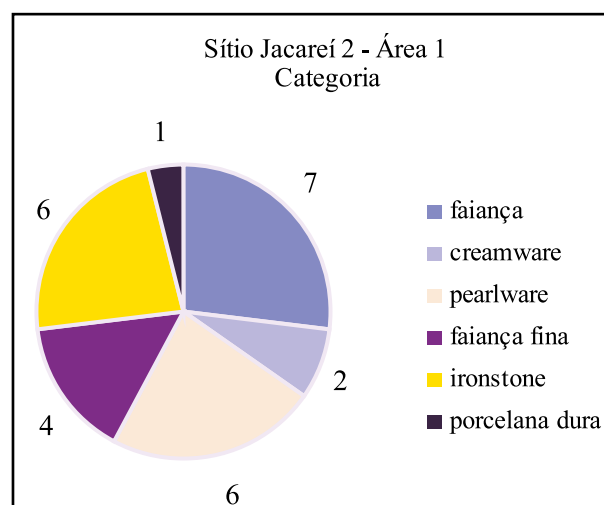
Malgas ocorrentes no Sítio Jacareí 2, classificadas como *spongeware*: (a) peças nº 06 e 10: malgas manufaturada pela Fábrica de Louças Santa Catarina (nacional), que teve sua produção iniciada em 1913; (b) peça 131.

Ja2 – marcas de fabricação em peças sem identificação de área.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período	Data média	NMP
Simple	L. Grumbach (distribuidor)	Faiança fina	NI	NI	1
Simple	J&G Meakin	Ironstone	1891 a 1906	1898,5	1
Simple	Opaque de Sarreguemines	Faiança fina	1850 a 1950	1900	1
Simple	Maestricht	pearlware	1887 a 1952	1919,5	2
Bandado	Maestricht	pearlware	1887 a 1952	1919,5	2
Bandado	Maestricht	whiteware	1887 a 1952	1919,5	1
Simple	Santo Eugenio	Faiança fina	1927 a 1972	1949,5	1

Categorias de louça encontradas na Área 1 do Sítio Jacareí 2

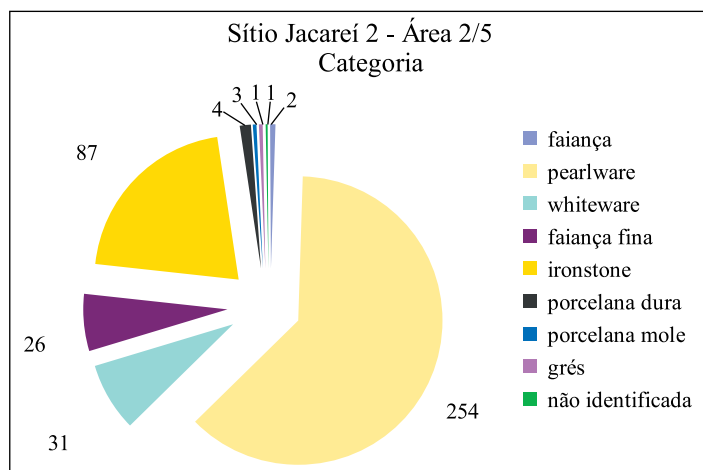
Categoria	NMP	Porcentagens
faiança	7	27
creamware	2	7,7
pearlware	6	23,1
Faiança fina	3	11,5
Ironstone	6	23,1
Porcelana dura	1	3,8
<b>Total</b>	<b>26</b>	





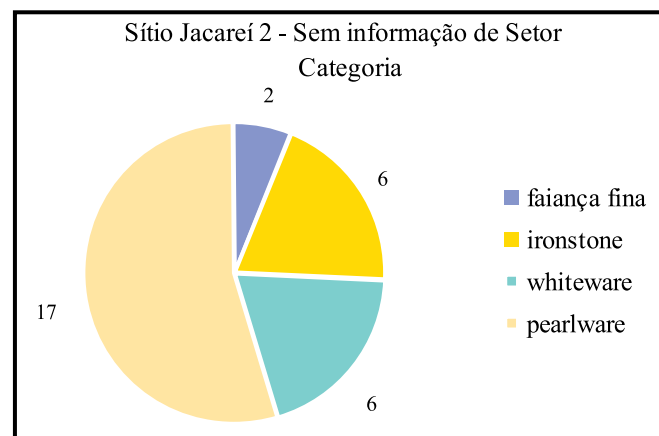
Categorias de louça encontradas nas Áreas 2 e 5 do Sítio Jacaré 2

Categoria	NMP	Porcentagens
faiança	2	0,5
pearlware	255	62,2
whiteware	31	7,6
Faiança fina	26	6,3
ironstone	87	21,2
Porcelana dura	4	1,0
Porcelana mole	3	1,5
Grés (stoneware)	1	0,5
NI	1	0,5
<b>total</b>	<b>410</b>	



Categorias de louça sem informação de área, encontradas no Sítio Jacaré 2

Categoria	NMP	Porcentagens
pearlware	17	54,8
whiteware	6	19,3
Faiança fina	2	6,4
ironstone	6	19,3
<b>Total</b>	<b>31</b>	

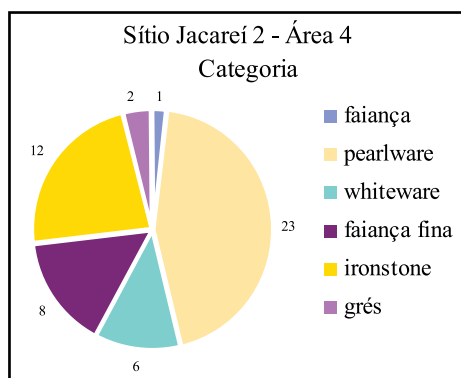


Categorias de louça encontradas na Área 3 do Sítio Jacaré 2

Categoria	NMP	Porcentagens
pearlware	1	100,0
<b>total</b>	<b>1</b>	

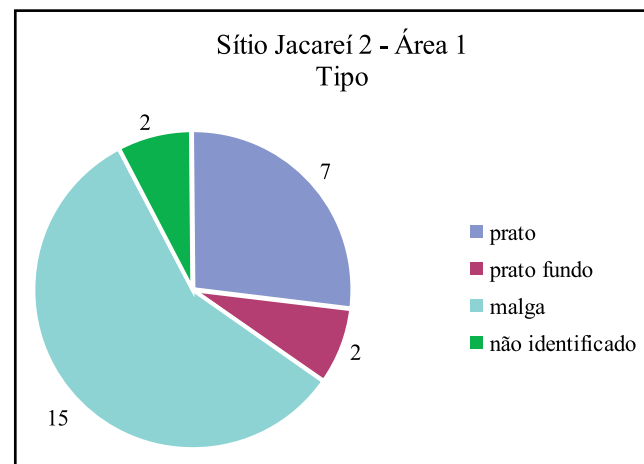
Categorias de louça encontradas na Área 4 do Sítio Jacaré 2

Categoria	NMP	Porcentagens
faiança	1	1,9
pearlware	23	44,2
whiteware	6	11,5
faiança fina	8	15,4
ironstone	12	23,1
grés	2	3,8
<b>total</b>	<b>52</b>	



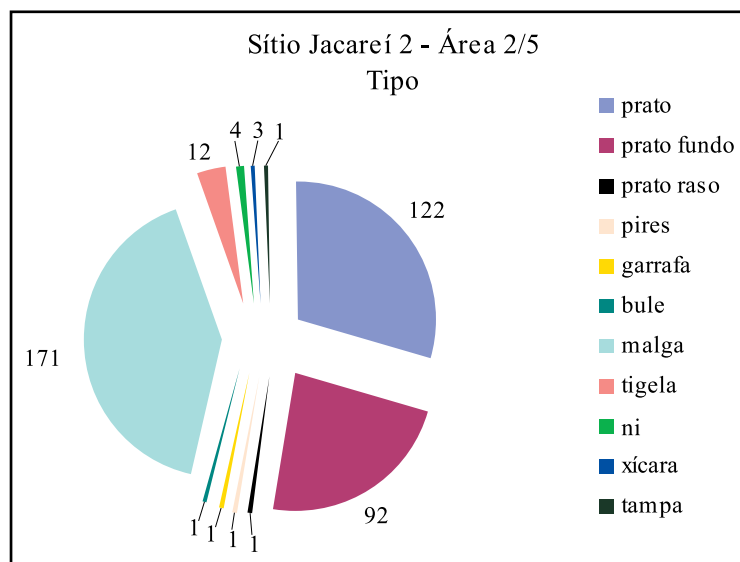
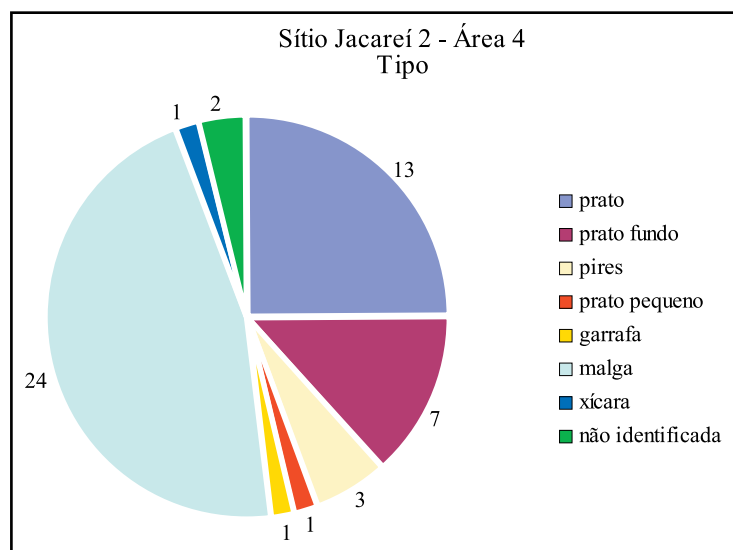
Tipos de louça encontradas na Área 1 do Sítio Jacaré 2

Tipo	NMP	Porcentagens
malga	15	58,0
prato	7	27,0
prato fundo	2	8,0
não identificado	2	8,0
<b>total</b>	<b>26</b>	



Tipos de louça encontrados nas Áreas 2 e 5 do Sítio Jacareí 2

Tipo	NMP	Porcentagens
bule	1	0,2
malga	174	42,4
prato	115	28,0
prato fundo	85	20,7
prato raso	1	0,2
tigela	12	2,9
xícara	3	0,7
pires	1	0,2
tampa	1	0,2
garrafa	1	0,2
NI	4	1,0
<b>total</b>	<b>410</b>	



Tipos de louça encontradas na Área 4 do Sítio Jacareí 2

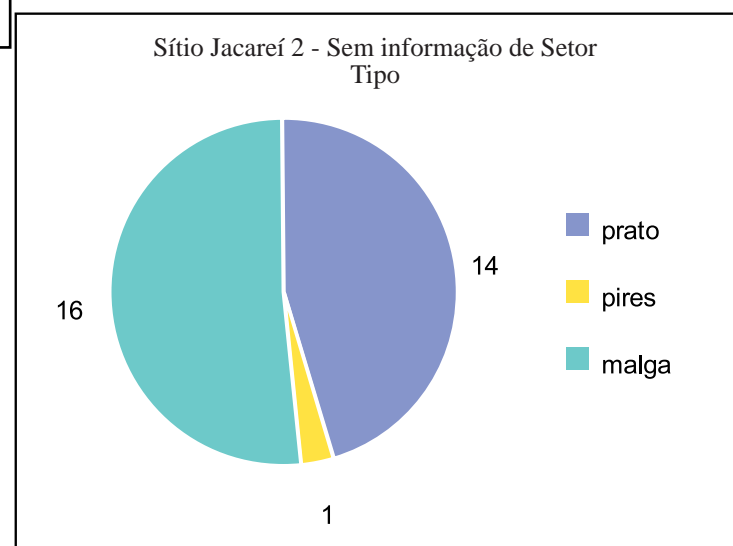
Tipo	NMP	Porcentagens
garrafa	1	1,9
malga	24	46,1
prato	13	25,0
prato fundo	7	13,5
pires	3	5,8
prato pequeno	1	1,9
xícara	1	1,9
não identificada	2	3,8
<b>total</b>	<b>52</b>	

Tipos de louça encontradas na Área 3 do Sítio Jacareí 2

Tipo	NMP	Porcentagens
malga	1	100
<b>Total</b>	<b>1</b>	

Tipos de louça sem informação de área encontradas no Sítio Jacareí 2

Tipo	NMP	Porcentagens
malga	16	51,6
prato	14	45,2
pires	1	3,2
<b>total</b>	<b>31</b>	

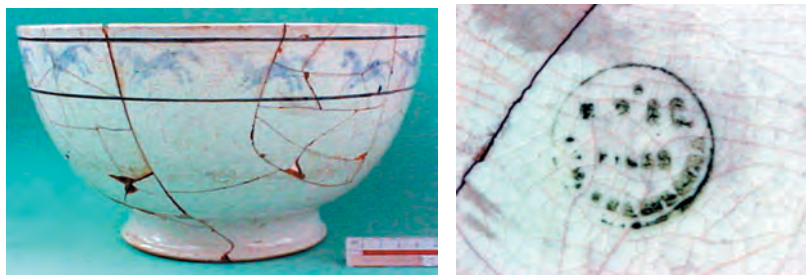


Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) da Área 1 do Sítio Jacareí 2

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Dupla linha, ondulada e pontos azuis (faiança)	1	Azul
NI (faiança)	1	Azul
Floral peasant (pearlware)	1	Verde e amarelo
Bandado (pearlware)	1	vermelho
	1	azul claro
	1	Azul
	1	amarelo, roxo e preto
Bandado (whiteware)	1	Verde, rosa e amarelo
Cut sponge (whiteware)	1	Verde
Cut sponge e bandado (ironstone)	1	azul e preto
	1	Verde
Floral e bandado (porcelana dura)	1	Azul, verde, rosa, marrom e amarelo
Moldado acanalado (ironstone)	1	
<b>Total</b>	<b>13</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças côncavas (associadas ao tipo malga) das Áreas 2 e 5 do Sítio Jacareí 2

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Floral peasant (whiteware)	1	azul e amarelo
Floral peasant (pearlware)	1	verde e rosa
Floral peasant (faiança fina)	1	Verde e vermelho
Floral sprig (pearlware)	1	Verde e rosa
Floral sprig e bandado (faiança fina)	1	Verde
Spatterwork (pearlware)	1	Verde e marrom
Spatterwork e pintado à mão (whiteware)	1	azul, verde, marrom, amarelo, cinza, preto, ocre
Floral e bandado (ironstone)	1	Verde, rosa, marrom e amarelo
pearlware cut sponge	1	Rosa
	1	Marrom
Cut sponge (whiteware)	1	Rosa
	1	azul e amarelo
	1	Verde
Cut sponge (faiança fina)	1	Amarelo
Spatterwork e cut sponge (pearlware)	1	Verde, rosa e amarelo
	1	Azul, marrom, amarelo e preto
Cut sponge e bandado (pearlware)	1	Roxo
	1	verde, amarelo e preto
Cut sponge e bandado (whiteware)	1	Verde e rosa
Cut sponge, moldado e bandado (faiança fina)	1	Azul, verde e preto
Cut sponge e moldado (faiança fina)	1	Amarelo
Moldado acanalado e bandado (faiança fina)	1	Azul e preto
	1	Azul e preto
	1	Verde e preto
Bandado (pearlware)	1	Verde rosa
	1	amarelo e preto
	1	Amarelo, preto e lilás
	1	Azul claro
	1	Vinho
Bandado (whiteware)	1	Verde, amarelo e preto
	1	Azul, rosa e preto
	1	Preto
	1	Verde, preto e laranja
Bandado (porcelana mole)	1	Azul
Bandado (porcelana)	1	Rosa
Transfer, cenário rural (pearlware)	1	Preto
Esmaltado sólido (faiança fina)	1	Vermelho
NI (pearlware)	2	Amarelo
	1	Azul
<b>Total</b>	<b>40</b>	



Sítio Jacareí 2 – Área 2 (peça nº 82): tigela, de fabricação nacional e fabricante não identificado. Foi decorada através das técnicas *cut sponge* e pintado, produzindo um motivo decorativo zoomorfo carimbado entre dois frisos.

Malgas decoradas Área 3

Categoria/ Decoração	NMP	Cor
NI (pearlware)	1	Azul
<b>Total</b>	<b>1</b>	

Malgas decoradas Área 4

Categoria/ Decoração	NMP	Cor
Floral (pearlware)	1	cinza
	1	verde, amarelo e preto
Spatterwork (pearlware)	1	Azul
Spatterwork (whiteware)	1	verde
Cut sponge (whiteware)	1	marrom
	2	Azul
Cut sponge (ironstone)	1	cinza
Cut sponge e bandado (pearlware)	1	azul, marrom, amarelo e preto
Moldado acanalado (ironstone)	1	cinza e cinza claro
Bandado (ironstone)	1	azul e preto
NI (pearlware)	1	Rosa
	1	Amarelo
<b>Total</b>	<b>13</b>	

Malgas decoradas sem informação de setor

Categoria/ Decoração	NMP	Cor
Spongework (whiteware)	1	Azul
Floral esmaltado (ironstone)	1	verde, cinza e preto
Floral sprig (ironstone)	1	Verde
Cut sponge e bandado (ironstone)	1	amarelo e preto
Bandado (pearlware)	1	verde marrom
<b>Total</b>	<b>5</b>	

Pratos decorados Área 1

Categoria/ Decoração	NMP	Cor
faiança bandada	4	Azul
<b>Total</b>	<b>4</b>	

Pratos decorados Áreas 2 e 5

Categoria/ Decoração	NMP	Cor
Trigal (pearlware)	68	
Trigal (whiteware)	1	
Trigal (ironstone)	10	
Bandado (faiança)	1	azul
Bandado (whiteware)	1	Verde
Bandado (porcelana dura)	1	Dourado
Cut sponge e bandado (whiteware)	1	Azul, vinho e preto
	1	Verde e rosa
Moldado NI (ironstone)	1	
<b>Total</b>	<b>85</b>	

Pratos Decorados Área 4

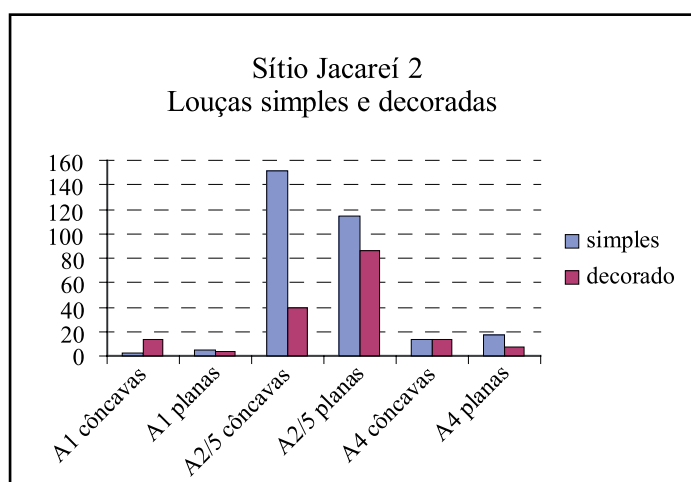
Categoria/ Decoração	NMP	Cor
Trigal (pearlware)	1	
Trigal (ironstone)	1	
Cut sponge, bandado e moldado (whiteware)	1	azul, verde e preto
Esmaltado sólido (faiança fina)	1	
ironstone relevo	1	
ironstone banded	1	azul
whiteware banded	1	preto
<b>total</b>	<b>7</b>	

Pratos decorados sem informação de setor

Categoria/ Decoração	NMP	Cor
Cut sponge (whiteware)	1	azul e ocre
Transfer NI (whiteware)	1	Azul
Trigal (pearlware)	1	
Feather edged moldado (whiteware)	1	Azul
Floral (faiança fina)	1	Azul
<b>Total</b>	<b>5</b>	

Sítio Jacareí 2 - Relação entre louças simples e decoradas

Áreas	Louças côncavas		Louças planas		NI
	simples	decoradas	simples	Simple decoradas	Simple
1	3	13	5	4	1
2/5	152	40	115	86	4
3	-	1	-	-	-
4	13	13	17	7	2
NI	9	5	11	4	-



### Sítio Taubaté 1

O Sítio Taubaté 1 apresentou três áreas de descarte de refugos domésticos possivelmente associadas a diferentes unidades habitacionais. A análise comparativa dos dados levantados para o número mínimo de peças (NMP) de cada área é apresentada a seguir.

#### Valores estimados para a ocupação do Setor A do Sítio Taubaté 1

Data média de ocupação : 1847

Intervalo de ocupação: 1762 a 1972

Intervalo mínimo de ocupação: 1815 a 1927

#### Valores estimados para a ocupação do Setor B do Sítio Taubaté 1

Este setor apresentou apenas dois fragmentos de faiança portuguesa, com período de produção estimada entre o século XVIII e o início do XIX. A ausência de faianças finas pode indicar uma data final da ocupação anterior a 1808, quando o Brasil passou a receber essas louças, em larga escala, por importação. Não puderam ser levantadas outras hipóteses para a ocupação desta área com base nas louças observadas.

#### Valores estimados para a ocupação do Setor C do Sítio Taubaté 1

Data média de ocupação : 1812

Intervalo de ocupação: 1762 a 1860

Intervalo mínimo de ocupação: 1815 a 1840

Para a análise do Setor A, contou-se com o número mínimo de 144 peças e para a do Setor C, com 94. A partir da amostra analisada pode-se inferir que, em ambas as áreas, predominam (mais de 50%) faianças finas *pearlware*, comuns até a década de 60 do século XIX. No entanto, para o Setor C, nota-se um incremento na quantidade de faianças finas *creamware* (24,5%) em relação ao Setor A (6,2%).

]No Setor A, predominam as formas associadas ao tipo malga (54,5%), também com a presença significativa de formas associadas ao tipo prato (39,9%). No Setor C, os pratos (54%) ocorrem com discreta vantagem quantitativa em relação às malgas (41,5%). No Setor C também ocorre uma discreta vantagem na quantidade de canecas e tigelas em relação ao Setor A.

Estas diferenças, embora discretas, podem indicar que as ocupações, com datas iniciais semelhantes e, portanto, contemporâneas, não tiveram a mesma duração temporal.

Os dados indicam que a ocupação do Setor C deve ter findado em meados do século XIX e a do Setor A adentrado o século XX. Embora discreta, pode ser observada uma diferença numérica nos tipos (formas) observados entre esses setores, o que pode indicar hábitos mais consolidados de servir alimentos à mesa no período mais recuado alcançado por ambos os setores. Este fator poderia

estar associado a hábitos de servir e consumir alimentos trazidos por imigrantes europeus recém chegados ao país e que teriam sido parcialmente abandonados ao longo do tempo. No entanto, apenas a análise aprofundada da história de ocupação da área poderia trazer elementos diagnósticos para essa análise.

As faianças portuguesas, uma das poucas alternativas de louça presente no mercado brasileiro antes do advento da importação em massa de produtos industrializados ingleses (até final do século XVIII), ocorrem em número reduzido nas amostras: uma peça para cada área.



Sítio Taubaté 1 - Ta 1 – Fragmentos de pratos de faiança, decorados com faixas azuis, localizados nos Setores A e B.

A seguir, são apresentados os dados diagnósticos alcançados através da análise de um número mínimo de 245 fragmentos para o Sítio Taubaté 1

Ta1 – Setor A - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

Decoração	Fábrica	Categoria	Período de produção	Data média	NMP
Floral <i>sprig</i> policromo		faiança fina	1830 a 1860	1845	4
Floral <i>sprig</i> policromo		Pearlware	1830 a 1860	1845	3
Borrão azul chinóiserie		faiança fina	1828 a 1867	1847,5	1
Royal Rim		creamware	1762 a 1815	1788,5	1
Royal Rim		Pearlware	1780 a 1860	1820	6
Simples	Keramis	Pearlware	1850 a 1900	1875	1
Simples	Adams	Pearlware	1800 a 1864	1832	1
Simples	Opaque de Sarreguemines	Pearlware	1850 a 1950	1900	1
Simples	Santo Eugênio	faiança fina	1927 a 1972	1949,5	1
Simples	Maestricht	Pearlware	1887 a 1952	1919,5	1
<b>Data média</b>			<b>1762 a 1972</b>	<b>1847</b>	<b>20</b>

Ta1 – Setor C - Datação média dos modelos decorativos e marcas de fabricação identificadas.

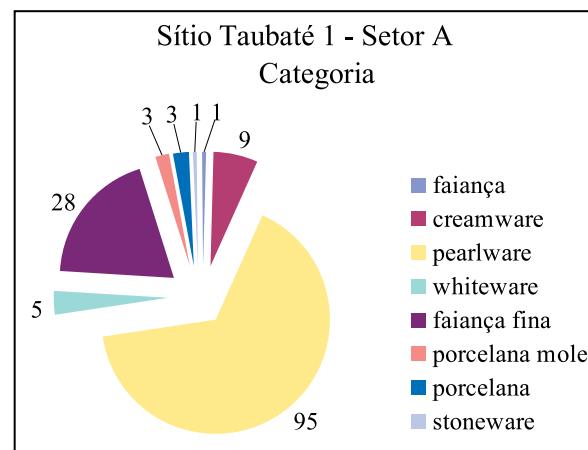
Decoração	Fábrica	Categoria	Período de produção	Data média	NMP
Royal Rim		creamware	1762 a 1815	1788,5	4
Royal Rim		pearlware	1780 a 1860	1820	7
Simples	Davenport	pearlware	1840	1840	1
<b>Data média</b>			<b>1762 a 1860</b>	<b>1812</b>	



Fragmento de peça côncava decorada em borrão azul pintado à mão, provavelmente em motivo floral. Peça nº 04, localizada no Setor C do Sítio Taubaté 1.

Categorias de louça encontradas no Setor A do Sítio Taubaté 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Creamware	9	6,2
Faiança fina indiferenciada	28	19,3
Faiança	1	0,7
Pearlware	95	65,5
Porcelana mole	3	2,1
Porcelana dura	3	2,1
Stoneware	1	0,7
Whiteware	5	3,4
<b>Total</b>	<b>144</b>	





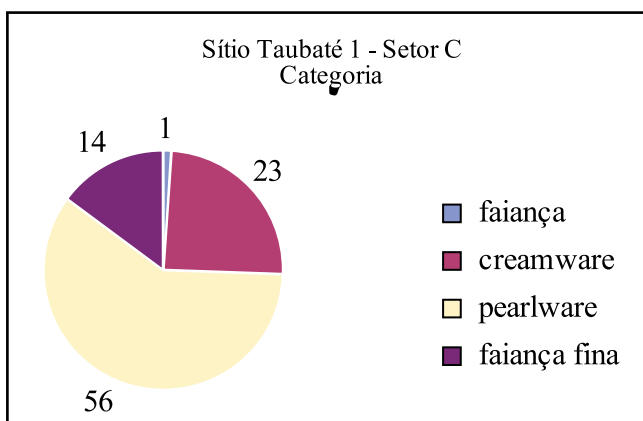
Sítio Taubaté 1 – Setor A (peça nº 39) – fragmento de malga de faiança fina creamware, pintada em padrão bandado (faixas e frisos) e motivo geométrico.

Categorias de louça encontradas no Setor B do Sítio Taubaté 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Faiança	1	100,0
Total	1	

Categorias de louça encontradas no Setor C do Sítio Taubaté 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Creamware	23	24,5
Faiança fina indiferenciada	14	14,9
Faiança	1	1,1
Pearlware	56	59,6
Total	94	

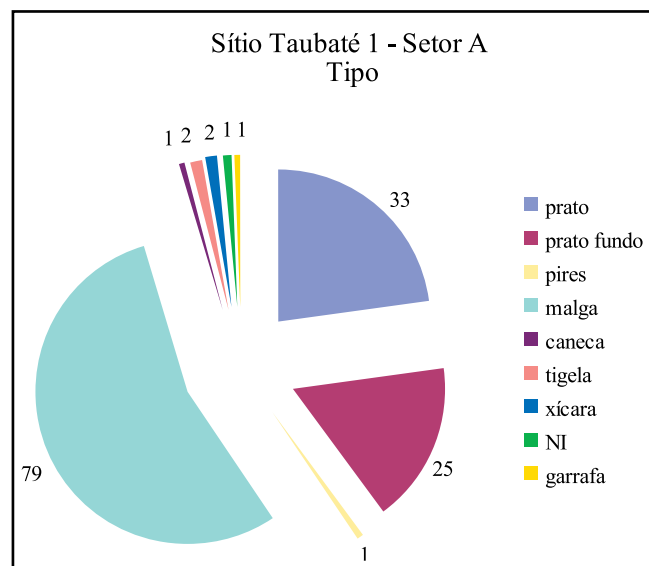


Categorias de louça sem informação de Setor do Sítio Taubaté 1

Categoria	NMP	Porcentagens
Faiança fina indiferenciada	4	28,6
Ironstone	1	7,1
Pearlware	2	14,2
Total	7	

Tipos de louça encontradas no Setor A do Sítio Taubaté 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Caneca	1	0,7
Garrafa	1	0,7
Malga	79	54,5
não identificado	1	0,7
Prato	33	22,7
prato fundo	25	17,2
Pires	1	0,7
Tigela	2	1,4
Xícara	2	1,4
Total	144	

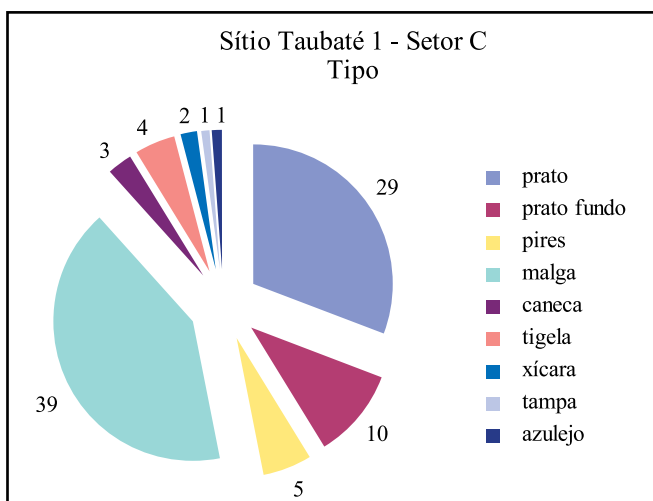


Tipos de louça encontradas no Setor B do Sítio Taubaté 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Prato	1	100
Total	1	

Tipos de louça encontradas no Setor C do Sítio Taubaté 1

Tipo	NMP	Porcentagens
Azulejo	1	1,1
Caneca	3	3,2
Malga	39	41,5
Prato	29	30,8
prato fundo	10	10,6
Pires	5	5,4
Tampa	1	1,1
Tigela	4	4,2
Xícara	2	2,1
<b>Total</b>	<b>94</b>	



Sítio Taubaté 1 – Setor A – Malga decorada pela associação dos motivos bandado e carimbado (cut sponge).

Padrões e motivos decorativos das peças de louça côncavas (associadas ao tipo malga) do Setor A do Sítio Taubaté 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Padrão NI, bandado e geométrico (creamware)	1	preta, azul, marrom
Floral sprig, com frisos (faiança fina)	1	verde, preto, vermelho, amarelo
	1	azul, verde e vermelho
Floral sprig (faiança fina)	1	verde e vermelho
Floral sprig (pearlware)	1	azul e vermelho
motivo NI <sup>1</sup> , com faixas e frisos (faiança fina)	1	verde e roxo
	1	verde e azul
Cut sponge, motivo NI (faiança fina)	1	Verde
Motivo NI (pearlware)	1	azul e amarelo
Motivo NI (whiteware)	1	vermelho
	1	Azul
	1	azul preto e amarelo
	1	Verde
Bandado (faiança fina)	1	Preto
	1	Vermelho
Bandado (pearlware)	1	azul e vermelho
	1	azul amarelo e preto
Cut sponge, bandado e floral (pearlware)	1	Preto laranja e verde
Esmaltado sólido (pearlware)	1	Verde
Cut sponge, fitoforme (faiança fina)	1	Marrom
Esmaltado e fitoforme (faiança fina)	1	Verde
Cut sponge, floral e bandado (faiança fina)	1	Preto, verde, vermelho
	1	Verde e vermelho
Floral cut sponge (faiança fina)	1	azul e verde
Floral (pearlware)	2	Azul
Cut sponge floral e moldado acanalado (whiteware)	1	Azul
Cut sponge floral (faiança fina)	1	tons de azul
Cut sponge floral (pearlware)		rosa, verde e marrom
Borrão chinoiserie (faiança fina)	1	Azul
<b>Total</b>	<b>31</b>	

<sup>1</sup> NI = não identificado

Padrões e motivos decorativos das peças de louça côncavas (associadas ao tipo malga) do Setor C do Sítio Taubaté 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Moldado em relevo (creamware)	1	
Moldado em relevo (pearlware)	1	
Bandado (faiança fina)	1	preto e azul
Cut sponge e bandado (pearlware)	1	verde e vermelho
<b>Total</b>	<b>4</b>	



Padrões e motivos decorativos das peças de louça côncavas (associadas ao tipo malga) sem informação de Setor do Sítio Taubaté 1

Decoração (categoria)	NMP	Cor
Borrão (faiança fina)	1	azul
Esmaltado sólido (faiança fina)	1	vermelha
<b>Total</b>	<b>2</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças de louça plana (associadas ao tipo prato) do Setor A do Sítio Taubaté 1

decoreção/categoria	NMP	Cor
Royal Rim (creamware)	1	
Frisos azuis (faiança)	1	azul
Royal Rim (pearlware)	6	
Trigal (pearlware)	1	
Moldado em relevo (porcelana)	1	
<b>total</b>	<b>10</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças de louça plana (associadas ao tipo prato) do Setor C do Sítio Taubaté 1

decoreção/categoria	NMP	Cor
Royal Rim (creamware)	4	
Bandado vinoso (faiança)	1	vinho
Royal Rim (pearlware)	7	
<b>Total</b>	<b>12</b>	

Padrões e motivos decorativos das peças de louça plana (associadas ao tipo prato) sem informação de Setor do Sítio Taubaté 1

decoreção/categoria	NMP	Cor
Borrão chinoiserie (faiança fina)	1	Azul
<b>Total</b>	<b>1</b>	

Relação louças decoradas e não decoradas no Setor A do Sítio Taubaté 1

	Côncavas	Planas	Total	%
Decoradas	31	10	41	28,5
Simples	54	49	103	71,5
<b>Total</b>	<b>85</b>	<b>59</b>	<b>144</b>	

Total de decoradas = 41 peças (28,5% da amostra de louças do Setor A)

Total de côncavas decoradas = 31 (36,5% da amostra de peças côncavas do Setor A)

Total de planas decoradas = 10 (16,9% da amostra de peças planas do Setor A).

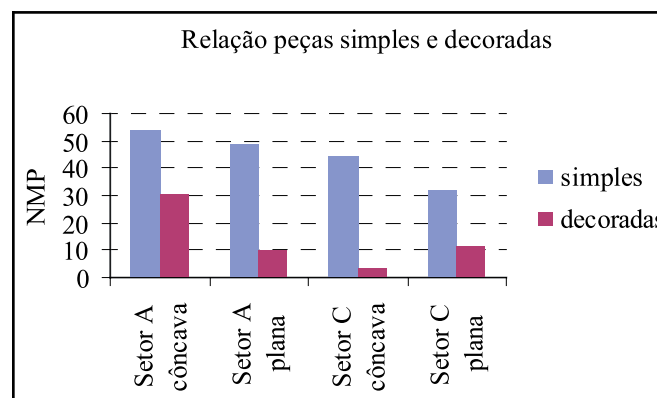
Relação louças decoradas e não decoradas no Setor C do Sítio Taubaté 1

	Côncavas	Planas	Total	%
Decoradas	4	12	16	17,2
Simples	45	32	77	82,8
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>44</b>	<b>93</b>	

Total de decoradas = 16 peças (17,2% da amostra de louças do Setor C)

Total de côncavas decoradas = 4 (8,2% da amostra de peças côncavas do Setor C)

Total de planas decoradas = 12 (27,3% da amostra de peças planas do Setor C).



Sítio Taubaté 1 – Relação entre peças simples e decoradas, por setor e tipo de louça.

### Análise comparativa dos dados obtidos para a louça resgatada nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

No conjunto de sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, o Sítio Caçapava 2 é aquele que apresentou uma coleção de louças mais homogênea em termos de distribuição temporal.

Em termos de associações entre sítios, buscando informações a respeito da contemporaneidade das ocupações históricas que geraram as ocorrências, podemos equipará-lo, temporalmente, ao Sítio Caçapava 1, apesar de este ter apresentado algumas peças correspondentes a períodos anteriores e posteriores. Uma análise preliminar aponta que ambos foram ocupados na primeira metade do século XIX, ao passo que os Sítios Jacareí 1 e Jacareí 2 apresentam materiais culturais referentes, principalmente, ao final do século XIX e início do século XX. Exceção pode ser referida a uma das cinco áreas de ocorrências arqueológicas do Sítio Jacareí 2, que apresenta cultura material relativa ao século XVIII.

As diversas unidades de ocupação dos sítios arqueológicos analisados foram inseridas em uma escala temporal com base na aplicação da Fórmula South. Através da análise das datas médias obtidas pode-se apontar quatro momentos de ocupação amostrados pelas pesquisas arqueológicas da Rodovia Carvalho Pinto:

Século XVIII – Sítios Caçapava 1 (Áreas 1 e 3) e Jacareí 2-(Área 1)

Primeira metade do século XIX – Sítios Caçapava 1 (Áreas 2, 4 e 5), Caçapava 2 (Área 1) e Jacareí 1 (Área 1)

Metade do século XIX – Sítios Jacareí 1 (Área 2) e Taubaté 1 (Setor A)

Segunda metade do século XIX – Sítios Caçapava 2 (Área 2), Caçapava 3, Jacareí 1 (Área 4) e Jacareí 2 (Área 2).

Primeira metade do século XX – Sítio Jacareí 2 – Área 4

Os sítios que apresentaram números mais expressivos de peças foram o Caçapava 2 (Área 2) e o Jacareí 2 (Área 2). Em segundo lugar está o Sítio Caçapava 3, seguido pelos sítios Caçapava 2 (Área 2), Jacareí 1 (Área 2) e Taubaté 1 (Setores A e C). Ao contrário do esperado, as áreas com maior NMP não correspondem, necessariamente, àquelas com maior extensão temporal de ocupação (observado nas variações temporais mínimas para cada área).

Em termos das quantidades relativas entre louças simples e decoradas, para essas áreas que apresentaram NMP expressivo, a maioria apresenta um maior número de louças simples. Exceção foi observada nos Sítios Caçapava 2 (Área 1) e Caçapava 3, nos quais o NMP de decoradas é discretamente superior ao NMP de não decoradas e na Área 2 do Sítio Caçapava 2, no qual o NMP de louças decoradas é com certa expressão maior que o de louças simples.

### Marcas de fabricante reconhecidas nas louças provenientes dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

Fábrica/sítio	Ja1	Ja2	Ca1	Ca2	Ca3	Ta1
Davenport – 1815 - 1860 (-1837,5)	A1(1)		2 (1)	1(1)		
Davenport – 1840						C(1)
Phoenix Works – 1839 - 1864 (-1851,5)				1(1)		
Adams – 1830 - 1840 (1835)			2(1)			
Adams – 1819 – 1864 (-1841,5)				1(1)		
Adams – 1800 - 1864 (-1832)				1(1)		A(1)
Copeland – 1847 - 1867 (-1857)	A1(1)			1(6)		
Copeland & Garret – 1833 - 1847 (-1840)				1(1)		
J.&G. Meakin – 1891 - 1906 (-1898,5)		A2a(2), A2c(3), A4(2), A5(2)			E(1)	
J. & G. Meakin – a partir de 1851		A5(1)				
Santa Catharina – 1912 - ?		A2c(3), A4(2)		1(1)	E(1)	
Santo Eugênio – 1927 - 1972 (1949,5)		A2a(1), A2c(4), A4(3)		2(1)	B/C/ E (5)	A(4)
Adelinas São Caetano – século XX					-1	
L. Grumbach		A5(2)				
Santa Josephina – 1913 - 1924 (1918,5)		A2a(1)				
Cia. Cerâmica Jundiahyense – 1924 - 1952 (-1938)		2c(1)				
Jundiaí (fábrica não diferenciada) – 1913 - 1952					A(1)	
Société Ceramique Maestricht – 1887 - 1952 (-1919,5)	2(3), 4(1)	2a(1), 2b(2), 2c(6), 4(1), 5(12)		2(2)		A(1)
Keramis – 1850 – 1900 (-1875)		2c(1), 5(2)				A(1)
Keramis 1841 – 1892 (-1866,5)				2(2)		
Opaque de Sarreguemines – 1850 - 1950 (-1900)	2(2)	2c/ 5(11) 4(2)	4(1)	2(1)		A(1)
Digoin & Sarreguemines – 1871 - ?		4(1), 5(4)				
Sarreguemines (indiferenciado) – 1850 - ?		2a(1), 5(1)				
Mondovi – 1879 – 1897 (-1888)		2c/5(1)				
Bordalo Pinheiro – 1884 - 1905 (1894,5)				1(1)		
Porto Ferreira – A partir de 1931					E(2)	
Nadir Figueiredo – século XX					A(1)	

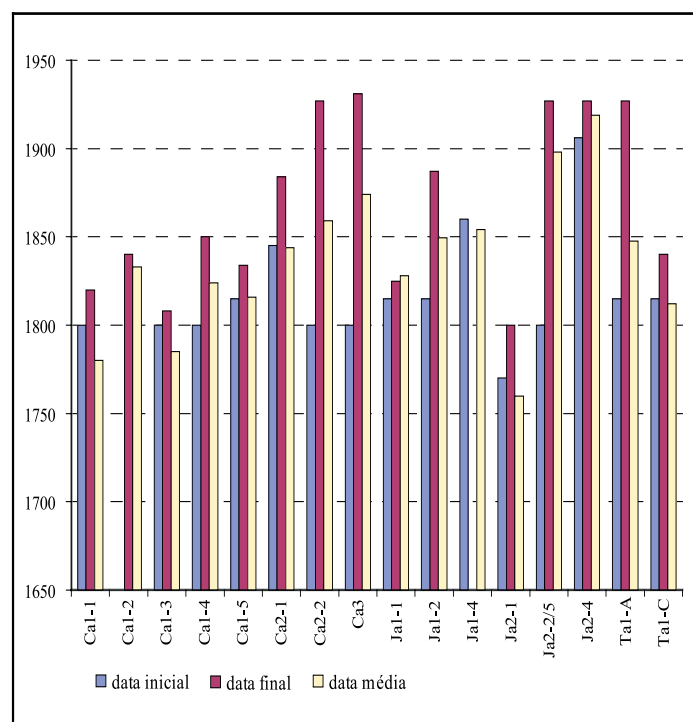
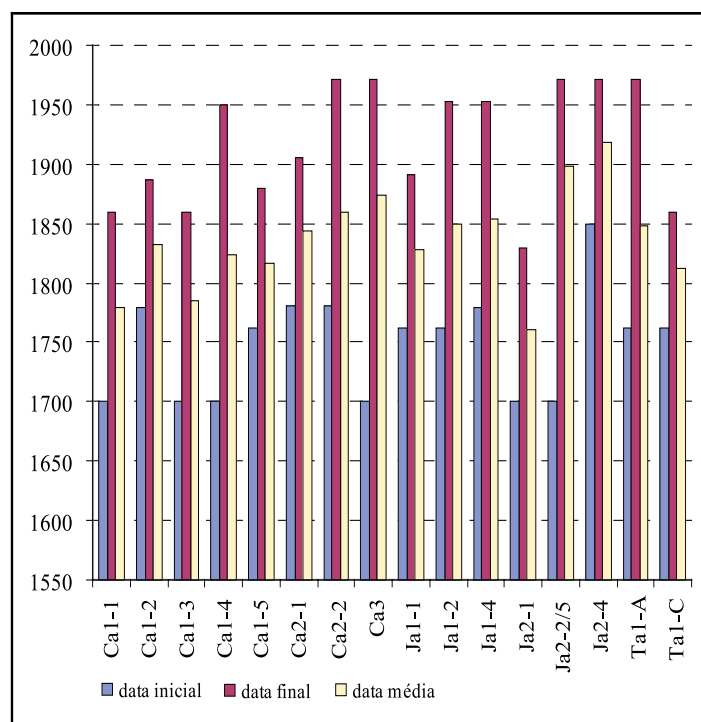
Obs. Na coluna vertical da esquerda, as marcas são acompanhadas do período de utilização da marca pelo fabricante (entre parênteses, a data média). Nas linhas são identificados os setores ou áreas dos sítios com os números de peças (entre parênteses) correspondentes a cada marca.

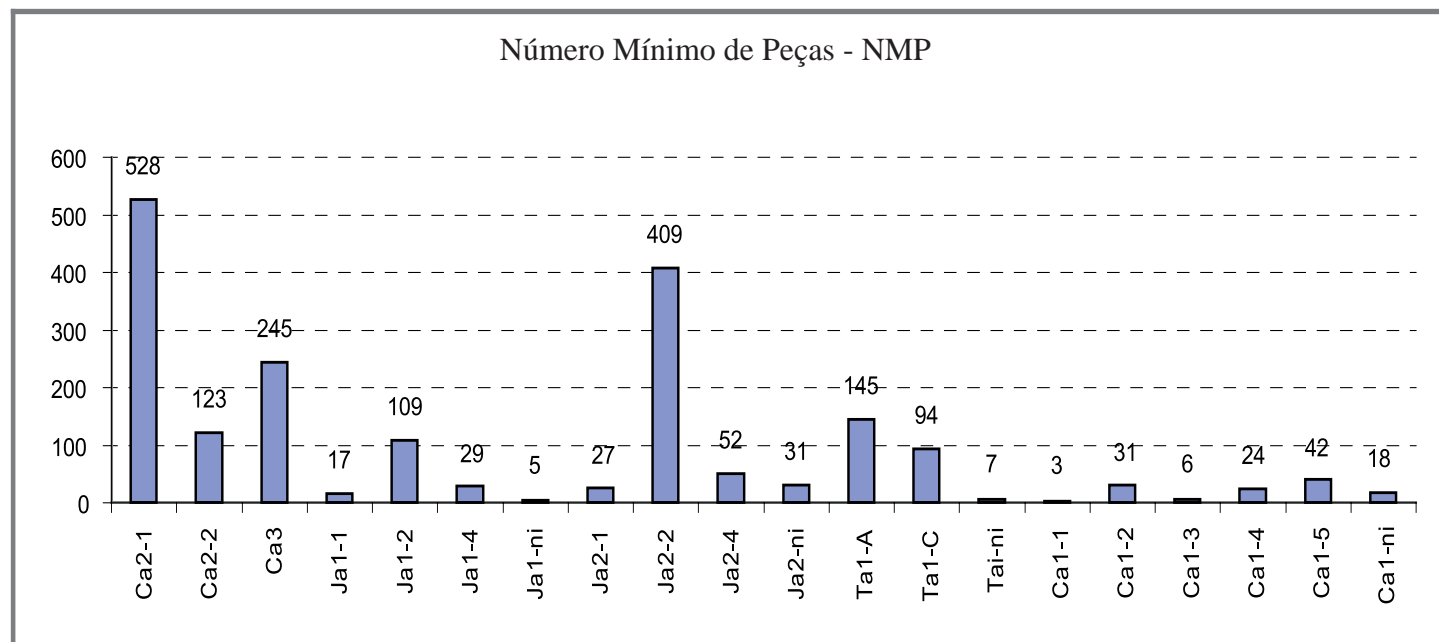
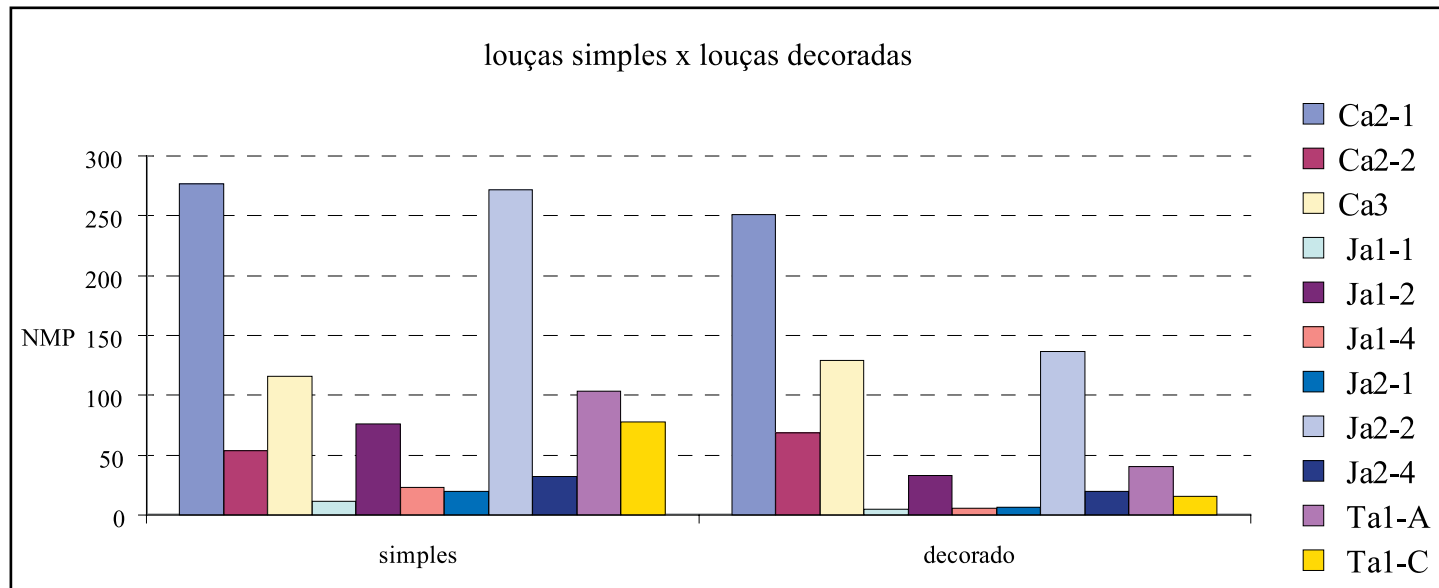
Período de ocupação e data média de ocupação das áreas ou setores dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

	Data inicial	Data final	Data média
Ca1-1 (S1a5)	1700	1860	1780
Ca1-2 (S16, 20 e 22)	1780	1887	1833
Ca1-3 (S7 e 29)	1700	1860	1785
Ca1-4 (S23a26)	1700	1950	1824
Ca1-5 (S28)	1762	1880	1816
Ca2-1	1781	1905	1844
Ca2-2	1781	1972	1859
Ca3	1700	1972	1874
Ja1-1	1762	1891	1828
Ja1-2	1762	1952	1849,5
Ja1-4	1780	1952	1854
Ja2-1	1700	1830	1760
Ja2-2/5	1700	1972	1898
Ja2-4	1850	1972	1919
Ta1-A	1762	1972	1847,5
Ta1-B	-	1808	-
Ta1-C	1762	1860	1812

Período mínimo de ocupação e data média de ocupação das áreas ou setores dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

	Data inicial	Data final	Data média
Ca1-1 (S1a5)	1800	1820	1780
Ca1-2 (S16, 20 e 22)		1840	1833
Ca1-3 (S7 e 29)	1800	1808	1785
Ca1-4 (S23a26)	1800	1850	1824
Ca1-5 (S28)	1815	1834	1816
Ca2-1	1845	1884	1844
Ca2-2	1800	1927	1859
Ca3	1800	1931	1972
Ja1-1	1815	1825	1828
Ja1-2	1815	1887	1849,5
Ja1-4	1860		1854
Ja2-1	1770	1800	1760
Ja2-2/5	1800	1927	1898
Ja2-4	1906	1927	1919
Ta1-A	1815	1927	1847,5
Ta1-B			
Ta1-C	1815	1840	1812





## MATERIAL DE VIDRO

Lúcia Cardoso Oliveira Juliani

### Metodologia

Para a análise dos artefatos de vidro provenientes dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto. Para tal, procedeu-se às seguintes atividades:

- Numeração dos fragmentos.
- Separação dos fragmentos por tipo (garrafa, frasco, copo, material construtivo, outros).
- Identificação e formação de conjuntos que podem pertencer a um mesmo artefato, com o objetivo de proceder-se à análise com base no Número Mínimo de Peças (NMP), como abordado para a análise das louças.
- Levantamento de fontes bibliográficas como ferramentas de auxílio à análise.
- Análise e preenchimento dos bancos de dados por sítio arqueológico.

Na análise dos fragmentos de vidro do conjunto de sítios arqueológicos históricos da Rodovia Carvalho Pinto, foram considerados os atributos referentes à técnica de produção, coloração e função, com base em estudos dos seguintes autores: Baugher-Perlin (1982), Hunt (s/d), Jones & Sullivan (1989), Lima (1995/1996), Stelle (1989), Symanski (1998) e Zanettini (1999).

### Definição

O vidro é composto de sílica, geralmente sob forma de areia, e álcalis, como potássio, óxido de cálcio (cal) e carbonato de sódio. Enquanto a sílica e os álcalis determinam suas características gerais (dureza, brilho e durabilidade), outros elementos químicos determinam sua cor. A cor natural do vidro, decorrente das impurezas da areia, varia de verde a âmbar. Cores artificiais são produzidas pela adição de corantes como cobre, cobalto, ferro, manganês, estanho, ouro e arsênico.

Em torno de 1880, preocupação com questões relativas à higiene e à saúde passou a exigir melhor visualização dos produtos alimentares e farmacêuticos, levando os fabricantes à necessidade de produção de recipientes de vidro mais claros. Iniciou-se, então, o emprego de agentes descolorantes, principalmente do manganês, na manufatura do vidro incolor. Esse elemento foi amplamente utilizado até 1915, quando, em função da Primeira Guerra Mundial, a principal fonte de produção, a Alemanha, cortou seu fornecimento. Em 1916 foi substituído pelo selênio, que permaneceu em uso até 1930, quando se popularizou o uso do arsênico. Esses dados, referentes à produção norte-americana, podem destoar daqueles referentes à produção européia e nacional.

Os vidros descoloridos com o uso do manganês, quando expostos por longos períodos ao sol, adquirem coloração arroxeadada,

enquanto que aqueles descoloridos com selênio adquirem um leve tom âmbar. Estas cores podem ser utilizadas na datação de fragmentos provenientes de sítios arqueológicos.

No entanto, as melhores informações para datar artefatos de vidro provêm do método de produção. A produção industrial do vidro surgiu já no século XX, com a invenção da máquina de produção de vidro automático (patenteada em 1903). Até então, os recipientes de vidro eram produzidos artesanalmente por sopro livre ou sopro em molde (vidro manual).

### Técnica

O vasilhame de vidro manual é confeccionada com um tubo de sopro (livre ou em molde) ao qual o vidro fundido é atado e soprado pelo vidreiro. Antes da remoção da peça do tubo de sopro, esta é atada a um pontel com massa de vidro fundido, para seu acabamento. Este, quando retirado, deixa cicatrizes características no vidro. Para confecção das garrafas moldadas manualmente, dois tipos principais de moldes foram utilizados: em peça única ou em partes, com variações. Algumas peças eram confeccionadas apenas parcialmente em molde e terminadas em sopro livre. Essas diferentes técnicas, que tiveram uso preferencial em diferentes períodos, imprimem estrias características que podem ser perceptíveis no corpo dos recipientes.

Evidências diagnósticas das técnicas de manufatura

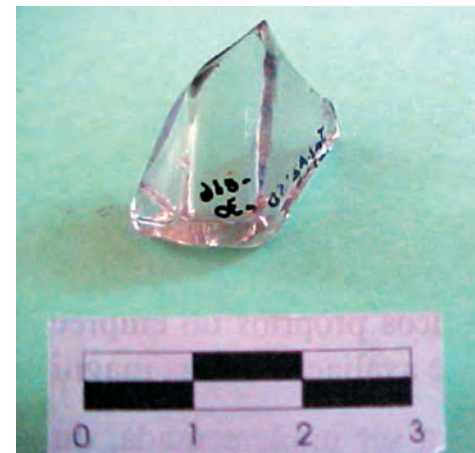
- **Vidro manual ou artesanal (sopro livre ou em molde)**

**Marcas de pontel** (pontil ou ponteio) – a utilização do pontel pode ser percebida nas bases de garrafas, que apresentam estria irregular, acompanhando o contorno do suporte da garrafa e deixada quando da sua separação do pontel (*pontil rod*). : Essas marcas, deixadas na base da garrafa, são causadas pelo retirada do ponteio - instrumento utilizado para reforçar o gargalo. Essa técnica foi utilizada tanto em garrafas sopradas livremente como em molde.

**Marcas do decantador** - são depressões côncavas causadas pela plataforma em que o material foi soprado.

**Resíduos de areia** - são pequenos pontos irregulares presentes na base das garrafas e causados pelo contato com grãos de areia. Também estão presentes nas garrafas sopradas em moldes.

**Irregularidades das bases** - as bases são espessas e apresentam forma côncava não regular.



Sítio Jacareí 1 – Área 2 (peça nº 16) – Fragmento de vidro hialino apresentando coloração arroxeadada, típica

**Posteriori** - massa vítrea incandescente moldada ao gargalo para que este adquira uma maior resistência ao ser vedado por rolhas e tampas.

**Marisado** - mesmo processo que o posteriori, sendo a massa vítrea moldada com auxílio de alicate marisador. Essa técnica apresenta como principais traços, riscos horizontais no gargalo, ocasionados pelo atrito entre o aplique e o instrumento.

Atenção deve ser dada ao fato de que podem ser encontrados gargalos confeccionados manualmente em algumas garrafas produzidas por meio automático.



Sítio Taubaté 1, Setor C (peça nº 40) e Setor A (peças nº 49, 05 e 04) – Gargalos de frascos de remédio, provavelmente de óleo de ricino. As três primeiras peças apresentam evidências de gargalo marisado (marcas horizontais).



Sítio Jacareí 1 – Área 2 (peça nº 15) – Gargalo de garrafa de bebida de corpo facetado e apresentando marcas horizontais produzidas por alicate marisador.

## Produção Fabril

Com o início das práticas industriais de produção em série, os vasilhames passam a ser confeccionados em moldes que também deixam marcas características nas peças. A utilização de moldes permitiu que a produção dos recipientes de vidro passasse a apresentar uma homogeneidade nas formas.

**Molde de peça única** (*dip mold*) – essa técnica apresenta como elemento diagnóstico uma estria horizontal acompanhando a porção superior do maior diâmetro da peça, causada pela união entre o corpo e o gargalo da garrafa. Esse molde, é presente nos dois moldes citados abaixo como também é presente no sopro em molde.

Por esse método que moldava o corpo da garrafa (utilizado desde o século XVII até a metade do século XIX), a peça era terminada (ombro, pescoço e lábio) no sopro livre ou em outro molde (em peça dupla), formando molde de três partes.

**Molde duplo** - as garrafas confeccionadas em molde duplo apresentam dois traços verticais que percorrem a peça, da base ao gargalo. Na utilização desta técnica, o gargalo era produzido por sopro livre, ao contrário dos moldes de peça única e de três partes, nos quais o gargalo era produzido por molde.

**Molde de três partes** - este método foi patenteado em 1821 na Inglaterra e utilizado até a década de 1860, tendo seu uso declinado rapidamente na década seguinte.

Na confecção da peça eram utilizados um **molde de peça única** (*dip mold*) para o corpo e um **molde em peça dupla** (*hinged mold*) para formar os ombros e o pescoço da garrafa. A garrafa produzida por este método apresenta uma estria horizontal contornando a porção superior de seu maior diâmetro e, a partir dela, duas estrias verticais, estendendo-se para o gargalo, até a base do lábio.

**Molde rotativo** - o método de sopro em **molde rotativo** (*turn mold*) foi usado de 1870 até, possivelmente, a década de 1920, quando as últimas manufaturas de garrafas sopradas manualmente fecharam. Esse molde de metal, usado principalmente para garrafas de vinho, era revestido com pasta de maneira que a garrafa pudesse ser nele torneada. O movimento giratório oblitera as marcas do molde na peça, mas o processo deixa estrias horizontais suaves na garrafa.

**Bases** - quando produzidas em moldes, as peças apresentam fundos planos. A utilização de algumas máquinas imprime traços característicos às peças, como a Owens, que deixa uma cicatriz circular causada pela lâmina que corta a massa incandescente quando o molde é preenchido. Pode também ser encontrado o “*fond pique*”, representado por base côncava com fundo plano. Este é provocado pelo pistão da máquina semi-automática de origem francesa.

## Vidro automático

Algumas marcas são características do meio automático de produção. Para as garrafas pode ser notada a presença de dois traços verticais, da base ao gargalo, de dois traços horizontais no

gargalo, próximo ao lábio e um traço horizontal na base.

**Com estrias fantasmas (Ghost seams)** - as estrias fantasmas longitudinais no corpo da peça são marcas suaves e irregulares junto às estrias normais de molde. Isso ocorre quando a peça é confeccionada em máquinas que a preparam em um molde e depois a transferem para outro de acabamento. Quando as estrias do molde inicial não são alinhadas com as do de acabamento, formam-se estrias suaves e irregulares ao longo do corpo da peça.

Na base das garrafas de cerveja nota-se cicatriz circular irregular de corte feito para separá-la do molde nas máquinas de sucção utilizadas no processo industrial.

Não podem ser percebidas, na análise de artefatos de vidro, distinções entre traços deixados nos vasilhames pelas técnicas de produção semi-automática e automática.

Além disso, alguns vasilhames apresentam os traços apagados pela ação do fogo, permanecendo em suas superfícies apenas leves traços, como pode ser observado em algumas garrafas de cerveja e vinho.

### Tipologia

No século XIX, as manufaturas de vidro adotaram uma padronização das formas dos recipientes, o que as torna, para análise, atributos determinantes de função dos mesmos.

No tocante à identificação do fabricante dois dados podem se apresentar gravados em relevo nos recipientes em vidro: a marca do fabricante do próprio recipiente e a marca e/ou a identificação do produto envasado (marca comercial).

### Garrafas de bebida



Sítio Taubaté 1 – Setor A (peça nº 12) – Garrafa de bebida de vidro verde escuro, manufaturado em molde de peça única.

No século XIX, as garrafas de vinho e champanhe eram produzidas manualmente através do sopro em moldes. A partir de 1880, tornou-se comum o uso do molde rotativo na produção dessas garrafas, até sua produção automática, iniciada em 1910. Até quase o final do século XIX, essas garrafas eram feitas principalmente em tons diversos de verde escuro ou preto, quando outras cores escuras começaram também a ser utilizadas (âmbar, âmbar avermelhado, azul e arroxeado).

A cerveja começou a ser engarrafada por volta de 1870, com a descoberta da pasteurização, sem a qual, a bebida estragava em dois ou três dias. As garrafas de cerveja (como atualmente) eram predominantemente de coloração âmbar e

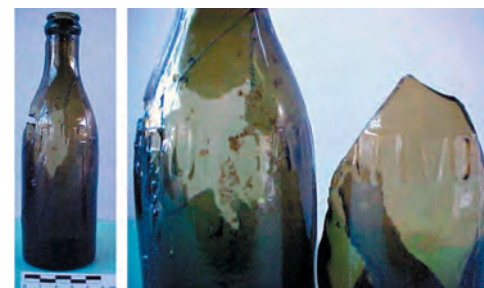
apresentavam ângulo mais pronunciado entre o ombro e o pescoço do que as garrafas de vinho. Foram também fabricadas em cores claras.



Sítio Jacareí 2 – Área 2 (peças nº 01 e 04) – Garrafas para acondicionamento de bebidas. A primeira, em tonalidade verde clara, foi fabricada em molde tripla e a segunda, de coloração escura, é de produção artesanal por sopro em molde, apresenta o gargalo marisado e evidências de grãos de areia na base.

### Vidros de remédio ou de artigos de tocador

Os remédios engarrafados foram amplamente comercializados no século XIX e tinham formas cilíndricas ou retangulares, comumente com o nome comercial do produto gravado em relevo. Eram produzidos, geralmente, em vidro verde claro ou água-marinha. Foram comuns até 1906, quando exigências de determinação das fórmulas dos produtos restringiram seu uso e produção.



Sítio Jacareí 2 – Área 2 (peças nº 71 e 82): garrafas verde oliva nacionais, marcadas (SM), fabricadas pela Companhia Vidraria Santa Marina, fundada em 1892, em São Paulo. Conforme inscrição em relevo (PURGATIVO), foram fabricadas para a indústria de produtos medicinais e utilizadas para a comercialização de purgativo.



Sítio Jacareí 2 - Frascos produzidos pela Vidraria Santa Marina: frasco hialino, marcado SM (peça nº 32) e frasco verde oliva, também marcado SM, com boca preparada para receber tampa de rosca.(peça nº 77).

### Vidros de produtos de uso doméstico

Os produtos não rapidamente perecíveis, como óleo, vinagre e molhos inglês e de pimenta eram vendidos desde o século XIX em garrafas que apresentam grande variedade de formas e cores. As cores comuns no século XIX eram verde claro e água-marinha, enquanto que as garrafas de vidro automático produzidas no século XX eram incolores.

Incluem-se nessa categoria os frascos utilizados para armazenamento de tinta.

### Vidro de mesa

Termo usado para peças de vidro utilizadas para servir ou consumir alimentos e bebidas (copos, jarros, malgas, etc.). Estas peças são adquiridas para uso, ao passo que os vasilhames foram adquiridos por causa de seus conteúdos. Na coleção formada pelos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, esta categoria está representada pelos copos.



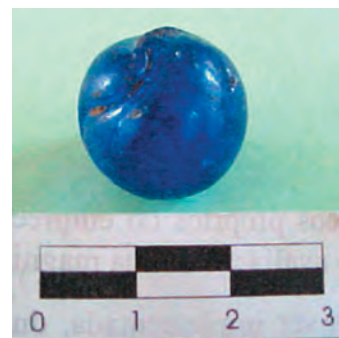
Sítio Jacareí 2 (peças 17, 26, 34 e 58) - frascos de óleo de rícino, amplamente utilizados como laxante para problemas de prisão de ventre durante a segunda metade do século XIX e início do século XX (Lima, 1996). Os frascos importados, eram, geralmente, fabricados na coloração azul cobalto, embora outras tonalidades estejam presentes nos registros arqueológicos desse período.

### Material construtivo

Este item é representado, geralmente, por fragmentos de vidro plano de vidraças e por fragmentos de espelhos.

### Peças de uso diverso

Pertencem a este grupo os artefatos de funções variadas, que não podem ser incluídos nas categorias anteriores. Muito comuns nos sítios arqueológicos históricos de ocupação mais recente são as bolas de gude, fabricadas de vidro e utilizadas como brinquedo.



Sítio Jacareí 1 – Bolinha de gude (peça nº28) localizada na área 4.

Sítio Jacareí 2 (peça nº 05) Tinteiro de vidro verde com marca de fabricante não identificada, gravada (D) na base.





### Sítio Caçapava 1

Para o Sítio Caçapava 1 foram identificadas apenas 13 peças de vidro, 6 delas com dimensões que não permitiram que se inferisse a sua tipologia.

Entre as identificadas, estão presentes peças de mesa para consumo de líquidos (copo e taça) e frasco de toucador, objetos que denotam que os grupos domésticos residentes nessas unidades adquiriam objetos pouco usuais nos demais sítios estudados ao longo da Rodovia Carvalho Pinto.

Além dessas peças, comum a todas as outras unidades estudadas, estão presentes 2 garrafas de bebida (Área 5) e um frasco de produto medicinal (Área 2).

O conjunto de peças de vidro do Sítio Caçapava 1 é discreto e parece ser procedente do século XIX, em função de vasilhames moldados em peça única, de produção artesanal (soprados) e com vestígios de areia na base e da praticamente ausência de marcas de produto e/ou fabricante.

A quase total ausência de frascos de remédio no Sítio Caçapava 1, ao contrário do Sítio Jacaref 2, onde estes compreendem a maioria das peças de vidro identificadas, é decorrente do fato de que os remédios adquiridos em frascos de vidro tornaram-se populares a partir do final do século XIX.

#### Área 1 (Setores IV e VI) – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Taça (serviço de mesa) decorada com incisões florais	NI	1	Hialino
NI	NI	2	Verde escuro
<b>Total</b>		<b>3</b>	

#### Área 2 (Setores XVIII e XXII) – Tipologia e técnica de manufatura

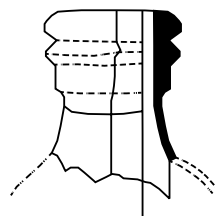
Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Frasco medicinal	Molde de peça única	1	Hialino
Frasco de toucador	NI	1	Azul
Frasco NI	Molde	1	Hialino
<b>Total</b>		<b>3</b>	

#### Área 5 (Setor XXVIII) – Tipologia e técnica de manufatura

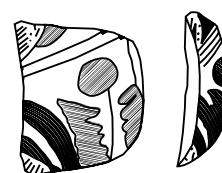
Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	Sopro em molde	1	Verde escuro
	NI	1	Verde claro
Copo (serviço de mesa) facetado	Molde	1	Hialino
	NI	1	Verde escuro
NI	Sopro livre	1	Verde escuro
	NI	2	Hialino
		1	Verde escuro
<b>Total</b>		<b>7</b>	

#### Área 5 (Setor XXVIII) – – Marcas comerciais e marcas de fabricante

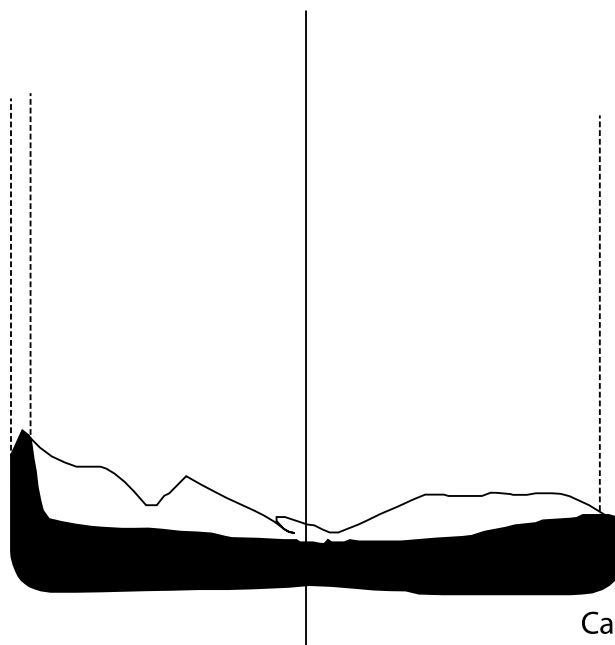
Função	Produto	Fabricante	NMP
NI		...A	1



Ca1-004



Ca1-012



Ca1-013



### Sítio Caçapava 2

As duas áreas de ocupação do Sítio Caçapava 2, como a maioria das unidades domésticas estudadas ao longo da Rodovia Carvalho Pinto, apresentam artefatos de vidro que foram adquiridos por causa dos seus conteúdos, bebidas alcoólicas e medicamentos.

Não apresentam artefatos de mesa e de tocador, como o Sítio Caçapava 1, mas as marcas de técnicas de manufatura verificadas no conjunto de 14 peças observadas demonstram que este sítio arqueológico é contemporâneo aquele. Os artefatos de vidro presentes no Sítio Caçapava 2 estão temporalmente associados ao século XIX, sendo que alguns deles foram produzidos por técnicas artesanais.

Os frascos de uso medicinal aparecem somente na Área 2, onde são predominantes. Na Área 1 somente ocorrem garrafas de be

bida, principalmente as utilizadas para armazenamento de vinho.

Além dessas peças, foi coletado em superfície um fragmento de prato de vidro refratário de produção recente e descontextualizado em relação ao restante do acervo do sítio arqueológico e que, portanto, não foi considerado neste estudo.

Apresenta-se, a seguir, as tipologias e técnicas de fabricação das peças analisadas.

#### Área 1 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	Sopro livre	1	Marrom escuro
		1	Verde escuro
	Molde duplo	1	Marrom
		NI	1
NI	NI	1	Verde escuro
		1	Hialino
Total		6	



Sítio Caçapava 2 – Área 1 (peça 01) – Garrafa de bebida de coloração marrom escura, produzida por sopro livre. Apresenta gargalo marisado, típico das peças produzidas por essa técnica artesanal.

#### Área 2 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	Sopro livre	1	Verde escuro
	Molde duplo	1	Verde
		Molde semi-automático	1
Frasco medicinal	Sopro livre	1	Azul cobalto
	Molde duplo	2	Hialino
		1	Verde
	Molde	1	Hialino
Total		8	



Sítio Caçapava 2 – Área 2 – Garrafa de vinho, produzida por sopro livre em vidro verde escuro. Apresenta Fundo irregular com presença de marca do decantador.



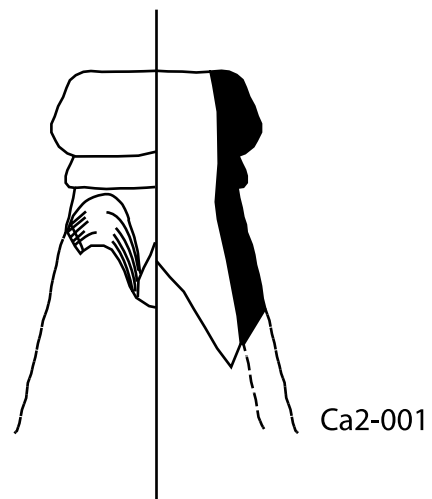
Sítio Caçapava 2 – Área 2 (peça 04) – Garrafa de vinho produzida em molde semi-automático e apresentando superfície irisada devido a processo de intemperismo.

#### Área 2– Marcas comerciais e marcas de fabricante (em recipiente medicinais)

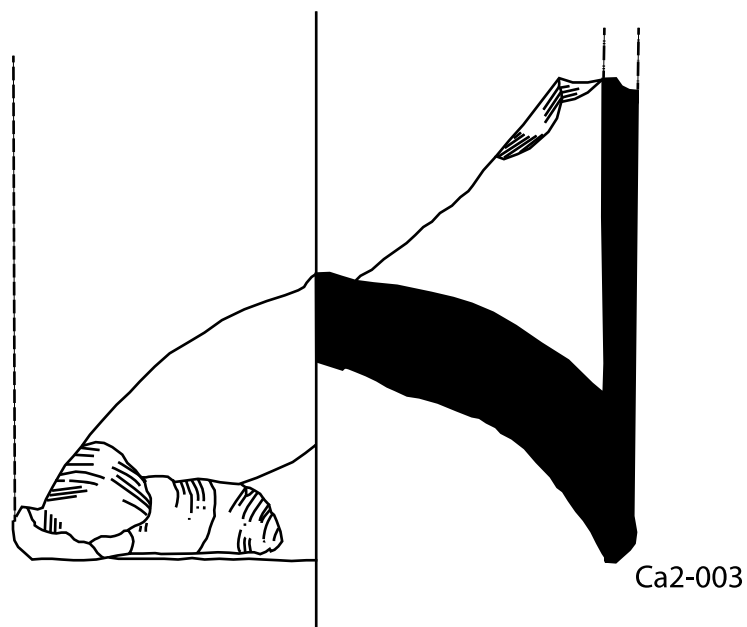
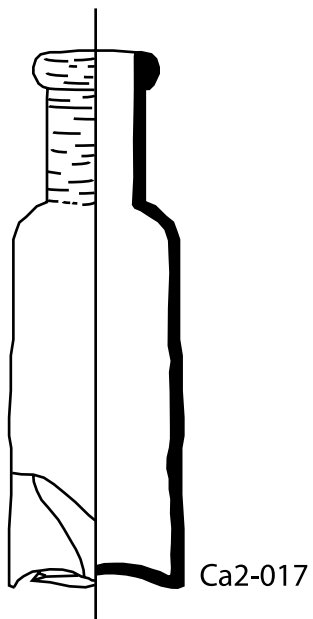
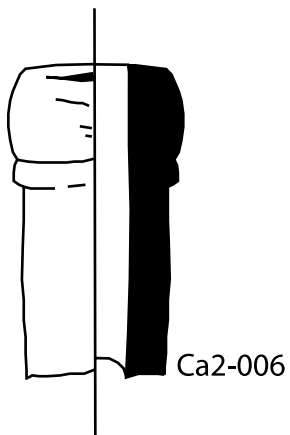
Função	Produto	Fabricante	NMP
Frasco medicinal	CO...		1
Frasco medicinal		X	1



Sítio Caçapava 2 – Área 2 (peças nº 06 e 17) – Frasco de uso medicinal. A primeira peça, de vidro azul cobalto, foi produzido por sopro livre e apresenta gargalo marisado. Esse tipo de frasco foi amplamente utilizado no século XIX para a comercialização de óleo de rícino.



O segundo frasco, de vidro hailino, apresenta pequenas dimensões e foi fabricado em molde duplo. É a única peça do Sítio Caçapava 2 que apresenta marca de fabricante (não identificada).



### Sítio Caçapava 3

As peças de vidro presentes no Sítio Caçapava 3, assim como os demais artefatos observados, apresentam características indicativas de um amplo intervalo temporal de ocupação.

Esse fato pode ser notado pela presença desde peças que possuem evidências de terem sido confeccionadas pelo método artesanal de sopro em molde até aquelas fabricadas pela indústria nacional já em meados do século XX.

A presença de uma maior diversidade tipológica neste sítio em comparação com os outros da Rodovia Carvalho Pinto pode estar relacionada a esta ocupação ter se estendido por mais tempo no século XX, embora algumas peças com tipologia diferente daquelas adquiridas em função do produto comercializado, aparecem fabricadas por técnicas mais antigas.

Com relação ao período mais antigo de ocupação, pode ser comparado ao Sítio Caçapava 1, com poucas peças relacionadas à ocupação durante o século XIX, embora com boa diversidade de formas e com indícios de aquisição de peças de vidro para uso doméstico, além daquelas adquiridas em função do produto comercializado (bebidas e medicamentos).



Bases de copos de vidro hialino localizados no Sítio Caçapava 3: o primeiro (peça nº 06) é de produção manual, soprado em molde, ao passo que o segundo é de produção automática.



Sítio Caçapava 3 (peça nº 01) – Garrafa de bebida fabricada pela Vidraria Santa Marina, em molde duplo.



Sítio Caçapava 3 (peças nº 40 e 45) – Peças fabricadas pela Cisper, vidraria fundada no Rio de Janeiro em 1917 e em São Paulo em 1947. A sua produção de vidros incolores, denominados *flint*, foi iniciada em 1946.

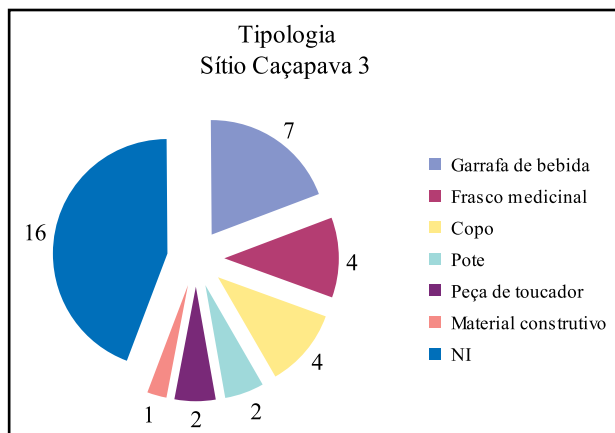


Sítio Caçapava 3 (peça nº 35) – Pote de vidro hialino, fabricado em molde duplo e apresentando superfície decorada em relevo.

Apresenta-se, a seguir, as tipologias e técnicas de fabricação das peças analisadas.

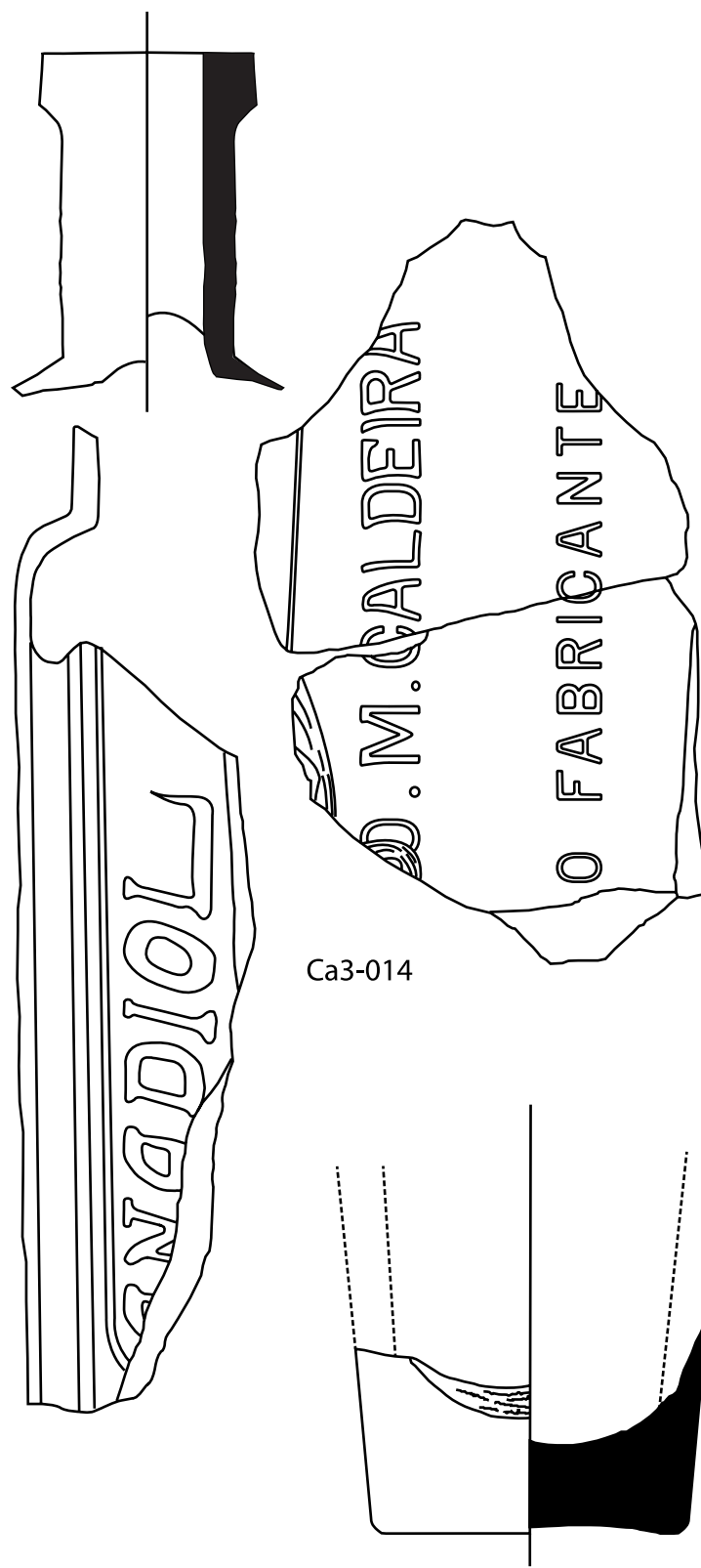
Tipologia e técnica de manufatura

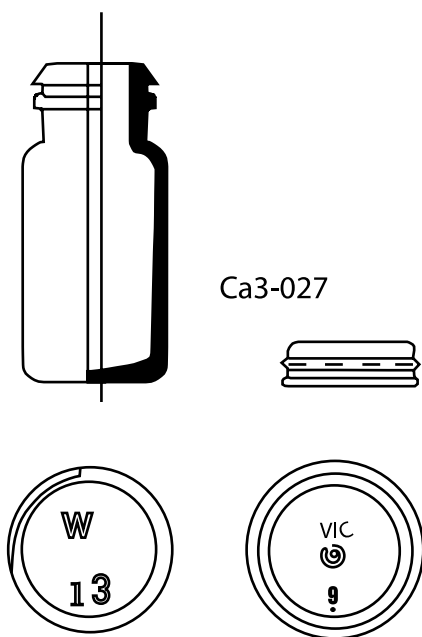
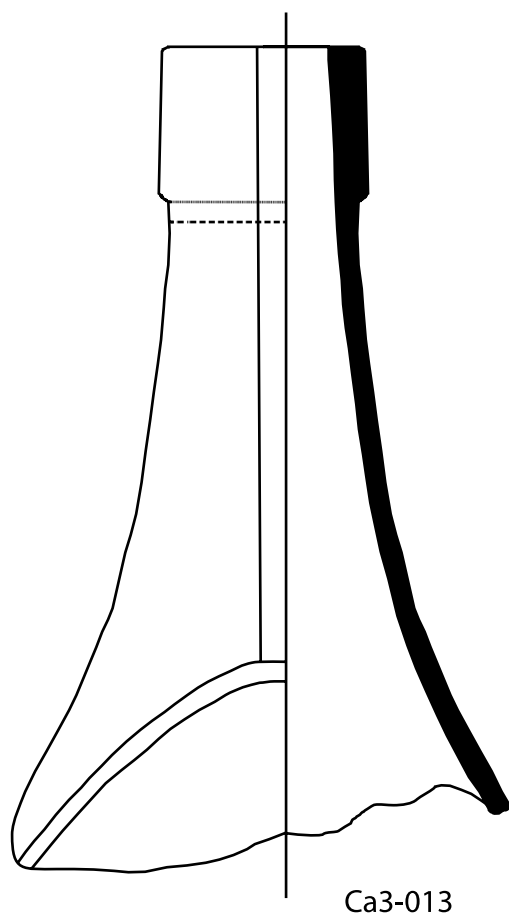
Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	Molde duplo	1	Verde claro
		2	Hialino
	NI	1	Marrom
		2	Marrom claro
		1	Verde claro
Frasco medicinal	Molde duplo	1	Hialino
	Molde	1	Marrom
		1	Hialino
	NI	1	Marrom
Copo	Molde	2	Hialino
	Sopro livre	1	Hialino
Pote	Molde	1	Hialino
	NI	1	Hialino
Peça de toucador	Molde duplo	2	Hialino
Material construtivo	NI	1	Verde claro
		2	Hialino
NI	Molde duplo	1	Verde claro
		1	Verde escuro
		1	Hialino
	NI	7	Hialino
		1	Vermelho
		1	Verde
		1	Verde claro
	Total		35



Marcas comerciais e marcas de fabricante

Função	Produto	Fabricante	NMP
Frasco medicinal		W 13 (Weathon)	1
	...NADIOL - BEN(TO) M. CALDEIRA		1
	BIOTONICO FONTOURA		1
Garrafa de bebida		SM (Santa Marina)	2
		CI (Cisper)	1
Garrafa NI	...L...		1
Frasco de alimento	(HELL)MANN'S		1
Peça de toucador		CI (Cisper)	1
Copo		N 04	1
NI		NI ... 14	1





Escala 1:1



#### Sítio Jacaré 1

No sítio Jacaré, foram localizadas somente 19 peças de vidro, sendo a grande maioria proveniente da Área 2 (14 peças).

Para a Área 1, ocupada provavelmente na primeira metade do século XIX, apenas uma peça foi identificada, com fragmentos associados nas áreas 2 e 4. Trata-se de uma garrafa de bebida uma garrafa de bebida produzida manualmente e soprada em molde, apresentando resíduos de areia na base. Tanto a técnica de manufatura quanto a coloração situam a fabricação desta peça no século XIX.

No Sítio Jacaré 1 não foram identificadas peças com marca do produto ou marca do fabricante. Além das garrafas e frascos de remédio, comuns em todos os sítios estudados, estão presente no Sítio Jacaré 1 um tinteiro (que demonstra que pelo menos um dos moradores era alfabetizado), uma bola de gude (que atesta a presença de crianças) e um fragmento de vidro plano (utilização de vidraças na habitação).

Sítio Jacaré 1 – Área 2 (peça n° 18) – Fragmento de tinteiro de vidro verde, fabricado em molde duplo.

Áreas 1, 2 e 4 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	Sopro em molde	1	Verde escuro
Total		1	

Áreas 2 e 3 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
---------------	---------	-----	-----



Sítio Jacaré 1 - Áreas 2 e 4 (peça n° 08) – Frasco, provavelmente de produto medicinal, de coloração verde água, soprado em molde e apresentando resíduos de areia na base.

Área 2 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	NI	1	Verde
		1	Verde escuro
Frasco medicinal	NI	1	Âmbar
		1	Hialino
		1	Âmbar
NI	NI	6	Hialino
		1	Verde escuro
Tinteiro	Molde duplo	1	Verde
Material construtivo	NI	1	Hialino
<b>Total</b>		<b>14</b>	

Área 3 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
NI	NI	1	Marrom claro
<b>Total</b>		<b>1</b>	

Área 4 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Bola de gude, brinquedo	NI	1	Azul
<b>Total</b>		<b>1</b>	

Sítio Jacareí 2

O conjunto de artefatos de vidro das Áreas 2 e 5 do Sítio Jacareí 2 representa a ocorrência mais expressiva nos sítios arqueológicos estudados da Rodovia Carvalho Pinto.

O número mínimo de peças recuperadas nessa área é de 39 vasilhames. Destes, mais da metade foi introduzida no universo doméstico estudado pela aquisição de medicamentos. Dos 21 frascos de uso medicinal presentes nessa área, 12 apresentam marcas de fabricante ou do produto comercializado, sendo que 8 são de fabricação nacional.

Das 11 garrafas de bebida recuperadas, 4 apresentam marca de fabricante ou inscrição com o nome do produto, sendo que 2 são também de fabricação nacional.



Sítio Jacareí 2 (peça nº68) - frasco de coloração verde água, com fabricante não identificado, marcado na base (VP), utilizado para a comercialização de produto farmacêutico nacional (Pelotas, RS), por João da Silva Silveira. Junto ao nome do fabricante do produto apresenta a inscrição CHIM PHARM, que pode tanto estar associada ao nome do produto como da indústria farmacêutica.

João da Silva Silveira foi um influente personagem na história de Pelotas, tendo presidido a Casa Maçônica Rio Branco desde 1881. A produção de sua indústria farmacêutica deve ter sido de expressão no final do século XIX e início do século XX, como atestados pelas amostras de Sítio Jacareí 2: vasilhames encomendados a duas diferentes vidrarias para embalagem, provavelmente, de um mesmo produto farmacêutico.



Sítio Jacareí 2 – Área 2 (peça nº 86) – Frasco de uso medicinal, fabricado em vidro verde pela Vidraria Santa Marina, marcado SM e com forma e indicação do fabricante do produto idênticos ao frasco fabricado pela indústria não identificada que utiliza a sigla VP.



Sítio Jacareí 2 – Área 2 (peças nº 71 e 74) – Frascos para produtos medicinais fabricados pela Vidraria Santa Marina. O primeiro está gravado PURGATIVO e o segundo ALMEIDA, Rio de Janeiro.



Sítio Jacareí 2 – Área 4 (peça nº 02) – Garrafa de bebida fabricada em molde duplo, apresentando a letra P (marca do fabricante não identificada) gravada na base.



Sítio Jacareí 2 (peça nº 41) - Frasco de produto de uso medicinal denominado Sabão Russo, fabricado por Jaime Paradedda, inscrito: **SABÃO RUSSO / MARCA REGISTRADA / JAIME PARADEDA** e gravura de propaganda do produto (In: Submarino, 26.05.2002).

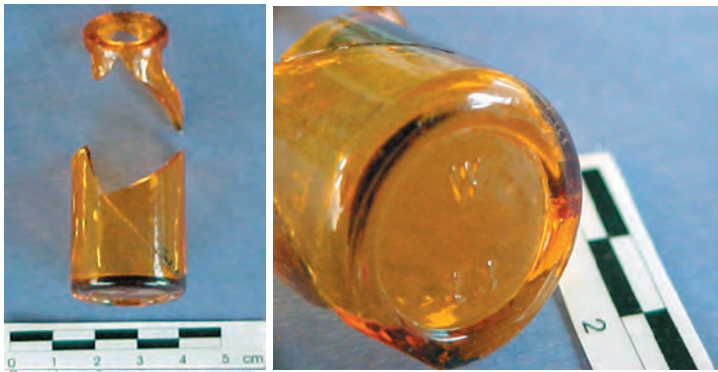


Também foi reconhecido um produto medicinal denominado **Sabão Russo**. A única referência a este produto foi localizada em uma gravura à venda em uma página de internet, que informa ser o produto um sabão da década de 1920: “cuja fórmula foi descoberta em 1830 e premiado com medalha de ouro na Exposição Internacional de 1922-1923, Rio de Janeiro, por ocasião das comemorações da Independência do Brasil” (Submarino, 26.05.2002). Symanski (1997) cita um comerciante de Porto Alegre, RS, chamado Jaime Paradedda, cujo inventário de bens foi realizado no ano de 1867 (ano provavelmente próximo de seu falecimento). Esse inventário superou em valor todos os inventários da nobreza presentes no Arquivo Público Municipal de Porto Alegre, referentes a essa época.

Além destas, apenas o fabricante de uma outra peça marcada foi identificado. Localizada em superfície, na Área 3, apresenta a sigla do Fabricante “W” seguida de um número de série de fabricação e foi produzida pela **Wheaton do Brasil**, fundada em 1952, em São Paulo, como sucursal da fábrica norte-americana Wheaton, fundada em 1888, em Milville.

A análise de louças do conjunto formado pelas Áreas 1 e 3 situou o seu período de ocupação desde o século XVIII e até, no máximo, início do XIX, deve-se supor que esta peça esteja descontextualizada e pertença, provavelmente, ao conjunto de artefatos recuperados na Área 4, esta com ocupação comprovada até meados do século XX.





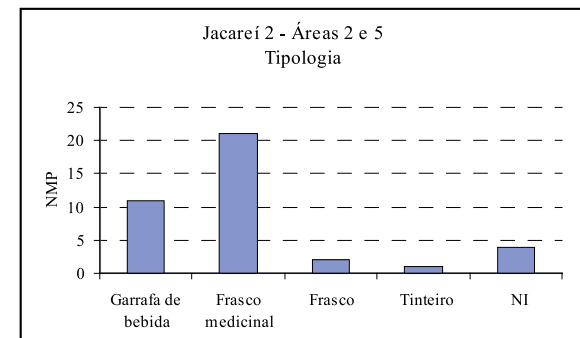
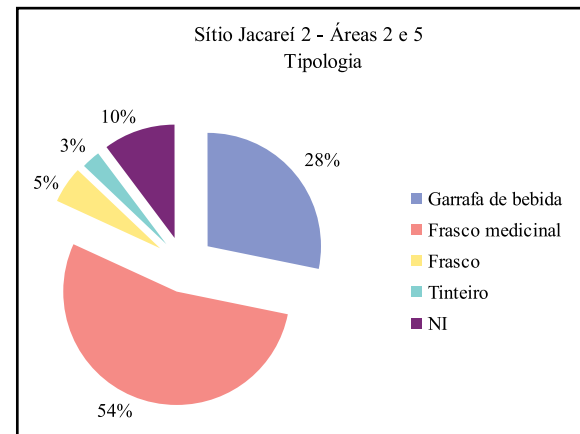
Sítio Jacareí 2 – Área 3 (peça nº 35) – Frasco de remédio marcado pela Wheaton do Brasil (meados do século XX).

Áreas 1 e 3 - Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	NI	1	Azul
Garrafa NI	Sopro livre	1	Verde
Frasco medicinal	Molde duplo	1	Azul
Frasco NI	NI	1	Marrom
<b>Total</b>		<b>5</b>	

Áreas 2 e 5 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	Molde	1	Verde
Garrafa de bebida	Molde duplo	4	Marrom
		3	Verde
	Molde triplo	1	Verde
	Sopro	1	Verde
	NI	1	Verde
Frasco medicinal	Molde	3	Hialino
		1	Verde
		7	Hialino
	Molde duplo	5	Verde
		3	Azul
	Molde triplo	1	Verde
Sopro	1	Azul	
Frasco	NI	1	Hialino
Frasco	Molde duplo	1	Azul
		1	Verde
Tinteiro	Molde duplo	1	Verde
NI	NI	2	Hialino
		1	Marrom
		1	Verde
<b>Total</b>		<b>39</b>	

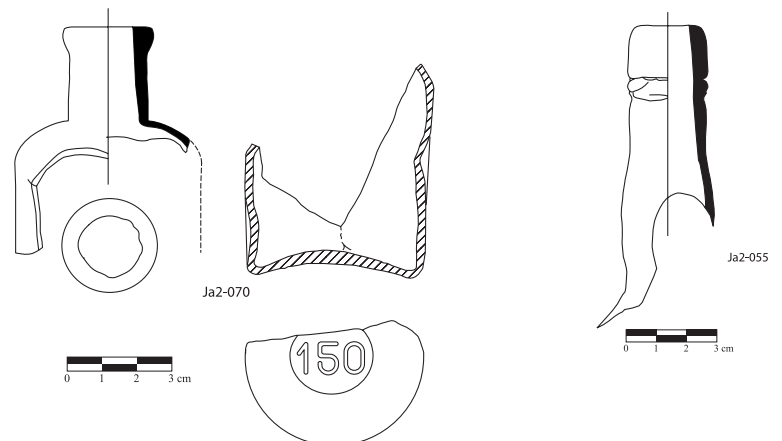


Área 4 – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	Molde duplo	1	Marrom
	NI	1	Hialino
NI	NI	1	Verde
<b>Total</b>		<b>3</b>	

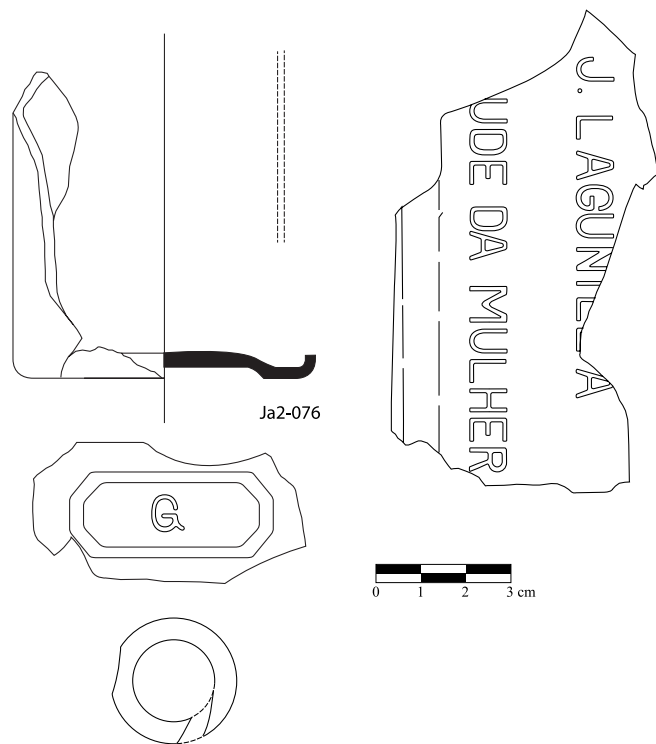
Áreas 1 e 3 - Marcas comerciais e marcas de fabricante

Função	Produto	Fabricante	NMP
Medicinal (frasco)		W 13	1



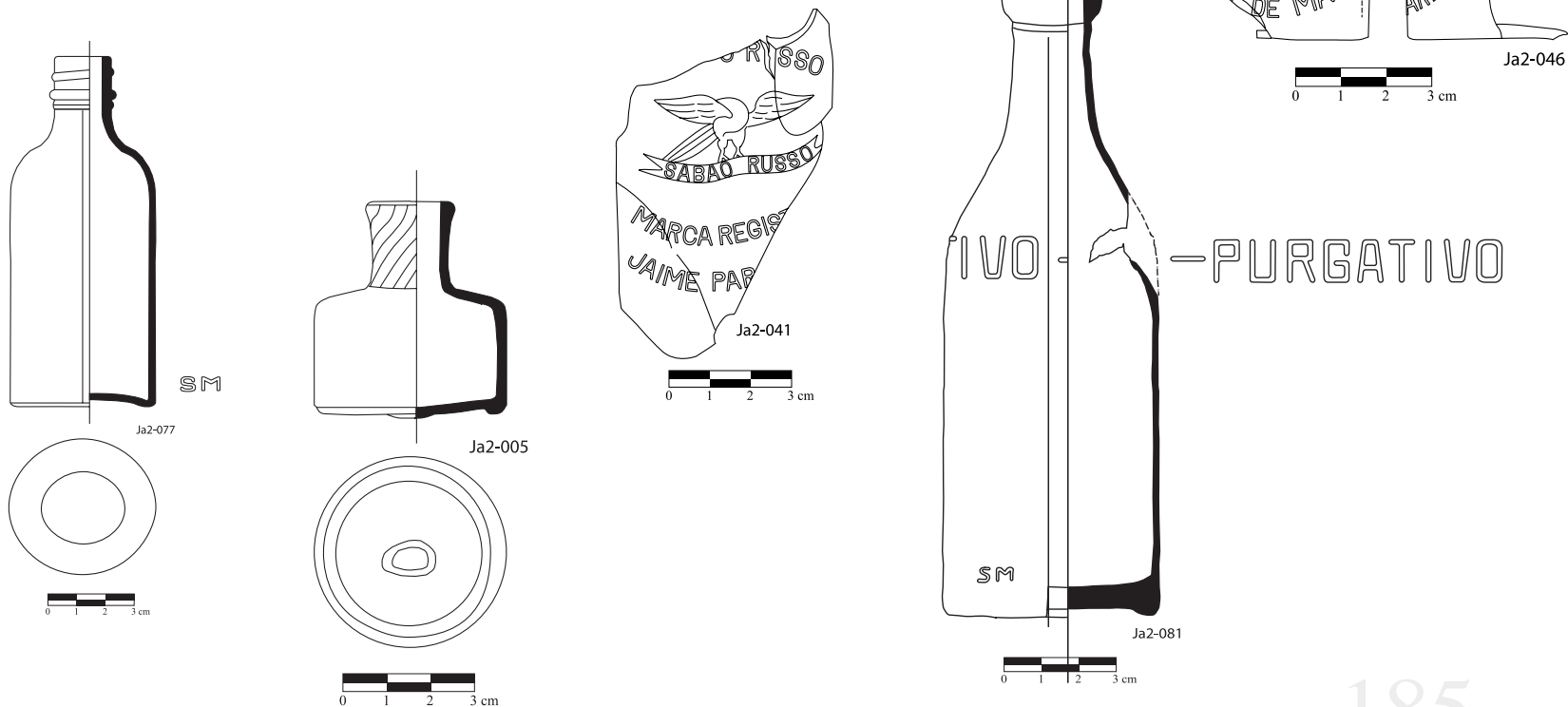
Áreas 2 e 5 - Marcas comerciais e marcas de fabricante

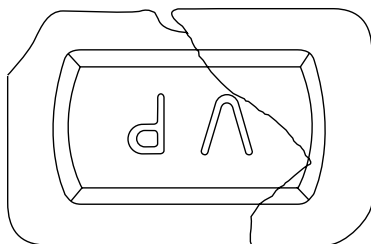
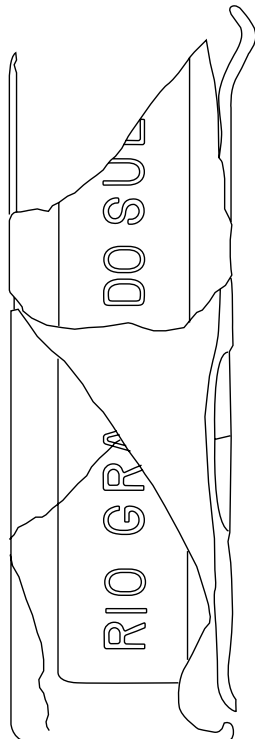
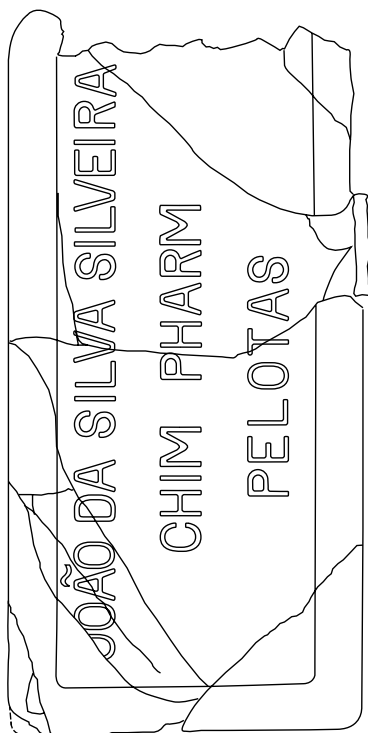
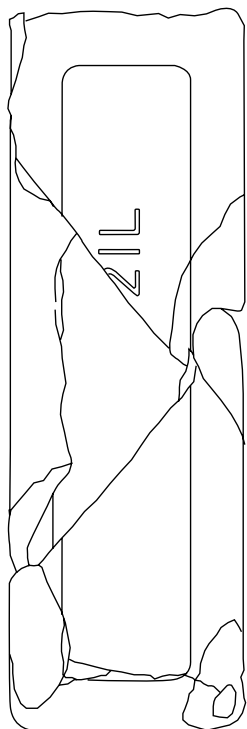
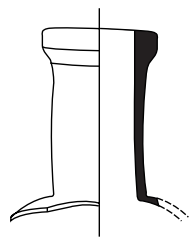
Função	Produto	Fabricante	NMP
Medicinal (frasco)	...A M...		1
	JOAO DA SILVA SILVEIRA - CHIM PHARM - PELOTAS - RIO GR(ANDE DO SUL) - BRAZIL	VP (NI)	1
		SM	1
		SM	3
	(PURG)ATIVO (TRA)DE MARK CIUM..T... ..D - C...	(SM)	2
	SABÃO RUSSO/ MARCA REGIS(TRADA) / JAIME PAR(EDEDA) J LAGUNI(LL)A - (AS)UDE DA MULHER		1
		G	1
Medicinal (garrafa)	...MEIDA	SM - RIO DE JANEIRO	1
	...PIN T...		1
Armazenar bebida (garrafa)	POR...	P	1
		SM	2
Armazenar tinta (tinteiro)		O	1



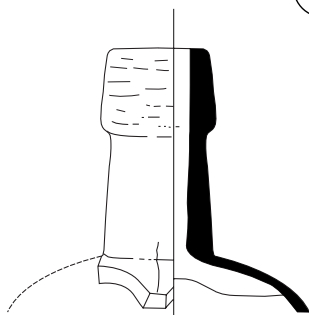
Área 4 - Marcas comerciais e marcas de fabricante

Função	Produto	Fabricante	NMP
Armazenar bebida (garrafa)		P	1

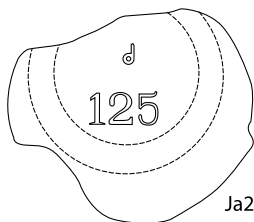




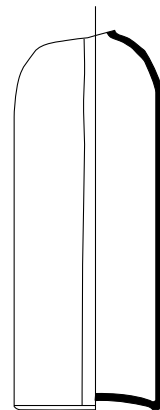
Ja2-062



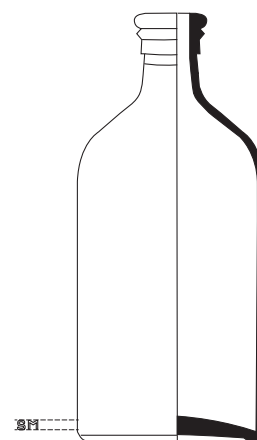
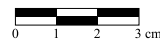
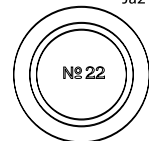
Ja2-087



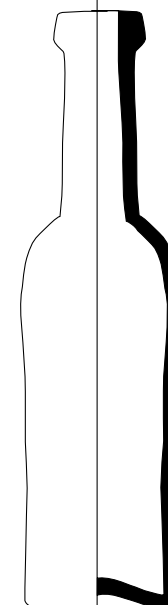
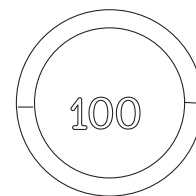
Ja2-047



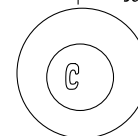
Ja2-027



Ja2-032



Ja2-026



### Sítio Taubaté 1

O Sítio Taubaté 1, assim como a maioria dos sítios históricos estudados ao longo da Rodovia Carvalho Pinto, apresentou pequena quantidade de artefatos de vidro.

Entre as peças localizadas, a maioria está presente na Área A, cuja ocupação deve ter se estendido até o início do século XX em função da presença de louças nacionais. Utilizando-se a metodologia do Número Mínimo de Peças, algumas foram formadas com fragmentos localizados nas áreas A e C e podem não pertencer à mesma peça, indicando que produtos semelhantes estavam sendo utilizados em ambas as unidades domésticas.

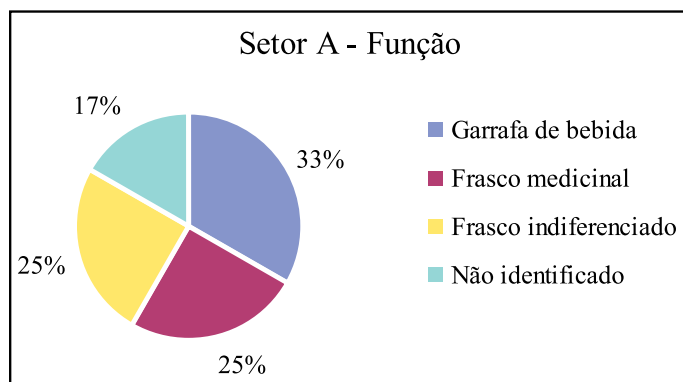
Os vidros não apresentaram evidências que permitissem verificar as suas procedências, nem identificar as suas marcas comerciais ou de fabricante.

A presença de exemplares soprados no conjunto analisado comprova que essa área deve estar sendo ocupada desde o século XIX.

Os artefatos identificados no Sítio Taubaté 1 estão todos associados a vasilhames comerciais que foram adquiridos por causa de seus conteúdos.

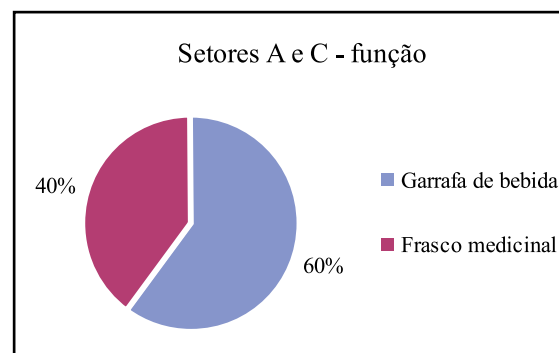
#### Sector A – Tipologia e técnica de manufatura.

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	NI	2	Verde
	Molde	1	Verde claro
	Molde de peça única	1	Verde escuro
Frasco medicinal	NI	1	Azul claro
	Molde	1	Marrom claro
Frasco NI	Molde duplo	1	Marrom
	NI	2	Hialino
NI	Sopro livre	1	Hialino
	NI	1	Verde claro
Total	NI	1	Hialino
		12	



#### Setores A e C – Tipologia e técnica de manufatura

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Garrafa de bebida	NI	1	Verde
	Molde	1	Verde escuro
	Molde duplo	1	Hialino
Frasco medicinal	NI	1	Verde escuro
	Sopro livre	1	Azul
Total		5	



#### Sector C – Tipologia e técnica de manufatura

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Frasco medicinal	Sopro livre	1	Azul
Total		1	

#### Setor não indicado - Tipologia e técnica de manufatura

Tipo e função	Técnica	NMP	Cor
Frasco NI	Molde	2	Hialino
NI	NI	1	Azul
Total		3	

#### Setor A – Marcas comerciais e marcas de fabricante

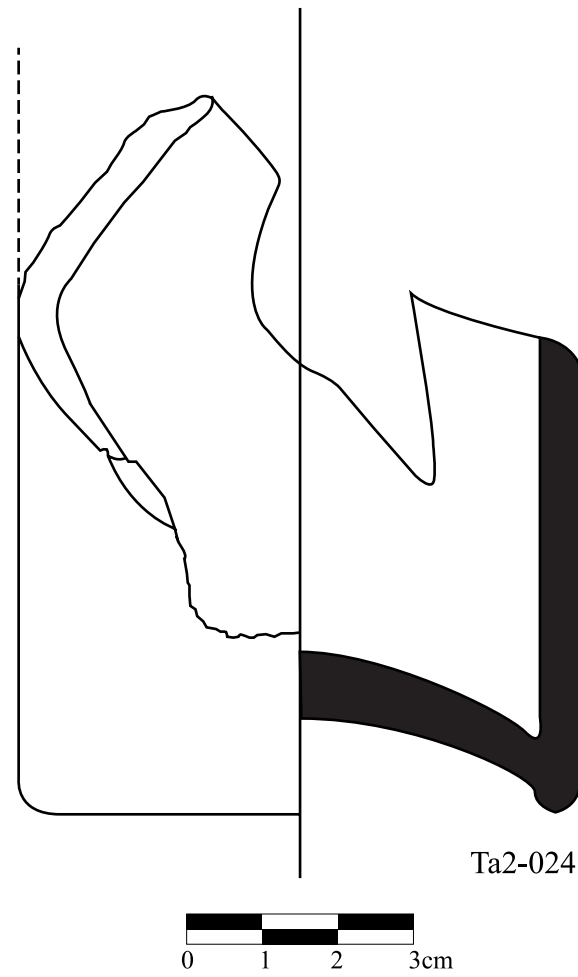
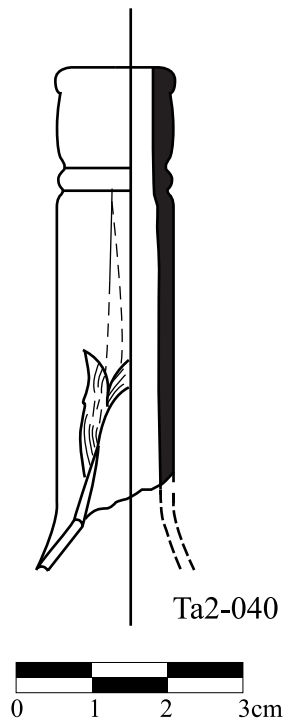
Função	Produto	Fabricante	NMP
Medicinal (frasco)	NI (...YG.../...ARC...)		1

#### Setores A e C - Marcas comerciais e marcas de fabricante

Função	Produto	Fabricante	NMP
Acondicionar bebida (garrafa)	NI (...E..)		1



Setor A – Frasco medicinal manufaturado em molde duplo, com gargalo preparado para receber tampa metálica de rosca e marca gravada em alto relevo de produto não identificado (...YG.../...ARC...).



## ANÁLISE COMPARATIVA DOS DADOS

A partir da análise comparativa dos conjuntos de peças de vidro resgatados dos sítios arqueológicos históricos estudados ao longo da Rodovia Carvalho Pinto, alguns dados relevantes puderam ser levantados.

As ocorrências mais expressivas de artefatos de vidro no conjunto de unidades domésticas estudadas estão presentes no Sítio Caçapava 3 e na Área 2/5 do Sítio Jacareí 2. Essas são as áreas estudadas cujas ocupações adentraram o século XX. O Sítio Caçapava 3 é também o que apresenta a maior diversidade tipológica, em número de 6, seguido pela Área 2 do Sítio Jacareí 1 e pela Área 2/5 do Sítio Jacareí 2 (cada uma com 4 tipos diferentes de artefatos de vidro).

A frequência das peças de vidro adquiridas para uso doméstico devido às suas funções, se comparada às quantidades de artefatos de louça encontrados, aponta para uma ocorrência muito discreta. Este dado sugere que os artefatos vítreos de uso doméstico não foram priorizados ou não eram muito disponíveis para a aquisição por esses grupos domésticos.

Entre as unidades domésticas, a única em que esses artefatos ocorrem com relativa expressão é a representada pelo Sítio Caçapava 3. Essa maior variedade pode estar associada ao fato de que essa ocupação é a única que se estendeu até pelo menos a metade do século XX.

Esses artefatos foram localizados nas seguintes unidades domésticas:

Sítio Caçapava 1 – Área 1: 1 taça

Sítio Caçapava 1 – Área 2: 1 frasco de toucador

Sítio Caçapava 1 – Área 5: 1 copo

Sítio Caçapava 3: 2 frascos de toucador, 4 copos, 2 potes, 1 fragmento de material construtivo (vidro plano)

Sítio Jacareí 1 – Área 2: 1 tinteiro e 1 fragmento de material construtivo (vidro plano)

Sítio Jacareí 1 – Área 4: 1 bola de gude

Sítio Jacareí 2 – Área 2/5 – 1 tinteiro

A presença de tinteiros de vidro em duas dessas unidades domésticas (Ja1-A2 e Ja2-A2/5), e de um tinteiro de grés no Sítio Caçapava 1, pode ser indicativo da presença de pessoas alfabetizadas nessas unidades.

Os fragmentos de vidro plano no Sítio Caçapava 3 e na Área 2 do Sítio Jacareí 1 podem indicar que foram usadas vidraças nessas unidades domésticas, embora a presença de apenas um fragmento em cada unidade não seja suficiente para comprovar essa afirmação.

A presença de frascos utilizados para acondicionamento e comercialização de medicamentos é expressiva no conjunto, perfazendo 38,2% das peças (com tipologia identificada), seguidas das garrafas que perfazem 35,5% da amostra. Os frascos medicinais aparecem com maior expressão na Área 2/5 do Sítio Jacareí 2 (60% da amostra de peças identificadas), seguida da Área 2 do Sítio Caçapava 2, do Sítio Caçapava 3 e do Setor A do Sítio Taubaté 1.

Lima (1995/96), consultando almanaques e jornais de época, afirma que no Rio de Janeiro, durante o século XIX, era amplo o consumo de uma vasta gama de medicamentos depurativos como “*laxantes, óleos de rícino, magnésias, pílulas vegetais, depurativas, elixires, pós e limonadas purgativas, chocolates medicinais (refrescantes, digestivos, purgativos, tônicos)*”, ... , “*além de uma infinidade de purgantes caseiros*”.

Ainda conforme a autora, o Brasil recebia, por importação, enorme quantidade de óleos de rícino de produtores diversos. Estes eram engarrafados em frascos de tipologia exclusiva, de gargalo alongado, sem marcas em relevo e na tonalidade azul cobalto. Na segunda metade do século XIX já eram produzidos também no Rio de Janeiro, com idêntica forma, mas de coloração verde clara ou âmbar e com inscrições em relevo.

Os frascos de óleo de rícino estão presentes na maioria das unidades domésticas estudadas ao longo da Rodovia Carvalho Pinto, tanto na tonalidade azul cobalto como em vidro verde claro, âmbar e hialino. Essa variedade de cores pode ser observada no conjunto de frascos da Área 2 do Sítio Jacareí 2.

Além dos óleos de rícino, foram identificados outros produtos depurativos na Área 2 do Sítio Jacareí 2: dois frascos de purgativo e 1 frasco de sabão russo, este utilizado para o tratamento de cravos, espinhas e panos.

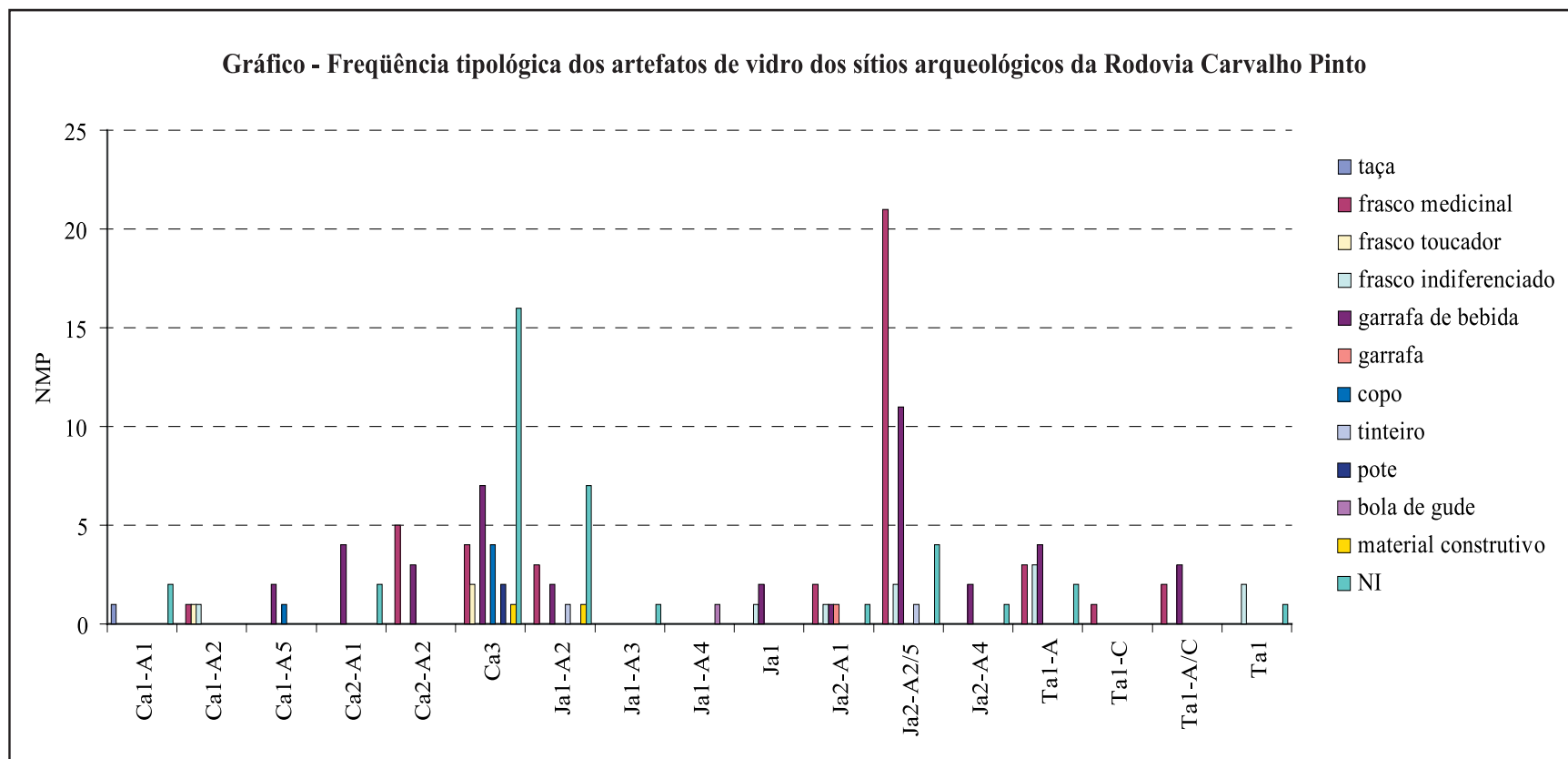
Com relação às marcas de fabricante que puderam ser identificadas, todas são de procedência nacional e ocorrem nos Sítios Caçapava 3 e Jacareí 2: Santa Marina, Cisper e Weathon.

Outros produtos nacionais foram identificados no Sítio Caçapava 3, de fabricação mais recente: Biotônico Fontoura e Maionese Hellmann's.

Tabela - Frequência tipológica dos artefatos de vidro dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto

	taça	frasco medicinal	frasco toucador	frasco	garrafa de bebida	garrafa	copo	tinteiro	pote	bola de gude	material construtivo	NI	TOTAL
Ca1-A1	1											2	3
Ca1-A2		1	1	1									3
Ca1-A5					2		1						3
Ca2-A1					4							2	6
Ca2-A2		5			3								8
Ca3		4	2		7		4		2		1	16	36
Ja1-A2		3			2			1			1	7	14
Ja1-A3												1	1
Ja1-A4										1			1
Ja1				1	2								3
Ja2-A1		2		1	1	1						1	6
Ja2-A2/5		21		2	11			1				4	39
Ja2-A4					2							1	3
Ta1-A		3		3	4							2	12
Ta1-C		1											1
Ta1-A/C		2			3								5
Ta1				2								1	3
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>42</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>39</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>37</b>	<b>147</b>

Gráfico - Frequência tipológica dos artefatos de vidro dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto



## Material de Metal

*Eliete Pythágoras Britto Maximino*

### I – MATERIAL FERROSO

Todos os objetos de metal identificados nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, com exceção das moedas, eram confeccionados em material ferroso. Para sua curadoria, classificação e análise, consultamos Albuquerque (1994/5), Carle (1996), Gomes (1997) e Lorêdo (1994).

#### 1. A problemática da conservação dos metais

Um dos maiores problemas que ocorre no estudo dos metais em sítios arqueológicos, interferindo na sua conservação, é a corrosão.

Pode-se considerar a umidade como uma das causadoras desse problema, daí a necessidade de se utilizar dois processos para a limpeza dos metais: um mecânico e um químico. É importante também que eles sejam conservados limpos, secos e armazenados de maneira apropriada.

A ocorrência de oscilações climáticas, aliadas ao tempo que os metais ferrosos permanecem enterrados ou expostos em superfície nos sítios arqueológicos causam sua corrosão e, conseqüentemente, sua destruição, parcial ou total.

A corrosão continua agindo durante o período em que os artefatos esperam pela limpeza em laboratório. É importante, portanto, que se inicie os procedimentos de limpeza e curadoria o mais rapidamente possível.

Mesmo com todos os cuidados indicados, o fato de estar-se lidando com um meio ambiente típico dos trópicos úmidos não permite garantir que qualquer tipo de limpeza efetuada nos artefatos metálicos seja completamente eficaz, mesmo com os devidos cuidados em seu armazenamento, havendo sempre o risco de ataque de agentes corrosíveis e da umidade atmosférica.

#### 2. Procedimentos de limpeza

##### 2.1. Limpeza Mecânica

Consiste em remover com panos de flanela, pincéis e lixas as primeiras impurezas contidas no artefato metálico. Tal limpeza não proporciona ao pesquisador uma leitura completa do artefato, pois não remove a corrosão e nem os sedimentos endurecidos e aderidos à peça.



Primeira etapa de limpeza do material ferroso



Aplicação de resina em objeto de ferro

No caso dos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, o tratamento químico empregado nos materiais ferrosos observou a seguinte sequência:

- Dentro de um Becker, foram colocados 50% de água e 50% de ácido sulfúrico. Essa mistura química permaneceu debaixo da chamada “capela”, utilizada como segurança nos laboratórios de manuseio de produtos químicos nocivos, para sugar os gases dos reagentes químicos, utilizados na limpeza do material ferroso a ser analisado.

Cada artefato ferroso foi mergulhado nessa mistura separadamente, devido ao seu tamanho e oxidação.



Etapas da limpeza química de objetos de metal

Cada material retirado da imersão química era posto para secar em vasilhame de vidro, e esse tempo de secagem levou mais de 12 horas, apesar de o tempo estar seco e quente. Após essa secagem natural, os artefatos ferrosos voltaram para a “capela”, para passar pelo banho com ácido fosfórico, para a completa retirada da crosta oxidada.

Finalizando o processo químico, cada artefato foi consolidado com um elemento polimerizante, evitando, dessa forma, a sua desintegração.



### 3. Procedimentos de Análise


Apesar de ter sua presença registrada em vários sítios arqueológicos, somente muito recentemente os materiais metálicos estão sendo objeto de um estudo mais detalhado, por parte de pesquisadores que trabalham com a Arqueologia Histórica<sup>1</sup>. Tal preocupação visa conseguir informações de todos os elementos da cultura material presente nos sítios históricos.

O primeiro passo para a análise dos artefatos consiste numa triagem inicial, onde se descarta o material recente misturado com o material histórico; depois, em sua distribuição por categorias gerais e, finalmente, por sua função. No caso da Rodovia Carvalho Pinto, adotaram-se as seguintes categorias:

- Tralha construtiva: arames; pregos; cravos etc.
- Tralha militar: mecanismo de arma; bala; sabre etc.
- Tralha eqüestre - espora; freio de montaria; estribo; ferradura etc
- Tralha agrícola: foice, enxada, etc.
- Tralha doméstica: talheres, chave, anel, dedal, tesoura, etc.
- Tralha indumentária: fivelas ; abotoaduras, etc.
- Tralha decorativa: castiçais, objetos decorativos, etc.
- Tralha monetária: moedas.




#### 3.1. Sítio Jacaré 2 (SP-VP-Ja2)

O material ferroso do Sítio Já.2 se encontrava muito oxidado, devido ao tempo que permaneceu esperando para ser analisado. Apesar dessa oxidação, algumas peças puderam ter suas funções determinadas após a limpeza mecânica, a saber:

Sítio Jacaré 2 – Objetos de ferro				
Tralha construtiva	Tralha agrícola	Tralha eqüestre	Tralha doméstica	Tralha indumentária
18 pregos 10 cravos 1 fragmento de machadinha	3 enxadas 1 fragmento de enxada		3 cabos de colher/garfo 1 alça de panela 1 bico de bule de ágata cor rosa 1 chave 1 caixinha de medicamento	2 fivelas de cinto

#### 3.2. Sítio Caçapava 2 (SP-VP-Ca2)

O Sítio Caçapava 2 apresenta seu artefato ferroso muito oxidado, impedindo, mesmo após a limpeza mecânica, a determinação de suas funções. A maioria dos artefatos deverá passar por uma limpeza química para ser melhor analisada. Contudo, alguns artefatos puderam ser classificados, a saber:

Sítio Caçapava 2 – Objetos de ferro			
Tralha militar	Tralha construtiva	Tralha eqüestre	Tralha doméstica
1 cabo de arma branca	1 enxada 2 pregos 3 cravos 1 mecanismo de fechadura 1 dobradiça de porta	1 estribo de montaria com desenho em relevo 5 ferraduras 3 fragmentos de ferraduras	1 chave
			

#### 5.3. Sítio Caçapava 3 (SP-VP-CA3)

É o sítio a apresentar o menor número de peças de ferro. É material de entulho, bastante oxidado. Poucas peças puderam ser identificadas durante a limpeza mecânica, a saber:

Sítio Caçapava 3 – Objetos de ferro			
Tralha militar	Tralha construtiva	Tralha agrícola	Tralha doméstica
1 cartucho de bala	1 prego	1 fragmento de enxada	1 fragmento de tacho
			

Os artefatos de metal aqui apresentados não constituem a totalidade dos objetos encontrados nos três sítios em que as análises foram realizadas, mas apenas aqueles em que foi possível a análise após a limpeza do material..

Os demais objetos coletados nesses sítios entraram na categoria de “informes”, correspondendo às peças que não eram mais passíveis de identificação, devido ao seu precário estado de conservação, o que levou à decisão de se proceder ao seu descarte.

<sup>1</sup> Isto refere-se, evidentemente, aos arqueólogos que trabalham nas Américas, pois a arqueologia clássica há tempos lida com metais.

O número de peças descartadas, por sítio, é apresentado a seguir:

Rodovia Carvalho Pinto Peças de ferro informes descartadas		
Sítio Jacareí 2	Sítio Caçapava 2	Sítio Caçapava 3
21	14	11

## II - MOEDAS

Devido ao interesse diagnóstico e à pequena quantidade de moedas coletadas, decidiu-se estudá-las em grupo e não por sítio, com o objetivo de tornar a amostra mais expressiva e proceder-se à análise comparativa das peças.

Para o estudo das moedas, primeiramente realizou-se levantamento bibliográfico e consultou-se um especialista (*Sr. Eugênio Vergara Caffarelli*), para orientar a limpeza do material e dirimir dúvidas. Passou-se, em seguida, à limpeza das peças, primeiramente com escova, depois em solução de água e vinagre e, finalmente, com pasta de dente comum. Somente após concluídas essas etapas preliminares é que se passou aos trabalhos de identificação e classificação das moedas, com o auxílio das obras especializadas levantadas (Caffarelli, 1992; Costa, 1973; Costilhes, 1985; Russo, 1994).

Toda moeda constitui um documento histórico importante, por refletir as circunstâncias políticas, econômicas, culturais e religiosas da época de sua emissão, além de funcionar como importante elemento cronológico de eventos históricos, aspecto em que é de extremo valor para a arqueologia.

As legendas impressas nas moedas, identificando as datas de emissão, os países e as autoridades emissoras, além de dísticos variados, constituem importantes fontes de informação sobre eventos históricos; rotas comerciais antigas; áreas de expansão militar; migrações de povos; imagens e mensagens que as autoridades emissoras pretenderam transmitir.

Sua universalidade parte do fato de a moeda ser uma mercadoria intermediária, que serve para facilitar as trocas tanto no interior de uma sociedade, quanto entre sociedades.

### Terminologia

As partes que compõem uma moeda são as seguintes, conforme COSTILHES (1985):

- Anverso:** é a face principal da moeda, na qual é representado o busto ou a cabeça de um monarca ou de uma personalidade. Nas moedas que só contêm inscrições, é a face principal, que contém o nome da autoridade emissora, ou o nome do país.
- Reverso:** é a face oposta ao anverso.
- Bordo:** é a parte que delimita as duas faces da moeda, na espessura do disco, na qual é impressa a serrilha ou outro desenho.
- Orla:** é a beirada da face da moeda, em geral ligeiramente elevada, para proteger o desenho principal do desgaste, sendo frequentemente ornamentada com desenhos.

- Legenda:** é a inscrição com o nome do país; ou do soberano e seus títulos; ou da cidade; ou ainda frases e divisas (habitualmente abreviadas).
- Campo:** é espaço central da moeda, no qual aparece o motivo principal ou os símbolos escolhidos pela autoridade emissora.
- Exergo:** é o espaço entre a figura principal e a orla, embaixo, onde em geral se coloca a data e o valor da moeda.



Partes constituintes de uma moeda

Fonte: Costilhes, 1985

### Histórico

As relações monetárias entre a colônia e a metrópole eram feitas através de três instituições, todas de funcionamento lento, a saber: Registros (localizados nas passagens obrigatórias das estradas, com a função de trocar por moedas o ouro que saía das minas), Casas de Fundição e Casas de Moeda.

As contínuas variações no valor das moedas, bem como remarcações, alterações, interdições, recolhimentos e refundições tornavam difícil a situação monetária da colônia. As mesmas medidas afetavam as moedas estrangeiras que circulavam no Brasil Colonial, de origem francesa, holandesa e espanhola, além, evidentemente, das moedas portuguesas.

As remarcações e alterações eram feitas através de carimbos, apostos às moedas em circulação por oficinas monetárias, criadas e extintas na medida das necessidades fazendárias da Metrópole.

Em São Paulo, funcionaram oficinas monetárias no século XVII, com o objetivo de carimbar as moedas espanholas (patacas) que circularam no Brasil durante a dominação espanhola. Também com o propósito de carimbar moedas em circulação, uma oficina monetária foi aberta em São Paulo em 1809, como decorrência da transferência da Família Real para o Brasil.

Em 1815, D. João, Príncipe Regente de Portugal e Algarves, instituiu o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sendo estabelecido que as Armas do novo reino fossem constituídas do Escudo Real Português, inscrito na esfera armilar (símbolo da navegação, nas armas de Portugal) de ouro em campo azul, sobre a qual se sobrepunha uma coroa real. Após a coroação de D. João VI, em 1818, estes símbolos começam a se fazer presentes nas moedas brasileiras.

Com a proclamação da Independência do Brasil, foram cunhadas as primeiras moedas do Império (64 peças, em ouro), para a coroação de D. Pedro I. No anverso, estava representado o busto do imperador, com a cabeça encimada por uma coroa de louros, de perfil voltado para a esquerda. No reverso, figuravam as Armas do Brasil.

Nos primeiros anos da independência brasileira, em face das dificuldades de fabricação de moedas para o recém-criado Império Brasileiro, foram criados carimbos para nacionalizar as moedas correntes, em contramarcas de 40 e 80 réis. Independentemente da nacionalidade, valor e data originais da moeda, eram a nacionalidade, o valor e a data do carimbo que passavam a vigorar.

Embora com interrupções, o Brasil sediou as seguintes Casas de Fundição e de Moeda: de Recife (período da dominação holandesa, entre 1645 e 1654); da Bahia (entre 1695 e 1831); do Rio de Janeiro (entre 1699 e 1943); de Pernambuco (entre 1700 e 1702); de Vila Rica (entre 1725 e 1821); de Minas Gerais (entre 1823 e 1828); de Cuiabá (entre 1823 e 1833); de Goiás (entre 1823 e 1833) e de São Paulo (entre 1825 e 1832).

As casas emissoras eram representadas por Letras Monetárias, gravadas nas moedas, a saber: Casa da Moeda da Bahia (B); Casa da Moeda do Rio de Janeiro (R); Casa da Moeda de Pernambuco (P); Casa da Moeda de Vila Rica (M) e Casa de Fundição de Minas Gerais (M); Casa da Fundição de Cuiabá (C); Casa da Fundição de Goiás (G) e Casa da Fundição de São Paulo (SP).

Os metais utilizados nas moedas cunhadas no Brasil, do Período Colonial até o final do Segundo Império, foram, desde o século XVII, ouro, prata e cobre e, a partir do século XIX, no Segundo Império, também níquel e bronze.

Apresenta-se, nas tabelas a seguir, as moedas emitidas no Brasil entre o início do Reino Unido e o final do Segundo Império, período no qual se inserem os sítios arqueológicos históricos da Rodovia Carvalho Pinto.

Moedas do Reino Unido e Primeiro Império			
Moeda	Período	Metal	Casa(s) Emissora(s)
X Réis	Reino Unido	Cobre	Bahia e Rio de Janeiro
XX Réis	Reino Unido	Cobre	Bahia e Rio de Janeiro
XL Réis	Reino Unido	Cobre	Bahia e Rio de Janeiro
LXXX Réis	Reino Unido	Cobre	Bahia e Rio de Janeiro
80 Réis	Reino Unido	Prata	Bahia e Rio de Janeiro
160 Réis	Reino Unido	Prata	Bahia e Rio de Janeiro
320 Réis	Reino Unido	Prata	Bahia, Rio e Vila Rica
640 Réis	Reino Unido	Prata	Bahia, Rio, e Vila Rica
960 Réis	Reino Unido	Prata	Bahia e Rio de Janeiro
4000 Réis	Reino Unido	Ouro	Bahia e Rio de Janeiro
6400 Réis	Reino Unido	Ouro	Rio de Janeiro
37 1/2 Réis	Reino Unido	Cobre	Vila Rica e Rio de Janeiro
75 Réis	Reino Unido	Cobre	Vila Rica
80 Réis	Reino Unido	Cobre	Vila Rica
10 Réis	1º Império	Cobre	Rio de Janeiro e Bahia
10 Réis`	1º Império	Cobre	Rio de Janeiro e Bahia
20 Réis	1º Império	Cobre	Rio de Janeiro, Bahia, Cuiabá e Goiás
40 Réis	1º Império	Cobre	Rio de Janeiro, Bahia, Cuiabá e Goiás
80 Réis	1º Império	Cobre	Rio de Janeiro, Bahia, Cuiabá, Goiás e São Paulo
80 Réis	1º Império	Prata	Rio de Janeiro
160 Réis	1º Império	Prata	Rio de Janeiro
320 Réis	1º Império	Prata	Rio de Janeiro
640 Réis	1º Império	Prata	Rio de Janeiro
960 Réis	1º Império	Prata	Rio de Janeiro e Bahia
4000 Réis	1º Império	Ouro	Rio de Janeiro e Bahia
6400 Réis	1º Império	Ouro	Rio de Janeiro e Bahia
37 1/2 Réis	1º Império	Cobre	Minas Gerais
75 Réis	1º Império	Cobre	Goiás

No Segundo Império, foram instituídos três sistemas monetários, conforme tabela abaixo:

Moedas do Segundo Império			
Moeda	Sistema/Período	Metal	Casa(s) Emissora(s)
20 Réis	xxx	Cobre	Rio de Janeiro
40 Réis	xxx	Cobre	Rio de Janeiro, Goiás e Cuiabá
80 Réis	xxx	Cobre	Rio de Janeiro, Goiás e São Paulo
80 Réis	1º (1832/1834)	Prata	Rio de Janeiro
160 Réis	1º (1832/1834)	Prata	Rio de Janeiro
320 Réis	1º (1832/1834)	Prata	Rio de Janeiro
640 Réis	1º (1832/1834)	Prata	Rio de Janeiro
940 Réis	1º (1832/1834)	Prata	Rio de Janeiro
4000 Réis	1º (1832/1834)	Ouro	Rio de Janeiro
6400 Réis	1º (1832/1834)	Ouro	Rio de Janeiro
100 Réis	2º (1833/1848)	Prata	Rio de Janeiro
200 Réis	2º (1833/1848)	Prata	Rio de Janeiro
400 Réis	2º (1833/1848)	Prata	Rio de Janeiro
800 Réis	2º (1833/1848)	Prata	Rio de Janeiro
1200 Réis	2º (1833/1848)	Prata	Rio de Janeiro
10000 Réis	2º (1833/1848)	Ouro	Rio de Janeiro
200 Réis	3º (1848/1889)	Prata	Rio de Janeiro
500 Réis	3º (1848/1889)	Prata	Rio de Janeiro
1000 Réis	3º (1848/1889)	Prata	Rio de Janeiro
2000 Réis	3º (1848/1889)	Prata	Rio de Janeiro
5000 Réis	3º (1848/1889)	Prata	Rio de Janeiro
10000 Réis	3º (1848/1889)	Prata	Rio de Janeiro
20000 Réis	3º (1848/1889)	Prata	Rio de Janeiro
10 Réis	3º (1848/1889)	Bronze	Rio de Janeiro
20 Réis	3º (1848/1889)	Bronze	Rio de Janeiro
40 Réis	3º (1848/1889)	Bronze	Rio de Janeiro
50 Réis	3º (1848/1889)	Níquel	Rio de Janeiro
100 Réis	3º (1848/1889)	Níquel	Rio de Janeiro
200 Réis	3º (1848/1889)	Níquel	Rio de Janeiro

**As Moedas da Rodovia Carvalho Pinto**

Seis foram as moedas encontradas nos sítios da Rodovia Carvalho Pinto, a saber: duas no Sítio Jacareí 2, três no Sítio Caçapava 2 e uma no Sítio Taubaté 1, conforme tabela abaixo:

Moedas registradas nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto		
Sítio	Descrição	Imagem
Caçapava 2	Moeda de XL Réis, em cobre, com bordo liso e peso de 14,34g, cunhada pela Casa da Moeda da Bahia, no ano de 1821. Apresenta um carimbo de 40 Réis apostado, indicando tratar-se de peça imediatamente posterior à Proclamação da Independência, quando ainda não havia sido iniciada a cunhagem das moedas do Império do Brasil.	
	Moeda de cobre, com bordo liso e peso de 14,34g, cujo estado de desgaste não permite dizer de qual das seguintes opções se trata: 1ª) moeda de 40 Réis (2 vinténs), cunhada pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (entre 1823 e 1831 e pela Casa da Moeda da Bahia (entre 1824 e 1830); 2ª) moeda de 80 Réis (4 vinténs), cunhada pela Casa de Fundição de Cuiabá (entre 1826 e 1830) ou pela Casa de Fundição de Goiás (entre 1826 e 1831).	
	Moeda de LXXX Réis, em cobre, com bordo liso e peso de 28,68g, apresentando um carimbo de 40 Réis apostado, indicando tratar-se de peça imediatamente posterior à Proclamação da Independência, quando ainda não havia sido iniciada a cunhagem das moedas do Império do Brasil. O carimbo impede dizer se, originalmente, a peça foi cunhada pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (entre 1821 e 1822) ou pela Casa da Moeda da Bahia (entre 1820 e 1823).	
Jacareí 2	Moeda de XX Réis, em cobre, com bordo liso e peso de 7,17g, cunhada pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro, no ano de 1820. No anverso da peça, os algarismos apresentam-se separados por florões, enquanto, no reverso, o Escudo Real Português encontra-se inscrito na Esfera Armilar, o que caracteriza as moedas do período do Reino Unido. ⇨	
	Moeda de LXXX Réis, em cobre, com bordo liso e peso de 28,68g, cujo estado de desgaste não permite dizer se foi cunhada pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (entre 1821 e 1822) ou pela Casa da Moeda da Bahia (entre 1820 e 1823). Um carimbo no valor de 40 Réis, apostado à moeda, indica tratar-se de peça imediatamente posterior à Proclamação da Independência, quando ainda não havia sido iniciada a cunhagem das moedas do Império do Brasil. ⇨	
Taubaté 1	Moeda de 20 Réis (um vintém), em bronze, com bordo liso e peso de 7g, cunhada pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro, entre 1868 e 1870 (o desgaste no exergo impede precisar a data de emissão). O anverso da peça apresenta a cabeça do Imperador D. Pedro II, de perfil voltado para a direita. O brasão, no reverso, não é ladeado por ramos de folhas.	

## MATERIAL DE OLARIA

*Daiane Goularti*

As classificações e a terminologia utilizadas na análise da cultura material de olaria foram baseadas nos pressupostos teóricos e metodológicos utilizados nos estudos da cerâmica, acrescidos de critérios regulares adaptados ao estudo de telhas e tijolos.

Os fragmentos analisados correspondem a telhas denominadas Capa-canal ou Colonial e tijolos e lajotões artesanais. Tais nomenclaturas foram utilizadas para distinguir os testemunhos arqueológicos acima citados, adotados a partir dos nomes populares comumente empregados no universo construtivo.

A designação de telhas coloniais, tijolos artesanais e lajotões originou-se durante a colonização portuguesa, quando as técnicas de engenharia e arquitetura se adaptavam ao novo mundo. Segundo Souza, *“O uso destes artefatos já era conhecido pelos gregos, romanos, chineses e japoneses, quando houve a ocupação romana na Península Ibérica, que difundiu seu uso”* (Souza, 1997 : 177).

A ocupação portuguesa e espanhola na América do Sul inseriu estes objetos nas construções pretéritas do novo mundo. A utilização e confecção dos mesmos permaneceu até os dias atuais, ocasionando uma variedade significativa nos artefatos hoje estudados.

No Projeto de levantamento e salvamento arqueológico da Faixa de domínio da Rodovia Carvalho Pinto, foram resgatados 31 fragmentos e 8 artefatos inteiros de material cerâmico de olaria, sendo que 21 fragmentos correspondem a telhas e 12 a tijolos. A coleção de artefatos inteiros conta com 5 tijolos e 3 lajotões.

A análise laboratorial nos objetos acima citados teve seu início com a limpeza mecânica das peças, seguida de lavagem.

### Procedimentos de limpeza

Os tijolos, por serem mais friáveis e sua composição possuir maior poder de absorção do que as telhas, somente nos permitem a limpeza mecânica. A utilização de água nestes artefatos os torna frágeis e expostos à ação do tempo, acelerando assim, sua decomposição física. Por este motivo, somente as telhas são passadas pelo processo de lavagem.

### Procedimentos de análise

Para a realização de uma seleção qualitativa e obtenção de dados quantitativos sobre a tralha construtiva estudada, foram adotados cadastros taxonômicos individuais.

Este tipo de registro propicia identificar a tecnologia e a tipologia do utensílio estudado, como sua forma, sua função, suas dimensões, a queima, o anti-plástico, a coloração, o processo de fabricação e demais características. Através deste cadastro, pode-se obter a descrição completa do artefato estudado e complementá-lo com a iconografia do objeto.

Para cada material de olaria foi desenvolvido um cadastro diferenciado, suprimindo as necessidades particulares de cada um dos testemunhos em particular. As fichas de cadastro de análise taxonômica utilizada nas telhas não foram as mesmas utilizadas



nos tijolos ou lajotões. O cadastro em questão atende a cada material de forma particular e busca atingir todas as peculiaridades dos mesmos; sendo assim, a tralha de olaria vai se subdividir em dois grupos, o de telhas e o de tijolos.

#### Telhas:

No complexo de sítios arqueológicos identificados por toda a faixa de domínio da Rodovia Carvalho Pinto, os testemunhos de telhas foram resgatados nos seguintes sítios:

Sítio	Nº de fragmentos
Caçapava I	1
Caçapava II	2
Jacarei I	1
Jacarei II	10
Taubaté I	7

Todos os utensílios analisados são referentes a telhas coloniais, diferenciando-se pelo método utilizado em sua confecção, que se apresentaram de duas maneiras: a artesanal e a industrializada.

É possível separar os objetos de olaria (telhas) pelo seu modo de produção, com a simples observação macroscópica da textura apresentada na parte interna dos objetos, que se caracterizam por serem artesanais ou industriais.

- Processo fabril artesanal:

O processo artesanal de confecção desta tralha construtiva se dá da seguinte forma:

A essência do material empregado é a argila, extraída em “*dosa Apicus*” (Goularti, 1998:57), de um banco sedimentar apropriado, ou seja, busca-se uma argila com maior ou menor grau de pureza. As purezas são normalmente representadas pela sua constituição mineral, como por exemplo os óxidos colorantes e os metais fusíveis.

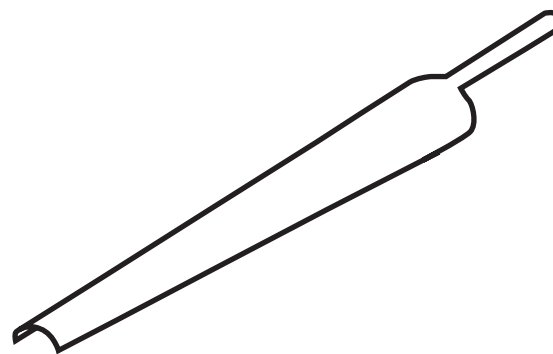
Após a extração da matéria-prima, o artesão coloca-a para secar em local coberto e aquecido, com o objetivo de alcançar o ponto ideal do barro. Seca, a argila se compacta e se transforma em torrões, que mais tarde serão desfeitos por macetes<sup>1</sup> e levados para um local propício. A reidratação da matéria-prima ocorre num buraco na própria terra, ou num vasilhame destinado unicamente para este fim. Nele se acresce à argila uma dose d’água e desmancha-se por completo, o que a leva a readquirir as propriedades plásticas necessárias para o processo fabril. Neste momento, pode-se adicionar à massa os aditivos orgânicos ou inorgânicos necessários para atingir o resultado desejado do antiplástico e, assim, produzir o artefato com segurança.

<sup>1</sup> Macetes são grandes pedaços de madeira cilíndrica, utilizados para desmanchar os blocos de argila durante o processo de fabricação oleira.

<sup>2</sup> Polvilha-se o Guarlape para evitar que a massa plástica de cerâmica grude no mesmo, a cinza tem a função de untar o prancha

Após a preparação da massa, o oleiro deposita a matéria-prima em pranchetas. Estas pranchetas são objetos de apoio, com a função semelhante a de uma forma. Normalmente, trabalha-se com um tronco de madeira em forma de semicone alongado e ligado a um cabo, o qual se utiliza para suspender o objeto. Esta forma leva o nome de **Guarlape** e, algumas vezes, pode-se constituir em uma peça única, de parte superior plana e inferior convexa.

O Guarlape é polvilhado<sup>2</sup> com cinzas, que são normalmente retiradas do próprio forno que dará a queima na peça. A partir daí, começa o processo de modelagem. Nesta fase, define-se a formação da capa, da bica, da curvatura e dos motivos decorativos que darão identidade à telha.



A modelagem é feita com as mãos umedecidas, ideal para dar o pêlo ou o alisamento no artefato que está sendo confeccionado. Logo após, a telha, já com formas e curvaturas, é transportada para o local de secagem através de movimentos rápidos, onde se retira a telha do Guarlape e coloca-se as peças em repouso para secar, deixando-a o tempo necessário exposta ao sol.

O processo de queima é a última etapa no modo fabril aqui descrito: leva-se a peça ao forno, numa temperatura que varia entre 800°C a 1000°C, sendo mais comum alcançar nos fornos artesanais 960°C.

Os materiais construtivos industriais ou o chamado sistema de larga escala repetem todas as etapas do processo fabril acima descrito. A única diferença é que o preparo da peça é realizado por uma tecnologia de ponta.

*“A argila se torna bem amassada e seus volumes são controlados, não podendo se tornar maciça e obtendo grande plasticidade na massa. Logo depois, a argila é erguida, passando para uma máquina que faz o controle da espessura que irá adquirir o artefato, não deixando o objeto fino e também não permitindo que ele fique excessivamente grosso, tendo-se sempre o controle para não ocorrer vazios em nenhum dos lados da peça.” ( GOULARTI, 1998:60 )*

A secagem ao sol é substituída por um aparelho chamado “Mufla elétrica” (Sedin, 1965:24), uma espécie de forno que atinge altas temperaturas, onde a máxima é de 1000°C. Este tipo de forno é ideal para a fusão de esmaltes coloridos que necessitam de 900°C.

Após a passagem dos objetos para a Mufla elétrica, quando ainda se fizer necessário, as telhas poderão ser levadas a fornos mais potentes, com a finalidade de transformar a peça em um utensílio mais resistente e com impermeabilização.

As demais diferenças na tralha construtiva de cobertura encontram-se no processo de queima, no anti-plástico, na coloração e nos motivos decorativos. Esses elementos unidos dão a identidade dos artefatos.

- Queima e coloração:

Durante o processo de queima, as peças sofrem alterações físico-químicas na constituição mineral da matéria-prima empregada na confecção do artefato. A quantidade de impurezas na argila é que vai determinar a sua coloração, ocasionada pela quantidade de óxidos presentes no anti-plástico.

As colorações variáveis entre o creme e o vermelho denunciam maior ou menor grau de óxido de ferro em sua composição. Os demais óxidos, como o cobalto e o óxido de cromo, também vão influenciar significativamente a coloração das peças, assim como quando a argila utilizada vem de um banco sedimentar rico em manganês. Por esses motivos, é que se obtém grande variedade de cores nos artefatos cerâmicos de olaria (Sendin, 1965:21).

No caso da tralha construtiva analisada, o óxido de ferro foi encontrado em grande quantidade, ocasionando uma maioria de peças de coloração vermelha, como se pode observar na tabela abaixo:

Sítio	Fragmentos	Coloração		
		Bege	Alaranjada	Vermelha
Caçapava I	1	1		
Caçapava II	2			2
Jacarei I	1		1	
Jacarei II	10		3	7
Taubaté I	7		8	4

Os fornos, com suas diferenças de temperatura, definem também a qualidade da queima do artefato, onde a concentração de calor vai influenciar sua resistência. Nos fornos elétricos, as queimas são homogêneas. Os fornos de combustão de carvão ou lenha levam ao cozimento desigual das telhas, ocasionando a formação de núcleos mais resistentes ou menos resistentes nas peças.

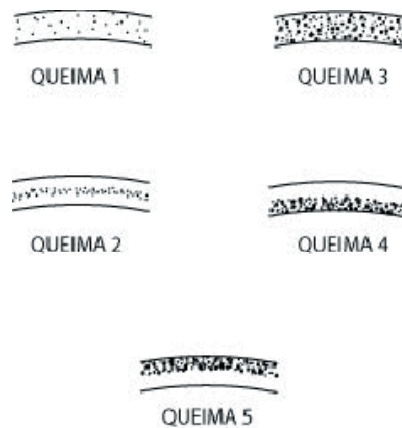
Os testemunhos analisados apresentaram as seguintes queimas:

- **Queima 1:** Com cozimento homogêneo por toda a peça.
- **Queima 2:** Com presença de núcleo escuro ao centro e as partes superiores e inferiores de queimas homogêneas (Núcleo central).
- **Queima 3:** Queima completa com cozimento de baixo teor.

- **Queima 4:** Núcleo escuro concentrado na parte inferior da peça..

- **Queima 5:** Núcleo escuro concentrado na parte superior da peça.

- Antiplástico:



As análises relacionadas aos anti-plástico foram basicamente macroscópicas, já que não houve possibilidades de se realizar análises com fotos metalográficas, ou submeter as amostras a caracterizações físico-químicas, que permitiriam uma análise microscópica.

Na composição da massa plástica, foram encontrados grãos de sedimentos rochosos de quartzito branco e minerais de granulometria média, visíveis macroscopicamente. Ambos os componentes identificados na análise apresentam indícios de terem sido moídos junto à massa, ocasionando uma mistura homogênea.

A quantidade de pasta utilizada para definir o corpo das telhas variou conforme a espessura, o que permitiu subdividi-las em:

- **Pasta fina:** A espessura do corpo da telha não ultrapassa 0,6cm
- **Pasta média:** A espessura varia entre 0,7cm a 1,0cm
- **Pasta grossa:** Possui espessura de 1,0cm

- Motivos decorativos:

Foram considerados motivos decorativos apenas os sinais intencionais, que objetivavam a decoração dos utensílios. As marcas deixadas ocasionalmente durante o processo de fabricação não se enquadram nesta classificação; sendo assim, estrias verticais deixadas pelo alisamento nas peças, encontradas na maioria das telhas do complexo de sítios da Rodovia Carvalho Pinto, não foram considerados motivos decorativos e sim marcas de fabricação da cerâmica.

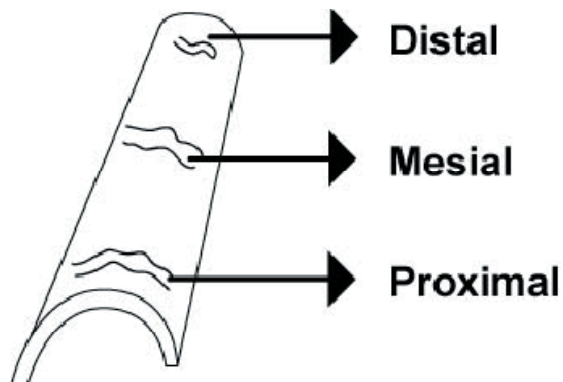


Dos artefatos analisados, somente 2 telhas do sítio Jacareí II, 1 telha do sítio Jacareí I e 1 telha do sítio Taubaté 1 apresentaram motivos decorativos.

As decorações, de um modo geral, podem representar a marca da olaria que responsável por sua confecção ou fazer referência aos lotes ao qual a telha pertenceu. Esses lotes são grupos de artefatos marcados de modo semelhante, formando montantes de 100, 500 ou 1000 exemplares. Este sistema é empregado com maior frequência na produção de larga escala, porém as pequenas olarias, de produção artesanal também se organizam desta forma quando necessário.

De um modo geral, a distribuição de motivos decorativos nas telhas se distribui em três alturas: distal, mesial e proximal, classificando-se conforme sua posição espacial na capa do objeto.

- **Distal:** Corresponde à peça com decoração na extremidade inferior.
- **Mesial:** A decoração está centralizada na peça.
- **Proximal:** Os motivos decorativos são encontrados na extremidade superior do artefato.



Apenas os modelos mesial e proximal foram identificados nas telhas. Os demais testemunhos arqueológicos coletados no complexo de sítios da faixa de domínio da Rodovia Carvalho Pinto apresentam-se muito fragmentados. A maioria das peças não apresentaram motivos decorativos ou, se o fizeram, não foi possível identificar sua disposição na capa da telha.

Apenas as decorações catalogadas como: *digitais horizontais duplas*, *letras* (identificação de olaria) e *digitais circulares duplas* foram identificadas na coleção de cerâmica de olaria de cobertura.

- **Digitais horizontais duplas:** localizadas na área proximal, são marcas de digitais humanas fixadas nas peças no sentido horizontal, formando sulcos na cerâmica, com cavidade de 0,2 a 0,3 cm. Indicam uma fabricação caseira, com objetivo de marcação de lote. As digitais provavelmente foram impressas na telha pelos dedos anular e médio.
- **Digitais circulares duplas:** com impressões semelhantes

às acima citadas, dispostas de forma circular, lembrando a figura de um caracol na parte mesial do artefato. O sulco possui cavidades de pouca expressão, não possibilitando indicar os dedos utilizados para marcar a decoração.

- **Letras de identificação:** analisada como motivos decorativos, são escrituras deixadas nas peças para se registrar o nome da olaria em que a mesma pertence: RUSCHINELLI GERTRUDES, por exemplo<sup>1</sup>.

#### Tijolos:

O conjunto de tijolos que forma a coleção oleira dos sítios trabalhados durante o salvamento da Rodovia Carvalho Pinto é composto em sua maioria por produtos artesanais, porém manufaturados, onde o processo de construção está relacionado a olarias caseiras.

As olarias caseiras mantiveram durante longo período seu espaço no mercado de materiais construtivos por todo o Brasil, utilizando-se de técnicas empregadas na Europa, em particular em Portugal. Seus tijolos eram obtidos da seguinte maneira:

O oleiro, antes de mais nada, fazia uma boa escolha quanto ao barro que seria utilizado no feitiço da peça. O tipo do material ferroso considerado adequado e muito utilizado nas olarias era, em sua maioria, a argila. Segundo Mateus (1999:25), a argila considerada apropriada era uma argila cinzenta e esbranquiçada, untuosa, sem gravilha nem seixos, fácil de amassar e moldar.

De certa forma, os artesãos utilizavam um método de avaliação da matéria-prima, testando, mesmo que de um modo empírico, a consistência e a plasticidade do material que seria empregado.

Se as propriedades necessárias não fossem encontradas no barro a ser manipulado, utilizavam-se aditivos orgânicos ou inorgânicos, para obter a plasticidade ideal para o fabrico dos tijolos. Esses aditivos, como a areia ou o quartzito, propiciam um tempero para o anti-plástico do objeto.

A partir daí, começava a preparação para a modelagem dos tijolos. Torrões de argila semelhantes à das telhas, desidratados, eram acrescidos de pequena quantidade de água. Trabalhava-se a massa, amassando-a até não mais se notar a presença de godilhões<sup>1</sup> (Antonil, 1974), fazendo com que os torrões se desmanchassem por completo obtendo-se plasticidade. Quanto mais amassada e batida a massa fosse, acreditava-se que maior resistência teriam os tijolos tirados dessa matéria-prima.

Na fase seguinte, a argila, já pronta, era depositada em local apropriado à modelagem dos tijolos. Normalmente, grades de madeira polvilhadas com cinzas, para que a massa, seguindo o mesmo processo no modo de untar o Guarlape, ficasse repousando.

Numa próxima etapa, enchia-se com a matéria-prima moldes de madeira, que poderiam ser individuais ou gêmeos, ou seja, os moldes permitiam a fabricação de dois tijolos de uma única vez.

<sup>1</sup> Esta olaria não foi identificada no material analisado. Trata-se apenas de um exemplo.

Esses moldes definiam a altura, a espessura e a quantidade de anti-plástico utilizado em cada artefato ( Goularti, 1998:81).

Os moldes eram previamente preparados com as cinzas em que se untou o local onde a massa repousava anteriormente. Podiam ser preparados com argila e água. Dentro desses moldes, a argila era amassada e espalhada, até se ter nela um excesso de matéria-prima, que era retirada através da utilização de uma espátula de madeira ou mesmo de uma faca; acertavam-se os ângulos retos, dando aos tijolos confeccionados um formato retangular. Em alguns casos, as olarias trabalhavam com moldes adicionais, destinados unicamente a essa função.

Após ter-se obtido o formato da peça, os oleiros davam o pelo no artefato, seguindo os mesmos parâmetros utilizados nas telhas. Este alisamento era feito com as mãos e normalmente só atingiam o verso do testemunho analisado, sua função era a de retoque final.

Após ter-se obtido o formato da peça, os oleiros davam o pelo no artefato, seguindo os mesmos parâmetros utilizados nas telhas. Este alisamento era feito com as mãos e normalmente só atingiam o verso do testemunho analisado, sua função era a de retoque final.

Finalizada a modelagem, os tijolos eram postos num pátio destinado à secagem do objeto. Estes objetos eram expostos ao sol e, ao serem retirados de suas formas, eram colocados em fileiras, com cuidado, deixando um espaço satisfatório entre um tijolo e outro, garantindo a ventilação da peça. Estas repousavam neste pátio durante alguns dias, antes de serem levadas à cozedura.

Durante este período, os artefatos ficavam suscetíveis a danificações e acidentes, ou mesmo à impregnação de vegetação no corpo da peça, cabendo ao oleiro fazer uma triagem do material a ser levado à queima.

Como no processo de fabrico das cerâmicas, após a secagem os tijolos eram levados ao forno para serem cozidos e adquirirem maior resistência e impermeabilidade. Estes fornos não eram padronizados, variando de modelo e tamanho entre uma olaria e outra, como nos descreve Mateus em sua pesquisa retirada da “*Enciclopédia*”.

“ (...) os tijolos e as telhas podiam ainda ser cozidos em fornos a céu aberto, ou de forma mais curada, abrigados por uma construção especial (...)” (Mateus, 1999:26).

Para se obter a combustão necessária, as olarias não dispunham de um tipo uniforme de matéria, podendo utilizar-se tanto do carvão quanto dos gravetos de madeira ( lenha ). Ambos forneciam o calor necessário para a cozedura da cerâmica.

Somente depois da retirada das peças do forno é que se podia ter certeza do término do processo de fabricação, isso porque, como a cerâmica, os tijolos também podem partir durante a queima.

<sup>2</sup> Godilhões são agrupamentos sedimentares que se unem formando torrões, que posteriormente serão desfeitos pelo artesão antes da reidratação da massa plástica utilizada no processo fabril da cerâmica de olaria.

- Antiplástico:

A argila trabalhada na confecção desta tralha construtiva de olaria necessita de uma alta compactação na massa, caracterizando as peças com uma homogeneidade no anti-plástico. Isto dificulta significativamente a percepção macroscópica da composição sedimentar do barro, ou dos temperos adicionais que eventualmente possam ter sido adicionados na matéria-prima.

Para se fazer uma separação entre as propriedades naturais da argila utilizada no processo de fabricação e os adicionais agregados à massa com a finalidade de manipular sua plasticidade, seria essencial conhecer o local do qual se deu a retirada do barro. Um segundo passo seria o de submeter os tijolos, acompanhados dos sedimentos, a um estudo laboratorial físico-químicos. Infelizmente, não foi possível aprofundar tais análises, visto que o próprio local de retirada dos sedimentos transformados em matéria-prima não é conhecido.

Apenas duas compactações de pasta foram evidenciadas durante a observação das espessuras dos tijolos:

- **Pasta fina:** As espessuras da peças variam de 6,0 cm a 7,0 cm, o que corresponde a 30% do material arqueológico analisado.
- **Pasta Grossa:** Possui variação entre 7,5 cm e 8,5 cm, correspondendo a 70% da tralha construtiva estudada.

- Queima e coloração:

Com a queima, define-se a qualidade, a resistência e o grau de impermeabilização dos tijolos (Goularti, 1998:83).

As colorações são obtidas através da interação entre a temperatura à qual se expõe a argila e as propriedades com as impurezas nela existentes, seguindo os mesmos critérios já descritos no processo de queima e coloração das telhas.

Nos tijolos, o óxido de ferro é o fator determinante na composição da argila e na determinação da coloração das peças, que variam entre o bege e o alaranjado, predominando significativamente os artefatos de tonalidade bege.

A ação térmica responsável por essa transformação no barro exige uma variável de calor, que vai de 800°C a 1000°C. O calor não pode ser controlado quando a combustão se faz através do carvão ou de gravetos, utilizados em fornos caseiros. Os fornos industriais, conhecidos como Muffas elétricas, também se adaptam para o cozimento dos tijolos, sendo mais comum nas olarias, até pouco tempo atrás, apenas a utilização do primeiro tipo de forno descrito.

Nos tijolos, em particular, a queima se faz de forma homogênea. O corpo da peça é cozido por completo, numa mesma temperatura e num mesmo momento, apresentando, como resultado final, a ausência de núcleo e uma coloração uniforme no artefato.

Todos os materiais analisados, incluindo-se nesta categoria os lajotões, conseguiram boa resistência e alto grau de

impermeabilização e, por isso, encontram-se em um estado bom de conservação.

- Reconstituição de fragmentos:

Entre os 16 exemplares de tijolos analisados no complexo de sítios da faixa de domínio da Rodovia Carvalho Pinto, 9 são fragmentos. Com a ajuda das demais peças inteiras, foi possível realizar a reconstituição dos fragmentos, com base nas dimensões variáveis dos artefatos.

Através das variáveis do Teorema de Gaus, conseguiu-se uma forma simples para se trabalhar a reconstituição dos artefatos. O sistema empregado nos tijolos é um derivado das fórmulas utilizadas nas reconstituições de controle de qualidade das Isos. Apresenta-se com maior grau de complexibilidade, o que não condiz com a reconstituição de tijolos.

Os cálculos consistem em:

Primeiro, tira-se as medidas do LI (Limite Inferior) e do LS (Limite Superior) de cada artefato. O LI corresponde às medidas horizontais, enquanto o LS às verticais; a seguir, mede-se a espessura e o grau de compactação da peça, o que chamamos de LE (Limite de Espessura).

Obtidas as medidas de LI, LS e LE, calcula-se o MMCA de cada um dos limites, separadamente. O resultado dos cálculos fornecerá a variável comum de cada medida analisada.

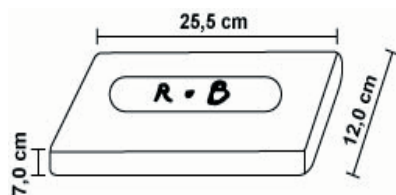
Através da variável comum, a reconstituição de LI, LS e LE se tornam possíveis, padronizando as medidas dos testemunhos submetidos a esse processo. A finalidade é reproduzir a quantidade necessária de material construtivo para um determinado espaço do sítio arqueológico.

Os resultados apresentados através dos cálculos do material arqueológico aqui analisado alcançou as seguintes medidas:

LI – Limite inferior: 25,5 cm

LS – Limite superior: 12,0 cm

LE – Limite de espessura: 7,0 cm



- Motivos decorativos:

Os motivos decorativos do material construtivo de tijolos caracterizam-se por seu aspecto informativo, onde cada detalhe fornece uma informação diferenciada do demais.

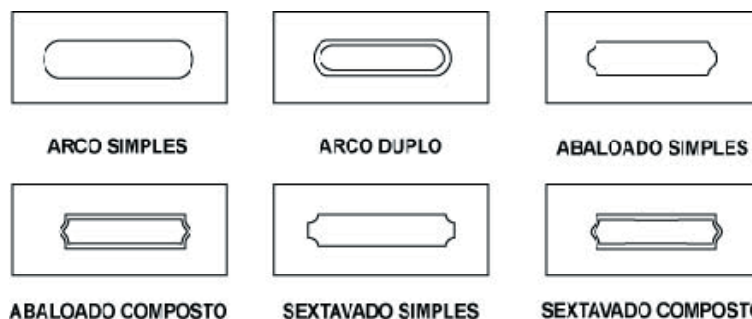
A moldura é impressa no artefato, com o objetivo de identificar lotes do material, inserindo o testemunho arqueológico em grupos específicos, que são produzidos ao milhares ou centenas.

As letras, e demarcações, por sua vez, são marcas registradas que representam a razão social da olaria que fabrica os tijolos.

A tabela abaixo mostra claramente as diferenças entre as peças e o tipo de material encontrado nos diversos sítios que apresentaram a coleção oleira resgatada durante o salvamento.

SÍTIO	MORFOLOGIA		MOTIVOS DECORATIVOS			Obs.
	Tijolos	Lajotões	Moldura	Letra	Divisória	
Caçapava III	Artesanal		Sextavado simples			
Caçapava III	Artesanal		Losângo			
Caçapava III	Artesanal		Sextavado duplo			
Caçapava III		Artesanal	Liso			
Caçapava III		Artesanal	Liso			
Caçapava III		Artesanal	Liso			
Taubaté I	Artesanal		Arco simples	F	Estrela	
Taubaté I	Artesanal		Abaloado simples	SP		
Taubaté I	Artesanal		Sextavado simples	Paulista	Trevo	
Taubaté I	Artesanal		Sextavado duplo	G	Estrela	
Taubaté I	Artesanal		Arco duplo	J	Losângo	
Jacareí II	Artesanal		Abaloado duplo			
Jacareí II	Artesanal		Liso			8 Frag.

Molduras – motivos decorativos utilizados como marcadores de lotes pelas olarias:



**PAULISTA:**

Proprietário: Samuel Eduardo da Costa Mesquita  
Dentista da Rua Direita na cidade de São Paulo.  
Localização da antiga olaria: no fundo de sua propriedade, na Rua Direita.  
Ano do título da olaria: 1880

**SILVÉRIO PERELLA:**

Proprietário: Silvério Perella (Imigrante italiano)  
Localização da antiga olaria: próximo a rio Tamanduateí - cidade de São Paulo.  
Ano do título da olaria: 1878

**STANILAU DE OLIVEIRA QUEIROZ:**

Proprietário: Oliveira Queiroz  
Localização da antiga olaria: Rua da Mooca - Cidade de São Paulo  
Ano do título da olaria: 1885.

**GRISELHO GINO:**

Localização da antiga olaria: Bairro da Água Branca – Cidade de São Paulo.  
Ano do título da olaria: 1885.





*3ª PARTE:*

*INTEGRAÇÃO DOS DADOS*



## CONDICIONANTES AMBIENTAIS DA OCUPAÇÃO RURAL HISTÓRICA DO VALE DO PARAÍBA

*Lúcia Cardoso Oliveira Juliani*

Conforme a divisão geomorfológica adotada para o Estado de São Paulo (Ponçano et alli, 1981), a Rodovia Carvalho Pinto foi implantada na unidade do Planalto Atlântico, ao longo da subzona Colinas Sedimentares (Bacia Sedimentar de Taubaté) que, em conjunto com os Morros Cristalinos (desenvolvidos sobre rochas pré-cambrianas de composição granito-gnássicas), definem a zona do Médio Vale do Paraíba.

A subzona Morros Cristalinos dispõe-se ao redor da Bacia de Taubaté, emoldurando os relevos de colinas, e constitui-se principalmente de relevos movimentados de morros paralelos, mar de morros e morrotes alongados paralelos. É representada pelas serras do Mar (compreendendo, localmente, as serras do Quebra-Cangalha e do Jambeiro), a sudeste, e da Mantiqueira, a noroeste.

A subzona das Colinas Sedimentares coincide com a área de ocorrência do pacote mais espesso de sedimentos terciários da Bacia de Taubaté e inclui relevos que vão desde formas regulares e suavizadas, como os tabuleiros e colinas amplas, até as colinas pequenas com espigões locais. As drenagens presentes nesta unidade apresentam como característica extensas planícies aluviais.

As colinas amplas da Bacia de Taubaté, junto às quais foram localizados todos os sítios arqueológicos reconhecidos ao longo do eixo da Rodovia Carvalho Pinto, apresentam perfis pouco inclinados, encostas suavemente convexas e topos planos. A meia encosta, 12 a 20 metros acima do nível das várzeas, aparecem restos de um terraço a que Ab'Saber (Ponçano et alli, 1981) chamou nível de Caçapava.

A montante de Tremembé, a amplitude local do relevo é maior e ali ocorrem chapadas; a jusante, o relevo desfeito em colinas torna-se cada vez mais baixo e recortado, assim terminando de modo brusco junto à soleira cristalina de Cachoeira Paulista (divisa entre as Bacias Sedimentares de Taubaté e Resende).

O rio Paraíba do Sul é formado pela confluência de dois outros rios: o Paraitinga, que nasce na serra da Bocaina e é considerado como o alto curso do Paraíba do Sul, e o Paraibuna (originado nas encostas da serra do Mar). Ambos são paralelos e correm de nordeste para sudoeste. Ao se unirem, nas proximidades de Paraibuna, formando o verdadeiro Paraíba, o curso segue a direção leste-oeste, em trecho acidentado nos contrafortes da serra do Mar. A partir de Guararema, devido à barreira representada pela serra do Itapeti, altera bruscamente seu curso, direcionado para sul-norte e, na seqüência, para sudoeste-nordeste, tornando-se meandrante em seu médio curso e percorrendo a planície sedimentar que se estende de Jacareí a Cachoeira, paralelo e em direção oposta à do seu alto curso (Azevedo, 1940), até ser de novo estrangulado na divisa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e em terras deste último desaguar no Oceano Atlântico.

A planície de inundação do rio Paraíba do Sul atinge larguras entre 2,5 e 4km e o rio tende a encostar-se na borda norte da bacia.

Nesse sistema, encontram-se meandros abandonados e terraços modernos, que são, comumente, mantidos por cascalhos e areias e se erguem de 3 a 8 metros acima do nível da planície aluvial, aparecendo de forma descontínua ao longo do vale do rio.

O rio Paraíba do Sul, em seu trecho paulista, drena águas de duas vertentes que acompanham o alinhamento de suas vertentes (a Mantiqueira e a cadeia marítima), por intermédio de afluentes numerosos e poucos extensos.

Em função de sua singularidade geomorfológica de corredor deprimido entre serras, o Vale do Paraíba é caracterizado por uma feição climática especial: a região em questão situa-se no confronto de dois domínios climáticos zonais: um deles, controlados por massas equatoriais e tropicais e o outro, controlado por massas tropicais e polares (CEMA/DERSA, 1990).

O regime de ventos é intimamente associado às barreiras representadas pelo relevo acidentado do Alto Vale (as serras do Jambeiro e Quebra-Cangalha, bem como o Maciço da Bocaina) e ainda pela serra da Mantiqueira. Estas, além de atenuarem o avanço das correntes, já enfraquecidas pelas latitudes de limite zonal dos sistemas gerais de circulação, submetem-nas à faixa deprimida do Médio Vale em condição de abrigo, favorecendo a elevada freqüência de calmarias.

Três regiões geomorfológicas distintas foram definidas para a Bacia de Taubaté no Vale do Paraíba paulista por Ab'Saber & Bernardes (1958, apud Ponçano et alli, 1981):

- Entre a extremidade sudoeste da Bacia até Jacareí: colinas mais elevadas e semelhantes às elevações do cristalino.
- Entre São José dos Campos e Pindamonhangaba: colinas mais extensas e suaves, desdobradas em dois níveis distintos.
- Entre Pindamonhangaba e Cruzeiro: colinas tabulares muito suavizadas e de pequena amplitude topográfica.

A ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro foi feita, desde o princípio da ocupação do território interior do sudeste brasileiro, por essa grande depressão alongada, ladeada de elevadas montanhas, representada pelo Vale do Paraíba, que se impôs como via de acesso entre essas duas províncias. O estabelecimento de vias de circulação e a implantação de cidades ao longo desse corredor foram favorecidos pelo relevo de baixas colinas e de tabuleiros da Bacia de Taubaté, que abriga o Vale do Paraíba em seu trecho paulista. Conforme Azevedo (1940), diversos relatos de cronistas e viajantes demonstram a importância do Vale do Paraíba como corredor de passagem natural. Citando o roteiro feito por Antonil, em 1711, para os sertões dos Cataguás, o autor relata a existência de pousos em Mogi das Cruzes, Jacareí, Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá. Relata, ainda, que a utilização do Vale do Paraíba como caminho entre Rio e São Paulo encontra-se atestada pelas obras de Spix & Martius, de 1817, e de Saint-Hilaire, de 1822.

Além do porto de Santos havia outros, mais a norte, que eram atingidos por outros caminhos que desciam do Vale do Paraíba.



Em períodos posteriores, o uso desse corredor de ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro foi consolidado pela implantação da E. F. Central do Brasil, pela estrada de rodagem Rio-São Paulo (1928), pela Via Dutra e, mais recentemente, pela Rodovia Carvalho Pinto.

Aroldo de Azevedo (1940) ressalta que, apesar das rotas e assentamentos terem sido condicionados pelo vale alongado formado pelo médio curso do rio Paraíba do Sul, este nunca representou papel importante como via fluvial, pois oferece obstáculos (saltos e corredeiras) que impossibilitam a navegação de longo percurso.

No século XVIII, a interiorização do desenvolvimento paulista foi intensificada por um processo de povoamento associado a atividades de criação de gado ou de procura de recursos minerais (metais preciosos). Essas atividades econômicas vieram a romper o isolamento político e econômico da população assentada no planalto paulista e fizeram reatar laços com a metrópole: até 1721 os caminhos do Rio de Janeiro e de São Paulo rendiam juntos em média 11 mil arrobas e meia de ouro em direitos de entrada e a partir de 1722 essas arrecadações passaram a 26 e 32 arrobas, nível mantido durante todo o século XIX (Lysia Bernardes, apud Petrone, apud Ponçano et alli, 1981).

A crescente importância das plantações extensivas de café, em substituição às lavouras de cana de açúcar, no século XIX, levou à ocupação de extensas áreas no Vale do Paraíba, cujos solos se exauriram pela superexploração e manejo inadequado (Ponçano et alli, 1981).

Esse processo de ocupação levou ao desmatamento extensivo e à conseqüente descaracterização da cobertura vegetal original. Nos estudos realizados para o diagnóstico ambiental da área que seria afetada pela implantação da Rodovia Carvalho Pinto (CEMA/DERSA, 1990), diferentes resíduos de formações vegetais foram identificados:

- Matas com pouca incidência de imbaúba (*Crecopia sp*) e estratificação no porte arbóreo, com maior influência atlântica (hidrófila e perenifólia). São matas comuns da escarpa atlântica, porém mais secas em relação à Mata Atlântica.
- Matas com influência atlântica e alta incidência de imbaúba, mistas de espécies de sucessão secundária silvegenética, resultantes da regeneração de clareiras exploradas.
- Matas de grotas úmidas, Montana, sob influência mista. A região de São José dos Campos apresenta aspectos de campo com influência de cerrado, que encontra o seu limite com a Mata Atlântica. Nesta formação, ocorrem terrenos férteis de várzeas e grotas, matas mistas onde as espécies competem, se co-adaptam e se interceptam.
- Mata seca de planalto, tipicamente cerrado com porte arbóreo mais denso em relação ao cerrado “*sensu strictu*”, rica em espécies típicas, com bom desenvolvimento. Este tipo de mata fornece lenha para as populações circunvizinhas rurais, assim como produtos medicinais preparados a partir de cascas, raízes e frutos.

- Matas capoeiras de formações secundárias abertas cuja regeneração teve um desenvolvimento bem mais pobre do que a original.
- Campos, podendo-se distinguir três tipos na região: campos sujos ou carrascal, campos nativos e campo de manejo de pastagens e de áreas cultivadas.

A região do Vale do Paraíba encontra-se hoje extremamente modificada pela ação antrópica. A vegetação natural foi praticamente toda suprimida e transformada em áreas de pastagens e agricultura restando, apenas, pequenas porções de mata secundária, em fase de regeneração.

Entre os padrões tradicionais de assentamento rural do vale do Paraíba paulista, predominam as formas de habitat disperso, tendo sido mais comum, no primeiro período de ocupação da região, a forma linear, “em que as casas se dispõem acompanhando um eixo, fornecido por uma estrada ou um curso d’água” (Müller, 1958). Remanescentes desse tipo de ocupação podem ainda hoje ser observados ao longo de antigos caminhos, como a estrada que liga Caçapava a Jambuí.

Essa situação pôde ser observada em todas as outras unidades residenciais identificadas e estudadas ao longo da Rodovia Carvalho Pinto.

No Sítio Caçapava 1, embora não tenha sido observada a presença de um caminho, as 5 áreas de ocorrência de vestígios arqueológicos associados a ocupações históricas apresentam aspecto linear, e ocorrem enfileiradas ao longo da média vertente de uma ampla colina.

No Sítio Jacaré 1 foram identificadas três unidades residenciais rurais históricas implantadas em baixa vertente de colina, junto às margens de uma antiga estrada de terra para São Sebastião. Na alta vertente, foi localizada uma capela visível e de fácil acesso àqueles que percorriam o caminho.

O Sítio Jacaré 2 também apresenta situação semelhante: das três unidades domésticas identificadas na área, pelo menos duas foram contemporâneas (séculos XIX a XX). Junto às unidades, foram localizados vestígios de um antigo caminho, provavelmente de tropeiros.

As duas áreas de ocorrência arqueológica do Sítio Caçapava 2, definidas como duas unidades domésticas distintas e contemporâneas, apresentam-se implantadas às margens da Estrada Municipal da Piedade, que também pode constituir um antigo caminho.

No Sítio Caçapava 3, as duas unidades residenciais identificadas estavam implantadas junto a uma antiga estrada que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro e era utilizada pelas tropas (conforme informante local).

Finalmente, junto ao Sítio Taubaté 1, que apresentou três unidades residenciais (duas delas contemporâneas), também foram identificados vestígios de um antigo caminho desativado, possivelmente de tropeiros.

Ao longo dos rios, essa ocorrência também é freqüente e, em alguns casos, onde comumente a via acompanha a drenagem, percebe-se ter sido o rio, e não a estrada, que atraiu o assentamento humano. Essa situação é observada principalmente nas áreas de relevo mais movimentado nas quais os rios, além de servirem como vias naturais de passagem, fornecem as melhores áreas para assentamento humano. Além disso, a proximidade da água é tida sempre como essencial para a sobrevivência humana, além de possibilitar o estabelecimento de engenhos de cana e moinhos de farinha, tradicionais na região (Müller, 1958).

Embora a dispersão linear seja a forma mais comum, conforme Müller (1958), ela não é a única. A autora observa a existência de assentamentos de dispersão absoluta, com as casas disseminadas no terreno e afastadas por grandes distâncias umas das outras, padrão condicionado ao tipo de ocupação do solo rural. Este padrão estaria associado às grandes propriedades pastoris, com diversos retiros instalados para recolhimento noturno do gado. Junto a cada retiro estaria instalada a casa do “retireiro”. Não parece ser este o padrão definido pelos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, que sempre estão representados por mais de uma unidade de ocupação residencial, embora a distribuição espacial desses conjuntos nas propriedades das quais faziam parte não tenha sido recuperada.

Outra forma citada pela autora, e que também não pôde ser identificada a partir da implantação dos sítios arqueológicos abordados neste estudo, é a dispersão nuclear, pouco recorrente no Vale do Paraíba paulista: identificada na estrada que une a Rocinha à Cunha, é composta de aglomerados de habitações, instalados ao longo da via. Entre esses núcleos, ocorrem casas isoladas a distâncias variáveis.

Um último tipo de padrão de dispersão definido por Müller (1958), bastante comum no Vale do Paraíba e considerado como uma forma de transição para a aglomeração, é o coagular ou em nebulosa, que constitui o bairro rural. “São grupos de algumas poucas casas, relativamente próximas, dispostas ao redor de algum elemento de atração: escola, venda ou capelinha.” São habitadas pelos proprietários das terras e/ou por seus familiares. Este tipo de assentamento também pode ser sugerido para os sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, notadamente para os sítios Jacareí 1 e Caçapava 3, nos quais foram localizadas pequenas capelas, provavelmente de uso familiar.

A implantação da habitação rural no trecho paulista da bacia do Paraíba segue alguns traços gerais: a localização da casa nas proximidades da água e em terreno plano e relativamente amplo para conter, além da casa, as demais benfeitorias. Conforme Müller (1958), a escolha do ponto da paisagem para a construção da casa varia com as condições e conveniências locais, sendo três os tipos mais comuns: a várzea, um ponto elevado próximo a esta e a meia encosta de vertentes. Essas são as características observadas nos sítios da Rodovia Carvalho Pinto.

A construção das casas sobre terrenos elevados e enxutos, próximos aos cursos d’água, foi a solução preferida: buscaram terraços, ombros de erosão, pequenos patamares, cones de dejetos seccionados pelos rios e margens elevadas. Essas casas de moradia do pequeno morador rural apresentam-se uniformes por toda a região, sendo a grande maioria edificada em pau-a-pique barreado

e coberta de sapé; raramente é de tijolo e coberta por telhas de capa e canal. A partir das observações dos sítios localizados ao longo da Rodovia Carvalho Pinto, nota-se que as capelas encontram-se instaladas em pontos mais altos da paisagem.

A partir da observação da implantação das diversas unidades arqueológicas estudadas, podem ser levantadas algumas referências sobre os padrões de assentamento locais. As unidades residenciais históricas ocupadas ao longo do século XIX apresentaram-se, na sua maioria, implantadas em baixas vertentes de colinas amplas e suaves e em terraços e planícies aluviais de drenagens de pequeno porte. Embora Müller (1958) associe as ocupações de várzea à falta de possibilidade de fazê-lo em local enxuto e elevado, por insuficiência de espaço ou devido às características do relevo, as unidades instaladas em várzea dos Sítios Jacareí 1, Jacareí 2 e Taubaté 1 não parecem corresponder ao caso, podendo ter sido outros os motivos que definiram essas escolhas, possivelmente de ordem sócio-econômica.

Para a unidade de ocupação pré-colonial (Sítio Caçapava 1) e para algumas de ocupação anterior ao século XIX (Área 1 do Sítio Jacareí 2), nota-se a preferência dada à implantação em pontos altos da paisagem (altas vertentes e topos).

A OCUPAÇÃO INDÍGENA DO VALE DO PARAÍBA, DO PERÍODO PRÉ-COLONIAL AO CONTATO COM O BRANCO

Solange Bezerra Caldarelli

As pesquisas realizadas nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto confirmaram a hipótese inicial de ao menos duas populações indígenas ceramistas diferenciadas terem ocupado o Vale do Paraíba anteriormente à chegada do europeu às terras brasileiras.

As datações absolutas obtidas para o Sítio Caçapava 1 confirmam a presença, no vale do Paraíba, de populações indígenas da tradição Aratu, por um período de quase três séculos, conforme quadro abaixo:

Sítio Caçapava 1 – Datações obtidas por Beta Analytic Inc.					
Nº Amostra	Procedência	Método	Idade	Período (AP) <sup>1</sup>	Período (AD) <sup>2</sup>
166256	Urna 09	AMS	870±40 AP	910 a 690	1040 a 1260
166257	Urna 11	AMS	660±40 AP	670 a 550	1280 a 1400
166255	Urna 07	AMS	620±40 AP	660 a 540	1290 a 1410
166259	Urna 42	C14	610±50 AP	660 a 530	1290 a 1420
166258	Urna 22	AMS	600±60 AP	670 a 520	1280 a 1430
166260	Estrutura 10 (forno)	C14	590±50 AP	660 a 520	1290 a 1430

Embora outras evidências de ocupação Aratu estejam presentes em vários pontos do vale, desde sua porção mais ao norte até o atual município de Jacareí, é a primeira vez que se consegue para esta tradição, em território paulista, um número tão expressivo de datações radiocarbônicas. O grande número de estruturas funerárias evidenciado (ver planta 7) indica que este sítio devia possuir um significado especial para a antiga população indígena, que ali enterrou seus mortos por cerca de trezentos anos.

Uma vez que foram datadas amostras de todos os setores em que foram evidenciadas estruturas indígenas, é possível notar que a disposição delas no espaço do sítio parece não obedecer a uma ordem pré-determinada, já que as urnas 09 e 07, com respectivamente 870 e 620 anos AP, encontram-se dispostas quase lado a lado, apesar de estarem separadas temporalmente por 250 anos.

No que concerne ao acompanhamento funerário, entretanto, os objetos registrados encontram-se todos em urnas situadas próximas umas às outras, na porção mais a noroeste do sítio, a saber:

Sítio Caçapava 1	
Urna	Acompanhamento funerário
02	Conchas e seis placas de carapaça de tatu
06	Adorno: dente de mamífero perfurado
09	Lascas de sílex e conchas fragmentadas
12	Dente de animal
15	Pedra plana, retangular, na boca da urna

<sup>1</sup> AP = Antes do Presente, sendo o presente, por convenção, o ano de 1950.

<sup>2</sup> AD = Anno Domini = d.C = depois de Cristo

Outro fator que aponta para o significado especial deste sítio para a população Aratu é o fato de nele terem sido registrados pouquíssimos artefatos de uso cotidiano. Os artefatos líticos, especialmente, foram extremamente escassos, contrariamente ao que foi registrado por Bernal (1995: 36/37) no Sítio Light, também Aratu, situado em Jacareí.

Em relação a este último, o Sítio Caçapava 1 parece ser mais antigo, pois não apresenta os indícios de contato com populações de tradição tupiguarani, como aventado por Bernal (1995: 40) para o Sítio Light.

De fato, a ocupação Aratu representada pelo Sítio Caçapava 1, iniciada no século XI, não ultrapassa a primeira metade do século XV. A ocupação tupiguarani do vale do Paraíba, de acordo com os dados disponíveis até o momento, é bem mais recente, remontando ao período do contacto com o europeu.

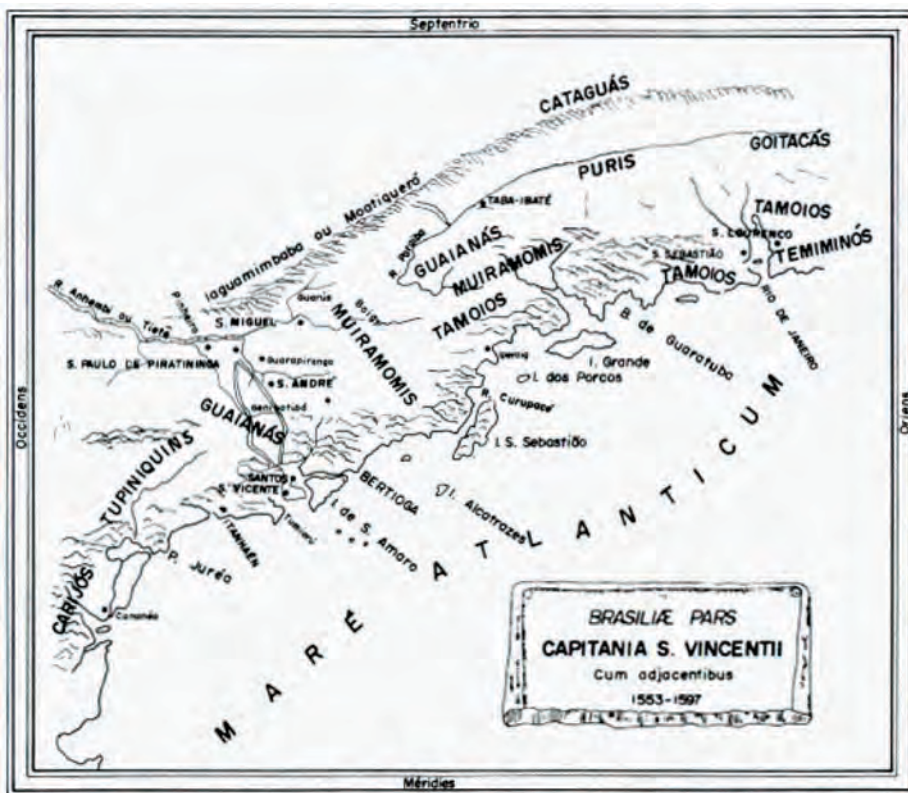
De acordo com González e Zanettini (1999: 93), o Sítio Santa Marina, situado em Jacareí, dataria do século XV. Portanto, a população tupiguarani estaria adentrando o vale quando a população Aratu estava-se retirando. É possível que esta correspondência não seja uma coincidência, e que a saída da população Aratu tenha sido provocada pela penetração tupi, mas apenas pesquisas mais aprofundadas em outros sítios, tanto Aratu quanto Tupiguarani poderão esclarecer a questão.

De qualquer modo, quando os primeiros portugueses penetraram no vale do Paraíba, as aldeias Aratu não mais existiam.

As fontes escritas consultadas (Abreu, 1954; Abreu, 1985; Almeida, 1935; Azevedo, 1959; Cardim, 1974; Casal, 1975; Derby, 1899; Holanda, 1975; Knivet, 1878; Léry, 1972; Lowie, 1946; Magalhães, 1978; Métraux, 1946; Monteiro, 1994; Nimendaju, 1981; Ortiz, 1988; Petrone, 1995; Reis, 1979; Schaden, 1954) relatam que, no início do século XVI, o Vale do Rio Paraíba do Sul, em território paulista, era ocupado certamente por índios pertencentes às famílias linguísticas Tupi-guarani e Puri, sendo frequentes as menções a grupos *guaramomis*, *maramomis*, *muiramomis* ou *geromomis* e *guarus*, *guarulhos* ou *guarumirins*, cuja família linguística é incerta, havendo autores que os colocam como falantes da língua Gê, fato ainda não confirmado.

As denominações dos índios, no século XVI, eram dadas pelos portugueses, que frequentemente confundiam os vocábulos, designando do mesmo modo índios étnica e culturalmente muito distintos entre si e vice-versa. Devido a isto, muita confusão se criou e muita polêmica se estabeleceu entre os estudiosos que tentaram desfazer as confusões daí originadas e identificar étnica e linguisticamente os indígenas da região.

Embora muitas dúvidas ainda prevaleçam, sabe-se que o Vale do Paraíba do Sul foi ocupado desde suas nascentes até o final de seu alto curso pelos *muiramomis*; em toda sua extensão por *tupis* (designados também como *tamoios*, *tupinambás* e *goitacases*) e, no médio e baixo cursos do vale, por *puris* (*puris*, *goitacases* e *coroados*), sendo estes últimos distinguidos dos demais por uma tonsura no alto da cabeça, em forma de coroa.



Índios no Vale do Paraíba no século XVI. Fonte: ORTIZ, 1988

Os *guaianás* são frequentemente confundidos com os *tupis* e com os *muiramomis*. É praticamente certo, no entanto, que os *guaianás* que se situavam na região de *Tabaibaté* (atual Taubaté) eram de origem *tupi*, conforme indicam os vestígios arqueológicos encontrados na região.

Os *guaramomis* foram os primeiros indígenas a desaparecer da região, atacados pelos *tamoios* que desciam pelo Vale do Paraíba, fugindo dos portugueses, após a expulsão dos franceses (seus aliados) do Rio de Janeiro, e pelos *tupiniquins* que subiam pelo vale, fugindo dos portugueses da região de Piratininga.

Acabaram aldeados em Guarulhos e Atibaia, onde terminaram perecendo, no início do século XVII. Seus costumes eram muito simples, pois, não sendo horticultores e vivendo em grande mobilidade, construíam habitações muito rudes, de pouca durabilidade.

Os *puris* parecem ter penetrado no Vale do Paraíba do Sul através do Rio de Janeiro, fugindo de suas terras de origem (litoral do Espírito Santo e Rio de Janeiro), empurrados pelos *tupis*, de quem eram inimigos. Chegaram até o médio Paraíba (Bananal, Queluz, Lorena e Guaratinguetá).

Com o desenvolvimento da colonização européia, os contatos amigáveis estabelecidos entre portugueses e *tupis* no início do século XVI foram-se alterando, principalmente em virtude da prática de apresamento de índios, para uso como mão-de-obra escrava e, a partir da proibição da coroa portuguesa de escravização dos nativos, da prática de confiná-los em aldeamentos, nos quais podiam ser contratados como servos.

Isto provocou a fuga em massa dos *tupis* paulistas, que se dirigiram para o alto Tietê e para o alto Paraíba, enquanto os *tamoios*, como já foi dito, desciam vale abaixo.

Em meados do século XVI, os *guaianás* subiram o alto e o médio vale, onde já possuíam muitas aldeias e lá fundaram uma grande taba, a *Tab-a-été* (taba legítima).

Os *puris*, devido ao êxodo dos *tamoios*, desceram o vale, chegando a atingir os atuais municípios de Taubaté, Caçapava e São José dos Campos.

Inconformados com as atitudes dos portugueses, os diversos grupos *tupis* concentrados no Vale do Paraíba passaram a assediar a Vila de São Paulo de Piratininga, entre 1560 e 1567, movimento que ficou conhecido como “*Confederação dos Tamoios*”. Em consequência desta atitude, o governador Geral do Brasil na época, Mem de Sá, determinou que se fizesse guerra aos índios confederados.

Com o decréscimo da população indígena escravizada de São Paulo, devido ao surto de doenças que aniquilavam os índios, organizaram-se entradas para apresamento de novos índios, tanto em direção ao sul de São Paulo (as quais trouxeram um enorme contingente de *carijós*), quanto em direção ao Vale do Paraíba.

Como consequência do bandeirismo de apresamento, já na primeira metade do século XVI muitos dos *tupis* do alto e baixo Vale do Paraíba do Sul encontravam-se cativos ou aldeados, enquanto seus remanescentes eram rapidamente dizimados ou fugiam para outras regiões. A única população *tupi* expressiva no Vale do Paraíba, no início do século XVII, era a dos *guaianás*, habitantes de *Tabaibaté*.

Culturalmente, esses índios viviam em grandes habitações retangulares, recobertas por folhas de palmeira abobadadas, com duas portas nas laterais e uma porta em sua parte central. Cortavam árvores com machados de pedra, abrindo clareiras na floresta para construção de suas aldeias. Deixavam os troncos e as folhas secarem ao sol e, depois, através do atrito de galhos secos, produziam fogo para queimá-los, usando as cinzas como fertilizante para o plantio de roças, plantadas com o auxílio de paus com ponta endurecida no fogo para escavar a terra, assim que começavam as primeiras chuvas. Os produtos pescados ou caçados eram moqueados e assados em espetos colocados sobre fogueiras externas às habitações.

Confecionavam vasilhas de argila queimada, pela técnica do acordelamento, simples ou decoradas com motivos digitais, ungueais, impressos, estriados, roletados, nodulados ou incisos. A decoração mais complexa era a pintada, que consistia na pintura de linhas retas ou curvas, pretas, vermelhas ou pretas e vermelhas, formando motivos variados, aplicadas sobre um fundo branco. A tinta preta provinha do fruto do jenipapo, a vermelha do urucum e a branca de depósitos minerais de calcáreo. As formas e tamanho das vasilhas variavam de acordo com suas funções. Os mortos eram enterrados em covas, diretamente ou no interior de igaçabas, dispostas próximas às cabanas ou em seu interior.

Devido à vizinhança do branco, em meados do século XVII já tinham sofrido influências em seu sistema de vida, iniciando-se um processo de aculturação que, em ritmo cada vez mais acelerado, acabou por levar à sua descaracterização cultural.

Com a penetração, no Vale do Paraíba, das bandeiras que se dirigiam a Goiás e a Minas Gerais e, posteriormente, com o desenvolvimento das fazendas no vale do Paraíba, estradas foram abertas para o tráfego de muares, bois e cavalos e estes índios acabaram desaparecendo da região.

Os últimos indígenas a desaparecerem do vale foram os *puris*. Inicialmente, eles ocupavam seis léguas de mata sobre duas de largo, entre a Serra da Mantiqueira e o Rio Paraíba.

Muito móveis, suas cabanas não passavam de meros anteparos contra o vento, feitas pela deposição de folhas de palmeira contra uma estrutura de madeira, que também servia para pendurarem suas redes de dormir.

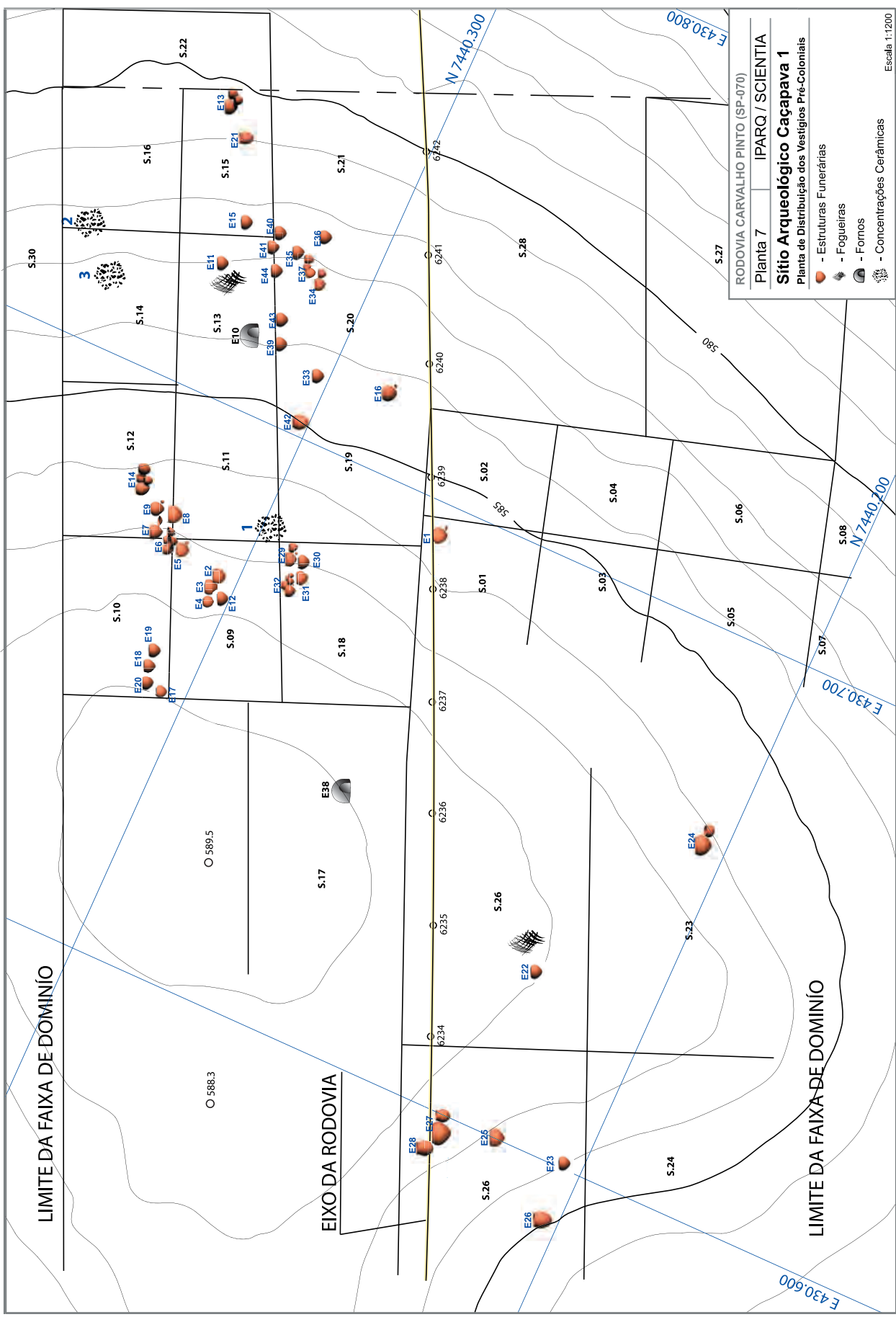
Eram considerados tímidos e medrosos e só se comunicavam com povos da mesma cor e língua. Corriam dos brancos e não os atacavam; no máximo, roubavam suas ferramentas.

Viviam praticamente de caça, pesca e coleta, pouco plantando. Assavam a carne em espetos sobre fogueiras e usavam cabaças como tigelas. Eram conhecidos como hábeis arqueiros. Como os demais índios da região, adornavam o corpo com pinturas, penas e colares.

Em meados do século XVIII, viviam na região de Lorena, nas fraldas da Mantiqueira, para onde foram sendo expulsos e onde eram implacavelmente perseguidos pelos habitantes de Ipacaré. Também eram encontrados na região de Bananal.

Em 1770, foram proibidas as agressões a estes índios, pois esta atitude conflitava com as ordens reais de Portugal e procurou-se conquistá-los de modo não violento, para civilizá-los, cristianizá-los, vesti-los e aldeá-los. Aldeados, os *puris* passaram a ser utilizados como servos dos ipacareanos.

Os *puris* que escaparam a essa conquista refugiaram-se na região serrana, de onde faziam incursões ao Vale do Paraíba, em busca de alimentos. Em seu processo de fuga, parte desses índios acabou saindo do vale, dirigindo-se para Minas Gerais. No século XIX, os *puris* remanescentes do Vale do Paraíba foram aldeados em Queluz.



A CERÂMICA INDÍGENA DO SÍTIO CAÇAPAVA I

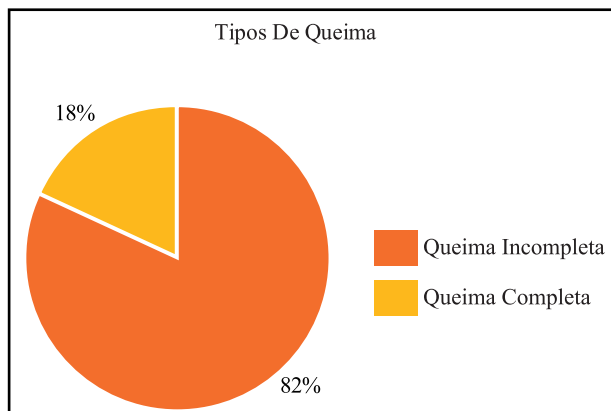
Denise Maria Cavalcante Gomes

A Análise Cerâmica

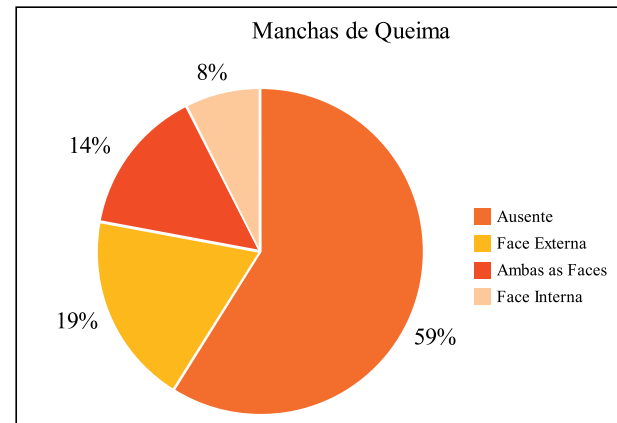
Após concluídos os trabalhos de curadoria do material cerâmico, envolvendo lavagem, numeração, triagem de fragmentos diagnósticos (bordas e bases), remontagem de urnas e contabilização do número de vasilhas, associadas a cada urna, teve início a análise cerâmica. A metodologia empregada privilegiou a observação de atributos tecnológicos (técnica de manufatura, queima, antiplástico, ocorrência de mancha de queima, cor da pasta), decorativos (incisão, engobo) e morfológicos (borda, lábio, base, dimensões, diâmetro e forma) visando abordar o vasilhame como um todo. A partir dos desenhos de bordas e bases foram feitas 70 reconstituições gráficas, em tamanho original das vasilhas, posteriormente reduzidas em escala, o que deu origem a uma tipologia.

Desse modo, os resultados obtidos, na análise do conjunto de atributos, foram cotejados com informações disponíveis na bibliografia existente sobre a tradição Aratu (Alves & Cheuiche-Machado 1995; Alves & Calleffo 1996; Fernandes 2001; Mello 1996; Prous 1992; González 1996a; 1996b; 1998; Schmitz et alii 1982; Wüst 1983; 1990). Com isto, foi possível confirmar a hipótese inicial de associação da indústria cerâmica do sítio Caçapava I a esta tradição. Entretanto, levando em conta, principalmente, suas características morfológicas, a vinculação desta cerâmica à variedade Sapucaí parece mais tênue do que quando comparada à cerâmica Aratu do Brasil Central.

Em termos de tecnologia, além do emprego do acordelamento como técnica de construção, o principal atributo analisado foi o antiplástico. Em 100 % da amostra foi constatado o uso de antiplástico mineral, cuja pasta contém, em diferentes proporções, minerais tais como quartzo, limonita, turmalina e mica. Estes elementos, identificados por meio do exame dos fragmentos em lupa binocular, provavelmente não foram adicionados à pasta, mas eram parte constituinte da argila. A queima foi outro atributo tecnológico observado. Apenas 18% da amostra cerâmica sofreu uma queima completa, enquanto 82% apresentou queima incompleta, com a presença de núcleo escuro, indicando uma baixa oxidação da cerâmica durante o processo de queima, bem como o emprego de uma argila com grande conteúdo de carbono (Rice 1987:345).



A presença de manchas de queima na superfície cerâmica, tanto interna, quanto externa, também foi notada. Em princípio, as manchas na face externa estariam provavelmente relacionadas ao tipo de queima realizado a céu aberto, enquanto os artefatos com manchas em ambas as faces, sobretudo acompanhados da existência de fuligem, indicariam o uso das vasilhas em atividades de cocção. Entretanto, outras questões interpretativas podem ser levantadas, uma vez que duas estruturas, do tipo forno de cova, foram encontradas no sítio Caçapava I.



De acordo com a definição de Rice (1987: 158), os fornos de cova consistem numa área escavada, com os lados rodeados por paredes baixas de argila ou tijolos - descrição que se assemelha às características dos fornos do sítio Caçapava I. Segundo a autora, o combustível é colocado em cima e embaixo dos potes no forno, sendo o conjunto queimado quase da mesma forma que a céu aberto. Como o fogo é parcialmente contido, os fornos de cova podem atingir e manter temperaturas mais altas do que na queima a céu aberto. Embora as temperaturas atingidas estejam entre as necessárias para se obter uma queima completa, como as vasilhas estão muito próximas do combustível, ocorrem no forno de cova a maior parte das vantagens e desvantagens da queima a céu aberto.



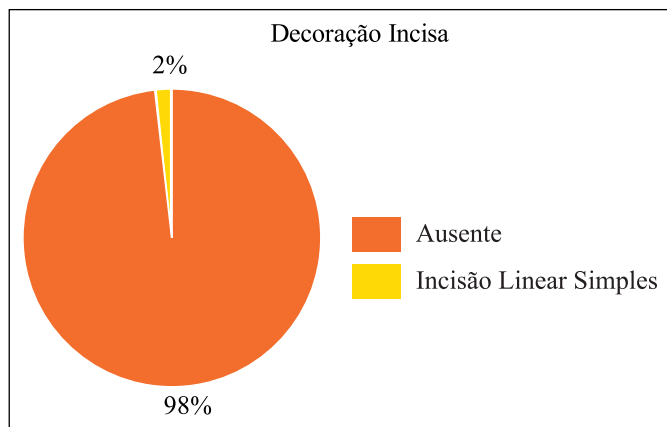
Sítio Caçapava I - Estrutura 38



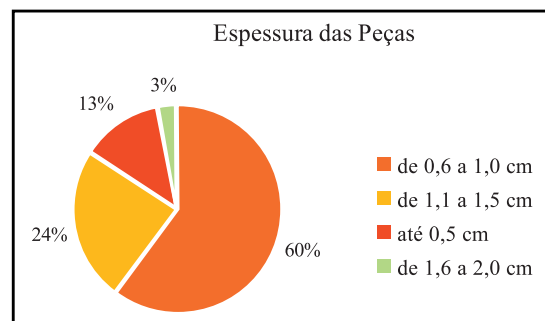
Sítio Caçapava 1 - Estrutura 10

Em termos gerais, estas características do forno de cova explicariam os atributos relativos à queima, observados na cerâmica indígena do sítio Caçapava 1. Em primeiro lugar, a ocorrência de uma cerâmica resistente, provavelmente obtida graças às temperaturas mais altas do forno de cova. Por outro lado, os indicadores típicos de queima a céu aberto, tais como núcleo escuro, manchas generalizadas em ambas as faces, representam as já mencionadas desvantagens deste tipo de forno, também referido por Rye e Evans (1976, apud Rice 1987:158) como técnica de queima mista. Por fim, alguns artefatos recuperados em contexto funerário (urnas) exibiam manchas de queima em função de fogueiras acesas sobre o enterramento.

No que se refere ao acabamento de superfície, a totalidade da amostra analisada apresenta um bom alisamento em ambas as faces, num padrão também encontrando em outras indústrias Aratu. Em termos decorativos, não se verificou o emprego de engobo vermelho e nem outros tipos de decoração plástica como o corrugado, sendo o conjunto da cerâmica basicamente representado por peças não decoradas. Apenas 2% da amostra exibe uma incisão linear simples, logo abaixo da borda, que constitui muito mais uma forma de acabamento do lábio, do que propriamente um tipo de decoração.

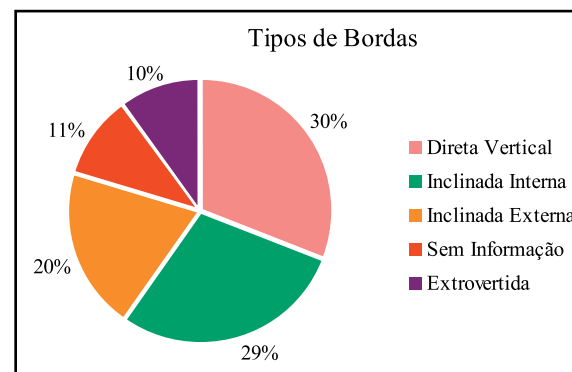


Uma outra classe de atributos analisados foram os morfológicos. A espessura das peças apresentou variações, relacionadas às dimensões do artefato e também ao tipo de forma. Entretanto, a maior parte das peças possui uma espessura entre 0,6 e 1,0 cm (60%), estando um outro intervalo significativo situado entre 1,1 e 1,5 cm (20%). Quanto às medidas obtidas para os diâmetros de boca, a amostra apresenta-se pulverizada em diferentes registros, evidenciando a diversidade de formas Aratu, presentes no sítio Caçapava 1, com diâmetros mínimos entre 6 e 8 cm e máximos entre 48 e 52 cm.



Os tipos de bordas mais frequentes na amostra são as bordas diretas verticais (30%), diretas com inclinação externa (29%) e as diretas com inclinação interna (20%). Menos frequentes são as bordas extrovertidas (10%), que estão associadas a formas de contorno infletido. Quanto ao tipo de lábios, observa-se o predomínio dos lábios arredondados (72%), seguidos pelos lábios apontados (18%), planos (9%) e biselados (1%). Por fim, as bases existentes nesta indústria dividem-se em bases convexas (78%) e bases cônicas (22%).

Sete tipos de formas e suas variações integram a tipologia apresentada abaixo. Estes tipos derivam de contextos funerários, bem como das diversas estruturas – fornos e concentrações cerâmicas, interpretadas como áreas de descarte. Por meio dos trabalhos de remontagem de peças, bem como das reconstituições gráficas realizadas, foi possível definir a distribuição espacial dos artefatos, compreendendo seus contextos e associações (ver mapa do sítio com a distribuição das urnas e estruturas). Quanto à frequência de formas Aratu, encontradas no sítio Caçapava 1, a amostra analisada revelou a preponderância da forma 5 (61%), seguida pela forma 1 (17%), enquanto as demais possuem menor expressão. Quantitativamente, as formas de contorno simples (89%) superam as de contorno infletido (11%).

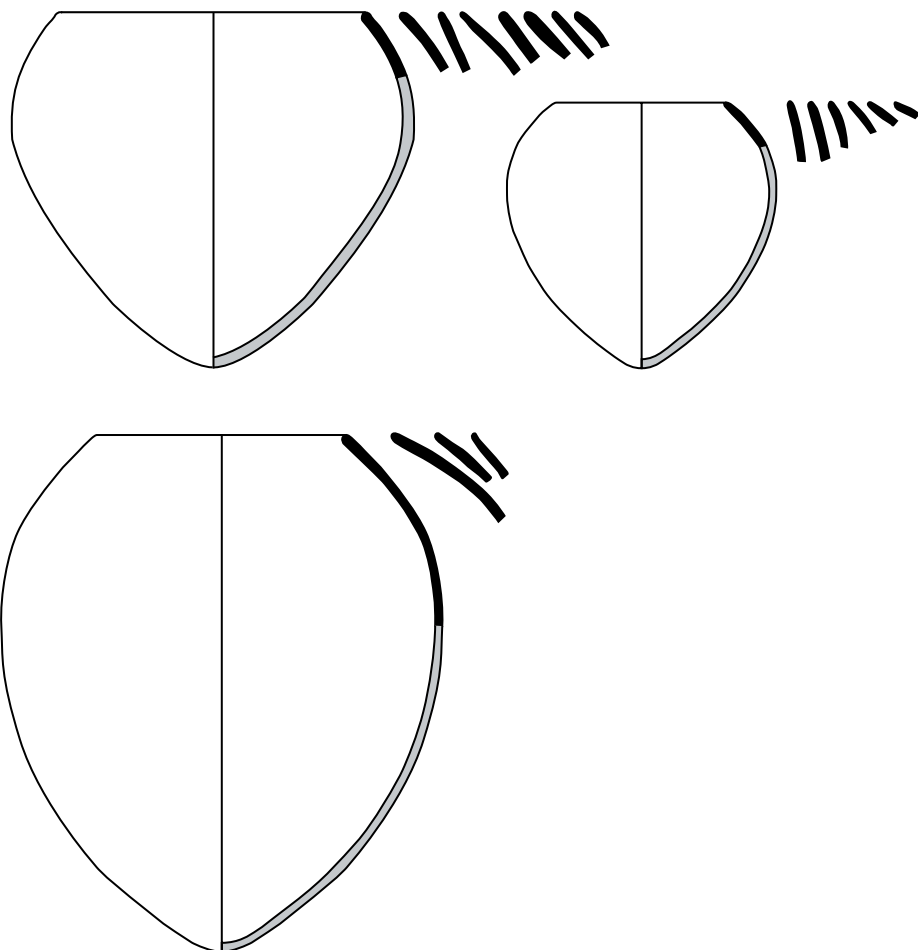
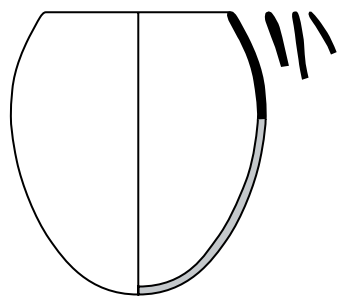








Fotos: 1 a 7 - Processo de remontagem de peças realizado pela equipe do Iparq;  
8 a 10 - Exemplos de peças remontadas.

Sítio Caçapava 1 - Cerâmica Aratu	
Forma 1	 <p>Vasilha ovóide de contorno simples, boca constricta, borda direta inclinada interna, lábio arredondado ou biselado, base cônica. Volumes entre 144 e 96 litros, enquanto as menores podem conter até 6,5 litros.</p>
Forma 2	 <p>Vasilha ovóide de contorno simples, boca constricta, borda direta inclinada interna, lábio arredondado e base convexa. Volumes entre 20 e 16 litros.</p>

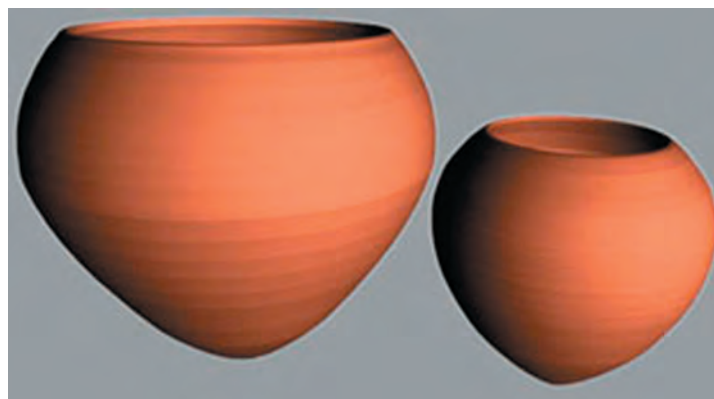
escala 0 5 cm

Sítio Caçapava 1 - Cerâmica Aratu		
Forma 3		<p>Vasilha ovóide de contorno simples, boca aberta, borda direta vertical, lábio arredondado, plano ou apontado e base convexa. Volumes entre 17 e 3 litros.</p>
Forma 4		<p>Vasilha ovóide de contorno infletido, boca constricta, borda extrovertida, lábio arredondado e base cônica. Volumes em torno de 16,5 litros.</p>
Forma 5		<p>Vasilha semi-esférica de contorno simples, boca constricta, borda direta inclinada interna, lábio arredondado e base convexa. Volumes entre 6,5 e 0,5 litros.</p>
Forma 6		<p>Vasilha em forma de calota, de contorno simples, boca aberta, borda direta inclinada externa, reforçada interna, lábio plano ou arredondado e base convexa. Volumes entre 4 e 0,3 litros.</p>
Forma 7		<p>Vasilha esférica, de contorno infletido, boca constricta, borda extrovertida, lábio arredondado e base convexa. Volumes entre 25 e 0,2 litros.</p>

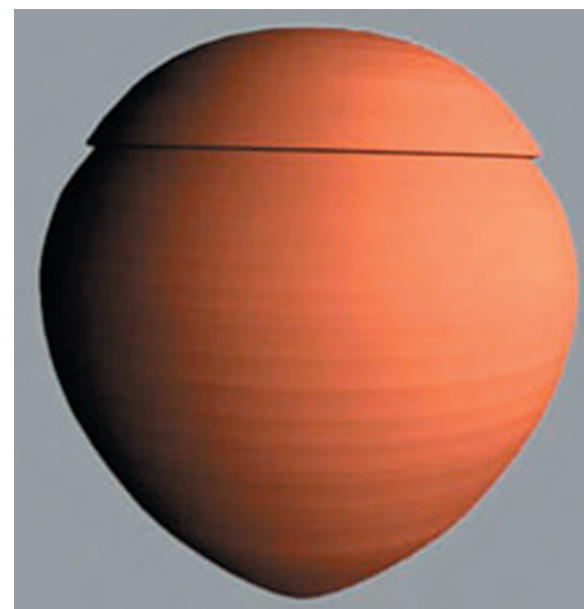
Conforme indica Rice (1987:232), as vasilhas possuem múltiplos usos durante sua vida útil, de modo que o contexto arqueológico é meramente seu lugar final, mais do que um indicador acurado de como foi sua vida útil. No caso do sítio Caçapava 1, podemos supor que as vasilhas recuperadas em contexto funerário não foram produzidas exclusivamente para serem utilizadas como urnas, ou servir como acompanhamento. Elas provavelmente devem ter tido outros usos.

Levando-se em conta a morfologia das urnas (formas 1, 2 e 4) conclui-se terem sido utilizadas para armazenamento de alimentos sólidos, especialmente as de grande capacidade, ou líquidos, no casos daquelas com bordas extrovertidas e capacidade média. Já as vasilhas esféricas ou semi-esféricas (formas 3, 4 e 5) exibem características que se adaptam melhor à funções de cozimento, como por exemplo bocas abertas, bordas extrovertidas, ausência de ângulos e bases convexas, que permitem grande exposição ao fogo. Por outro lado, as vasilhas cujo maior diâmetro é o da boca (forma 6), seriam mais indicadas para servir.

As 70 reconstituições gráficas, remontagem de mais 8 vasilhas e contabilização do total de fragmentos associados a cada uma das urnas permitiu esclarecer aspectos relacionados aos diversos contextos. Além de vasilhas com provável função de acompanhamento funerário, especialmente as de pequenas dimensões (formas 5, 6 e 7), existem urnas menores que foram depositadas no interior da urna principal e que continham os restos de um outro indivíduo. Por outro lado, fragmentos de bordas e bases, de tamanhos variados, foram claramente utilizados para cobrir o enterramento. Um outro tipo de situação indica que vasilhas em forma de calota também serviram de tampas para as urnas.



Urna principal e secundária



Urna com tampa



Urna com acompanhamento funerário



Urna coberta com fragmentos

## A DISTRIBUIÇÃO DA TRADIÇÃO ARATU NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

*Denise Maria Cavalcante Gomes*

Definida inicialmente na Bahia, a partir das pesquisas de Valentin Calderón, desenvolvidas na década de 60, pelo PRONAPA (Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas), a tradição Aratu caracteriza-se pela presença de cerâmica não decorada, com antiplástico mineral, uso ocasional de incisão simples nas bordas, urnas funerárias piriformes, vasilhas globulares, hemisféricas, formas duplas e vasilhas com bordas onduladas. Não se registram pratos e nem assadores de mandioca. No que se refere à morfologia das aldeias, alguns sítios do litoral norte e do Recôncavo Baiano, referidos por Calderón, possuíam formato circular, com fundos de cabana distribuídos ao redor de uma praça central. Quanto aos padrões funerários, urnas foram encontradas tanto enterradas sob o solo de habitação, quanto dispostas em grupos fora da área da aldeia. As datações disponíveis situam a ocupação Aratu na Bahia por volta do século IX, embora haja uma única datação do século V (400 A.D.), considerada isolada (Prous 1992: 345-346).

Contudo, a tradição Aratu possui ampla distribuição em território brasileiro, que vai desde o litoral nordestino (Bahia, Sergipe, Alagoas, Ceará e Rio Grande do Norte), tendo sua ocorrência bem documentada no Brasil Central (Mato Grosso e Goiás) e na região sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo). Grande parte das datações estão situadas por volta do século IX - XI, o que corresponde ao desenvolvimento das grandes aldeias. Datas mais antigas, que ainda necessitam de confirmação, situam o início da ocupação Aratu, no Brasil Central, por volta do século IV a.C. (Mello 1996: 269). A existência de diferenças regionais é reconhecida e pode ser explicada pela interação com diferentes grupos locais. Um dos casos mais claros é o do litoral do Espírito Santo, cuja cerâmica Aratu apresenta influência Tupi-Guarani, com utilização de banho vermelho, pintura vermelha sobre branco e decoração plástica corrugada.

Durante a vigência do PRONAPA foram estabelecidas inúmeras fases, relacionadas à tradição Aratu. No estado de Minas, a variedade encontrada foi chamada de Sapucaí. Segundo Prous (1992:350), a cerâmica Aratu-Sapucaí tem como elementos diagnósticos a presença de vasos grandes com cacos muitos espessos, antiplástico mineral com uso de arenito moído e grafite, ocorrência de banho vermelho, urnas globulares e não piriformes, vasilhas pequenas com paredes finas, bases perfuradas, além de cachimbos tubulares. Os sepultamentos em urnas são cobertos por placas de pedra, cacos de cerâmica e têm como acompanhamento funerário machados de pedra polida, além de recipientes menores.

Sítios, como os da fazenda São Geraldo, no município de Ibiá, escavado em 1980 pela UFMG, apresentam fundos de habitação ovalados, dispostos num círculo de 200 m de diâmetro, com uma interrupção indicando a saída para o rio e a presença de uma habitação menor neste caminho. De acordo com Prous (1992: 351), este padrão habitacional seria muito semelhante ao modelo de aldeia Xavante, embora o autor não defenda a existência de uma relação imediata entre este grupo etnográfico e a ocupação pré-histórica. Já outros sítios, na região ao norte de Belo Horizonte, relacionados à fase Paraopeba, não apresentam padrão circular, ocupando as imediações dos rios, numa extensão contínua de até 600m.

Prous também relata a presença de cerâmica Aratu-Sapucaí associada a casas subterrâneas, em Minas Gerais, conforme indicam os sítios encontrados pelo IAB, em Nepomuceno, além de outros na região de Arcos e na serra do Cipó, identificados pela UFMG. Ao lado de uma aparente homogeneidade cultural, que caracteriza a tradição Aratu, a variabilidade dos padrões de habitação, acima referidos, poderia tanto ser fruto de contatos com outros grupos culturais, quanto expressar diferentes formas de adaptação ecológica, tendo em vista a necessidade de abrigo no inverno, como no caso das casas subterrâneas de Minas Gerais.

#### Hipóteses sobre a origem da tradição Aratu

Por conta de um maior desenvolvimento das pesquisas arqueológicas, a tradição Aratu é melhor conhecida no Brasil Central. Além disso, esta região também dispõe de sólido conhecimento etnográfico, o que permitiu um salto de qualidade dos trabalhos, em termos teóricos, com o questionamento de correlações simplistas, anteriormente estabelecidas, mas não demonstradas, entre fases cerâmicas e sociedades etnográficas atuais (Wüst & Carvalho 1996; Wüst 2000). Especificamente, a tradição Aratu foi correlacionada aos grupos Kayapó, sem a demonstração de uma continuidade entre o registro arqueológico e o presente etnográfico (Schmitz *et alii* 1982). Os trabalhos de Wüst (1983; 1990; 2000) e González (1996) foram particularmente úteis nesse sentido, além de terem contribuído para um melhor entendimento da dinâmica cultural, envolvendo processos de continuidade, ruptura e interação cultural.

Para González (1996) a região Centro-Oeste é considerada uma área de confluência do deslocamento de grupos ceramistas, originários de regiões circunjacentes, e não um corredor de passagem conforme se pensava anteriormente. A tradição Aratu insere-se neste contexto. Embora sua origem seja ainda incerta, mesmo os sítios mais antigos, com datas dos primeiros séculos d.C. exibem uma estrutura anular bem definida, que remete a um padrão de implantação distinto dos grupos ceramistas iniciais, com uma economia baseada na agricultura do milho e uma indústria cerâmica desenvolvida, o que segundo a autora parece fortalecer a hipótese de origem externa. Além disso, não existem evidências de sítios que permitam identificar um processo de mudança cultural a partir de grupos da área.

González (1996:102) aponta as semelhanças existentes entre os padrões da tradição Aratu e certos contextos amazônicos, especialmente a fase Jamari, com sítios localizados no Alto Madeira, em Rondônia, com datações do século VI a.C. (550 a.C.), reportadas por Miller. Além disso, a autora menciona a hipótese de Brochado que relaciona a tradição Aratu a grupos linguísticos Macro-Jê, cujo deslocamento da Amazônia teria ocorrido em direção ao Centro-Oeste. Considerando esta possível origem amazônica, a referida autora conclui que tais incursões ao Centro-Oeste não teriam se dado por meio das grandes vias fluviais do Xingu e Tapajós, uma vez que a distribuição dos sítios supõe uma rota no sentido oeste-leste, do Amazonas/Rondônia, para o centro de Goiás, cruzando os rios Tapajós, Xingu e Araguaia.

A presença da tradição Aratu no nordeste poderia ser explicada a partir de um desmembramento desta mesma rota amazônica, que teria atingido o sul de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Neste caso, os portadores desta tradição cerâmica teriam utilizado o

vale do São Francisco como via de penetração em direção ao sudeste. A própria ocupação Centro-Oeste também parece não ter privilegiado a via fluvial, considerando-se a distância que os sítios apresentam em relação aos maiores rios da área. De qualquer forma, González (1996:102/103) indica além de várias ondas migratórias, a ocorrência de diferentes formas de contato cultural, envolvendo comunidades locais, como parte de uma pluralidade de processos de desenvolvimento cultural.

De acordo com González (1996) durante um período de 700 anos desenvolve-se um processo de intensificação dos assentamentos Aratu, na região de Mato Grosso, Goiás e Tocantins, que irá culminar com o surgimento das grandes aldeias, no século IX. A morfologia circular, por vezes reúne dois a três anéis concêntricos de habitações, dispostos ao redor de uma praça central, cujo diâmetro dos sítios chega a atingir até 500 metros. Contudo, a partir do século X são observadas modificações na implantação, morfologia e tamanho das aldeias, juntamente com uma maior diversidade da indústria cerâmica, marcando o contato com populações portadoras da cerâmica Uru. Apesar dos sítios Aratu ocorrerem até a época do contato, eles apresentam características diversas, como parte de uma dinâmica relacionada a pressões e grupos externos, anterior ao impacto causado pela colonização (González 1996: 104; Wüst 1983).

Mello (1996:269) apresenta evidências arqueológicas para a região do rio Corumbá que complementam esta interpretação. A presença de sítios Aratu na área, relacionados à fase Mossâmedes, teve início por volta de 300 a.C. (Sítio Peixe 2 : 2280 ± 60 BP), com assentamentos de pequenas dimensões (5.000 m<sup>2</sup>). Durante um período, pelo menos até 300 A.D. (Sítio Rochedo: 1650 ± 50 BP), teriam vivido em aldeias não muito grandes (10.000 m<sup>2</sup>), implantadas próximas aos rios maiores. O auge da ocupação foi por volta de 800-1200 A.D., como mostram as grandes aldeias, a exemplo do sítio Engenho da Serra, com dimensões superiores a 200.000 m<sup>2</sup>.

A partir do século XVI, o colapso dos assentamentos Mossâmedes, na área do rio Corumbá, é observado, com os sítios voltando a ter pequenas dimensões e baixa densidade de material, o que poderia ter ocorrido devido a contatos culturais com outros grupos, inclusive o colonizador. De acordo com o referido autor, os sítios Mossâmedes, contendo cerâmica Tupiguarani, seriam um indicador este tipo de contato, neste caso interpretado como trocas de mulheres, relacionadas a práticas de exogamia e não situações de guerra e conflitos (Mello 1996:274).

Uma segunda hipótese sobre a origem das aldeias Aratu é defendida por Wüst & Barreto (1999), que enfatiza a emergência local destas aldeias, como resultado de soluções frente a processos históricos, envolvendo pressões demográficas, interação com grupos vizinhos e necessidades defensivas, resultando numa estrutura organizacional e cosmológica única, ainda hoje observável entre grupos Gê-Bororo. A partir desta perspectiva estas aldeias não são consideradas nem anômalas e nem desenvolvimentos de culturas marginais, conforme sugerido por etnógrafos do passado (Wüst & Barreto 1999:3-4). As semelhanças artefatuais e os modelos de competição e pressão populacional (González 1996; Schmitz & Barbosa 1985), que serviriam de argumento para a defesa de uma origem amazônica, são desconsiderados por Wüst & Barreto (1999). Mas o argumento mais forte das autoras é que as aldeias

amazônicas teriam um padrão de organização diverso do Brasil Central, uma vez que o formato dos sítios costuma ser oval.

González (2001: 37) analisa criticamente ambas posições, argumentando que se a origem externa constitui uma explicação simplista, também a hipótese de desenvolvimento interno necessita de melhor sustentação. Para esta autora, o surgimento das aldeias circulares, a partir dos pequenos grupos já assentados localmente, representa uma grande mudança cultural, até o momento não explicada por meio das evidências arqueológicas disponíveis e de dados sobre pressões demográficas sofridas por estes grupos. Portanto, o melhor seria considerar uma terceira possibilidade, que relaciona a emergência das grandes aldeias tanto a uma combinação de fatores externos como internos, envolvendo a circulação de informações, de bens e de pessoas, ao menos em seu estágio inicial (González 1996; 2001: 38).

#### As grandes aldeias circulares Aratu

É inegável a especificidade das aldeias Aratu, com 100 a 560 metros de diâmetro; 1, 2 ou 3 anéis concêntricos, podendo reunir de 11 a 90 casas, o que indicaria uma necessidade de ampliação do espaço habitacional, devido a um aumento demográfico. Algumas estimativas existentes sugerem a presença de centenas de pessoas nas aldeias menores e de até 2.000 pessoas nas maiores. A cerâmica encontrada nestas aldeias, associada à tradição Aratu, inclui as vasilhas de formato cônico, com mais de 1 metro de altura, destinadas ao armazenamento de alimentos e também utilizadas como urnas funerárias, além das formas globulares, semi-globulares e das formas duplas (González, 2001).

Em termos de organização social, alguns trabalhos etnográficos apontam que a morfologia das aldeias circulares, de grupos atuais do Brasil Central, estaria relacionada a ideais de igualdade e reciprocidade, expressos no espaço físico, por meio de distâncias equivalentes entre as casas (Caiuby-Novas 1983; Lopes da Silva 1983). A identificação de certas regularidades morfológicas ajudaria a compreender aspectos relacionados à organização social e a esferas de poder, como por exemplo o centro da aldeia contendo uma estrutura central, destinada a atividades político-religiosas, a casa dos homens no caso Bororo, ou entre os Xavante, o *warã*. Este último, embora não esteja relacionado a nenhuma construção constitui o local de encontro diário do conselho dos homens maduros, na praça central da aldeia (Maybury-Lewis 1984).

Ainda entre os Xavante, numa das extremidades do círculo de casas está a casa do chefe e quando existe equilíbrio político de facções a aldeia possui mais de um chefe, cujas casas ocupam posições diametralmente opostas. No caminho para o rio, existe uma outra construção, posicionada de costas para a aldeia. Esta é o *Hö*, a casa dos solteiros que abriga meninos pertencentes às classes de idade a serem cerimonialmente iniciadas (Maybury-Lewis 1984). Por outro lado, a casa é considerada domínio feminino, sendo o poder das mulheres exercido no grupo doméstico, por meio de influências pessoais e de trocas e informação, além das tarefas de preparo dos alimentos. Esta relação evidenciaria uma oposição entre o centro da aldeia, como espaço eminentemente masculino e a periferia, com esfera feminina (Lopes da Silva 1983).

Contudo, o modelo etnográfico de Maybury-Lewis (1984), embora reconheça a dualidade como fato irreduzível da vida Xavante, sustenta que esta não consegue dar conta da dinâmica social, envolvendo uma permanente tensão entre relações de solidariedade promovidas pelo *Hö* e um intenso faccionalismo, que acaba preponderando. A dicotomia ente *waniwimhã* (nós) e *watsire'wa* (outros) é, segundo Maybury-Lewis, a melhor maneira de compreender a sociedade Xavante. Para o autor, as metades não se resumem à regulação da troca matrimonial, sendo categorias mentais, que variam segundo o contexto. Como as metades não correspondem a algo físico, torna-se impossível associar a disposição espacial da aldeia a uma organização social fixa. Isto confere certa fluidez à sociedade, cujas relações sociais dependem dos arranjos faccionais das linhagens, em dado momento.

Este argumento contraria a proposta de alguns arqueólogos que defendem “a possibilidade de identificar, em contexto arqueológico, a presença de divisões de aldeia circular em metades...” (González 2001:42). De acordo com esta abordagem, as diferenças observadas na distribuição espacial da cerâmica (presença de artefatos decorados; de vasilhas relacionadas a atividades cerimoniais e econômicas) poderiam expressar tanto a presença de metades, quanto divisões sexuais de trabalho, políticas ou simbólicas. Embora o potencial das análises intra-sítio tenha sido demonstrado, na identificação de áreas de atividade específicas (Wüst & Carvalho 1996; Viana 1999), o modelo de Maybury-Lewis (1984) para os Xavante, aponta certas fragilidades que comprometeriam as tentativas de mapear arqueologicamente divisões políticas na aldeia, dada a fluidez dos arranjos faccionais. Neste caso, o alcance da interpretação arqueológica estaria restrito à identificação morfológica dos grupos domésticos além de certas instituições sociais (ex: casa dos homens; e casa dos solteiros), cuja correspondência no espaço físico possui grande regularidade, embora a visibilidade arqueológica destas construções seja sutil (Wüst & Barreto 1999).

#### A Presença Aratu-Sapucaí no Estado de São Paulo

Afora o sítio Caçapava 1, a presença Aratu, no estado de São Paulo, havia sido identificada por Maranca *et alii* (1994), no município de Olímpia. O sítio denominado Maranata, situado entre as bacias dos rios Tietê e Grande, apresentou características que permitiram associá-lo à variedade Sapucaí, tomando por base as formas dos vasilhames obtidas em reconstrução de laboratório. Em seguida, temos o sítio Água Limpa, no município de Monte Alto, norte do estado de São Paulo, cujo desenvolvimento de pesquisas sistemáticas remonta ao ano de 1992 (Alves & Cheuiche-Machado 1995; Alves & Calleffo 1996; Fernandes 2001).

No sítio Água Limpa, foram encontradas 3 estruturas habitacionais, de formato ovalado, correspondentes a residências comunais, (uma delas com 42 metros de comprimento), todas contendo fogueiras internas e externas às habitações. A presença de urnas funerárias de cerâmica, de formato semi-esférico, com ossos de indivíduos adultos, revelou a existências de sepultamento secundário, em área fora do setor habitacional. Na periferia do sítio mais 11 sepultamentos primários foram encontrados, evidenciando a coexistência de duas práticas funerárias distintas. Quanto à cerâmica, alguns elementos remetem à tradição Aratu-Sapucaí,

a exemplo das urnas globulares (com 45 a 48 cm de diâmetro e 20 a 22 cm de altura), formas duplas, bordas onduladas e vasilhas esféricas com borda extrovertida, embora as bases cônicas estejam ausentes. Todavia, existam atributos decorativos (pintura em faixas vermelhas) e morfológicos (bases planas e formas com perfil complexo), possivelmente indicadores de influências externas (Fernandes 2001).

As datações disponíveis para o Sítio Água Limpa indicam que ele foi habitado por um período de 11 séculos, desde o século V (1524 ± 212 A.P) até o século XV (375 ± 40 A.P), o que constitui um longo intervalo, provavelmente correspondente a várias ocupações. Entretanto, a datação de contextos associados a artefatos diagnósticos da permite supor uma presença Aratu-Sapucaí relativamente tardia: borda ondulada (720 ± 70 A.P.) e vaso duplo (456 ± 50 A.P).

Por fim, as duas últimas ocorrências da tradição Aratu no estado de São Paulo, cujas características da cultura material são mais próximas das indústrias do Brasil-Central, estão relacionadas a projetos de Arqueologia de contrato. A primeira delas é o sítio Água Vermelha II, localizado no noroeste de São Paulo, no município de Ouroeste, no limite com o estado de Minas Gerais (González 1998). Com 400 m de diâmetro, Água Vermelha II, representa uma típica aldeia Aratu, tendo em vista a morfologia do sítio e as características de sua indústria cerâmica. Além de formas pertencentes à tradição Aratu, como vasilhas esféricas com bases cônicas e formas duplas, possui outras formas de contorno simples (vasilhas em meia elipse, cônicas e semi-esféricas) e infletido (forma esférica e forma oval). As vasilhas rasas (tigelas) estariam relacionadas ao preparo e consumo de alimentos, enquanto as de contorno infletido seriam destinadas à cocção de alimentos.

De modo geral, González (1998) relaciona a ocupação de Água Vermelha ao mesmo processo de diversificação cultural ocorrido na região Centro-Oeste, entre os séculos IX-X, considerando este sítio seu representante meridional. Algumas características de sua cerâmica, especialmente o uso do caco moído como antiplástico e as formas infletidas poderiam ser associadas à influência Tupi, enquanto o uso do cariapé remeteria à grupos Uru, indicando uma cerâmica de origens variadas, semelhante a contextos do Brasil Central. Segundo a autora, a cronologia do sítio (1010 ± 50 BP – 970 a 1165 A.D. ; 700 ± 70 B.P. – 1220 a 1410 A.D.) se encaixa neste esquema, possivelmente indicando uma maior rapidez deste processo de diversificação cultural.

A segunda ocorrência arqueológica mais recente da tradição Aratu no estado de São Paulo está relacionada ao sítio Light, situado às margens da represa Santa Branca, no município de Jacareí, Vale do Paraíba (Bornal 2000). Trata-se de um sítio unicomponencial, cuja camada arqueológica de 30 cm, confirmada por perfis estratigráficos, sugere uma ocupação não muito prolongada. A presença de formas e de atributos típicos da tradição Aratu não deixa dúvidas quanto a sua filiação. Foram encontradas vasilhas esféricas com base cônica, cilíndricas de contorno infletido com base cônica, ovóides e semi-esféricas, bem como um cachimbo tubular. Além disso, aparecem, em porcentagem menores, fragmentos com decoração plástica corrugada, unguada, pintura vermelha sobre branco indicando o contato com grupos Tupi-Guarani.



No sítio Light também foi registrado o uso de vasilhas em contexto funerário, estando associadas a vasilhas menores, que serviram como tampa ou acompanhamento. Algumas das urnas apresentaram restos ósseos carbonizados, evidenciado o emprego da cremação entre este grupo. Entretanto, a urna 10 continha fragmentos de crânio associados a ossos longos, sem conexão anatômica, o que indicaria a presença de sepultamento secundário. Como tratou-se de um reconhecimento arqueológico, realizado no ano de 2000, não foram reportadas datações (Bornal 2000).

Contudo, esta evidência adicional da presença Aratu no Vale do Paraíba reveste-se de grande relevo tendo em vista o estudo do sítio Caçapava 1. Além das urnas típicas Aratu, com base cônica, outras vasilhas como a urna de perfil infletido e corpo cilíndrico e a urna de formato ovóide, encontradas no sítio Light, também aparecem no Caçapava 1, cujas remontagens efetuadas permitem realizar comparações. Tais semelhanças poderiam ser interpretadas tanto como uma característica regional da cerâmica, indicando a contemporaneidade parcial de ambos os sítios, como a presença de grupos multi-étnicos oriundos de levadas migratórias.

#### Considerações finais

O sítio Caçapava 1, embora seja um sítio multicomponencial, possui uma área distinta contendo um cemitério indígena com 36 urnas funerárias escavadas e mais 6 estruturas, tendo sido ocupado entre os séculos XI e XIV de nossa era, por grupos portadores da cerâmica Aratu. Estes três séculos de permanência indicam grande estabilidade da população neste local. Trabalhos recentes apontaram a existência de um sítio Aratu também em Jacareí (Sítio Light, atrás mencionado). Notícias sobre escavações realizadas por arqueólogos amadores, em Aparecida, nos anos 60, revelaram a presença Aratu também neste município (Camargo & Camargo 1990). No município de Natividade da Serra, os arqueólogos responsáveis pelas pesquisas arqueológicas na Rodovia Carvalho Pinto visitaram um outro sítio Aratu, a convite de pesquisadores do Museu Histórico de Taubaté (Caldarelli, informação pessoal). Com isto, conclui-se que o Vale do Paraíba teve, provavelmente, uma extensa ocupação Aratu, distribuída por vários dos atuais municípios.

Desse modo, o Vale do Paraíba pode ser compreendido como uma das áreas de confluência dos grupos Aratu originários do Brasil Central. As datações absolutas do sítio Caçapava 1, entre  $870 \pm 40$  B.P e  $590 \pm 50$  B.P., situam estes deslocamentos, precisamente no contexto de diversificação cultural e pressões populacionais exercidas por outros grupos indígenas, antes da conquista européia. Conforme indicado pela bibliografia, nesta mesma época, tais pressões foram responsáveis pelo colapso das grandes aldeias circulares, que resultaram em alterações na morfologia e no padrão de implantação dos sítios, observadas no Brasil Central (Mello 1996; González 1996, 2001; Wüst & Barreto 1999). Conclui-se, portanto, que a ocupação Aratu no sítio Caçapava 1, devido aos padrões de sua cultura material, às dimensões do sítio e aos indicadores de estabilidade, representa um dos remanescentes deste processo acima referido.

#### O VALE DO PARAÍBA HISTÓRICO

*Solange Bezerra Caldarelli*

O povoamento colonial do Vale do Paraíba paulista iniciou-se efetivamente a partir do início do século XVII. A derrocada dos indígenas, após os sucessivos ataques à vila de São Paulo, no movimento que ficou conhecido como “*Confederação dos Tamoios*”, teve como consequência a formação dos aldeamentos de Nossa Senhora da Escada e de São José do Paraíba, em terras hoje pertencentes, respectivamente, aos municípios de Guararema e São José dos Campos, com a finalidade de proteger as fronteiras de São Paulo de Piratininga de ataques de índios hostis (Petroni, 1995). Diz Holanda (1964) que poucos anos antes teria sido menos viável a instalação de moradores brancos ou mamelucos no lugar, em virtude da oposição dos nativos, o “*gentio de bougi*”, formado pelos tupiniquins desgarrados de Piratininga ou de restos dos tamoios que conseguiram sobreviver ao massacre e dispersão de seu povo.

Segundo Monteiro (1994), o adentramento de expedições para o vale do Paraíba, a partir de 1640, foi uma reação à crise no abastecimento de cativos guarani, dos quais dependia vitalmente a população paulista.

*“Nestas investidas surgiu o Caminho Velho dos Paulistas, ou Estrada Real. Ele partia de São Paulo, passava pela Penha, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Guararema, atingindo o Vale do Paraíba, em Jacareí. Estendia-se até Taubaté de onde passava a acompanhar o trajeto do Caminho Velho de Paratí, até atingir a garganta do Embaú”* (Toledo, 2001).

Em 1638, o Governador da Capitania de Itanhaém, Francisco da Rocha, autorizou Jacques Félix a penetrar o sertão de Taubaté, a fim de descobrir minas, pacificar índios e demarcar as terras da Condessa de Vimieiro, cujos limites eram até então desconhecidos. Foi Jacques Félix quem fundou o povoado de São Francisco das Chagas de Taubaté, em 1643, o qual, elevado à categoria de vila em 1645, constituiu o primeiro núcleo urbano oficial do Vale do Paraíba (Ortiz, 1988).

De acordo com Holanda (1964: 95), toda a longa faixa de terra que divide as vertentes da Mantiqueira das da Paranaíacaba deve ter sido libertada dos tupis inimigos durante os anos finais do século XVII. Restavam, portanto, apenas “*as tribos mais tratáveis dos Guaianás, Purís, Guaramomi ou Guarulho, pouco afeiçoadas, contudo, ao mister agrário e adversos de seu natural à vida sedentária. Segundo Marcgrave (1648), em 1601, quando por ali passou Glimmer, já o gentio contrário fora despejado: não achou o viajante viva alma, nem sinal de terra lavrada, ainda que avistasse taperas ao desamparo. Apenas as fumaças que subiam às vezes de entre os matos, indicavam que deviam vagar ali alguns bárbaros sem morada certa, sustentando-se do que graciosamente lhes desse a natureza*”.

Menciona Monteiro (1994:85) que os paulistas, habituados à mão de obra guarani, enfrentaram grandes obstáculos tanto na tentativa de compreender línguas não tupi, quanto na transformação destes índios em trabalhadores produtivos.

Atendendo a um apelo de Jacques Félix e atraídas pela concessão de sesmarias na região, várias famílias paulistas passaram a ir para o Vale do Paraíba, onde se estabeleceram e de onde partiam em busca de índios, ou à procura dos metais preciosos dos Sertões dos Cataguases (situados no lado oposto da Serra da Mantiqueira), nome dado na época às terras posteriormente denominadas Minas Gerais, cujas primeiras notícias começavam a circular entre os habitantes da colônia.

A economia de subsistência dominava nos poucos núcleos povoados do vale do Paraíba, que encerrou o século XVII, segundo Muller (1969:19) com três vilas (Taubaté, Jacareí e Guaratinguetá), dois povoados ligados a patrimônios religiosos (Pindamonhangaba e Tremembé) e dois aldeamentos indígenas (N. Sra. da Escada e São José). *“Observa-se que os núcleos seiscentistas estão limitados ao vale médio superior do Paraíba, desde seu início, onde se fazia a travessia do rio, em N. Sra. da Escada e Jacareí, até o ponto em que a bacia de Taubaté é estrangulada por esporões cristalinos, à altura de Guaratinguetá”*. Instalaram-se, portanto, exatamente na ampla via natural de ligação entre o território mineiro e a linha litorânea, fatos que irão adquirir, segundo a autora, grande significado no século seguinte.

*“Como via de passagem, transformado em área abastecedora das Minas Gerais, o vale do Paraíba irá, no século XVIII, ter sua vida cada vez mais condicionada pelas vias de circulação. Enquanto o curso médio, como amplo corredor de acesso, ganha importância, as ligações entre as áreas mineradoras e o litoral provocarão o aparecimento de vias transversais, trazendo novas possibilidades à ocupação e povoamento da região. (...) As vias transversais de circulação iriam, nesse período, propiciar o início da urbanização fora do caminho geral de circulação do vale médio do Paraíba. Esses caminhos de ligação, do interior para o litoral, decalcavam-se, parcialmente, em trilhas já usadas pelos indígenas. Enquanto o caminho para Minas, pela garganta do Embaú, correspondia à velha trilha guainá, as que buscavam o litoral unindo as atuais cidades de Taubaté e Itatuba e de São José dos Campos e Caraguatatuba, seguiam velhos roteiros dos tamoios”* (Muller, 1969:20; 22).

De acordo com Pasin (2001), nos primeiros anos do povoamento, a exploração das terras consistia em pequenas roças de mantimentos, na construção de engenhocas para o fabrico da farinha, do melado, do açúcar e da aguardente, e na criação de porcos e galinhas. Os escravos eram raros, e a subsistência da família era mantida pelo trabalho dos próprios membros. A produção principal era o milho, o feijão, o arroz, o amendoim, o fumo. O algodão era cultivado para o fabrico de tecidos grosseiros.

Foi nesse contexto que surgiram as moradias rurais que deram origem aos sítios arqueológicos Caçapava 1 (áreas 1, 3 e 5), Caçapava 2 (áreas 1 e 2) e Jacareí 2 (Área 1), dentro do padrão disperso descrito por Müller (1958).

Segundo Pasin (2001), a falta de caminhos e de meios de transporte impedia a mobilidade e o contato entre os vários núcleos de povoadores e o exterior. O comércio era medíocre e rudimentar: um comércio de “beira de caminho”. A falta de braços obrigava as famílias possuidoras de grandes sesmarias a explorarem e cultivarem pequenas glebas de terras, que mal davam para satisfazer o consumo interno. Assim, durante século

e meio, a população valeparaibana prendeu-se a uma economia de subsistência, sem nenhuma possibilidade de aumentar a produção e, conseqüentemente, sem meios de manter um comércio exterior com São Paulo, Rio de Janeiro e outros núcleos.

*“Esse mesmo isolamento, que levou ao desenvolvimento da economia de subsistência e facilitou a eclosão de alguns poucos aglomerados, impediu que neles pudesse haver qualquer possibilidade de uma estruturação sócio-econômica mais complexa, pela incipiência das trocas, a dificuldade de desenvolvimento do trabalho artífice, a nivelção criada por uma vida simples e primitiva. Eram aglomerações de população presa à terra, simples capelas que ajuntavam aos domingos e dias festivos os roceiros dos arredores”*” (Muller, 1969:42).

Ainda de acordo com a autora, o forte componente agrícola dos aglomerados urbanos pode ser deduzido dos primeiros Mapas de População do século XVIII, em que se dizem lavradores cerca de 80% da população de Taubaté e de 60% de Jacareí.

O Vale do Paraíba era, como bem ressalta Pasin (2001), uma das passagens obrigatórias para os que demandavam os “sertões das Gerais” e os portos do Litoral (Paraty e Ubatuba). Assim, entregue a atividades econômicas ligadas à economia de outras regiões, o Vale do Paraíba se viu forçado a desenvolver uma economia de subsistência, como única forma possível de sobrevivência. Taubaté tornou-se, por essa época, o centro da zona rural abastecedora de gêneros alimentícios para as áreas de mineração e para as tropas que circulavam pelo Vale do Paraíba, com destino a Minas Gerais e Ubatuba.

Durante o século XVIII, o vale do Paraíba não deu qualquer sinal de desenvolvimento significativo, já que boa parte de sua população masculina se evadira para Minas Gerais e esta já estava tornando-se auto-suficiente, reduzindo grandemente a demanda por produtos agrícolas de Taubaté.

No último quartel do século XVIII, com o esgotamento das minas, o êxodo das viajantes e aventureiros para outras áreas e a disponibilidade da mão de obra escrava, o Vale do Paraíba intensificou a cultura da cana de açúcar, com a construção de um grande número de engenhos, 56 dos quais localizavam-se em Jacareí (Pasin, 2001).

Economicamente, um pequeno impulso ocorrerá com a vinda da corte real de Portugal para o Brasil, no início do século XIX, acarretando um aumento da circulação pelo vale, devido ao incremento do intercâmbio comercial que se estabeleceu entre os centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Nesta época, surgiram, a pequenos intervalos, os assentamentos rurais representados pelas áreas 2 e 4 do Sítio Caçapava 1; áreas 1 e 2 do Sítio Jacareí 1 e os setores B e C do Sítio Taubaté 1, em volta de um antigo caminho de tropeiros.

Ainda na primeira metade do século XIX, a cultura cafeeira, em pleno processo de expansão, adentrou o Vale do Paraíba paulista, vindo do Rio de Janeiro e instalando-se na região, acarretando a constituição das grandes fazendas cafeeiras que se tornaram o símbolo do vale e gerando enorme riqueza.

Este período marcou indelevelmente a história do vale, que se beneficiou de importantes melhoramentos, como a instalação da Estrada de Ferro Pedro II, em 1876, para ligar São Paulo ao Rio de Janeiro; a instalação de sistema de iluminação a gás nos centros urbanos; a ampliação dos serviços de abastecimento de água e a construção de casas de saúde, além de promover um surto educacional e cultural que levou à criação de escolas, teatros e à edição de jornais locais.

A produção cafeeira, na região, estava estreitamente ligada à mão-de-obra escrava. O dispêndio inicial exigido para a obtenção dos extraordinários lucros proporcionados pelo café só podia ser sustentado por famílias ricas, num ciclo vicioso que as enriquecia cada vez mais. Dessa forma, foram sendo incorporadas às suas terras dos pequenos proprietários rurais, o que levou à formação de grandes latifúndios monocultores de café no Vale do Paraíba.

O café possibilitou aos grandes fazendeiros a construção de mansões residenciais luxuosas nos centros urbanos e de amplas residências na zona rural, onde se situavam as sedes de suas fazendas.

O casarão residencial das fazendas seguia, em geral, um mesmo padrão: construções retangulares amplas, térreas ou assobradadas, cercadas por varandas externas cobertas, com paredes grossas e sólidas e madeiramento de lei (a respeito da arquitetura das fazendas de café valeparaibanas, ver Maia & Hollanda, 1975).

À frente ou ao lado das casas, situava-se o terreiro de pedra ou de tijolo, para a secagem do café. Mais distantes, mas próximas aos terreiros de café, ficavam as casas dos agregados e dos feitores e as instalações onde se guardavam os arreios, as cangas, as cordas e toda a ferramenta necessária ao funcionamento da fazenda. Nos fundos, afastadas das casas grandes, ficavam as senzalas dos escravos, de pau-a-pique ou taipa.

Nenhum dos sítios históricos pesquisados no traçado da Rodovia Carvalho Pinto encontrava-se diretamente associado ao ciclo áureo do café no vale do Paraíba, seja em relação às ricas sedes, seja em relação às senzalas.

Entre o final do século XIX e o início do século XX decaiu a produção cafeeira e iniciou-se o processo de decadência e estagnação do Vale do Paraíba, devido ao esgotamento das terras e à estagnação da escravidão.

Segundo Milliet (1982), em 1854, a produção de café da zona “norte” da província (litoral norte e Vale do Paraíba) equivalia a 77,5% da produção paulista; no entanto, em 1886, esse percentual declinava para 20,0%.

O processo de decadência e estagnação acima mencionado, retratado por Lobato (1959), apenas começou a reverter-se com a industrialização da região, a partir de meados do século XX.

*“Com a decadência do café, o Vale do Paraíba, nas últimas décadas do século XIX, voltou à situação que já enfrentara em fins do século XVIII, de procurar novas formas de produção econômica. Nas áreas rurais, veio a substituição dos cafezais pelas pastagens, fenômeno generalizado, e, em uma ou outra*

*área, procurou-se revalorizar a antiga cultura da cana de açúcar. Paralelamente, os núcleos urbanos, centros de áreas rurais, empobrecidas, descobriram, como ocorreu em todo o País, que havia uma nova possibilidade - a industrialização...”* (Müller, 1969:80).

As primeiras indústrias surgiram na região, de acordo com Pasin (2001), ainda nas últimas décadas do século XIX, exatamente quando se colocou o problema da procura da nova atividade. Tratava-se, na realidade, do reflexo de um processo que se instalava no Brasil, mais especialmente no Estado de São Paulo, em consequência da cessação das medidas restritivas imposta durante o período colonial e como resultado da política protecionista que foi adotada no Império. No Vale do Paraíba, essa fase inicial da industrialização, que se manifestaria na década 1880 - 1890, consubstanciou-se no aparecimento dos primeiros estabelecimentos industriais. Segundo o autor, *“essa fase inicial da industrialização, além de corresponder à ação de condicionamentos de ordem geral, refletiu, também, a atuação de fatores específicos à região. Assim, deve-se considerar que, com a decadência da cafeicultura, capitais dela oriundos teriam ficado disponíveis para outra forma de aplicação; que com a abolição da escravatura e pelo fato de a criação de gado exigir pequeno volume de trabalhadores rurais, refluíu para as cidades uma mão de obra em disponibilidade e de baixo preço”*.

Foi provavelmente devido ao fluxo da mão-de-obra para as cidades que foram abandonadas as moradias rurais representadas pelos sítios arqueológicos históricos da Rodovia Carvalho Pinto.

Com a abolição da escravatura, ao final do século XIX, novos contingentes de homens brancos europeus vieram a se fixar na região, como trabalhadores livres, adquirindo os pequenos lotes de terra em que foram-se subdividindo as grandes propriedades cafeeiras. Eram famílias de italianos, espanhóis, portugueses e de outros países europeus. Ligado a este processo se deu a ocupação dos setores mais recentes do Sítio Jacareí 1, como as áreas 2 e 5.

Fazendas modestas de café, como a representada pelo Sítio Caçapava 3, foram desativadas e substituídas por outras atividades, como a produção oleira, testemunhada pelas duas olarias registradas no sítio.

### **Reflexões finais**

Os sítios arqueológicos históricos evidenciados durante as pesquisas arqueológicas na Rodovia Carvalho Pinto testemunham uma ocupação da região por famílias de origem modesta que, ao longo dos séculos foi-se assentando ao redor dos caminhos que cortavam a região, inicialmente aproveitando as antigas trilhas indígenas e, aos poucos, abrindo novos caminhos. Segundo Holanda (1964: 96), o que os moradores iam buscar naquele sertão era, expressamente, remédio para sua pobreza. *“Tudo faz crer que se tratava, na maioria, de gente de condição e origem apagadas, desprovida em geral de bens da fortuna e dos meios para obtê-los”*.

Assentamentos ao redor de caminhos percorridos por tropeiros foram a situação verificada nos sítios Jacareí 1, Jacareí 2, Caçapava

3 e Taubaté 1. Registrou Zaluar (1975, p. 94), ao percorrer a região em 1860: “Grande número destas casinhas que se vêem à beira da estrada, que percorri de Lorena a São Paulo, são habitadas por empregados. O proprietário do terreno mora a alguma distância do caminho para não ser incomodado pelos transeuntes”.

O que o cronista verificou no século XIX, já ocorria nos séculos XVII e XVIII, só que num contexto diverso: sobrevivendo economicamente de suas poucas lavouras e do fornecimento de víveres aos tropeiros, a população do vale procurava assentar-se à beira dos caminhos por estes percorridos. A partir de meados do século XIX, a situação de subordinação aos grandes proprietários de terras foi-se impondo, tanto aos anteriormente pequenos proprietários rurais, quanto aos mestiços descendentes dos bastardos dos senhores e, posteriormente, aos negros libertos, que também se tornaram empregados.

Os aglomerados rurais, dispersos pelo vale, ao longo dos caminhos, dispunham-se nas proximidades de pequenas capelas, erigidas em pontos elevados do terreno, seja dominando uma única propriedade (caso do Sítio Caçapava 3), seja dominando um conjunto de pequenas moradias (caso do Sítio Jacareí 2).

Com uma planta padronizada quadrangular, as capelas evidenciadas no resgate arqueológico seguem o padrão descrito por Andrade (1978) para as *capelas de um único corpo*.

As moradias rurais, das quais só se encontrou vestígios de esteios e de combustão em alguns dos sítios pesquisados, deviam seguir o padrão descrito também por Andrade (1978), aqui reproduzido: “*casa de taipa com cobertura de duas águas, edificada segundo sucessivos patamares internos, que, para permitir um pé direito mínimo na área do fundo, se eleva na faixa fronteira, possibilitando desta maneira a criação de um segundo piso de ‘sobrado’, no qual era aberta uma pequena envasadura junto ao frechal*”. Estas casas, segundo o autor, assentavam-se sobre terrenos planos ou patamarizados.

Os patamares evidenciados na Área 2 do Sítio Jacareí 2 indicavam uma moradia deste último tipo, enquanto a casa do informante entrevistado, Sr. Antonio Patrocínio, construída pela família Sardão em 1890, aproximadamente, apresentava as características do primeiro tipo, ou seja, casa de taipa de mão, com telhado de duas águas, construída sobre terreno aplainado.



Sítio Jacareí 2: vista da casa do Sr. Antonio Patrocínio, sobre terreno aplainado (construção de 1890)



Sítio Jacareí 2: fachada frontal da casa do Sr. Antonio Patrocínio, feita de taipa de mão



Sítio Jacareí 2: fachada lateral da casa do Sr. Antonio Patrocínio, vendo-se o telhado de duas águas, com telha capa canal

A baixa quantidade de material construtivo (telhas e tijolos) nos sítios pesquisados explica-se pela prática de reciclagem deste tipo de material no Vale do Paraíba, prática comum exatamente devido à pobreza local.

Cabe, finalmente, ressaltar a influência da cultura negra na cultura material do Vale do Paraíba, em especial no que concerne à cerâmica, que apresenta uma tríplice influência: indígena, européia e negra. A probabilidade da influência africana na confecção da cerâmica histórica (denominada também neobrasileira) foi inicialmente aventada por Dias (1988:6-7), que lançou a hipótese de o padrão decorativo inciso, com sua grande variedade de motivos e combinações, ser de origem africana.

Posteriormente, outros autores endossaram esta hipótese (Jacobus, 1996; citados por Morales, 2000). Morales chamou a atenção para novos elementos, comuns na cerâmica africana, observados na cerâmica dita neobrasileira, como a presença de apêndices laterais (atribuída usualmente à influência européia), e a técnica de confecção por acordelamento (considerada frequentemente um indicador de influência indígena). Segundo este autor, a presença de padrões decorativos praticamente idênticos em fragmentos cerâmicos coletados em áreas distantes como São Paulo e Rio Grande do Sul, não reconhecidos no repertório indígena, sugere que os ceramistas tenham repetido padrões já conhecidos e/ou observados dentro de seu escopo cultural, remetendo sua origem a influências africanas (2000:143-145).

Embora nos sítios da Rodovia Carvalho Pinto predomine a decoração de tipo escovado, a decoração de tipo inciso ocorre de forma significativa nos sítios Caçapava 1, onde há um equilíbrio entre a decoração do tipo inciso (32,9%) e do tipo escovado

(35,1%), e Jacareí 1, onde a decoração do tipo inciso está presente em 22,8% dos fragmentos decorados, contra 62,2% do tipo escovado. Nos sítios Jacareí 2 e Taubaté 1, a decoração do tipo inciso ocorre em baixa frequência, estando completamente ausente nos sítios Caçapava 2 e Caçapava 3 não ocorre decoração do tipo inciso. Assim, teríamos uma maior possibilidade de influência africana no conjunto do material cerâmico dos sítios arqueológicos Caçapava 1, Jacareí 1 e Jacareí 2.

Quanto à presença de apêndices, principalmente asas aplicadas no corpo dos vasilhames, referidas como elemento que poderia estar relacionado à influência africana, estas ocorrem em todos os sítios da rodovia Carvalho Pinto (com baixa frequência apenas no Sítio Caçapava 1). No entanto, como aparecem também na cerâmica ibérica, não se pode considerar esses atributos, por si sós, diagnósticos da influência negra.

Quanto aos cachimbos encontrados nos sítios arqueológicos da Rodovia Carvalho Pinto, parecem ser, se não de fabricação negra, ao menos de consumo principal de negros e mulatos. Spix & Martius (1976, p. 111), percorrendo a região no início do século XIX, comentaram que negros, mulatos e mamelucos formavam, no Vale do Paraíba, a maior parte da população e que não era raro verem-se mulheres de cachimbo na boca, sentadas diante de suas casas.

Poucas publicações falam de achados de cachimbos em pesquisas arqueológicas no Vale do Paraíba do Sul, a saber:

- Camargo & Camargo (1990) mencionam um cachimbo de barro encontrado no município de Aparecida, com decoração antropomorfa esculpida. A peça apresenta de cada lado uma figura humana inteira, com os braços descidos até a parte inferior do ventre. As características deste cachimbo não encontram similares nos cachimbos registrados nos sítios da Rodovia Carvalho Pinto.
- Lima (1993) relata a descoberta de cachimbos de cerâmica em escavação arqueológica feita numa fazenda de café do século XIX no vale do Paraíba fluminense, os quais a autora atribui aos escravos de origem africana. Analisados posteriormente por Agostini (1997), esses cachimbos parecem assemelhar-se aos da Rodovia Carvalho Pinto, inclusive cronologicamente.
- Bernal (1995) descreve a presença de diversos cachimbos de tipo angular no Sítio São Francisco 01, em São Sebastião, destacando a ocorrência de algumas peças produzidas em moldes de duas bandas, em meio a uma maioria modelada a mão, o que também foi registrado na Rodovia Carvalho Pinto.

Nossa opinião é que, embora cachimbos possam ter sido, ocasionalmente, produto de fabricação local, deveriam ser eram produzidos por pequenos fabricantes, que os comercializavam para o mercado regional. Esta hipótese é reforçada pela menção que Brancante (1981) faz da existência de uma pequena fábrica de cachimbos de barro em São Sebastião, bairro de São Francisco, que remonta ao período imperial, e que se encontrava ainda em atividade quando da publicação de sua obra. Esta referência pode ser de grande importância para a arqueologia do Vale do Paraíba,

principalmente quando se lembra que a antiga estrada para São Sebastião cortava o Sítio Jacareí 1, no qual foi encontrado o maior número de fragmentos de cachimbos de barro da Rodovia Carvalho Pinto.

Existe, também, uma referência de fabricação de cachimbos em Jambeiro, no Vale do Paraíba, citada por Tibiriçá (1940), apresentando cachimbos confeccionados por modelagem e decorados em baixo relevo com a utilização de estiletos, denominados localmente de “pitos de motolia”.

A presença de cachimbos no vale é atestada desde o século XVIII. Holanda (1964) cita Dom Antonio Rolim de Moura, que, ao atravessar a região, no século XVIII, comenta, sobre os moradores de Mogi, que, “assistindo quase sempre na roça, vai-lhes o tempo em cachimbar e embalar-se na rede, em camisas e ceroulas, sua vestimenta ordinária, fiados só nos carijós que lhes dão o sustento”.

Os sítios arqueológicos resgatados na Rodovia Carvalho Pinto testemunham dois séculos de história regional, uma vez que representam ocupações que se estenderam de meados do século XVIII a meados do século XX. Marginalizados do centro dos acontecimentos, que ou ocorriam longe dali, em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Minas Gerais, ou giravam em torno das grandes propriedades cafezeiras, seus moradores sobreviveram da pequena lavoura e da reduzida criação doméstica (atestada por restos alimentares coletados no Sítio Jacareí 2), suplementada pelo fornecimento de víveres aos viajantes que percorreram a região nos séculos XVIII e XIX. Só com a decadência da monocultura cafeeira é que vai surgir uma ocupação de pequenos proprietários remediados, em geral representados por imigrantes e seus descendentes, conforme atesta o Sítio Jacareí 1. Contemporaneamente a este sítio, no Sítio Caçapava 3 uma mesma família de pequenos proprietários brasileiros foi-se adaptando ao período da decadência econômica que se seguiu ao surto cafeeiro, numa propriedade desmembrada em pequenos lotes, nos quais ainda residiam alguns membros da família quando se fez a pesquisa de campo.

As datações obtidas para os sítios arqueológicos históricos, as primeiras conhecidas para o vale do Paraíba paulista, são sumarizadas nos dois quadros abaixo, o primeiro dos quais apresenta, em ordem cronológica, as datações absolutas conseguidas com amostras de carvão, enquanto o segundo procura correlacionar todos os elementos cronológicos disponíveis, de modo a refinar e ampliar o primeiro quadro, uma vez que nenhuma dessas moradias representa um momento singular, mas um período ocupacional, que abrangeu no mínimo duzentos anos e seis gerações<sup>1</sup>.

Rodovia Carvalho Pinto – datações obtidas por Beta Analytic Inc.				
Sítio	Nº Amostra	Procedência	Método	Idade (AP) <sup>2</sup>
Caçapava 2	168123	Área 1 – 0,50m	C14	350 ± 70
Caçapava 2	168124	Área 2 - 1,30m	AMS	220 ± 40
Caçapava 1	168121	Área 5 - Trincheira 7 – 0,40m	C14	190 ± 70
Jacareí 1	166262	Área 2 – 0,15m	C14	110 ± 60
Taubaté 1	166264	Setor B - Estrutura 2 – 0,25m	C14	100 ± 50
Caçapava 1	168122	Área 1 - Trincheira 5 – 0,45m	AMS	90 ± 40
Jacareí 2	166263	Área 5 - forno	C14	80 ± 60

<sup>1</sup> Sobre o conceito de geração, em História, ver Glénisson, 1961: 62/63.

<sup>2</sup> AP = Antes do Presente, sendo o presente, por convenção, o ano de 1950.

Rodovia Carvalho Pinto – comparação entre os elementos cronológicos.							Integração das datas (período da ocupação)		
Sítio	Setor	Datação relativa (louça)			Moedas (ano de início)	Datas absolutas (C14)	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
		Data média	Período de ocupação						
			Início	Fim					
Caçapava 1	Área 1	1780	1700	1860		1.860±40			
Caçapava 1	Área 2	1833	1780	1887					
Caçapava 1	Área 3	1785	1700	1860					
Caçapava 1	Área 4	1824	1700	1950					
Caçapava 1	Área 5	1816	1762	1880		1.760±70			
Caçapava 2	Área 1	1844	1781	1905	1.826	1.600±70			
Caçapava 2	Área 2	1859	1781	1972		1.730±40			
Caçapava 3		1874	1700	1972					
Jacareí 1	Área 1	1828	1762	1891					
Jacareí 1	Área 2	1849,5	1762	1952		1.840±60			
Jacareí 1	Área 4	1854	1780	1952					
Jacareí 2	Área 1	1760	1700	1830	1.820				
Jacareí 2	Área 2/5	1898	1700	1972		1.870±60			
Jacareí 2	Área 4	1919	1850	1972					
Taubaté 1	Setor A	1847,5	1762	1972	1.868				
Taubaté 1	Setor B	-	-	1808		1.850±50			
Taubaté 1	Setor C	1812	1762	1860					



*REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*





- ABREU, J. Capistrano de  
1954 **Capítulos de História Colonial.** Rio de Janeiro, Briguet.
- ABREU, Maria Morgado de  
1985 **Taubaté - de núcleo irradiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba.** Aparecida do Norte, Santuário.
- AGOSTINI, Camilla  
1997 **Cachimbo de escravos e a reconstrução de identidades africanas no Rio de Janeiro, século XIX.** Monografia de Bacharelado, Faculdade de Arqueologia, UNESA, Rio de Janeiro.
- ALBUQUERQUE, Marcos *et alii*  
1994/5 Preservação de objetos metálicos resgatados em sítios arqueológicos históricos. **Revista de Arqueologia**, 8 (2): 287-301.
- ALEXANDRIA ARCHAEOLOGY MUSEUM  
2001 To Witness the Past: African American Archaeology in Alexandria, Virginia (2). **African American Freedom in Alexandria.** In: <http://oha.ci.alexandria.va.us/archaeology/ar-exhibits-witness-2.html>.
- ALMEIDA, A. Paulino  
1935 O aldeamento dos índios Purus. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, I (XI): 57-61.
- ALVES, M. A. & CALLEFFO, M.  
1996 Sítio Arqueológico de Água Limpa, São Paulo – Estruturas de Combustão, restos alimentares e padrões de subsistência. **Revista do MAE**, São Paulo, 6: 123-140.
- ALVES, M. A. & MACHADO, L. Cheuiche.  
1995 Estruturas Arqueológicas e Padrões de Sepultamento do Sítio de Água Limpa, Município de Monte Alto, São Paulo. **Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Porto Alegre, PUCRS, nº1, v. 2, pp. 295-310.
- ANDRADE, Antonio Luiz Dias de  
1978 Técnicas construtivas e sistemas estruturais no Vale do Paraíba. **Arquitetura**, nº 19.
- ANÔNIMO  
s/d Ceramic Marks: General Guide to Pottery Trade Marks. In: <http://www.netcentral.co.uk/steveb/mark/general.htm>
- ANÔNIMO  
2001 Ceramics from Johnson's Island. In: <http://www.heidelberg.edu/~dbush/ceram.html>
- ANÔNIMO  
s/d **Coleção História da Industrialização.** UNICAMP, Arquivo Edgard Leuenroth. In: <http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br/>
- ANÔNIMO  
s/d **Famous Potters of Stoke-on-Trent.** In: [www.netcentral.co.uk/steveb/potters/](http://www.netcentral.co.uk/steveb/potters/)
- ANÔNIMO  
2002 Heather's Nostalgic Antiques and Collectibles. In: [http://www.heanosantiq.com/ceramic\\_and\\_pottery\\_marks2.htm](http://www.heanosantiq.com/ceramic_and_pottery_marks2.htm)
- ANTONIL, André João  
1974 **Cultura e opulência no Brasil.** São Paulo, Cia. Ed. Nacional.
- ARAÚJO, Astolfo G. de M. e CARVALHO, Marcos R. R. de  
1993 A louça inglesa do século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, MAE/USP, 3:81-95.
- AZEVEDO, Aroldo de  
1940 O vale do Paraíba (trecho paulista). **Monografias Regionais**, São Paulo, 573-587.  
1959 Aldeias e aldeamentos de índios. **Boletim Paulista de Geografia**, 33.
- BAUGHER-PERLIN, Sherene  
1982 Analyzing Glass Bottles for Chronology, Function, and Trade Networks. In: DICKENS, Jr, Roy S. (ed) - **Archaeology of Urban America.** New York, Academic Press, p. 257-290.
- BECKER, I. I. & SCHMITZ, P.I.  
1969 Cachimbos do Rio Grande do Sul. **Pesquisas, Antropologia**, São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 20.
- BLASI, Oldemar & GAISSLER, Miguel  
1991 **Notícia sobre o sítio arqueológico de Jacareí.** Relatório encaminhado ao Museu Antropológico do Vale do Paraíba, em Jacareí (SP).
- BORNAL, W. G.  
1995 **Sítio Histórico São Francisco – 01. Contribuição à arqueologia histórica.** Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.  
2000 **Sítio Light – Reconhecimento Arqueológico – Relatório Final.**
- BRANCANTE, Eldino F.  
1981 **O Brasil e a Cerâmica Antiga.** São Paulo, Cia. Lithographica Ypiranga.  
1993 **Litoral Norte – O Buraco do Bicho.** Amostragens. Inédito.
- BROCHADO, Joaquim. P.  
1969 Arqueologia Brasileira em 1968. **Publicações Avulsas**, 12. Belém, MPEG.  
1980 A tradição cerâmica tupiguarani na América do Sul. **CLIO**, 3. Recife, UFPE.

- BRUNO, Ernani Silva  
1967 **História do Brasil Geral e Regional, 5: São Paulo e o Sul.** São Paulo, Cultrix.
- BUENO, Renata Franco  
1967 **Imigração e Industrialização nos Municípios Paulistas. Um estudo deste fenômeno até as décadas de 1950/1960 no município de Jundiá.** São Paulo, PUC, Monografia. In: [http://www.ecco.com.br/vita\\_mia/mono4b.htm](http://www.ecco.com.br/vita_mia/mono4b.htm)
- CAIUBY-NOVAES, S.  
1983 As Casas na organização social do espaço Bororo. In: Caiuby-Novaes, S. (Org.), **Habitacões Indígenas,** São Paulo, Nobel/Edusp, pp. 56-76.
- CALDARELLI, Solange B.  
1994 **Projeto de levantamento e salvamento do patrimônio arqueológico da faixa de domínio da Rodovia Carvalho Pinto, Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.** Vol. 1 e 2, encaminhado à Protran Engenharia Ltda. São Paulo, SCIENTIA Consultoria Científica/IPARQ-UNISANTOS.
- CAMARGO, C.B.R. de & CAMARGO, V.  
1990 Arqueologia no Vale do Paraíba - Escavações Arqueológicas em Aparecida. **Cadernos Culturais do Vale do Paraíba, 5.** Caçapava, Centro Educacional Objetivo / Fundação Nacional do Tropeirismo.
- CARDIM, Fernão  
1974 **Tratados da Terra e da Gente do Brasil.** São Paulo, Nacional/MEC.
- CARLE, Cláudio B.  
1996 O conhecimento e o uso dos metais nas Missões, RS-Brasil. **Historical Archaeology in Latin América,** 13: 48-76.
- CASAL, Ayres de  
1975 **Corografia Brasílica.** Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP.
- CEMA/DERSA  
1990 Rodovia Governador Carvalho Pinto – Estudo e Relatório de Impacto Ambiental. São Paulo, CEMA.
- CHARTKOFF, J. L.  
1978 Transect Interval Sampling in Forests. **American Antiquity,** 43 (1): 46-53.
- CHMYZ, et alii  
1976 Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia.** Ano 1, nº 1, 1976. Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade Federal do Paraná.
- CROPANI, Barão O. de Fiore de  
1949 Índios e brancos no município de São José dos Campos. **Investigações,** 9: 95-102.
- CUSHION, John P.  
1987 **Manuel de la céramique européenne.** Fribourg, Suisse, Office du Livre, 732p.
- DERBY, Orville  
1899 O roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,** 4.
- DIAS Jr., Ondemar F.  
1988 A cerâmica neo-brasileira. **Arqueo-IAB, Textos Avulsos,** Rio de Janeiro, IAB, 01: 3-13.
- D'ORBIGNY, Alcide  
1976 **Viagem pitoresca através do Brasil.** Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP.
- ERICSON, Jonathan *et alii*  
1971 Research Design: The relationships between the primary functions and the physical properties of ceramic vessels and their implications for ceramic distribution on an archaeological site. **Anthropology UCLA,** 3 (2): 84-95.
- FERNANDES, Suzana Cesar Gouveia  
2001 **Estudo tecnopológico da cultura material das populações pré-históricas do Vale do Rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucai.** *Dissertação de Mestrado.* São Paulo, FFLCH-USP.
- FOURNIER Garcia, Patrícia  
1990 **Evidencias arqueologicas de la importacion de ceramica en Mexico, com base en los materiales del ex-convento de San Jeronimo.** Mexico, Instituto Nacional de Antropologia e Historia, 1a. edição, (Coleccion Cientifica - Serie Arqueologia).
- GLENISSON, Jean  
1961 **Iniciação aos Estudos Históricos.** São Paulo, DIFEL.
- GOMES, Flamarion *et alii*  
1997 Know how para o tratamento químico de metais em arqueologia e leitura histórica dos artefatos arqueológicos de metal da Guarda de São Martinho. **Revista do CEPA,** Santa Cruz do Sul, 21 (25): 7-19.
- GONZÁLEZ, E. M. Robrahn  
1996 Os grupos ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro. **Revista do MAE,** São Paulo, 6: 83-121.  
1998 **Água Vermelha: pesquisa arqueológica de salvamento.** São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, 87p.  
2001 As Aldeias Circulares do Brasil Central. **Brasil 50 Mil Anos: Uma Viagem ao Passado Pré-Colonial,** São Paulo, Edusp, MAE-USP, pp. 35-43.

- GONZÁLEZ, E. M. R. & ZANETTINI, P. E.  
1999 **Jacareí às vésperas do descobrimento: a pesquisa arqueológica no Sítio Santa Marina.** Jacareí, Mônaco Siani/Prefeitura Municipal/Fundação Cultural de Jacareí.
- GOULARTI, Daiane  
1998 **Feito de barro: Um estudo de olaria feito pela arqueologia histórica-industrial.** Monografia de conclusão de curso, Santos, FAFIS, Universidade Católica de Santos.
- HENRICKSON, Elizabeth & MCDONALD, M. M. A.  
1983 Ceramic form and function: an ethnographic search and an archaeological application. **American Anthropologist**, 85 (3): 630-643.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de  
1964 Caminhos do Sertão. **Revista de História**, USP, 15 (57): 69-11.  
1975 **Caminhos e Fronteiras.** Rio de Janeiro, José Olympio.
- HOLLOWAY, Thomas H.  
1984 **Imigrantes para o Café.** Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HUNT, Bill  
s/d **Medicine Bottle Glass Index.** Lincoln, Midwest Archaeological Center. In: [http://www.mwac.nps.gov/bottle\\_glass/](http://www.mwac.nps.gov/bottle_glass/)
- JACOBUS, André  
1996 **Resgate arqueológico e histórico do Registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha/RS).** Dissertação de Mestrado, IFCH-PUC/RS.
- JONES, Olive & SULLIVAN, Catherine  
1989 **The Parks Canada Glass Glossary.** Canadian Parks Service.
- KNIVET, Anthony  
1878 Notável viagem que, no ano de 1851 e seguintes fez Antonio Knivet da Inglaterra ao Mar do Sul, em companhia de Thomas Cavendish. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 41.
- LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José P.  
1988 **Cerâmica Guaranin.** Porto Alegre, Posenato Arte & Cultura.
- LERY, Jean de  
1972 **Viagem à Terra do Brasil.** São Paulo, Martins.
- LIMA, Tania Andrade  
1995/6 Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, 2(3), pp. 46-98.
- LIMA, Tania Andrade et alli.  
1989 **A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro.** Dédalo, Publicações Avulsas 1, pp.205-230.  
1993 Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc. XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material.** São Paulo, USP, n.s., 1.
- LOBATO, J. B. Monteiro  
1959 **Cidades Mortas.** São Paulo, Brasiliense.
- LOPES DA SILVA, A.  
1983 Xavante: Casa – Aldeia – Chão – Terra – Vida. In: Caiuby-Novaes, S. (Org.), **Habitções Indígenas**, São Paulo, Nobel/Edusp, pp. 33-56.
- LORÊDO, Wanda M.  
1994 **Manual de Conservação em Arqueologia de Campo.** Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural – Departamento de Proteção.
- LOWIE, Robert H.  
1946 The indians of eastern Brazil. **Handbook of South American Indians**, 1. Washington, Smithsonian Institution.
- MAGALHÃES, Basílio de  
1978 **Expansão territorial do Brasil colonial.** São Paulo, Nacional.
- MAIA, Tom & HOLLANDA, Sérgio B. de  
1975 **Vale do Paraíba, Velhas Fazendas.** São Paulo, Nacional/EDUSP.
- MAIA, Tom & MAIA, T. R. C.  
1981 **O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba.** São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/Universidade de Taubaté.  
1988 **Vale do Paraíba - Vida Cultural.** Caçapava, Centro Educacional Objetivo/Fundação Nacional do Tropeirismo.
- MARANCA, Sílvia  
1969 Dados Preliminares sobre a Arqueologia do Estado de São Paulo. **Publicações Avulsas**, 13. Belém, MPEG.  
1994 Projeto Oeste Paulista de Arqueologia do Baixo e Médio Vale do Rio Tietê: Síntese dos Trabalhos Realizados. **Revista do MAE**, São Paulo, 4: 223-226.
- MAYBURY-LEWIS  
1984 **A Sociedade Xavante**, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.

- MELLO, P. J. C.  
1996 **Levantamento e resgate do patrimônio arqueológico da área diretamente afetada pela Usina hidrelétrica Corumbé (GO). Relatório final.** Instituto Goiano de Pesquisas Arqueológicas, Universidade Católica/Furnas Centrais Elétricas, S.A., Goiânia.
- MATEUS, João M.  
1999 Construção para um melhor conhecimento da história do fabrico do tijolo. **Pedra e cal: Revista do Grêmio das empresas de conservação e restauro do patrimônio arquitetônico** – Ano I, nº 4, Lisboa.
- MEGGERS, B. & EVANS, C.  
1970 **Como interpretar a linguagem da cerâmica: guia para arqueólogos.** Washington D.C. ,Smithsonian Institution.
- METRAUX, Alfred  
1946 The Puri-coroado linguistic family. **Handbook of South American Indians**, 1. Washington, Smithsonian Institution.
- MILLIET, Sérgio  
1982 **Roteiro do café e outros ensaios.** São Paulo, Hucitec.
- MOLNAR, S.  
1971 Human tooth wear, tooth function and cultural variability. **American Journal of Physical Anthropology**, 34: 175-190.
- MONTEIRO, John M.  
1994 **Negros da terra – índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo, Cia. das Letras.
- MORALES, Walter F.  
2000 **A escravidão esquecida: a administração indígena em Jundiá durante o século XVIII.** Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.
- MOTTA Sobrinho, Alves  
1967 **A Civilização do Café.** São Paulo, Brasiliense.
- MOTTA, J. Flávio & R. L. MARCONDES  
2002 **Duas fontes documentais para o estudo dos preços dos escravos no Vale do Paraíba paulista.** In: [http://www.ipea.gov.br/redepesq/produtos/anpec/encontro/trabalhos/historia\\_economica2/JFMotta&RLMarcondes.rtf](http://www.ipea.gov.br/redepesq/produtos/anpec/encontro/trabalhos/historia_economica2/JFMotta&RLMarcondes.rtf)
- MÜLLER, Nice Lecocq  
1958 Apontamentos sobre o “habitat” rural no vale do Paraíba (Estado de S. Paulo). **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, São Paulo, 10 (1): 183-220.  
1969 **O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba, Estado de São Paulo.** Rio de Janeiro, IBGE.
- NAUTICAL ARCHAEOLOGY PROGRAM  
2003 Nautical Archaeology at Texas A & M. Evolution of English Household Tableware. In: <http://nautarch.tamu.edu/class/313/ceramics/period-6.htm>
- NEVES, Walter A.  
1988 Uma proposta pragmática para cura e recuperação de coleções de esqueletos humanos de origem arqueológica. **Boletim do Museu Emílio Goeldi, Antropologia**, 4(1):3-26.
- NIMUENDAJU, Curt  
1981 **Mapa Etnohistórico.** Rio de Janeiro, IBGE.
- ORTIZ, J. Bernardo  
1988 **São Francisco das Chagas de Taubaté**, v. 1 e 2. Taubaté, Prefeitura Municipal.
- PASIN, José Luiz  
2001 **Os fundamentos históricos da industrialização do Vale do Paraíba.** In: <http://valedoparaiba.com>
- PETRONE, Pasquale  
1995 **Aldeamentos paulistas.** São Paulo, EDUSP.
- PILEGGI, Arisitides  
1958 **Cerâmica no Brasil e no Mundo.** São Paulo, Livraria Martins Editora.
- PONÇANO, Waldir et alli  
1981 **Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo.** São Paulo, IPT.
- PROUS, André  
1992 **Arqueologia Brasileira.** Brasília, UnB.
- REIS, Paulo Pereira dos  
1979 O Indígena do Vale do Paraíba. **Coleção Paulística**, 16. São Paulo, Governo do Estado.
- RICE, P.M.  
1987 **Pottery Analysis.** London, Univ. oh Chicado Press.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna  
1986 **Línguas Brasileiras.** São Paulo, Loyola.
- RYE, Owen S.  
1981 **Pottery Technology – Principles and Reconstruction.** Washington, D.C., Taraxacum Inc.
- SAMFORD, Patrícia M.  
1990 Response to a market: dating english underglaze transfer-printed wares. **Historical Archaeology**, 31(2):01-31.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de  
1974 **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo - 1822.** Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP.

- SAINT MARY'S UNIVERSITY  
2002 **Archaeology Lab Ceramics Database.** Shell-  
edged Pearlware. In: [http://www.stmarys.ca/  
academic/arts/anthropology/sdavis/  
ceramics/  
shell.htm](http://www.stmarys.ca/academic/arts/anthropology/sdavis/ceramics/shell.htm).
- SAUGET, Bernadette et Jean-Michel  
1987 **Archéologie et Autoroute: La Chapelle de Pessat.**  
Marsat, Musée Francisque Mandet/Société  
des Autoroutes paris-Rhin-Rhône/Direction des  
Antiquités Historiques d'Auvergne.
- SCHADEN, Egon  
1954 Os primitivos habitantes do território paulista.  
**Revista de História**, 18.
- SCHMITZ, P. I.; A. S. BARBOSA & M. B. RIBEIRO (Org.)  
1978/79/90 Os Cultivadores do Planalto e do Litoral. **Anuário  
de Divulgação científica**, 9. Goiânia, IGPA/UCG.
- SCHMITZ, P. I & BARBOSA, A. S.  
1985 **Horticultores pré-históricos do estado de Goiás.**  
Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P. I., WÜST, I, S.M. COPÉ & U. M. E. THIES  
1982 Arqueologia do Centro-Sul de Goiás: uma fronteira  
de horticultores indígenas no centro do Brasil.  
**Pesquisas Antropologia**, n° 33. Instituto Anchietano  
de Pesquisas, São Leopoldo.
- SENDIN, Armando Moral  
1975 **Cerâmica artística: Técnicas de decoração.** São  
Paulo, Ed. Folco Masucci.
- SERRANO, Antônio  
1937 Subsídios para a Arqueologia do Brasil Meridional.  
**Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, 36.
- SOUZA, Ana Cristina de  
1998 **Fábrica de Pólvora e Vila Inhomirim: aspectos  
de dominação e resistência na paisagem e em  
espaços domésticos (século XIX).** São Paulo,  
FFLCH/USP, Dissertação de Mestrado.
- SOUZA, Margareth de Lourdes  
1997 **Arqueologia histórica aplicada ao  
reconhecimento de uma fazenda colonial.** São  
Paulo, Dissertação de Mestrado apresentada à  
FFCLH/USP.
- SOUTH, Stanley  
1978 Evolution and horizon as revealed in ceramic  
analysis in historical archaeology. In: R. L.  
Schuyler (ed.) – **A guide to substantive and  
theoretical contributions.** Batwood Publishing  
Company: 68-82.
- SPIX, J. B. von & MARTIUS, K. F. P. von  
1976 **Viagem pelo Brasil**, 3 v.. São Paulo,  
Melhoramentos.
- STELLE, Lenville J.  
1991 **An archaeological guide to historic artifacts on  
the Upper Sangamon Basin.** Illinois, Parkland  
College. In: [http://virtual.parkland.cc.il.us/lstelle1/  
len/archguide/documents/archguide.htm](http://virtual.parkland.cc.il.us/lstelle1/<br/>len/archguide/documents/archguide.htm)
- SUBMARINO  
2002 **Obras Raras.** In: [http://www.submarino.com.br/  
rares\\_productdetails.asp?Query=&ProdTypeId=8  
&CatId=8822&PrevCatId=8822&ProdId=913721  
&ST=BF8822](http://www.submarino.com.br/<br/>rares_productdetails.asp?Query=&ProdTypeId=8<br/>&CatId=8822&PrevCatId=8822&ProdId=913721<br/>&ST=BF8822)
- SYMANSKI, Luís Cláudio P.  
1998 **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre  
no Século XIX.** Porto Alegre, EDIPUCRS.  
1998 Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra  
de vidros do Solar Lopo Gonçalves. **Revista de  
Arqueologia**, Sociedade de Arqueologia Brasileira,  
11:71-86.  
2001 **Louças e auto-expressão em regiões centrais,  
adjacentes e periféricas do Brasil.** In: A. Zarankin  
& M. X. Senatore – Arqueologia da Sociedade  
Moderna na América do Sul. Buenos Aires, Ed. Del  
Tridente, pp. 31-62.
- TAUNAY, Affonso de E.  
1927 O caminho entre S. Paulo e o Rio de Janeiro na era  
colonial. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, III:  
197-243.
- THE POTTERIES.ORG  
s/d **A guide to British ceramic companies their  
history, trade and initial marks.** In: [http://  
www.netcentral.co.uk/steveb/mark/  
index.html](http://<br/>www.netcentral.co.uk/steveb/mark/index.html)
- THE POTTERY STUDIO  
2002 **Pottery Studio.** In: [http://www.studiopottery.com/  
potteries](http://www.studiopottery.com/<br/>potteries).  
2002 **Societe Ceramique Maestricht.** In: [http://  
www.studiopottery.com/  
potteries/societeceramiqu  
emaestricht.html](http://<br/>www.studiopottery.com/potteries/societeceramiqu<br/>emaestricht.html)
- TIBIRIÇÁ, Ruy  
1936 Arqueologia Brasileira. **Revista do Arquivo  
Municipal**, São Paulo, XXX: 140-143.  
1940 Pitos de Barro. **Revista do Arquivo Municipal**,  
São Paulo, LXIX.
- TOCCHETTO, Fernanda B. et alli  
2002 **A faiança fina em Porto Alegre: vestígios  
arqueológicos de uma cidade.** Porto Alegre,  
Unidade Editoria da Secretaria Municipal de  
Cultura, 2002.
- TOLEDO, Francisco Sodero  
2001 **Caminhos de penetração, povoamento e  
colonização.** In: <http://www.valedoparaiba.com>
- UBELAKER, D. H.  
1989 **Human skeletal remains: excavation, analysis,  
interpretation.** Washington DC: Taxaracum.

- VIANA, S.  
1996 Análise Espacial Intra-Sítio: O Estudo do Sítio Lourenço, **Revista de Arqueologia**, 9: 65-87.
- VICHERD, Georges  
s/d **Autoroutes dans l'Ain et Archéologie: Grands Sauvetages Archéologiques sur le Tracé des Autoroutes A40 et A42 de 1980 à 1986.** Lyon, Direction des Antiquités Rhône-Alpes/société des Autoroutes Paris-Rhin-Rhône.
- WHITE, T. D.  
1991 **Human osteology.** San Diego. Academic Press.
- WORTHY, Linda  
1982 **Classification and interpretation of late nineteenth and early twenty-century ceramics.** In: Dickens, Jr. & Roy, S. (orgs.) – *Archaeology of urban America. The search for patterns and process.* New York, Academic Press, p. 329-359.
- WÜST, I.  
1983 **Aspectos da Ocupação Pré-Colonial em uma Área do Mato Grosso de Goiás: Tentativa de Análise Espacial.** Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, São Paulo.  
1990 **Continuidade e mudança: Para uma interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-Coloniais do Rio Vermelho, Mato Grosso.** Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.
- WÜST, I & BARRETO, C.  
1999 The Ring Villages of Central Brazil: A Challenge for Amazonian Archaeology. **Latin American Antiquity**, 10 (1): 3-23.
- WÜST, I & CARVALHO, H. B.  
1996 **Novas Perspectivas para o Estudo dos Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileira: A Análise Espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás.**
- ZANETTINI, Paulo E. & Camargo, Paulo F.B.  
1999 **Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?** *Pré-print* p, 43 pp.
- ZALUAR, Augusto Emilio  
1975 **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861).** Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP.





*EQUIPE TÉCNICA*



<b>Dra. Solange Bezerra Caldarelli</b> Coordenação científica dos trabalhos	Scientia
<b>Dra. Eliete Pythagoras Britto Maximino</b> Responsável pela equipe do IPARQ e pelo estudo dos artefatos de metal	IPARQ
<b>Ms. Denise Maria Cavalcante Gomes</b> Responsável pela análise da cerâmica indígena	Scientia
<b>Ms. Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani</b> Responsável pela análise da louça e do vidro	Scientia
<b>Ms. Maria do Carmo Mattos Monteiro dos Santos</b> Responsável pela análise da cerâmica histórica	Scientia
<b>Bel. Rafael Bartolomucci</b> Responsável pelo estudo do material osteológico	Scientia
<b>Lic. Daiane Goularti</b> Responsável pelo estudo do material de olaria	IPARQ
<b>Keylla Barros Rodrigues Valença</b> Auxiliar dos estudos dos artefatos de louça	Estagiária Scientia
<b>Rafael Pedott</b> Auxiliar dos estudos da cerâmica histórica	Estagiário Scientia
<b>Ricardo Monma</b> Auxiliar dos estudos dos artefatos de vidro	Estagiário Scientia
<b>Daniela Serra</b> Remontagem da cerâmica indígena	Estagiária IPARQ
<b>Eloá Maria Stroh</b> Remontagem da cerâmica indígena	Estagiária IPARQ
<b>Marcella Cristina Rosseti Augusto</b> Remontagem da cerâmica indígena	Estagiária IPARQ
<b>Breno de Souza Campo</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiário IPARQ
<b>Carolina Muniz Rossi</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiária IPARQ
<b>Glauco Pasquali Fabbri</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiário IPARQ
<b>Kátia Pereira Oliveira</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiário IPARQ
<b>Lennon Marqueira Freitas</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiária IPARQ
<b>Ney Paes Malavásio</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiário IPARQ
<b>Shirley Cangussu Britto Escobar</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiária IPARQ
<b>Thiago de Carvalho Pinto</b> Curadoria do material cerâmico	Estagiário IPARQ
<b>Sérgio da Silveira</b> Responsável pela arte final das imagens, desenho das plantas de sítios, reconstituição tridimensional de material, e diagramação.	Scientia

TRABALHO REALIZADO GRACAS AO TERMO DE AJUSTAMENTO DE  
CONDUTA CELEBRADO ENTRE A SOCIEDADE VISCONDE DE SAO LEOPOLDO,  
ENTIDADE MANTENEDORA DA UNIVERSIDADE CATOLICA DE SANTOS,  
UNISANTOS/INSTITUTO DE PESQUISAS EM ARQUEOLOGIA-IPARQ E A  
DERSA - DESENVOLVIMENTO RODOVIARIO S/A, COM A INTERVENIENCIA DO  
INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL - IPHAN E  
MINISTERIO PUBLICO FEDERAL EM 07 DE NOVEMBRO DE 2000.

